



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**GEOVANNI GOMES CABRAL**

**ARTE, HISTÓRIA E NARRATIVA:  
A TRAJETÓRIA DO POETA JOSÉ COSTA LEITE**

**RECIFE**

**2016**

**GEOVANNI GOMES CABRAL**

**ARTE, HISTÓRIA E NARRATIVA:  
A TRAJETÓRIA DO POETA JOSÉ COSTA LEITE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História do Norte-Nordeste do Brasil.

Linha de Pesquisa: Cultura e Memória.

Orientador: Professor Doutor Flávio Weinstein Teixeira.

**RECIFE**

**2016**

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB-4 1689

C117a Cabral, Geovanni Gomes.  
Arte, história e narrativa : a trajetória do poeta José Costa Leite /  
Geovanni Gomes Cabral. – 2016.  
266 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Weistein Teixeira.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2016.

Inclui referências e anexos.

1. Brasil – História. 2. Folhetos. 3. Poetas brasileiros. 4. Escrita. 5. Arte  
brasileira. I. Teixeira Flávio Weistein (Orientador). III. Título.

981 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2016-33)



**Geovanni Gomes Cabral**

**“ARTE, HISTÓRIA E NARRATIVA:  
A trajetória do poeta Jose Costa Leite”**

Tese apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em História**.

Aprovada em: **26/02/2016**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira  
**Orientador (Universidade Federal de Pernambuco)**

Prof. Dr. Antonio Jorge de Siqueira  
**Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco)**

Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende  
**Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco)**

Prof. Dr. Mário Ribeiro dos Santos  
**Membro Titular Externo (Universidade de Pernambuco)**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magdalena Maria de Almeida  
**Membro Titular Externo (Universidade de Pernambuco)**

---

**ESTE DOCUMENTO NÃO SUBSTITUI A ATA DE DEFESA, NÃO TENDO VALIDADE PARA FINS DE COMPROVAÇÃO DE TITULAÇÃO.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A minha mãe, Josefa Cabral, e a meu pai, José Cabral (*in memoriam*).

Aos meus irmãos, sobrinhos e família pelo carinho e amor.

Ao poeta José Costa Leite, pelas leituras e história de vida.

## AGRADECIMENTOS

Existe um pensamento de Guimarães Rosa que diz: “As pessoas entram em nossa vida por acaso, mas não é por acaso que elas permanecem.” É assim que venho agradecer a todos os amigos que contribuíram para a conclusão deste doutorado em História.

Aprendi muito em toda esta trajetória científica, sonhei, acreditei e investi partilhando momentos de estudos, descontrações e afetividades. Muitas pessoas aportaram neste cais, ficaram, deixaram alegrias e levaram saudades. As tristezas e angústias que tentaram aproximar-se foram dispersadas pelas ondas para abismos distantes. Eis-me aqui agradecendo às embarcações que percorreram em minhas águas.

Começo com minha família, minha mãe, fortaleza e força que vibra com minhas conquistas e está sempre ao meu lado. A meu pai (*in memoriam*), que partiu muito cedo. Foi com seu trabalho que tive a oportunidade de estudar em escola privada até a conclusão do ensino fundamental, lições presentes em minha memória. Mesmo sem saber conduzir a parte educacional, deixava claro para seus filhos: “Estudem e aproveitem para não chorar amanhã.” Tomei essas palavras “como força que nunca seca” e retribuo com esta pesquisa.

Aos meus irmãos, Katina e Glayson, agradeço a companhia, o carinho e as horas de alegrias. Vocês que me deram lindos sobrinhos, Kauã e Eduarda, meu amor. A meus primos e professores de Passira-PE, e tantos outros que encontro na base familiar, meu carinho. Espero que possam um dia ler esta trajetória. Lembro-me dos convites que surgiam nos fins de semana e por conta de muitas atividades deixava sempre para outro momento.

À minha prima Suelene Félix e família, que me receberam em sua residência no Rio de Janeiro nos momentos em que pesquisava na Fundação Casa de Rui Barbosa. Sua acolhida foi significativa, pois passei a desbravar essa cidade tendo esse ponto de apoio amigo.

Ao meu orientador, Prof. Flávio Weinstein Teixeira, que me acolheu em “tempo de divisas” diante das tempestades que pairavam sobre minha jornada na pós-graduação. Como amigo e professor da casa, aceitou a minha pesquisa e juntos compartilhamos momentos escriturísticos, aulas, encontros e leituras. Desde o mestrado, passamos a abrir janelas no campo da literatura de folhetos e seus inúmeros poetas que versificam não apenas o cotidiano, mas a vida. Muito obrigado por acreditar na escrita e no andamento dos trabalhos.

Aos professores Antonio Jorge de Siqueira e Ângela Grillo por participarem da banca de qualificação mediante suas arguições atenciosas buscando ordenamento na estrutura da tese. Cultivo um carinho por ambos, cada um na sua singularidade e na forma como me mostraram que a história é um campo sem fronteiras.

Aos demais professores da Pós-Graduação, em especial a Regina Beatriz, Antonio Paulo Rezende e Antonio Montenegro. A indicação de leituras e aulas me fizeram perceber o mundo com outras lentes e afetividades. De vocês, permanecem a amizade e o respeito.

Aos amigos que fiz e aprenderam a gostar de mim. Sempre que possível, estávamos juntos nos encontros e congressos, mas também nas horas divertidas embaladas por uma taça de vinho contando outras histórias. Meu abraço para Erinaldo Cavalcanti, Mário Ribeiro, Pablo Porfírio, Ana Maria, Maria do Rosário, Airton Reis, Vânia Cavalcanti, Isabel Cordeiro, Raimundo Inácio, Marcelo Góes, Hélder Remígio, Márcio Vilela e José Brito.

Dos nomes mencionados, quero agradecer, em especial, a Erinaldo Cavalcanti as leituras dos textos nas horas de agonia, dos e-mails, das viagens que trilhamos juntos à Europa, das risadas e alegrias. Também pelos conselhos e chamadas nas horas em que era preciso ajudar o amigo. A Mário Ribeiro, a sua competência e coragem; eu sei quanto se esforçou para concluir seu trabalho diante das tempestades da vida. Obrigado por aceitar participar da minha banca de defesa a convite do orientador. Fiquei muito comovido.

Agradeço à professora Dra. Magdalena de Almeida, que aceitou o convite para participar da arguição final. Suas contribuições e leituras permitiram pensar alguns capítulos e sua dinâmica de escrita em torno da História Cultural, inserindo deslocamentos e reflexões.

Um abraço especial a Sandra e Patrícia da pós-graduação, vocês que estavam a todo o instante tirando dúvidas e ajudando sempre que possível. Lembro-me das diversas documentações solicitadas e minha correria para conseguir dar conta dos prazos estabelecidos Um verdadeiro autódromo nessa secretaria.

Aos amigos da Escola Estadual Jarbas Passarinho, ao gestor Marcos Vinícius, que gentilmente procurou entender minhas solicitações e ausências nos momentos da escrita. Aos professores, de forma geral, agradeço a força, a alegria e energia, sempre torcendo para a conclusão da pesquisa.

Citar todos os nomes neste momento seria impossível, a memória não ia conseguir dar conta de tantas pessoas queridas, mas quero ressaltar meu grupo de Humanas, Tércio Leal, Sandra Roberta, Sandra Almeida, Ednalva Gonçalves, Verônica Cristina, Rosinete Moreira e os “gritos calorosos” de Miriam Viana. Quando chegava apreensivo à sala dos professores diante das minhas leituras inconclusas, vocês conseguiam deixar-me em outro plano.

Aos amigos que fiz na Escola Estadual Samuel Mac Dowell, Rosinere Maria, Rosa Santana, Caio Freitas, Waldereze Nascimento, Jair da Silva, Valéria Cristina, Maria José e Rejane Aruda. Obrigado pelas palavras e pelo apoio durante o período de conclusão da tese.

Em um momento como este, não poderia deixar de falar no alicerce educacional, ponto essencial na construção de toda a minha formação. Agradeço à escola onde aprendi as primeiras leituras e a gostar de história: o Educandário São Judas Tadeu. Parte da minha vida passou-se entre seus muros, nove anos estudando e treze lecionando. Tempo importante em que plantei e colhi bons frutos dos amigos, professores e estudantes. Obrigado à família Rocha de Carvalho.

Aos meus queridos estudantes, obrigado por dividirem comigo “tantas histórias” que me ajudaram a trilhar o magistério alcançando outros degraus. Durante anos de trabalho sempre procurei levar o melhor para a sala de aula, principalmente com leituras que partem das pesquisas e suas reflexões. O reconhecimento deste trabalho não tem preço.

Ao amigo Maurício Rocha, agradeço os momentos de lazer em seu refúgio em Aldeia, diante daquelas horas em que a escrita não avançava e nada melhor que um mergulho em outras águas para esquecer o tempo. Sua ajuda na fase final foi imprescindível em me aproximar de arquivos e fontes documentais que nortearam outros eixos. Obrigado por me apresentar ao prof. Marcos Galindo Lima, a Evaldo Souza e a Roman Ruiz Maranhão.

A Roman Ruiz Maranhão, não tenho palavras para descrever sua contribuição. Geralmente aos sábados pela manhã, íamos à casa de seu pai, Liêdo Maranhão, adentrar o acervo da Casa da Memória Popular, abrindo portas e janelas, permitindo que eu digitalizasse e utilizasse diversas fontes para a conclusão da pesquisa. Grato pela confiança e os créditos depositados em mim e nesta tese.

A Ana Ferraz da Editora Coqueiro, agradeço a amizade que construímos. Você foi muito importante nessa mediação com Costa Leite. Todas as vezes que fui à editora, sempre me recebeu com alegria e vibrava quando falava nesse poeta e sua criação artística. Não mediu esforços para disponibilizar seus arquivos e relatar contos e histórias deste mestre da poesia.

Em uma pesquisa dessa natureza, que demanda tempo, escolhas e renúncias, muitos amigos se aproximaram e outros se distanciaram, natural para o contexto. Nessa idas e vindas, agradeço a Carla Alheiros, Sílvio Valentim, Elisangela Vilarim, Erivan Lima, Mayara Lima, Carla Franciely, Williams Soares, Avani Pereira, Tiago Benevides e minha amiga Edja Lima (*in memoriam*), que não esperou para ver esta tese ser apresentada e comprar algumas xilografuras de Costa Leite. Seguiu para outro cais, além do tempo.

A meu amigo de longas datas Josenildo Maranhão; você compartilhou de entrevistas e disponibilizou um pouco de seu tempo para ir comigo à feira de Itambé-PE e à casa de Costa Leite. Agradeço o carinho e o respeito.

Ao amigo Júnior Cavalcanti, obrigado pelas conversas ao telefone e nos bares da vida, quando eu me afastava da companhia dos livros e documentos procurando alguém para conversar. Dividimos muitas emoções com Maria Luziara, força e energia presente na trajetória. É importante saber que, além de amigos, somos irmãos.

Ao casal Benjamín de La Asunción e Dyanelle Neves, que me receberam gentilmente em sua residência na cidade de Segóvia, lugar que me encantou em todos os aspectos, inclusive os históricos. Sua acolhida foi algo primordial no momento em que eu e Erinaldo Cavalcanti íamos participar de um encontro de História Oral em Barcelona. Da mesma forma, Alcina Farroco e Juan nos acolheram muito bem em Figueres, acompanhando-nos em passeios, restaurantes e pontos turísticos na costa do Mediterrâneo antes de partimos para o Congresso.

Ao poeta José Costa Leite, meus sinceros agradecimentos por suas histórias. Este trabalho representa fragmentos de sua vida. Obrigado pelo acolhimento em sua residência no município de Condado-PE, pelas entrevistas, viagens e oficinas. Pelas leituras dos folhetos e por ser essa pessoa amiga e sincera. Admiro muito sua força física e coragem em levar livros e folhetos à feira, com mais de 80 anos acreditando em vendagem e circulação. A sua esposa, Severina Maria, e a seu neto Yure, agradeço as horas de conversa em sua sala. Aprendi muito com Costa Leite e sua experiência de contar a vida.

A minha amiga Dra. Paloma Borba, as diversas leituras que realizou, disponibilizando seu tempo, contribuindo com novas e velhas palavras, lapidando o corpo textual, imprimindo um pouco de si. Suas palavras de ânimo surtiram bastante efeito.

Aos funcionários das instituições pesquisadas, Fundação Casa de Rui Barbosa, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Fundação Joaquim Nabuco, Centro Cultural Benfica da UFPE, Biblioteca Átila de Almeida e Laboratório de Tecnologia da Informação da UFPE.

A Maria Albuquerque, a revisão final, ponto essencial neste caminhar. Você, que teve pouco tempo diante do prazo determinados formatou com maestria este trabalho.

Ao apoio financeiro da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Facepe), item imprescindível para o transcorrer da pesquisa.

Agradeço à vida e a seus mistérios que fluem por rios e correntezas, possibilitando-nos vislumbrar caminhos e muitas outras histórias.

O vento que fala nas folhas  
Contando as histórias que são de ninguém  
Mas que são minhas e de vocês também.

(Tom Jobim e Aloysio de Oliveria)

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem  
de repente aprende.

(Guimarães Rosa)

## RESUMO

Esta tese tem o objetivo de analisar a trajetória de José Costa Leite, poeta paraibano radicado na cidade de Condado-PE, enfocando suas práticas de escrita, criação artística, editoração e publicação. Por meio de sua vasta produção de folhetos, podemos compreender diversos fragmentos de sua trajetória, que permitem, por sua vez, verificar como este autor transitou em diferentes espaços de comércio e relações sociais. Dentre esses, a feira livre desponta como o centro irradiador, local preferido do poeta para vender seus folhetos, romances e almanaques populares. Tais negociações eram estabelecidas por meio de folheteiros, encomendas de matrizes xilográficas e solicitações que chegavam pelos Correios, partindo de diferentes cidades do Brasil. Para tanto, mobilizamos um *corpus* documental constituído pela autobiografia, folhetos de cordel, xilogravuras, matrizes, almanaques sertanejos, cartas recebidas, textos manuscritos e relatos de memórias obtidos nas entrevistas realizadas em sua residência, utilizando a técnica da história oral. Esse aparato documental selecionado possibilitou dividir a pesquisa em quatro capítulos, que se interligam, apresentando um poeta dinâmico, múltiplo e profissional diante de suas práticas culturais. No primeiro capítulo, *A escrita do poeta: fragmentos de uma trajetória*, destacam-se aspectos biográficos do poeta tomando a autobiografia e as entrevistas como eixos condutores na explicação de sua produção. No segundo capítulo, *Elaborar, publicar e distribuir*, apresentam-se, como análise, as estratégias de escrita, elaboração e comercialização realizadas por Costa Leite em seus folhetos de cordel. No terceiro capítulo, *Da madeira para o papel*, investiga-se a produção, circulação e comercialização de matrizes e xilogravuras em diferentes suportes registrados nos anos 1970. Por último, no quarto capítulo, *Almanaque: leituras do Calendário Nordeste*, privilegiam-se os almanaques elaborados por este poeta, verificando as técnicas de escrita e composição gráfica. O percurso analítico, portanto, permitiu entender que existem diferentes práticas de leituras e apropriações à medida que esses livros e xilogravuras inserem-se em diferentes espaços e contextos sociais. A pesquisa indicou, ainda, que Costa Leite não é apenas o autor de folhetos, mas um profissional que vive de sua arte e trabalho inserido em rede de comercialização e socialização.

**Palavras-chave:** Arte. Folheto. Poeta. Práticas de escrita. Trajetória.

## RESUMEN

Esta tesis tiene el objetivo de analizar la trayectoria de José Costa Leite, poeta paraibano radicado en la ciudad de Condado-PE, y se enfoca en sus prácticas de escritura, creación artística, edición y publicación. Por intermedio de su vasta producción de folletos, podemos comprender diversos fragmentos de su trayectoria, que permiten, a la vez, verificar como este autor ha transitado por diferentes espacios de comercio y relaciones sociales. Entre ellos, la feria callejera destaca como el centro irradiador, local preferido del poeta para vender sus folletos, novelas y almanaques populares. Tales negociaciones se establecían a través de repartidores, encomiendas de matrices xilográficas y solicitudes que llegaban por los correos desde diferentes ciudades de Brasil. Para ello, movilizamos un *corpus* documental compuesto de la autobiografía, folletos de cordel, material xilográfico, matrices, almanaques “sertanejos”, cartas recibidas, textos manuscritos y relatos de memoria obtenidos en las entrevistas realizadas en su residencia, para lo que se utiliza la técnica de la historia oral. Este aparato documental seleccionado ha posibilitado dividir la investigación en cuatro capítulos, que se interconectan, presentando a un poeta dinámico, múltiple y profesional delante de sus prácticas culturales. En el primer capítulo, *La escritura del poeta: fragmentos de una trayectoria*, se destacan aspectos biográficos del poeta tomados de la autobiografía y de las entrevistas como ejes conductores de la explicación de su producción. En el segundo capítulo, *Elaborar, publicar e repartir* se presentan, como análisis, las estrategias de escritura, elaboración y comercialización realizadas por Costa Leite en sus folletos de cordel. En el tercer capítulo, *De la madera al papel*, se investiga la producción, circulación y comercialización de matrices y materiales xilográficos en diferentes soportes registrados en los años 1970. Por último, en el cuarto capítulo, *Almanaque: lecturas del Calendario Nordesteño*, se privilegian los almanaques elaborados por este poeta y se verifican las técnicas de escritura y composición gráfica. El recorrido analítico, por lo tanto, ha permitido entender que existen diferentes prácticas de lecturas y apropiaciones en la medida en que estos libros y materiales xilográficos se enmarcan en diferentes espacios y contextos sociales. La investigación ha indicado, aun, que Costa Leite no es únicamente autor de folletos, sino también un profesional que vive de su arte y trabajo insertado en una red de comercialización y socialización.

**Palabras clave:** Arte. Folleto. Poeta. Prácticas de escritura. Trayectoria.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Capa da autobiografia de José Costa Leite.....	37
Figura 2 –	Manuscrito da segunda versão da autobiografia de José Costa Leite.....	42
Figura 3 –	Páginas 2 e 3 da autobiografia escrita em papel pautado.....	43
Figura 4 –	José Costa Leite no lançamento da autobiografia.....	44
Figura 5 –	José Costa Leite lendo trechos da autobiografia no Shopping Sítio da Trindade, Recife-PE.....	48
Figura 6 –	José Costa Leite expondo suas xilogravuras em noite de autógrafos.....	49
Figura 7 –	Capa do folheto <i>A carta misteriosa do Padre Cícero Romão</i> .....	50
Figura 8 –	Imagem da localização do município de Condado-PE.....	60
Figura 9 –	Xilogravura de José Costa Leite para o folheto <i>O rapaz que virou bode</i>	68
Figura 10 –	Xilogravura de José Costa Lei para o folheto <i>A Peleja de Costa Leite com a poetisa baiana</i> .....	69
Figura 11 –	José Costa Leite lendo folheto na feira de Itambé-PE.....	71
Figura 12 –	Lançamento do livro <i>Sertão nu e cru</i> .....	74
Figura 13 –	Capa do folheto de José Costa Leite com o pseudônimo Nabo Seco.....	75
Figura 14 –	Xilogravura de José Costa Leite para a Estação Cabo Branco-PB.....	80
Figura 15 –	Capa do primeiro vinil de José Costa Leite: <i>Cordel: a poesia do Nordeste</i>	82
Figura 16 –	Capa do segundo vinil de José Costa Leite: <i>A Choradeira do casado</i> .....	83
Figura 17 –	Capa do terceiro vinil de José Costa Leite: <i>Tem alguém sendo chifrado</i> ..	85
Figura 18 –	Imagem da contracapa do LP <i>Tem alguém sendo chifrado</i> .....	86
Figura 19 –	CDs gravados por José Costa Leite.....	87
Figura 20 –	Capa do folheto <i>Peleja de Otilia Marinho com Manuel Francisco Duda</i>	100
Figura 21 –	Capa do folheto <i>O rapaz que virou bode porque profanou Frei Damião</i> .....	102
Figura 22 –	Manuscrito do folheto <i>O fazendeiro que quebrou de tanto vender fiado</i>	104
Figura 23 –	Manuscrito <i>A magia do beijo da mulher bonita</i> .....	106
Figura 24 –	Manuscrito no Calendário Nordestino para 2011.....	107
Figura 25 –	Página editorial do manuscrito no Calendário Nordestino para 2011.....	108
Figura 26 –	Manuscrito no Calendário Nordestino para 2014.....	110
Figura 27 –	Capa do <i>Catálogo d'A voz da Poesia Nordestina</i> .....	116

Figura 28 – Capa do folheto <i>O homem que enricou porque plantava algodão</i> .....	118
Figura 29 – Capa do folheto <i>O pequeno agricultor que se fazendeiro</i> .....	119
Figura 30 – Capa do folheto <i>A Feira de Caruaru</i> .....	121
Figura 31 – Contracapa do folheto <i>Rogaciano e Dorotéia: sofrimento, amor e aventuras</i> .....	125
Figura 32 – Contracapa do folheto <i>O encontro de Zé Garcia com José de Souza Leão</i>	127
Figura 33 – Contracapa do folheto <i>A vida de Lampião e Maria Bonita</i> .....	128
Figura 34 – Contracapa do folheto <i>O romance das duas órfãs de Azul-Mar</i> .....	129
Figura 35 – Contracapa do folheto <i>A feiticeira do reino da Serra Branca</i> .....	131
Figura 36 – Contracapa do folheto <i>O horóscopo do amor</i> .....	132
Figura 37 – José Costa Leite na Feira de Itambé-PE 1995.....	133
Figura 38 – Contracapa dos folhetos <i>O cavalo voador ou Julieta e Custódio e o chupa-cabra falando que anda pelo Nordeste</i> .....	135
Figura 39 – Contracapa do folheto <i>A vitamina B-12 que cura a dor do amor</i> .....	141
Figura 40 – Banca de vendedor de folhetos na Praça do Mercado de São José, 1977	151
Figura 41 – José Costa Leite vendendo folhetos e divulgando seu LP no Mercado de São José, 1977.....	151
Figura 42 – José Costa Leite na Feira de Itambé-PE, 4 nov. 2013.....	156
Figura 43 – Exposição de folhetos de Costa Leite na Feira de Itambé-PE, 2014.....	157
Figura 44 – Capa de folhetos com a técnica da zincogravura na década de 1970.....	165
Figura 45 – Preparação da matriz Criação de Gado.....	167
Figura 46 – Costa Leite preparando a matriz Criação de Gado.....	168
Figura 47 – Xilogravura e matriz com representação de personagens do Nordeste.....	169
Figura 48 – Desenho a lápis na madeira antes dos cortes.....	170
Figura 49 – Cortes na madeira seguindo o desenho.....	171
Figura 50 – Xilogravuras mostrando diferentes assinaturas de Costa Leite.....	172
Figura 51 – Matriz com a assinatura do artista no centro da peça.....	173
Figura 52 – Capa dos folhetos de Apolônio Alves ilustrados por Costa Leite.....	179
Figura 53 – Xilogravuras <i>Carro de boi e o quebra-panela</i> .....	182
Figura 54 – Xilogravura <i>O lobisomem do Ceará e a besta-fera</i> .....	183
Figura 55 – Xilogravuras <i>Banguê e O enterro</i> .....	184
Figura 56 – Xilogravura <i>Transporte na zona canavieira</i> .....	184
Figura 57 – Capa da 1. <sup>a</sup> edição do Álbum Xilografia.....	186

Figura 58 –	Xilogravuras <i>A onça e O carneiro</i> .....	187
Figura 59 –	Ilustração do Álbum <i>Xilógrafos nordestinos</i> .....	189
Figura 60 –	Xilogravura <i>O carnaval de Olinda-PE</i> .....	193
Figura 61 –	Xilogravura <i>A Feira de Caruaru-PE</i> .....	194
Figura 62 –	Xilogravura <i>A Feira de Guarabira-PB</i> .....	194
Figura 63 –	Almanaque d’A Saúde da Mulher.....	201
Figura 64 –	Capa do Almanaque Bertrand para o ano de 1907 e 1903.....	205
Figura 65 –	Frontispícios do Lunário Perpétuo edição espanhola e portuguesa.....	206
Figura 66 –	Almanack D. Pernambuco para 1943.....	209
Figura 67 –	Calendário Brasileiro para 1961.....	209
Figura 68 –	Almanaque Calendário Brasileiro para 1960.....	214
Figura 69 –	Capa do Almanaque do Padre Cícero para o ano de 1972.....	216
Figura 70 –	Capa Calendário Brasileiro para 1974.....	217
Figura 71 –	Capa Calendário Brasileiro para 1979.....	217
Figura 72 –	Calendário Nordestino para 1999.....	219
Figura 73 –	Calendário Nordestino para 2001.....	219
Figura 74 –	Calendário Nordestino para 2002.....	220
Figura 75 –	Calendário Nordestino para 2009 .....	220
Figura 76 –	Calendário Nordestino para 2015 e 2016.....	221

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
BAA	Biblioteca Átila de Almeida
CCB-UFPE	Centro Cultural Benfica-Universidade Federal de Pernambuco
CEPE	Companhia Editora de Pernambuco
CMPLM	Casa da Memória Popular Liêdo Maranhão
CNFCP	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
DEC	Departamento de Extensão Cultural
DF	Distrito Federal
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco
FUNДАРPE	Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
JCL	José Costa Leite
LIBER	Laboratório de Tecnologia da Informação
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
RN	Rio Grande do Norte
SP	São Paulo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – Relatos e Memória da Pesquisa .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A Escrita do Poeta: fragmentos de uma trajetória.....</b>	<b>35</b>
1.1 A vida da minha vida .....	36
1.2 Foi assim meu passado .....	51
1.3 Eu aprendi a fazer.....	61
1.4 Outros Costas.....	88
<b>CAPÍTULO 2 – Elaborar, Publicar e Distribuir.....</b>	<b>97</b>
2.1 Estratégias de escrita e produção.....	98
2.2 A voz da poesia nordestina.....	114
2.3 Prezado amigo.....	135
2.4 Hoje é dia de feira.....	144
<b>CAPÍTULO 3 – Da Madeira para o Papel.....</b>	<b>160</b>
3.1 Primeiros traços.....	161
3.2 Clichês em movimento.....	173
3.3 Mercado da arte xilográfica.....	180
<b>CAPÍTULO 4 – Almanques: leituras do Calendário Nordestino.....</b>	<b>196</b>
4.1 O almanaque no tempo.....	197
4.2 O rei dos almanques.....	203
4.3 Saudações.....	222
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>234</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>237</b>
<b>CORPUS DOCUMENTAL.....</b>	<b>256</b>
<b>ANEXO A – SELEÇÃO DE ORAÇÕES TRANSCRITAS DA DOCUMENTAÇÃO DE JOSÉ COSTA LEITE .....</b>	<b>262</b>

## INTRODUÇÃO

### Relatos e Memórias da Pesquisa

#### *Aproximação com a temática*

A história desta pesquisa e a aproximação com a temática desenvolvida surgiu por meio de um levantamento bibliográfico e documental acerca da literatura de folhetos e poetas populares.<sup>1</sup> Teve como ponto de partida um curso de especialização desenvolvido na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), onde investigávamos a importância desse tipo de fonte documental para compreensão de aspectos culturais e narrativos da História do Brasil.<sup>2</sup> O curioso é que, desde cedo, algo nos aproximava dessas leituras, principalmente quando íamos ao Mercado de São José, localizado no bairro de São José, e observávamos que na praça reuniam-se várias pessoas que paravam para ouvir poetas que estavam ao centro cantando, lendo e falando com grande eloquência: “Vejam esta história, compre esta daqui, esta fala de Lampião, esta outra de Padre Cícero. Não dava para precisar quem estava na roda<sup>3</sup> declamando o folheto, mas percebíamos que muitas pessoas compravam os livrinhos envolvidos pela narrativa poética da história. Esses momentos de leitura e comercialização ficaram registrados na memória.

Anos depois, estávamos organizando um projeto para ingressar no mestrado de História na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) utilizando o mesmo tipo de documentos: os folhetos de cordel. O enfoque agora era outro. Delimitamos um curto espaço de tempo, a fim de entendermos as narrativas poéticas dos folhetos sobre Getúlio Vargas, seus autores e histórias que circularam nas feiras, praças e mercados entre os anos 1945 e 1954.<sup>4</sup>

O debate girava no âmbito das representações e das práticas culturais que legitimaram esse político a chegar ao poder. A década escolhida foi propícia para produção dessa literatura

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa vamos utilizar o termo *folhetos de cordel* por ser o tema recorrente presente na documentação encontrada principalmente em jornais da década de 1950 a 1970. Em alguns momentos, por questões da análise das fontes, falaremos em cordéis. Quanto ao uso de documentos na pesquisa historiográfica, ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado, ensaios de teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, 2007. REZENDE, Antonio Paulo. *Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: EDUFPE, 2010. PINKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2001.

<sup>2</sup> CABRAL, Geovanni Gomes. *A literatura de cordel como fonte histórica*. 2003. 61 f. Monografia (Especialização no Ensino de História) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Mimeografado.

<sup>3</sup> O termo “roda” era utilizado pelos poetas populares para designar o aglomerado de pessoas que paravam para ouvir e comprar os folhetos, muito comuns nas feiras e praças públicas.

<sup>4</sup> CABRAL, Geovanni Gomes. *As representações de poder no corpus de folhetos de 1945 a 1954: leituras da “era Vargas”*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

e sua circulação, chegando a alcançar grandes números em suas tiragens e vendagem. O ambiente das feiras proporcionava uma maior socialização e leituras dessas histórias versadas, principalmente, no interior de alguns estados brasileiros, como Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Ouvia-se o contar, as risadas, as notícias sendo apropriadas por pessoas que transitavam, paravam, compravam e liam esses impressos.

Mediante a imersão nesses arquivos<sup>5</sup> e documentos acerca de Getúlio Vargas, deparamos com uma vasta quantidade de folhetos do poeta José Costa Leite. Fato que despertou interesse pelo personagem em dispor de tantos títulos arquivados. Começamos a fazer um mapeamento inicial sobre essa produção e, à medida que seguíamos, percebíamos que esse poeta não apenas escrevia folhetos, mas desenhava xilogravuras para capa de seus folhetos e publicava anualmente almanaques, um tipo de livreto direcionado a agricultores, além de outros tipos de impressos. A partir desse momento, a curiosidade bateu à porta e saímos à procura desse poeta e sua história de vida culminando posteriormente com a elaboração do projeto de tese.

Partimos, então, do pressuposto de que os relatos biográficos ou as trajetórias de vida podiam nos conduzir a fios e caminhos que possibilitassem entender a vida desse poeta e seu contexto de publicação, editoração e circulação.<sup>6</sup> Surgiram várias perguntas: Quem é o poeta José Costa Leite? De que forma ingressou nessa produção editorial? Que estratégias utilizava para negociar sua criação artística? Que experiências e práticas de leitura foram compartilhadas em torno desse poeta e suas histórias?

Fizemos um mapeamento geral em torno do nome desse artista e percebemos que, em termos historiográficos, não existia uma produção acadêmica que focasse diretamente sua trajetória. Como toda pesquisa parte de uma sedução pelo tema escolhido, saímos na largada. As informações colhidas eram sistematizadas e problematizadas à medida que silenciosamente encontrávamos as fontes. Nascia, assim, com essas primeiras investidas e leituras, a hipótese de que a criação artística de Costa Leite teve o cenário das feiras livres como elemento irradiador de toda a sua produção.

---

<sup>5</sup> No que se refere ao uso dos arquivos, ver o trabalho de FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Ed. da USP, 2009.

<sup>6</sup> Para o estudo acerca da biografia no campo da história, encontramos alguns trabalhos que mantêm o diálogo contemporâneo desse gênero, como BRUCK, Mozahir Salomão. *Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *Usos e abusos de história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009. SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

Nesse campo investigativo, esta tese tem o objetivo de apresentar a trajetória artística do poeta José Costa Leite por meio de sua produção visando com isso perceber as estratégias que estão envolvidas desde o processo de criação poética até sua comercialização. Foi por meio desse percurso analítico que escolhemos o título desta pesquisa: *Arte, História e Narrativa: a trajetória do poeta José Costa Leite*. Três palavras que foram pensadas e articuladas com a vida desse poeta: Arte direcionada à sua criação artística; História, pensada com base nos fragmentos de sua trajetória e Narrativa,<sup>7</sup> ponto que caracteriza sua produção escrita e poética. Quem é, então, esse poeta que esta tese se propôs a narrar sua trajetória?

O *Dicionário bibliográfico de poetas populares*, organizado por Átila Almeida e José Alves Sobrinho, sintetiza a vida de Costa Leite da seguinte forma:

Poeta popular, xilógrafo e editor, nascido em Sapé-PB a 27.7.1927, reside em Condado-PE. Sua folhetaria e casa editora chama-se A Voz da Poesia Nordestina. Além de folhetos versados, a maioria de oito páginas, publica anualmente o Calendário Brasileiro, um almanaque ou folhinha de inverno como os consumidores batizaram esse gênero de publicação, que já vai no 20.º ano de vida. A produção de José Costa Leite, em número de títulos é das maiores de quantos poetas houve. É superado por Minelino e por Rodolfo, mas superou José Soares. Como xilógrafo seu nome foi incluído entre os doze melhores do Nordeste. Em 1976 recebeu em Campina Grande o Prêmio Leandro Gomes de Barros instituído pela Universidade Regional do Nordeste e patrocinado pelas Indústrias S/A – CANDE e Indústria e Comércio José Carlos S/A, no valor de seis mil cruzeiros. Foi o segundo poeta agraciado com esse prêmio, tendo cabido a Manoel Camilo dos Santos a primazia.<sup>8</sup>

Com essa descrição, percebemos que não estamos diante de um poeta em início de carreira, mas de um profissional, um contador de histórias que se vê inserido na versificação de folhetos, na criação xilográfica e na publicação de almanaques populares. Um poeta que nunca frequentou uma escola, sua sala de aula foi o trabalho na lavoura de cana e produtos agrícolas. Como registrou em seus relatos orais, “por sinal nunca fui na escola o que eu aprendi foi lendo cordel”.<sup>9</sup> Aprendeu a ler ouvindo folhetos, nas feiras que frequentava com

<sup>7</sup> Para uma leitura acerca da narrativa e sua relação com o historiador, ver SIQUEIRA, Antônio Jorge. *Labirintos da modernidade: memória, narrativa e sociabilidades*. Recife: EDUFPE, 2014. p. 57-70.

<sup>8</sup> ALMEIDA, Átila; ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário Biobibliográfico de poetas populares*. 2. ed. ampl. João Pessoa: UFPB- Campus II, 1990. v. 2, p. 213.

<sup>9</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

seu pai, decorando versos e juntando as palavras.<sup>10</sup> Fato esse que operou deslocamentos na trajetória desse agricultor, o qual, paralelo à atividade do meio rural, pegou uma caneta e despontou em 1947 com suas primeiras criações poéticas.

Esse contato inicial com a leitura desses folhetos foi fundamental no transcorrer de sua vida. Somou experiências,<sup>11</sup> apropriando-se de práticas culturais do seu entorno social firmando-se como poeta, em uma verdadeira “operação de caça”<sup>12</sup> no campo da poesia. Não tardou para que seu nome fosse reconhecido e premiado, conforme apresentou Átila Almeida. Foi registrado como Patrimônio Vivo da Cultura Pernambucana em 2006, na categoria atividade/expressão cultural: literatura de cordel e xilogravura,<sup>13</sup> título que lhe rende uma bolsa vitalícia por sua criatividade e produção.

Tendo em vista essa síntese biográfica do poeta paraibano, nossa questão agora é apresentar os caminhos que nos conduziram à escrita desta pesquisa e como, à luz da historiografia, se insere nosso campo narrativo e analítico. Como já mencionamos, nossa aproximação com Costa Leite teve como ponto inicial os folhetos de cordel também conhecidos por literatura de cordel.<sup>14</sup> Por meio desses, foi possível adentrar as diversas instituições, acervos pessoais e bibliotecas, catalogando um vasto aparato documental composto de álbuns, livros, fotografias, disco de vinil, CDs, orações avulsas, almanaques

<sup>10</sup> AMORIM, Maria Alice. *Patrimônios vivos de Pernambuco*. Apresentação de Luciana Azevedo. Recife: Fundarpe, 2010a. Acerca dessa prática de letramento na qual Costa Leite aprendeu ouvindo histórias de folhetos na feira, ver o trabalho de GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco 1930-1950*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

<sup>11</sup> Utilizamos o conceito de *experiência* associado às ideias de Reinhart Koselleck, segundo o qual, a experiência é algo incorporado ao fazer humano, “é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”. Ver KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 309.

<sup>12</sup> Compartilhamos esse termo utilizado por Certeau pensando na busca incessante de Costa Leite para criar suas histórias e lançar nas feiras para vender. “Vivia caçando” textos, ideias, palavras para somar à sua criação. Ver CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. 16. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 236.

<sup>13</sup> Para mais informações dos critérios de escolha, ver FUNDARPE. Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. *Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais*. 2. ed. Recife, 2011. p. 73.

<sup>14</sup> O termo *literatura de cordel* é uma expressão de origem ibérica apropriada por intelectuais na década de 1970. Acerca desse debate, Márcia Abreu realizou um estudo comparativo entre a literatura de cordel portuguesa e os folhetos nordestinos explicando esse distanciamento. ABREU, Márcia Azevedo de. *Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos: um estudo histórico-comparativo*. Tese (Doutorado em Teoria Literária. Campinas, SP: Unicamp, 1993. Também cabe mencionar que existem muitos trabalhos acadêmicos, livros, artigos, revistas e jornais que analisam em diferentes aspectos esse gênero literário. Esses foram compilados em dois volumes que servem como guia para possíveis consultas, deixando claro que não há pretensão exaustiva do tema. Ver GASPAS, Lúcia; BARBOSA, Virgínia. *Literatura de cordel no Brasil: um inventário bibliográfico nacional*. Recife: Fundaj, 2013. LUYTEN, Joseph M. (Org.). *Um século de literatura de cordel: bibliografia especializada sobre literatura popular em verso*. São Paulo: Nosso Estúdio Gráfico, 2001.

sertanejos, matrizes xilográficas, reportagens de jornal, cartas, manuscritos, diários e uma autobiografia. Temos a consciência de que cada documento apresenta sua singularidade produzido em seu tempo cultural, obedecendo a regras de produção e intenção.<sup>15</sup> Ao mesmo tempo, ele pode significar um fragmento dessa trajetória, iluminando o historiador diante das interconexões estabelecidas em diferentes suportes teóricos metodológicos.

Diante desse acervo documental que foi chegando, sistematizamos e ordenamos por ano de produção. Começamos a refletir, de que forma essas fontes participaria desta trajetória? Estávamos diante de desafios. Encontramos não apenas um Costa Leite, mas um homem múltiplo, inserido em contextos diversos de relações e produções. Tomamos como critério escriturístico trilhar sua trajetória pautada em quatro eixos documentais, a começar pela autobiografia, folhetos de cordel, xilogravuras e almanaques. Essa estratégia metodológica e narrativa que escolhemos não pretende isolar os documentos em suas possíveis leituras, muito pelo contrário, visa mantê-los em constantes diálogos entre eles.

A autobiografia versificada de Costa Leite, *A vida da minha vida*,<sup>16</sup> publicada em 2012, desponta como uma leitura âncora para pensar a vida desse poeta mediante as histórias que apresenta sobre si. Tomamos seus versos nesta pesquisa por acreditar que esse arquivo da vida não constitui uma prática neutra, está impregnada de intenções, de estratégias e discursos dos quais muitos nos ajudaram a traçar caminhos de sua vida. Pensamos aqui em autobiografia como prática cultural e produção de si. Nas palavras de Philippe Artières, “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.<sup>17</sup>

Partilhamos, ainda, da ideia de Philippe Lejeune de que “somos homens-narrativas”,<sup>18</sup> e “transformar a vida em narrativa é simplesmente viver”, ponto importante na construção do ser/poeta Costa Leite, que se conecta com seus relatos orais descrevendo seu viver. As

<sup>15</sup> Ver DERIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 13.

<sup>16</sup> LEITE, José Costa. *A vida da minha vida: uma autobiografia de José Costa Leite*. Prefácio de Ariano Suassuna. Recife: Ed. Coqueiro, 2012.

<sup>17</sup> ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, 1998. p. 11.

<sup>18</sup> LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014. p.86. Neste trabalho tomamos como referência para pensar a autobiografia: GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004. DELGADO, Andréa. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2003. p. 262. BOURDIEU, 2006.

abordagens desse teórico nos permitem perceber como essa escrita de si reconstrói passagens e experiências do poeta ao longo de sua vida. Recortando o tempo em fatias, visualizamos sua trajetória, entendemos melhor suas andanças nas feiras, mas lembramos que o escrito está passível de mudanças, interações e deslocamentos. A vida por escrito abre janelas e fronteiras para outra exegese. Sendo um “homem-narrativa”, utilizando o termo de Lejeune, José Costa se apropria de discursos e táticas, projetando-se como um poeta profícuo diante de suas premiações e publicações.

Também nos aproximamos da pesquisa de Andreia Ferreira Delgado *A invenção de Cora Coralina na Batalha das Memórias*,<sup>19</sup> que nos ajudou a perceber os artifícios dessa construção memorialística/patrimonialista<sup>20</sup> em torno de Costa Leite, sua forma de escrever e de se projetar em uma autobiografia. A autora partiu dos discursos, dos agentes e das instituições que disputavam a memória de Cora Coralina, para esmiuçar os sentidos e significados dados à vida dessa poetisa. Não foi diferente em nosso percurso narrativo.

Os relatos de memória de José Costa Leite, nas diversas entrevistas que realizamos em sua residência na cidade de Condado-PE, trazem à tona um passado que se mantém vivo e presente em suas lembranças, criações e deslocamentos temporais, fornecendo rastros, indícios da vendagem e circulação de suas publicações nas feiras. Um narrador por excelência de histórias das quais é testemunha. Um poeta atuante que, diante de sua capacidade de narrar e contar poesias, o fez um andarilho do tempo com uma larga experiência de vida, ponto essencial para os desdobramentos da memória e para o tecer das suas narrativas desenvolvidas nesta tese.

Mantendo um diálogo com Ecléa Bosi,<sup>21</sup> faz-nos refletir acerca dos relatos orais de Costa Leite, a relação entre suas lembranças das feiras, de sua corrida às tipografias para conduzir seus manuscritos. Sua memória apresenta uma organização temporal, que soma toda uma narrativa pautada na saudade e no sentimento dos “bons tempos”. Ao falar da feira, por exemplo, que ainda frequenta e onde expõe seus folhetos, percebe-se em suas palavras a nostalgia de um tempo que passou, mas que permanece presente em suas lembranças nas

---

<sup>19</sup> DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Tese de Doutorado em História. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

<sup>20</sup> Para uma abordagem entre o historiador e o patrimônio ver GUILLEN, Isabel Cristina Martins. O historiador e o patrimônio cultural: perspectivas metodológicas. In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos; SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo (Org.). *História e historiografia: perspectivas e abordagens*. Recife: EDUFPE, 2014. p. 142-150.

<sup>21</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

práticas cotidianas. O poeta em suas descrições procura refazer e reconstruir sua história atrelada a vitórias, conquistas, mas também a lágrimas e frustrações.

Nesse sentido, Regina Beatriz Neto<sup>22</sup> nos chama a atenção quanto aos usos desses documentos orais, ressaltando que é preciso levar em consideração que não se trata de uma forma particular de fazer história, mas saber situá-lo no tempo em seus múltiplos contextos de produção, linguagens e aspectos escriturísticos. As entrevistas de Costa Leite não podem ser visualizadas como a “reconstituição fiel do passado”, algo até impossível diante da seletividade da memória, mas ponto de partida para entrecruzar com outras fontes documentais, possibilitando, dessa forma, maior compreensão do passado por meio do presente.

Por sua vez, a convergência para os estudos acerca dos folhetos de cordel visa compreender de que forma essa literatura tornou-se presente na vida de José Costa Leite e as estratégias que foram articuladas para escrever, publicar e comercializar seus produtos. Foi por meio desses folhetos, a princípio inserido nos bancos de feiras, que esse poeta desencadeou outras produções mantendo uma rede de comunicação e comercialização que ultrapassava os limites desse espaço geográfico. Para esse debate, nos aproximamos de pesquisas que nos ajudaram a compreender a dinâmica das feiras livres e seus circuitos semanais, como *Feira de São Cristóvão: a história de uma saudade*,<sup>23</sup> de Sylvia Memer, e *O Cordel das feiras às galerias*<sup>24</sup> de Luci Hata. Nessa linha investigativa desponta, ainda, Candace Slater, com *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*,<sup>25</sup> uma análise minuciosa dessa literatura, principalmente focando a rede de distribuição e produção desse impresso. Slater examinou em seus estudos as práticas de produção de folhetos aos olhos do poeta e dos leitores/ouvintes.

---

<sup>22</sup> Acerca da História Oral como metodologia de pesquisa, ver GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2006. p. 45-48. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson et al. *História oral, desigualdades e diferenças*. Santa Catarina: Ed. da UFSC; Recife: EDUFPE, 2011. p. 15-37. MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994. SANTIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa (Org.). *Depois da utopia: a história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2013. SIQUEIRA, Antonio Jorge. *Sertão sem fronteiras: memórias de uma família sertaneja*. Recife: EDUFPE, 2010. FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

<sup>23</sup> MEMER, Sylvia. *Feira de São Cristóvão: a história de uma saudade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

<sup>24</sup> HATA, Luci. *O cordel das feiras às galerias*. 1999. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade de Campinas, SP, 1999.

<sup>25</sup> SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

Mencionamos a tese de Maria Ângela de Faria Grillo *A arte do povo: histórias na literatura de cordel 1900-1940*,<sup>26</sup> com o propósito de destacar as diversas histórias em torno dos folhetos na primeira metade do século XX nos levando a perceber como esse suporte passou a circular entre poetas, leitores e ouvintes. Sua pesquisa nos ajudou a entender como, nesses quarenta anos, essa literatura demarcou território em nosso país.

Diante do exposto, queremos ressaltar que nosso direcionamento aos folhetos de Costa Leite é justamente perceber os estratagemas de escrita e publicação. Não vamos nos ater a traçar análises historiográficas desses documentos tendo em vista que as referidas pesquisas já fizeram isso muito bem. Voltamos nosso olhar para a página editorial por conter indícios, sinais e estratégias da produção e circulação desses livros. A cada folheto, encontramos uma vasta rede de agenciadores que nos permitem pensar na propagação desses impressos nas décadas de 1950 e 1980. Um trabalho bem pertinente nesse contexto é o de Alexia Brasil, *Cordel: memória e comunicação em rede*.<sup>27</sup> Nele a autora chama a atenção para o fato de que a produção desses folhetos envolve editores, agentes, poetas, cantadores, gráficos, leitores e ouvintes. Ou seja, não existia apenas o poeta envolvido, mas diversas pessoas que se articulavam em torno dessa literatura.

Paralelo a essa rede mercadológica, não podemos esquecer a experiência adquirida por esse poeta durante anos em que frequentava os diversos circuitos de feiras do Nordeste<sup>28</sup> brasileiro, soltando a voz nas rodas que leitores e ouvintes formavam para ouvir suas histórias. Costa Leite chegava logo cedo nas feiras, armava seu suporte e espalhava suas mercadorias que se estendiam de folhetos a defumadores, de almanaques a livros de magia. Estrategicamente, para ler na feira, escolhia os folhetos que as pessoas mais gostavam de ouvir, entre eles aventuras, valentias e gracejos. Punha o microfone preso ao pescoço e soltava a garganta. Com uma mão gesticulava, a outra segurava o folheto e com a voz procurava seduzir o leitor para comprar seus livros. Em plena empolgação, envolvido pela narrativa, o poeta parava a leitura e anunciava a venda do folheto; era a maneira encontrada para levar aqueles desejosos de conhecer o fim do enredo a adquirir a história, conseqüentemente ele teria algum lucro no final. A ênfase na leitura, nesse caso, era primordial para dar sentido à

<sup>26</sup> GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

<sup>27</sup> BRASIL, Alexia. *Cordel: memória e comunicação em rede*. 2006. 168 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

<sup>28</sup> Para um debate em torno das imagens, práticas e discursos criadas para representar o Nordeste, ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Prefácio de Margareth Rago. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

trama versificada. Dizem que um bom narrador é um excelente contador de histórias, por isso Costa Leite fazia questão de esclarecer que, para um bom folheto, é preciso ter métrica, rima e oração.

Para compreendermos esse movimento em torno da leitura do folheto, recorremos aos aportes teóricos de Paul Zumthor, o qual nos ajudou a compreender essa dinâmica permeada pela tríade voz, corpo e gesto. As leituras do autor vão além do texto escrito e mantêm um diálogo entre a fala e o corpo, ambos como elementos associados à poesia. É na “roda” e na “lida” poética, debaixo do sol escaldante, que o folheto se “joga em cena” com o poeta, que gesticula, dá voltas, solta a voz, levanta as mãos, faz o corpo bailar e se deslocar como uma cortina ao vento. Essa analogia é esclarecedora para percebermos os princípios evocados por Zumthor – “vocalidade, performance, recepção e leitura” – no que se refere à poesia e seu contexto de transmissão e percepção. Seu trabalho *Performance, recepção, leitura*<sup>29</sup> nos enriquece com esse olhar acerca das estratégias de leitura estabelecidas pelos poetas dessa literatura.

Outro aspecto a ser analisado nessa trajetória de José Costa Leite refere-se às ilustrações da capa de seus folhetos. Quando esse poeta começou a versejar e a escrever suas poesias por volta da década de 1940, já existia uma cultura visual<sup>30</sup> expressa na capa desses impressos. Essa literatura estava inserida em uma “cultura gráfica” de padrões e intenções editoriais.<sup>31</sup> Muitos leitores e consumidores diante dessa visualidade se sentiam seduzidos pelos desenhos que compunham essas publicações. Uma capa bem-feita era sinal de boa vendagem e aceitação.

Nesse contexto Costa Leite, ao escrever seus primeiros versos e enviar para a tipografia pensava que a capa já vinha ilustrada. Tamanha decepção, seus folhetos saíram sem os desenhos que tanto almejava. Diante da situação, passou a observar outros poetas e xilógrafos no tocante à preparação da madeira e seus inúmeros traços. Sem perder tempo,

<sup>29</sup> ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007. Nessa mesma perspectiva de análise, ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A “literatura” medieval*. Tradução de Amálio Pinheiro Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. ver ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

<sup>30</sup> Acerca desse conceito de visualidade ver MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, 2003. p. 11-45.

<sup>31</sup> Utilizamos o termo cultura gráfica para entender que a impressão dos folhetos e suas capas estavam inseridos em um tempo cultural que estabeleciam normas editoriais tipo, tamanho do folheto, quantidade de folhas, tipo de impressão, etc. Ver CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fúlvvia L. Monteiro. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002a .

pegou um taco e começou a esculpir,<sup>32</sup> dizendo: “Eu também sei fazer isso.” Dessa forma, passou a compor xilogravuras para suas histórias poéticas, atrelando poesia e imagem. Cabe ressaltar que do mesmo modo que a poesia é única em sua constituição métrica, assim é cada xilogravura<sup>33</sup> talhada e impressa em suas representações.

Não tardou e logo se viu mencionado entre um dos melhores xilógrafos, passando a ilustrar a capa de seus folhetos e de outros poetas quando solicitado.<sup>34</sup> Sua técnica foi aprimorando-se. O risco na madeira, o corte, o burilar dos instrumentos deixavam Costa Leite equiparado a outros nomes da xilogravura. Logo passou a receber encomendas para álbuns e galerias, conseguindo legitimação diante de sua composição artística. A década de 1970 foi o período mais profícuo para essas criações.<sup>35</sup>

Uma contribuição significativa sobre as ilustrações dos folhetos veio com o livro do colecionador dessa literatura Liêdo Maranhão de Souza,<sup>36</sup> *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Nele vamos encontrar um levantamento realizado por esse pesquisador, fruto de suas andanças pelo Mercado de São José e feiras do Nordeste. O autor apresenta certa cronologia dessas ilustrações em suas mudanças tipográficas e visuais. Os estudos dessas capas nos trazem informações interessantes não só do ponto de vista das imagens, mas também nos permitem perceber todo um conjunto de signos, enunciados e propagandas veiculadas em suas páginas. Articulado com essa leitura, compartilhamos do trabalho de Anico Herskovits, *Xilogravura: arte e técnica*, um estudo detalhado das técnicas que envolvem essa criação artística e da pesquisa de Gilmar de Carvalho, *Madeira matriz: cultura e memória*. Nesta o autor menciona a xilogravura associada aos folhetos como sedimentação de uma memória e estética presente nos traços de cada poeta.

Na trajetória das publicações de Costa Leite, não poderíamos deixar de trazer os almanaques populares,<sup>37</sup> também conhecidos por *almanaques de feira*. Um tipo de impresso destinado aos agricultores e criadores de animais. Sempre escrito de um ano para o outro,

---

<sup>32</sup> Ver AMORIM, 2010a.

<sup>33</sup> Para o estudo da xilogravura ver FRANKLIN, Jeová. *Xilogravura popular na literatura de cordel*. Brasília: LGE, 2007. COSTELLA, Antonio Fernando. *Breve história ilustrada da xilogravura*. Campos do Jordão, SP: Ed. Mantiqueira, 2003.

<sup>34</sup> FRANKLIN, Jeovah. A arte da xilogravura. *Revista Continente*, ano 3, n. 34, p.78-81, out. 2003.

<sup>35</sup> POEMÁRIO CARCARÁ. *Jornal mensal de Poesia Universal Nordestina*, dez./jan. 2003, p. 3.

<sup>36</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife, Massangana, 1981.

<sup>37</sup> Esses livros que têm sua escrita voltada para o homem do campo como guia de plantações recebe também o nome de almanaques de feira, de cordel ou de inverno. No tocante ao conceito de popular, este perpassa vários documentos dos quais operacionalizamos. Não vamos aqui entrar nesse campo discursivo, mas deixar ciente que compartilhamos ideias com Chartier quando afirma que se trata de um conceito erudito. CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-191, 1995.

começou a escrever em 1959 para o ano de 1960, seu primeiro almanaque intitulado *O calendário brasileiro*. Um livro tendo quase sempre 26 páginas, que destacava em sua materialidade seções de profecia, guia de plantações, previsões do tempo, conselhos, orientações de ervas medicinais, horóscopos, anúncios de folhetos, mercadorias espirituais e curiosidades do Nordeste. Começou vendendo o almanaque de Manoel Vitorino nas feiras de Goiana-PE, mas em seguida observou que poderia também fazer o seu, criar sua leitura acerca do tempo, da vida e da natureza. Cercou-se de revistas e livros, dentre eles, o *Lunário Perpétuo*, um guia para muitos poetas, que o conduz a compor esse campo textual. O almanaque é um livro marcado pelo passar do tempo e mudanças da natureza que se renova a cada ano. Nesse sentido é um texto que está em constante ressignificação com as previsões do tempo e guias astrológicos.

Em nossas pesquisas, encontramos poucos trabalhos acadêmicos que se dedicaram aos estudos dos almanaques sertanejos. Dentre esses, destaca-se a dissertação de mestrado em Antropologia Cultural de Ruth Trindade de Almeida, *Almanaques populares do Nordeste*,<sup>38</sup> de 1981, tido como pioneiro no gênero. Nele, a autora contextualiza o surgimento desses livros, seus conteúdos e as especificidades de alguns almanaques produzidos por poetas populares, como os de João Ferreira de Lima, Manoel Luís dos Santos, Manoel Caboclo e Silva e José Costa Leite. Sua contribuição historiográfica foi um importante direcionamento para se compreender seu contexto de produção.

Também vamos encontrar respaldo teórico nos ensaios da pesquisadora Maria Nogueira, *Almanaque: toda a oficina da vida*,<sup>39</sup> que traz em sua composição uma leitura da organização do tempo realizada por esses poetas de cordel, mediada pela natureza e cultura. A leitura desse livro nos fez perceber a forma como o tempo é fragmentado e representado por esses “profetas” do cordel. Outra referência é o trabalho de Vera Casa Nova, *Lições de almanaque: um estudo semiótico*,<sup>40</sup> nele, a autora não discorre sobre os almanaques de cordel.

---

<sup>38</sup> ALMEIDA, Ruth Trindade de. *Almanaques populares do Nordeste*. 1981. 225 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1981.

<sup>39</sup> NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. *Almanaque toda a oficina da vida*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008. Ver também nos estudos acerca de almanaques MEYER, Marlyse (Org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. AMORIM, Maria Alice; NOGUEIRA, Maria A. Lopes. (Org.). *Lições de almanaques*. Recife: EDUFPE, Recife 2011.

<sup>40</sup> CASA NOVA, Vera. *Lições de almanaque: um estudo semiótico*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996. Nessa mesma linha de pesquisa acerca dos almanaques farmacêuticos, ver PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras: São Paulo: Fapesp, 1999. Também merece destaque o trabalho de DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier 1903-1914*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

Deteve sua pesquisa nos almanaques de farmácias, *Almanaque d'a saúde da mulher e Almanaque do biotônico Fontoura* respectivamente, mas que nos fazem pensar na linguagem textual e seus códigos verbais na constituição do almanaque de Costa Leite.

Cabe mencionar que todo esse aporte documental e referencial que utilizamos para escrever e analisar a trajetória de Costa Leite só foi possível mediante as mudanças pelas quais a história passou em seu campo de escrita ao longo de anos. Os olhares voltaram-se para as particularidades dentro da Nova História Cultural,<sup>41</sup> percebendo-se que a cultura está associada a um conjunto de significados que são construídos, compartilhados e vivenciados pelo homem em seu tempo. Ampliaram-se os trabalhos e as metodologias enriquecidas pela diversidade de fontes visando compreender melhor o homem em suas práticas culturais.

Por meio de uma abordagem historiográfica da Micro-História,<sup>42</sup> a pesquisa nos levou a desafios mediante os múltiplos recortes dos objetos estudados, inseridos em diversos contextos de escritas e publicações. Trabalhar com a leitura dos almanaques, xilogravuras, folhetos, autobiografia, e tantos outros que foram somados em nossa narrativa histórica, fez-nos refletir como essa miscelânea de fontes constitui representações do passado em um tempo presente. Tendo em mente que não existe relação com o passado de Costa Leite sem a ideia de representação que parte diretamente desse acervo documental.<sup>43</sup>

Nossa questão não é apresentar um levantamento teórico de cada publicação de Costa Leite, mas entender como foram elaboradas. Que apropriações possibilitaram suas publicações? Que práticas de leitura o levaram a ser apreendidas e moldadas por essa escrita? Como essas fontes nos direcionam em seus indícios para compreendermos a sua trajetória artística? Esses foram nossos desafios na construção dessa realidade historiográfica.

---

<sup>41</sup> Tendo em vista que existe uma série de debates e leituras acerca da História Cultural, não foi nosso objetivo trazer mais um compêndio de autores e ideias, mas queremos registrar que nosso trabalho tem aproximação com os escritos de Roger Chartier sobre o universo da leitura e suas práticas. Esse teórico dispõe de vários títulos traduzidos para o português, que nos apontam caminhos de reflexões dentro da trajetória de Costa Leite. Podemos mencionar CHARTIER, Roger. *Formas e sentidos: entre distinção e apropriação*. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Mattencio. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003. CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Ed. da Unesp, 2007. CHARTIER, 2002a. CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b. Para informações sobre História Cultural ver RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Rio de Janeiro Editorial Estampa, 1998. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

<sup>42</sup> Acerca da Micro-História, ver BARROS, José d'Assunção. Sobre a feita da micro-história. *OP SIS*, v. 7, n. 9, p.167-185, jul-dez 2007; VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas da História: micro-história*. Rio de Janeiro: Campinas, SP: Campus, 2002; LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>43</sup> Sobre representação, ver CHARTIER, Roger. *À beira da falácia: a história entre certezas e inquietudes*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002d.

### O encontro com as fontes

Para este trabalho de tese, várias instituições foram visitadas e pesquisadas. Mergulhamos nos arquivos, verificamos pastas, digitalizamos documentos e realizamos entrevistas. A cada investida nos deparávamos com uma nova fonte que aguçava nossa curiosidade histórica. O interessante dessa trajetória pesquisada é que, por se tratar de um homem múltiplo no seu fazer artístico e por estar vivo, esbarramos em uma diversidade de fontes que fazemos questão de elencar para este espaço não como forma de repetir o que foi mencionado, mas para reforçar nossas aquisições. Reunimos folhetos, livros, folhas avulsas, almanaques, CDs, DVDs documentário, fotografias de família, entrevistas, LPs, fotografias de vários encontros que vivenciamos com o poeta, xilogravuras diversas, álbuns de xilogravuras, jornais, *folders* de exposições, catálogos de obras publicadas, autobiografia, manuscritos de folhetos e almanaques, cartas enviadas a Costa Leite nas décadas de 1970 e 1980. O desafio foi esmiuçar e estar atento aos detalhes pertinentes a cada fonte, diante da operação escriturística em que precisávamos dar conta de uma narrativa e de uma trajetória de vida.

Para cada instituição, vamos encontrar suas particularidades em termos de acervo sobre o poeta Costa Leite. Na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), Rio de Janeiro, localizamos um vasto aparato de folhetos, alguns almanaques e livros de referência sobre literatura de cordel. A maior parte estava voltada para a década de 1970. Com um excelente atendimento foi disponibilizada uma sala na qual digitalizamos todo o material encontrado.

Semelhante investida ocorreu na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife; apesar de não ter uma sala adequada para digitalizar o material investigado, encontramos um bom acervo desse poeta incluindo almanaques, folhetos e alguns álbuns de xilogravuras publicados nos anos de 1970, 1974 e 1977. Para elucidar melhor nosso trabalho, digitalizamos os principais almanaques farmacêuticos que circularam durante a época que estamos pesquisando. Eles foram importantes para percebermos as diferentes formas de apropriação utilizadas pelos poetas para confecção de seus almanaques sertanejos. Outro espaço em que consta um excelente acervo de folhetos é o Centro Cultural Benfica da Universidade Federal de Pernambuco (CCB-UFPE). Sua coleção acerca de Costa Leite apresenta títulos não encontrados nas demais instituições em bom estado de conservação.

No Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) do Rio de Janeiro, nosso olhar direcionou-se para as xilogravuras que ele produziu na década de 1970, enfatizando uma série temática sobre as feiras do Nordeste. Imagens que nos ajudaram a entender a dinâmica das encomendas realizadas por intelectuais e *marchands*, momento em que Costa Leite se

legitimava diante de sua arte xilográfica. Também consultamos seu acervo digital a Cordelteca e Hemeroteca; este último nos abriu uma lista de recortes de jornais que nos permitiu verificar a importância das feiras livres espalhadas pelo interior de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo. Nesses jornais encontramos diversas reportagens que permitiram associar com os relatos de Costa Leite acerca das atividades desenvolvidas na feira. Ainda nesse percurso das imagens, digitalizamos o acervo de xilogravuras permanentes de Costa Leite na Pinacoteca do Estado de São Paulo que consta de 17 obras em exposição. A cada espaço da memória percorrido, novos dados iam sendo somados, codificados e analisados.

Com relação aos acervos digitais, consultamos o *Acervo Maria Alice Amorim*: catálogo de literatura de cordel, o *Arquivo online da Califórnia*, com sua lista de folhetos, o *Acervo do Jornal O Globo*, o blog *Memória do Cordel*, o qual surgiu de um trabalho de conclusão de curso sobre a Tipografia São Francisco-CE, o *Espaço astrológico*, um guia sobre astrologia e almanaques e o *Nordeste.com*, um site com informações de poetas e folhetos.

Paralelamente a essas pesquisas documentais, bibliográficas, congressos e encontros, realizamos várias entrevistas gravadas com o poeta Costa Leite, totalizando 13 seções, e 2 com a representante da Editora Coqueiro-PE, Ana Ferraz. Consideramos esses momentos algo ímpar para a construção desta trajetória. Em se tratando de Costa Leite, sempre nos recebeu em sua residência com bastante carinho e entusiasmo. Conquistamos sua confiança, afinal, éramos pessoas estranhas que chegavam à sua porta querendo saber acerca de sua vida. Nossa ida a Condado-PE era marcada com bastante antecedência, tendo em vista que durante a semana o poeta realiza várias atividades. Entre elas, ir à feira de Itambé, ir a Recife para trazer seus manuscritos para impressão, ou ficar talhando suas madeiras em seu ateliê localizado ao lado de sua casa.

Ligávamos e reservávamos o dia e a hora, que poderia ser de manhã ou à tarde. Era uma viagem um pouco cansativa seguindo o roteiro Recife-Goiana-Condado e virse-versa, mas gratificante pelo contato com o poeta e as inúmeras histórias que compartilhava contribuindo com pontos da pesquisa. Tendo uma ideia da organização da escrita, traçávamos as perguntas previamente percorrendo algumas temáticas que nortearam a entrevista, a exemplo da venda de folhetos na feira, elaboração de almanaques, histórias de vida, ilustrações dos folhetos, etc. Diante de sua forma comunicativa cheia de gracejos, algumas perguntas surgiam na hora da entrevista, porque sua memória percorria décadas de práticas

culturais e nos deixava maravilhados com a descrição. Todos os relatos orais ocorreram em momentos de liberdade e descontração. Tínhamos o maior cuidado para não interferir em seu espaço e deixá-lo falar sem restrições. Cada entrevista tinha duração, em média, de uma a duas horas.

À medida que as perguntas eram feitas, ele respondia na maior naturalidade, como se estivesse contando um filme a que acabara de assistir. Em alguns desses momentos, ele parava um pouco, pensava e voltava a responder; percebíamos que o silêncio emitia signos permeados entre o lembrar e o esquecer. Nada ficava sem explicações mesmo quando a memória falhava diante de algumas passagens. Em algumas seções, sua esposa, à distância da sala, interferia para lembrar algo que ele muitas vezes confundia ao contar. O interessante é que foi nesses intervalos, entre um relato e outro, que tivemos acesso a seu acervo composto de livros, folhetos e matrizes xilográficas. Essas entrevistas desenvolvidas entre os anos de 2011 a 2015, transcritas e analisadas, fizeram-nos perceber vários aspectos da vida de Costa Leite e suas experiências no campo dessa produção e criação artística. Seu testemunho não apenas relatou sua trajetória, mas nos forneceu indícios para pensarmos contextos históricos entre as décadas de 1960 e 1980, envolvendo essa literatura de folhetos e sua comercialização.

As entrevistas com Ana Ferraz realizaram-se na sede da Editora Coqueiro em Campo Grande, bairro do Recife. Seus relatos nos levaram a refletir sobre a relação estabelecida entre Costa Leite e as inúmeras casas editoriais que frequentou. Levando sempre em papel pautado suas histórias escritas à caneta azul ou preta. Ferraz teve uma participação importante no caminhar desta tese. Sempre que algum evento envolvesse a participação de Costa Leite, ele gentilmente avisava por telefone para que pudéssemos registrar o momento. Foi assim com a Festa Literária Internacional de Pernambuco (2013), onde expôs folhetos e xilogravuras, com a Feira do Livro de Mossoró (2013), Rio Grande do Norte, na qual realizou uma oficina de xilogravuras e no lançamento da autobiografia. Por meio da editora, tivemos acesso aos manuscritos dos almanaques e folhetos que sinalizaram a técnica como esse poeta ditava modificações e estabelecia suas exigências antes de o material ser impresso.

Quanto à Feira do Livro em Mossoró, acompanhamos Costa Leite e participamos da Oficina de Xilogravuras que ministrou para um grupo de 15 pessoas. Com vários tacos de madeira espalhados na mesa, mostrou aos participantes que riscar o desenho podia parecer fácil, mas cortar exigia habilidade e experiência. Ao término, alguns conseguiram, outros apenas tentaram. Nesse encontro literário também participou de uma palestra sobre a Arte da

Xilogravura. Esse registro no fim de semana foi uma investida interessante dentro da pesquisa.

Aproveitando o encontro, realizamos gravações de vídeo, áudio, fotos e anotações no caderno. Costa Leite nessa feira palestrou, vendeu folhetos e no fim, em um auditório improvisado, mas com grande número de participantes, recitou os versos *O boi do pé da cajarana*<sup>44</sup> sob aplausos. Para nós, foi algo surpreendente testemunhar bem à luz dos escritos de Zumthor, percebendo o gesto, a *performance* e a voz do poeta. Outro momento descrito em uma das seções do segundo capítulo foi acompanhar Costa Leite à feira de Itambé-PE. Experiência ímpar em poder compartilhar com o poeta esse deslocamento, antes imaginado nos livros e nas entrevistas. Tal ação nos fez entender as práticas de comércio e leitura no ambiente das feiras livres que realizou durante anos de sua trajetória.

Quando pensávamos em encerrar os trabalhos de arquivos e nos dedicar à análise do que catalogamos no decorrer desses anos de pesquisa, dois fatos foram decisivos para a escrita desta trajetória proporcionando mudanças teóricas e metodológicas. Primeiro, foi ter acesso a uma parte do acervo do pesquisador Liêdo Maranhão, que se encontra digitalizado no Laboratório de Tecnologia da Informação (LIBER), no setor de Preservação e Memória da UFPE. Com isso passamos a analisar o conteúdo de 26 caixas contendo capa de folhetos catalogados mediante sua diversidade temática e 27 cadernos manuscritos com aproximadamente 200 páginas cada.

O que continha, então, nesses cadernos de tão importante que se aproximava desta tese? Os cadernos que localizamos são uma espécie de diário que Liêdo Maranhão escreveu durante a década de 1970 sobre o cotidiano do Mercado de São José. Um registro impressionante e detalhista do tempo e da história que acontecia em torno do mercado e sua praça cercada de camelôs, ambulantes, poetas, cantadores e vendedores de cordel. Um local de encontro de diversas pessoas com práticas e funções distintas. Liêdo fez questão de registrar em seu caderno praticamente todos os dias em que se dirigia para esse espaço.

Para se ter uma ideia, foi desses manuscritos que o pesquisador retirou informações para escrever 14 livros.<sup>45</sup> Nosso objetivo nesse mapeamento era encontrar informações do poeta Costa Leite em suas páginas, algo que não foi difícil de localizar nesses volumes. Anotamos cuidadosamente cada linha descrita. Foi um trabalho exaustivo, porém gratificante

<sup>44</sup> LEITE, José Costa. *O boi do pé da cajarana*. [S.n.t.]. Escrito entre a década de 1960 e 1970.

<sup>45</sup> O POLIGLOTA do povo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 15 maio 2014. Caderno Viver, p. D8. MAIA, Luiza. *Você quer safadeza né? Diário de Pernambuco*, Recife, 5 jun. 2013. Caderno Viver, p. E1.

em percorrer as páginas desse diário e encontrar descrito um cenário poético e rico dos tempos em que o Mercado de São José socializava as rodas de leituras e comercialização dessa literatura.

Segundo, foi a permissão aos arquivos da Casa da Memória Popular Liêdo Maranhão (CMPLM), local onde se encontram todos os seus registros pesquisados acerca do universo das práticas culturais populares do Nordeste. Gentilmente cedido por seu filho Roman Maranhão, que abriu as portas da casa seu pai permitindo nosso mergulho no acervo. Fomos agraciados com revistas que circularam na década de 1970, por exemplo, Família Cristã, Confidencial Econômico do Nordeste, Revista Mercedes-Benz e Equipe; almanaques farmacêuticos, álbuns de xilogravuras e o conjunto de três pastas que continham cartas endereçadas ao poeta José Costa Leite.

Essas correspondências trouxeram uma contribuição relevante do ponto de vista historiográfico por se tratar de uma documentação inédita em relação a Costa Leite. Ao todo, foram digitalizadas 167 cartas recebidas entre os anos de 1970 e 1980. De posse dessas fontes, lemos, selecionamos e mapeamos de acordo com a localização geográfica. Seu conteúdo era bem diversificado, encontramos solicitações de envio de folhetos, almanaques, talismãs da sorte, horóscopo individual e matrizes xilográficas. As cartas abrem um leque de caminhos, relatos, lembranças e confissões que pairavam entre o remetente e o destinatário, pontos essenciais para entender essa rede mercadológica.

Diante desse aparato documental, procuramos contar essa trajetória artística em quatro capítulos que se imbricam à medida que as fontes vão sendo inseridas. O primeiro, *A escrita de si, a escrita do poeta: fragmentos de uma trajetória*, tem como proposta ressaltar fragmentos biográficos do poeta José Costa Leite. Enfatizando pontos essenciais de sua trajetória, tendo como fonte principal a autobiografia, *A vida da minha vida*, analisada na perspectiva da construção e escrita de si e dos relatos orais produzidos na pesquisa. Por meio dessa estratégia narrativa da invenção do ser, associada à análise de entrevistas, jornais e acervo bibliográfico, buscamos entender na relação estabelecida entre lembrar/esquecer, como ocorreu sua imersão no universo da produção de folhetos, xilogravuras e almanaques, bem como perceber os caminhos escolhidos em sua memória para demarcar sua identidade de poeta e escritor.

No segundo, *Elaborar, publicar, distribuir*, procuramos apresentar as estratégias criadas por Costa Leite para escrever, propagar e comercializar folhetos. Para isso, averiguamos os manuscritos em papel pautado dos almanaques e folhetos, as páginas

editoriais desses impressos e as cartas direcionadas ao poeta que partiram de diferentes cidades e interiores do Brasil. Nesse contexto procuramos entender a rede mercadológica e publicitária desse poeta mediante a circulação e vendagem de seus livros.

No terceiro capítulo, *Da madeira para o papel*, abordaremos a técnica da produção de chichês e xilogravuras na trajetória de Costa Leite. Procuramos investigar como esse poeta foi sendo reconhecido e legitimado na criação de matrizes xilográficas. Para isso, analisamos o movimento dessas matrizes que circulavam por meio de cartas solicitadas ao poeta. Bem como, os pedidos de intelectuais, donos de galerias e *marchand* para produzirem matrizes e xilogravuras com o objetivo de compor álbuns e comercializá-los.

No quarto e último capítulo, *Almanaques: leituras do Calendário Nordestino* procuramos apresentar uma análise da produção escrita, gráfica e da rede mercadológica do almanaque de Costa Leite. Para isso, vamos focar nas mudanças que ocorreram em suas capas durante anos de publicação, elementos singulares no tocante à comercialização desses impressos. O almanaque, diferentemente do folheto, era um texto dinâmico e ordenado em sua apresentação gráfica, daí a preocupação do poeta diante dessas respectivas alterações. As correspondências utilizadas neste capítulo nos fornecem indícios das estratégias comerciais e da distribuição pelo Brasil.

Agora convidamos os senhores a nos acompanhar nesta trajetória artística do poeta José Costa Leite.



## **CAPÍTULO 1**

**A escrita do poeta: fragmentos de uma trajetória**

Sou muito mais que essas letras, frases e fotos que falam sobre mim. Sou as minhas atitudes, os meus sentimentos, as minhas ideias.

(Clarice Lispector)

Neste capítulo, o objetivo é refletir sobre os aspectos da trajetória artística do poeta José Costa Leite. Buscamos entender as práticas culturais que nortearam esse agricultor, na primeira metade do século XX, a se inserir na versificação, edição e publicação da literatura de folhetos. Ponto que acreditamos ser o elemento irradiador para suas demais produções artísticas como as xilogravuras e almanaques de cordel. Partimos da análise da Autobiografia, entendida, aqui, como uma construção memorialística e arquivo da vida, que, associada aos relatos orais, produção audiovisual e acervo fotográfico, nos possibilitou contar, criar, fragmentar e transformar, por escrito, a vida desse poeta.

### 1.1 A vida da minha vida<sup>46</sup>

Condado, 16 de fevereiro de 2013, uma data importante na vida do poeta José Costa Leite. Estava marcado para as 20 horas na sede da Filarmônica 28 de Junho,<sup>47</sup> na cidade de Condado-PE, o lançamento da autobiografia intitulada *A vida da minha vida* (Figura 1), um registro de suas memórias, de sua vida, descrita em versos. Um livro impresso em 2012 pela Editora Coqueiro em Pernambuco, que concorreu e ganhou o Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel 2010, Edição Patativa do Assaré, para sua publicação.

No tocante à sua materialidade, a autobiografia foi impressa com 202 páginas, medindo 14 x 20 cm, design simples, de cor preta com uma fotografia ao centro, focando parte do rosto e dos olhos do artista.

---

<sup>46</sup> Expressões extraídas do título autobiografia de José Costa Leite. LEITE, 2012, p. 182. Trabalhamos aqui com a ideia de trajetória, no sentido de que não podemos dar conta da totalidade da vida de Costa Leite; percebemos a vida deste poeta em redes de sociabilidade pautadas nas suas experiências inseridas nas especificidades da produção dos folhetos de cordel.

<sup>47</sup> Nome dado à banda de música da cidade de Condado, PE, fundada em 1905, quando essa cidade se chamava Goyaninha. Sua sede leva o seu nome Philarmônica 28 de Junho. Uma entidade filantrópica reconhecida como Patrimônio Municipal do Condado que mantém em sua sede a Escola de Música Pedro Timóteo levando a arte musical a mais de 50 alunos na cidade. Para mais informações, ver FONSECA FILHO, Genivaldo de Gouveia Marques da. *Uma memória... para memória*. Prólogo de Vitória Luiza Marques da Fonseca Moura. Recife: Ed. Coqueiro, 2012. v. 2.

O livro apresenta, em sua composição gráfica, alguns textos a pedido do próprio autor e por sugestão da Editora Coqueiro. São relatos de pesquisadores e escritores, muitos deles já impressos em outros livros do autor, nos quais são tecidos comentários elogiosos sobre sua produção artística e poética.

Figura 1 – Capa da autobiografia de José Costa Leite



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral, 2013.

No que se refere ao conjunto textual dessa autobiografia, começa com uma dedicatória do artista à sua esposa, que o acompanha desde 1956, e aos seus pais e irmãos todos já falecidos sendo o único da família Leite a contar histórias. Logo em seguida, vem o prefácio

e Giuseppe Baccaro,<sup>48</sup> que fez para o livro de Costa Leite *Sertão Nu e Cru* escrito em 2003. Baccaro, um amigo que conheceu na década de 1970, que incentivou, em muitos momentos, esse poeta a registrar suas memórias e histórias de vida em livro, organizando uma autobiografia; o que vem a ocorrer anos depois.<sup>49</sup> A utilização desse prefácio na organização deste livro funciona como uma estratégia para criar inteligibilidade e legitimidade tendo em vista que ele desloca, recorta e mobiliza dados de outro livro para este atual.

Encontramos um depoimento da jornalista e pesquisadora de cordel Maria Alice Amorim, retirado do livro *Xilografia*,<sup>50</sup> da sua segunda edição, 2006, a primeira data de 1974, ilustrado com xilogravuras de Costa Leite. Conta ainda com um texto de palavras elogiosas de Ariano Suassuna, reproduzida também na capa final, o qual, segundo Ariano, insere seu trabalho entre “os maiores do Brasil em todos os tempos” no que se refere à xilogravura e poesia. Vários meses se passaram desde o momento em que Costa Leite fez o convite para Suassuna prefaciá-lo seu livro. A editora já estava com todo o material pronto para ser impresso, mas o autor pedia para esperar mais um pouco. Na visão do poeta, as palavras de Ariano e o “peso” de seu nome o legitimava como escritor de folheto e xilógrafo além de possibilitar a ampliação das vendas.

A forma de Costa Leite perceber o lugar de poder que Ariano Suassuna tinha nas suas relações com as instituições públicas e privadas não foi diferente de J. Borges, que também recebeu elogios no que se refere à sua produção xilográfica.<sup>51</sup> Discutem-se aqui não os elogios merecedores por sua produção artística, mas o olhar legitimador e favorável em torno dessas práticas culturais que despontavam no cenário nacional na década de 1970, como afirma a

---

<sup>48</sup> Giuseppe Baccaro, italiano, veio para o Brasil em 1957, *marchand*, galerista, colecionador, pintor e desenhista. Residiu em São Paulo, mas no fim da década de 1960 veio para Olinda e se transformou em um grande mecenas da arte popular, incluindo a produção de xilogravuras, e fornecia madeira para os poetas. Escolhiam alguns temas e depois comprava a preços baixos aos poetas. Fundou a Casa das Crianças de Olinda em 3 de março de 1971, uma instituição filantrópica e comercial que funcionou por vinte e dois anos para atender crianças carentes. GIUSEPPE BACCARO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. 2001-. Disponível em: <[http://enciclopedia.itaucultural.org.br/sobre#/> >. Acesso em: 15 jan. 2015. Por esse espaço, passaram vários artistas e poetas que negociavam impressões de folhetos e xilogravuras, já que ele tinha uma tipografia. Ver FRANKLIN, 2007, p. 44-46. Para outras informações, ver CÓRDULA, Raul. \*Utopia do olhar\*. Recife: Fundarpe, 2013.](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/sobre#/)

<sup>49</sup> A ideia de escrever algo sobre sua vida permaneceu presente em vários momentos. Pensava em contar como sua trajetória ao longo do tempo possibilitou ser o artista que é. Em entrevista, comentou que passou por sua cabeça escrever sua história de vida em folhetos, mas um exemplar apenas não seria viável e se publicasse em série não teria saída entre seus leitores que possivelmente achariam um pouco cara a coleção. José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

<sup>50</sup> ACCIOLY, Marcus. *Xilografia*. Poesia de Marcus Accioly gravada por José Costa Leite. 2. ed., Recife: Edição do Autor, 2006. p. 79. ACCIOLY, Marcus. *Xilografia*. Poesia de Marcus Accioly gravada por José Costa Leite. Recife: Cepe, 1974.

<sup>51</sup> BORGES, José Francisco. *Poesia e gravura de J. Borges*. Produção de Sílvia Rodrigues Coimbra. Recife: Edição do Autor, 1993. p. 152.

pesquisadora Maria do Rosário da Silva.<sup>52</sup> Para esses poetas, Ariano Suassuna é visto como um amigo de suma importância em sua trajetória de vida, um elo nas relações de divulgação e comércio.

Costa Leite ainda recorta um fragmento do texto da antropóloga Maria Aparecida Nogueira,<sup>53</sup> e insere na parte final da autobiografia, o qual discorre sobre a produção de almanaques populares, uma espécie de manual ou livro para o homem do campo, que vem sendo produzido por Costa Leite desde os anos 1960. No texto intitulado *O almanaqueiro Costa Leite*, a autora explora a relação entre o poeta e a vida que é exercida pelo homem do campo, que vive da agricultura e tem o tempo como norte para suas atividades.

No texto de orelha do livro, vêm as palavras de João Dantas, presidente da Fundação de Cultura e Esportes de Campina Grande, que menciona Costa Leite como um “ícone do cordel” além do texto do poeta popular Manoel Monteiro,<sup>54</sup> que o denomina de “Cerne da Baraúna”, uma alusão à árvore, forte e resistente, muito utilizada para produção de matrizes xilográficas. Esses últimos textos de orelha foram retirados do folheto *O caboclo Zé Vigia* (Raça de Bicho do Mato),<sup>55</sup> versado em 2002, editado em Campina Grande, Paraíba, com tiragem de 1.000 exemplares pela Gráfica Martins, também do autor.

Costa Leite mantém um controle acerca de toda a concepção dessa autobiografia. Ele seleciona os textos que compõem as partes constitutivas do livro, como prefácio, texto-orelhas, imagem da capa. Isso significa que, além de autor, ele desfruta um capital simbólico que o institui como editor do livro. Quando entrega à editora para a digitação para depois aprovar a edição final, já tem toda a dimensão de como quer que seja editado. Ana Ferraz, da Editora Coqueiro, deixa claro que “ele traz seus manuscritos em papel pautado, sempre escrito a caneta azul e quem dita as regras sempre é ele”.<sup>56</sup>

---

<sup>52</sup> Para mais informações sobre a trajetória de J. Borges, ver SILVA, Maria do Rosário da. *Histórias escritas na madeira: J. Borges entre folhetos e xilogravuras na década de 1970*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. p. 94.

<sup>53</sup> Ver NOGUEIRA, 2008. Para outras informações de almanaques populares, ver AMORIM; NOGUEIRA, 2011.

<sup>54</sup> Cordelista, nasceu em Bezerros, PE, em 1937. Residia em Campina Grande, PB, desde 1955, e faleceu em 2014. Considerado um importante poeta brasileiro por sua produção e narrativa contemporânea. MANOEL Monteiro. In: NORDESTE enciclopédia. [S.n.t.] Disponível em: <[http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Manoel+Monteiro+&ltr=m&id\\_perso=1268](http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Manoel+Monteiro+&ltr=m&id_perso=1268)>. Acesso em: 10 jan. 2015.

<sup>55</sup> LEITE, José Costa. *O caboclo Zé Vigia: Raça de Bicho do Mato*. Campina Grande-PB: Gráf. Martins, 2002.

<sup>56</sup> Informação prestada por Ana Ferraz em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Recife, 23 set. 2014.

Costa Leite já havia escrito em versos uma autobiografia que entregou em mãos de Baccaro para publicar pela Casa das Crianças de Olinda.<sup>57</sup> A questão é que esse original nunca chegou a ser impresso. A instituição fechou as portas no início do ano 2000 e os escritos não foram devolvidos ao autor. Segundo Costa Leite, Baccaro adoeceu, “saindo de nossa vista”, como ele diz, e todo esse material escrito não conseguiu recuperar. Declara o poeta em entrevista:

Foi um amigo meu que incentivou e depois infelizmente ele adoeceu. Não tive nem o prazer de dar um livro a ele, porque ele se casou novamente com outra mulher, e a mulher privou ele sabendo, que ele é doente e ajudava muito a pobreza. Ela ficou com tudo isso. Foi o Baccaro, ele antes tinha falado que publicava a autobiografia, mas saiu de nossa vista que não apareceu mais. Não voltei a me encontrar com ele.<sup>58</sup>

A situação descrita acima foi bastante desagradável para o artista. Escreveu sua história de vida que não foi publicada e nem teve acesso aos seus originais porque a esposa de Baccaro não teve interesse em procurar o material e devolver. Não dá para saber os motivos que levaram a não devolução desse manuscrito; temos apenas o relato de Costa Leite e suas impressões sobre o caso. Segundo Costa Leite, não quis se indispor com o amigo e encerrou o caso.<sup>59</sup>

Desse modo, anos depois, surge essa outra versão também versificada como a primeira. Não podemos precisar o que foi dito ou silenciado entre essas escritas biográficas. O que sabemos é que ambas foram redigidas em papel pautado cuidadosamente como faz em seus escritos poéticos e depois seguiu para digitação e diagramação na editora.

No acervo da Editora Coqueiro, encontramos o manuscrito dessa autobiografia. O poeta havia posto o mesmo título da primeira *Uma lição de vida, experiência e meditação*. Porém, por estratégias mercadológicas e editoriais, sentiu necessidade de fazer alteração para *A vida da minha vida*, o título que prevaleceu. Nesse processo de escrita percebemos todo um trabalho manuscrito de um artista que não domina as novas tecnologias do computador. Fez as

---

<sup>57</sup> A Casa das Crianças de Olinda contava com uma tipografia comprada por Giuseppe Baccaro à Fundação Castro Maia no Rio de Janeiro. Por essa casa passaram vários poetas que imprimiam seus folhetos ou negociavam suas histórias para serem impressas, entre José Costa Leite, J. Borges, Dila, Delarme Monteiro da Silva. Ver SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito* n.º 2. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 1973. CÓRDULA, 2013., p. 93. MODESTO, Luiza. Casa das Crianças aguarda dias melhores com realização de leilão. *Jornal do Commercio*, 9 ago. 2000. Caderno C. Disponível em <[http://www2.uol.com.br/JC/\\_2000/0908/cc0908e.htm](http://www2.uol.com.br/JC/_2000/0908/cc0908e.htm)>. Acesso em: 5 out. 2015.

<sup>58</sup> Informação prestada por José Costa Leite em entrevista a Geovanni Cabral no município de Condado-PE, 20 mar. 2013.

<sup>59</sup> Informação prestada por José Costa Leite em entrevista a Geovanni Cabral, Condado-PE, 21 ago 2013.

anotações em folhas avulsas e depois com a caneta esferográfica registrou no papel suas histórias, distribuindo quatro estrofes para cada folha, o que permaneceu na versão final. Essa técnica escriturística se faz presente em todos os seus trabalhos que seguiram para tipografias<sup>60</sup> e editoras ao longo de sua trajetória.

Outro dado interessante é que ele ilustrou cada página do livro com pequenas xilogravuras de sua autoria. Talhou na madeira pequenas imagens da caatinga, árvores frutíferas, homens trabalhando na lavoura, no corte da cana, desenhos de diversas casas em tamanhos variados, tendo o sol como elemento constitutivo do cenário, mulheres e homens com lata d'água na cabeça, gado no pasto, pingos de chuva, rosto de mulher, ou seja, representações que se articulam com sua memória diante da narração poética.

A escrita de si é uma escrita também da saudade, de um tempo pretérito que se faz presente, ou como diz Antonio Jorge Siqueira quando se refere ao seu livro de memória da família “uma viagem ao passado, que se traveste dos adereços da saudade”.<sup>61</sup> São esses adereços que encontramos nas linhas traçadas de cada xilogravura impressa, os desenhos remetem a paisagens que encontram nos versos lembranças de sua vida. Uma dessas xilogravuras é posta no final da autobiografia evidenciando seu nome em caixa alta, COSTA LEITE, em uma espécie de pedestal ladeado por dois mandacarus e com a palavra fim ao centro.

Interessante perceber que, no primeiro título, Costa Leite registra sua vida em três aspectos: 1) uma “lição de vida”, enfatizando sua trajetória, 2) “experiências”, nesse caso vislumbra sua produção artística, 3) “meditação” em referência aos vários anos dedicados aos almanaques e suas previsões do tempo. Vejamos as imagens abaixo (Figuras 2 e 3), respectivamente, que apresentam essas impressões.

Acompanhando sua trajetória nesses anos de pesquisa, não podíamos deixar de testemunhar e muito menos de registrar esse lançamento editorial. Como convidado, chegamos ao fim da tarde para o evento. Primeiro fomos até sua casa, depois o acompanhamos até o local da cerimônia. Ele demonstra felicidade e ao mesmo tempo preocupação com a hora de sua apresentação. Costa Leite em sua residência, com sua esposa, Severina Maria, escolhia a melhor roupa. Seu desejo era ficar elegante para receber os convidados e os amigos condadenses para um momento tão singular em sua carreira. Um

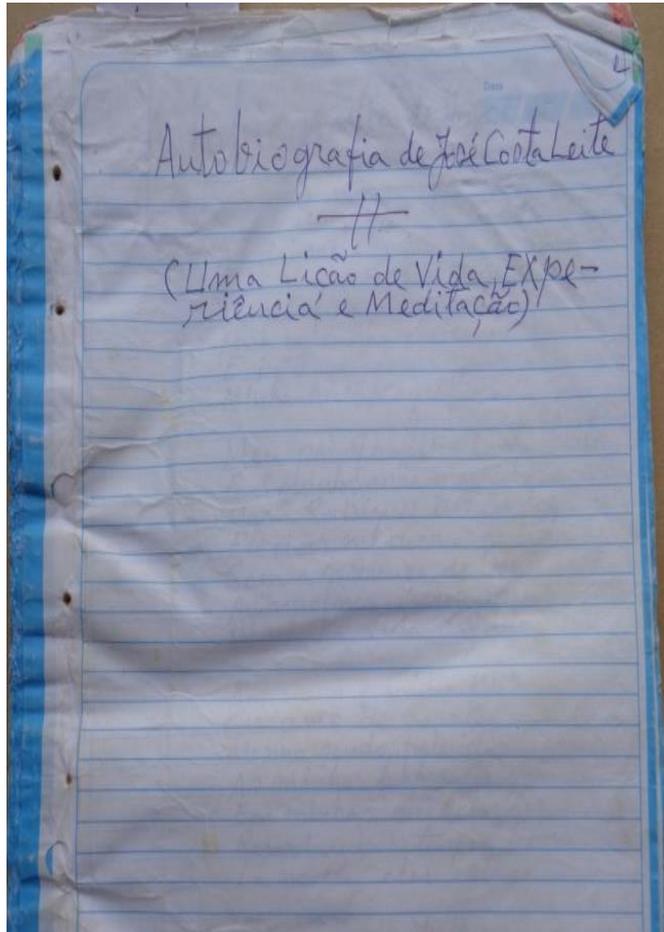
---

<sup>60</sup> Expressão usual entre os cordelistas em referência ao local de impressão de folhetos.

<sup>61</sup> SIQUEIRA, Antônio Jorge. *Sertão sem fronteiras*: memória de uma família sertaneja. Recife: EDUFPE, 2010. p. 10.

pouco apreensivo, mas confiante no sucesso daquela noite de céu estrelado com brisa dos canaviais adjacentes. Ficava pensando na vendagem do livro, cifras que não saíam de sua cabeça e de seus olhos, tendo em vista o retorno e a compensação de seu trabalho.

Figura 2 – Manuscrito da segunda versão da autobiografia de José Costa Leite



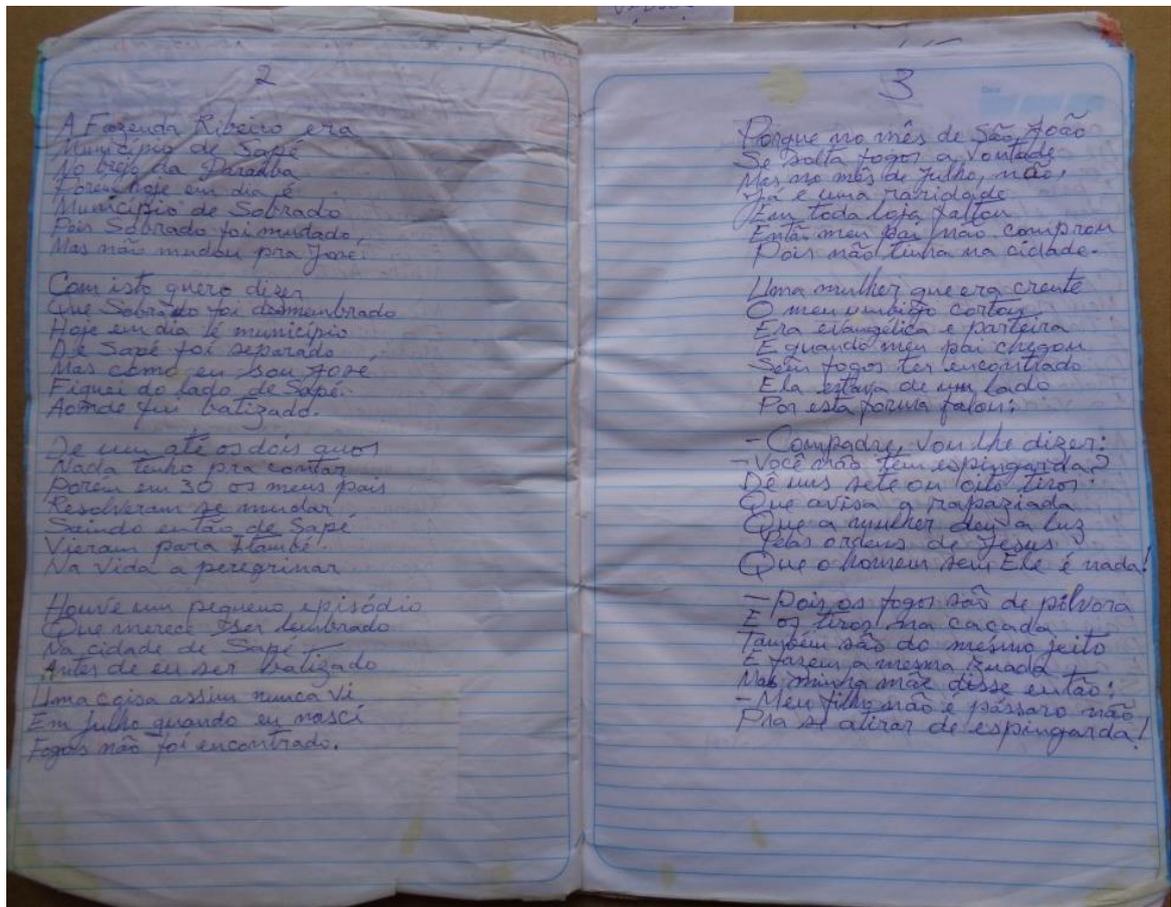
Fonte: Acervo da Editora Coqueiro, 2015.

Na semana que antecedeu o lançamento, escreveu um discurso no qual se apresentava ao seu público e amigos explicando que a autobiografia versada e ilustrada com pequenas xilogravuras “era pura verdade” e que os versos falam o que de fato aconteceu em toda sua trajetória. Em um dos trechos da escrita, ele menciona que “este livro serve de passatempo e transmite uma lição de vida para todos”.<sup>62</sup> Com essas palavras, o autor se vê como um “exemplo” para a sociedade na qual está inserido, ou de maneira mais específica, para seu público leitor. Um homem que se apresenta como vindo de um lugar marcado por

<sup>62</sup> Trecho do discurso de lançamento da Autobiografia. Mimeografo, não publicado. Acervo de Geovanni G. Cabral.

dificuldades diversas, mas que, apesar disso, se institui como vencedor na vida. Essa escrita fabricada por ele é utilizada como estratégia para enfatizar suas conquistas.

Figura 3 – Páginas 2 e 3 da autobiografia escrita em papel pautado



Fonte: Acervo da Editora Coqueiro, 2015.

Chegou o momento. Aos poucos, os amigos, a família e autoridades da cidade, como a prefeita, tomavam posição nas cadeiras para prestigiá-lo. Na entrada do recinto, estava uma bancada com os livros expostos, sendo vendido cada exemplar pelo valor de R\$ 30,00 (trinta reais). Alguns se aproximavam, olhavam e compravam. Outros apenas olhavam. Feito o cerimonial, Costa Leite foi chamado à mesa e proferiu seu discurso, atrelado a fragmentos da autobiografia, sendo aplaudido e ovacionado de pé. Depois os amigos se dirigiram à mesa para a sessão de autógrafos (Figura 4). Um discurso em que o autor falou dos obstáculos da vida, da força de ser vencedor, de sua religiosidade, da dedicação e esforço para pensar e escrever sua história, leiamos um fragmento:

Eu sou **José Costa Leite**, poeta popular, compositor, xilogravurista e um pouco de astrólogo. Sou autor de 1.000 cordéis que se espalham pelo Nordeste, o Brasil inteiro e os recantos da Europa. O meu CD toca em Paris. Eu estou aqui para o lançamento da minha **Autobiografia, A Vida da Minha Vida**. É um sonho que eu acalanto desde os meus 10 anos de idade. O resultado de muito esforço e muitos anos de trabalho, pensando, meditando e juntando coisa com coisa, mas o resultado está aí. A nossa vida na terra é passageira e devemos fazer alguma coisa que marque a nossa presença, mesmo que seja no presente ou no passado. Uma coisa que dê vida e nome ao seu autor, mas que seja uma coisa que não dê sujeira ao seu nome e lhe deixe imortalizado. (Grifos do autor).

Figura 4 – José Costa Leite no lançamento da autobiografia



Fonte: Acervo Geovani G. Cabral, 2013.

Suas palavras iniciais imprimiram e registraram para o público um conjunto de caracteres, cuidadosamente por ele selecionados, traços de sua fisionomia identitária,<sup>63</sup> quando menciona “Eu sou **José Costa Leite**”, com seu nome em negrito afirmando sua personalidade e demarcando território como escritor, autor e editor de livros e folhetos.

<sup>63</sup> Entendemos identidade nessa tese em consonância com as leituras de Stuart Hall quando apresenta a ideia de um ser múltiplo que se constitui historicamente em diferentes representações e significações culturais. Ou seja, Costa Leite não é apenas um poeta, mas xilogravurista, almanaqueiro, compositor. Sua identidade gira não em torno do “eu”, singular, mas das circunstâncias que move suas atividades e criações artísticas. O que Hall chama de “sujeito pós-moderno”. Ver HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Seguindo essa concepção dos “fazereres artísticos”, Certeau, no tocante à identidade, diz que “mede-se o ser pelo fazer”, a multiplicidade da produção de Costa Leite o desloca em diferentes momentos de identificações. CERTEAU, 2009, p. 207.

Também assegurando que é autor de mais de mil cordéis. Cabe ressaltar que essa identidade aqui mencionada por Costa Leite foi construída mediante suas escolhas e experiências que partilhou dentro da dinâmica de sua produção. Fez questão de enfatizar que não é apenas um poeta do Nordeste e do Brasil, mas que seu trabalho encontra-se em outros lugares do mundo. Além da França citada, o poeta tem obras nos Estados Unidos, Alemanha, Itália e Chile, como podemos encontrar registrado em um catálogo de obras do autor, escrito em 1976, no qual ele faz um levantamento das principais obras publicadas na década de 1970.<sup>64</sup> Costa Leite, nesse discurso, apresenta uma memória de si já cristalizada, lapidada por anos de experiências registrados ao longo de seus 88 anos. É assim que ele se apresenta e quer ser reconhecido dando sentido à sua existência. Dessa forma ele apresenta elementos de sua produção que o distinguem dos demais poetas e escritores.<sup>65</sup>

Ele menciona que, desde os 10 anos de idade, sonhava em escrever a autobiografia. Entendemos que existe uma contradição temporal, pelo menos em termos de datas. Em entrevista concedida em março de 2013, em sua residência na cidade de Condado, ele diz que já pensou em escrever uma autobiografia, mas que produzir um folheto era mais lucrativo: “Eu pensei nisso aí. Terminei indo em frente, porque um outro livro seria mais vendável de que minha autobiografia; os poemas. Porque a autobiografia é ‘verdade pura’ e os poemas a gente faz o belo, negócio mais bonito porque é ficção.”<sup>66</sup>

Essas palavras nos apontam caminhos para refletir a concepção de verdade e ficção na escrita de Costa Leite. Verdade para o poeta é sua trajetória de vida “que tem uma lição de moral”, como afirma nessa entrevista. Diferentemente dos versos que cria e recria para os folhetos que amalgama fantasias, situações do cotidiano e leituras do espaço no qual está inserido.

Quando diz que nos poemas que escreve tem o belo, não quer dizer que a autobiografia tem versos feios e deselegantes. Pelo contrário, pode ser uma estratégia de fazer imprimir no leitor uma interpretação, segundo a qual, em sua escrita, não tem espaço para a criação ficcional e cenas imaginárias, e sim um relato verdadeiro segundo suas concepções como foi sua vida no passado. O efeito de verdade para Costa Leite é dito na hora da escrita de sua vida, no momento em que sua memória possibilita trazer um passado de experiências e de práticas por ele vivenciadas.

---

<sup>64</sup> LEITE, José Costa. *Catálogo d'a voz da poesia nordestina*. Recife: EDUFPE, 1976. p. 7.

<sup>65</sup> Cf. GOMES, Ângela de Castro Gomes (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

<sup>66</sup> José Costa Leite, entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

No que se refere à verdade no campo da escrita autobiográfica, Peter Gay ressalta que “seguramente não tem importância se uma autobiografia publicada reproduz uma experiência passada ou se inventa, nega ou adorna os fatos.”<sup>67</sup> Segundo o autor, quem está escrevendo uma autobiografia é a testemunha que pode narrar o que viveu. Com essa citação, não pretendemos averiguar o estatuto de veracidade das histórias descritas no texto por Costa Leite, mas como ele utiliza a prática escriturística para se constituir como sujeito narrador de sua vida por meio de um relato que se pretende verdadeiro. Portanto, cria um lugar de autoridade para sua fala por ter sido ele quem vivenciou as experiências poetizadas sendo, por conseguinte, testemunha da própria narração ordenando-a em temporalidades distintas segundo seus critérios e interesses.

É interessante perceber que o poeta busca com sua escrita deixar sua vida imortalizada. No trecho do discurso, quando menciona “devemos fazer alguma coisa que marque nossa presença, mesmo que seja no presente ou no passado”, argumenta a ideia de que seu trabalho não deverá cair no esquecimento, mobilizando uma concepção temporal segundo a qual as dimensões de presente, passado e futuro<sup>68</sup> estão em constantes embates. Ou seja, como artista ele sabe o que produziu no passado e também no presente projetando com isso um lugar desejado no futuro. Mesmo sabendo que foi registrado como Patrimônio Vivo em 2006, que tem obras espalhadas em museus, instituições e acervos privados,<sup>69</sup> a autobiografia desponta nesse momento para o poeta como o principal marco representativo em sua carreira profissional.

---

<sup>67</sup> GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 121-122. Nesse livro Peter Gay realiza um estudo acerca do que ele chama “a vida secreta do ser” tomando como partida a burguesia européia e as práticas de escritas intimistas de si. Peter Gay não se prende em verificar as cartas, os diários, as autobiografias de ícones da sociedade Inglesa; abre uma lista de leituras abarcando textos de funcionários e de donas de casa. Esmiuça as etapas dessa produção e seus significados para compreender o comportamento social nos primórdios do século XIX.

<sup>68</sup> Partilhamos aqui a noção de tempo desenvolvida por Kosellek que entende o tempo não como algo natural e evidente diante dos acontecimentos, mas como uma construção cultural dotado de suas especificidades históricas própria de seu tempo.

<sup>69</sup> A obra de José Costa Leite está propagada em várias instituições de pesquisas no Brasil e no exterior; podemos encontrar na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, na Fundação Joaquim Nabuco, Pernambuco, no acervo do Centro Cultural Benfica da UFPE, nos arquivos digitais do LIBER-UFPE, na Biblioteca Átila de Almeida, Paraíba, na coleção de Maria Alice Amorim, PE, no acervo da Editora Coqueiro, acervo do pesquisador Geovanni Cabral, na casa do próprio Costa Leite, na coleção de Liêdo Maranhão de Souza, denominada de Casa Memória da Poesia Popular, Olinda, PE, Acervo Raymond Cantel de Literatura de Cordel-França, no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, RJ, na OAC-Online Archive Of California-EUA, no Instituto de Estudos Brasileiros, USP-SP, no Museu Casa da Xilogravura, Campos do Jordão, SP; no site Memória da Poesia Popular: informação sobre a vida e obra de poetas populares brasileiros, PB; no Acervo Bibliográfico da Fundação Cultural do Estado da Bahia, sem contar os colecionadores desse tipo de impressos de que não temos notícias.

Como todo livro se destina à leitura, ele finaliza o discurso convidando o leitor a comprar seu produto. A prosopopeia utilizada por ele é bastante significativa ao informar que o livro ficaria chorando caso os presentes naquele momento não o adquirissem. Assim recorre a uma estratégia de venda baseada no apelo emocional como se o livro tivesse vida própria e sentença: “eu não vou chorar, mas o meu livro vai entristecer e vai ficar chorando.”<sup>70</sup>

Sua vida narrada em versos, contada e cantada em trocadilhos de palavras e rimas, traz para o leitor um Costa Leite que, em diferentes temporalidades, peregrinou por engenhos e municípios cercados pelo verde das folhas dos canaviais, pelas dificuldades da vida. Andarilho das feiras e praças do Nordeste, cenário de idas e vindas da poesia que se constituiu poeta, artista e escritor. Esse mesmo livro foi lançado também na Loja Passa Disco, bairro do Parnamirim-Recife, em 9 de maio de 2013.

Para esse lançamento, não leu o discurso que preparou para o anterior, mas falou para as pessoas presentes a importância de comprar seu livro, reforçando a ideia de que “é tudo verdade, não tem mentira. Eu vivi tudo isso”.<sup>71</sup> Ponto que nos chama a atenção pela forma expressiva que menciona tais palavras. O discurso de Costa Leite cria uma estratégia do poeta para vender seus exemplares, não muito diferente quando ele estava presente na feira vendendo folhetos, ao se intitular “um pobre poeta popular”.

Recitou alguns versos do folheto *Credo dos cachaceiros*<sup>72</sup> e parte da autobiografia, gravados em sua memória, levantando risos das pessoas que paravam para escutar sua declamação (Figura 5), como nas estrofes abaixo:

A oração é bonita  
E agrada muito a mim  
Tenho ela decorada  
Do começo ao fim  
Se você quer aprender  
Vou rezar pra você ver  
Meu padre nosso assim:  
Pai nosso que estás no céu  
Fazei a cana crescer  
Com um inverno sadio  
Pra ela amadurecer  
Porque ela é saborosa  
E dá cachaça gostosa  
Pra todo mundo beber

<sup>70</sup> Trecho do discurso utilizado no primeiro lançamento da autobiografia. Ele escreveu no pautado e solicitou a seu neto para digitalizar e imprimir o texto nos cedendo uma cópia. Acervo Geovanni Cabral.

<sup>71</sup> José Costa Leite em entrevista concedida ao pesquisador Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

<sup>72</sup> LEITE, José Costa. *Os dez mandamentos, o pai-nosso e o credo dos cachaceiros*. [S.l.: s.n., 197-?].

E santificai a cana  
 Porque ela é excelente  
 Venha a nós um copo cheio  
 Que bebo e fico contente  
 Na cabeça me confio  
 Se estou quente fico frio  
 Se estou frio fico quente.

Figura 5 – José Costa Leite lendo trechos da autobiografia no Shopping Sítio da Trindade, Recife-PE



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral, 2013.

Dentre vários trechos do livro, fez questão de ressaltar o seguinte:

É este mais um trabalho  
 Que descrevo em poesia  
 A vida da minha vida  
 No decorrer do dia-a-dia  
 Espero o povo entender  
 E me comprar pra ler  
 Minha autobiografia  
 Quem não gostou do enredo  
 Que seu poeta compôs  
 E não quiser ler meu livro  
 Não compre um só, leve dois  
 Mas boa vontade tenha  
 Leve um agora e venha  
 Buscar o outro depois.<sup>73</sup>

<sup>73</sup> LEITE, 2012, p. 182-184.

Nessas palavras é importante perceber que o poeta, ao ler essas estrofes, deixa claro para o leitor que esse livro corresponde a um trabalho poético sobre o cotidiano de sua vida, que resultou na autobiografia. Por outro lado, ele espera que as pessoas possam entender esse “esforço” e comprar seu livro para conhecer sua história. Brinca com o público oferecendo para comprar não apenas um livro, mas dois levando um agora e adquirindo o outro depois.

Após a leitura, vieram os aplausos, fotos e os autógrafos. Nessa mesma noite de lançamento, levou várias xilogravuras na tentativa de algumas pessoas comprarem, e não pensou errado (Figura 6). Ele vendeu quatro xilogravuras e seis livros. Costa Leite ficou reclamando, achando que deveria ter arrecadado mais dinheiro, pensou no investimento, no deslocamento de Condado a Recife, que para ele muitas vezes não compensa. Enfim, acabou percebendo que é melhor vender poucos exemplares do que sair sem nada no bolso até porque o propósito da noite havia sido alcançado, segundo seus interesses. Apresentou a autobiografia. Percebemos, com isso, como a preocupação da vendagem de seus livros e xilogravuras estão atrelados à valorização de seu trabalho como autor e artista. Costa Leite é um profissional e consegue articular muito bem essas estratégias no tocante ao consumo de sua obra que tem um valor de mercado de acordo com as especificidades do produto.

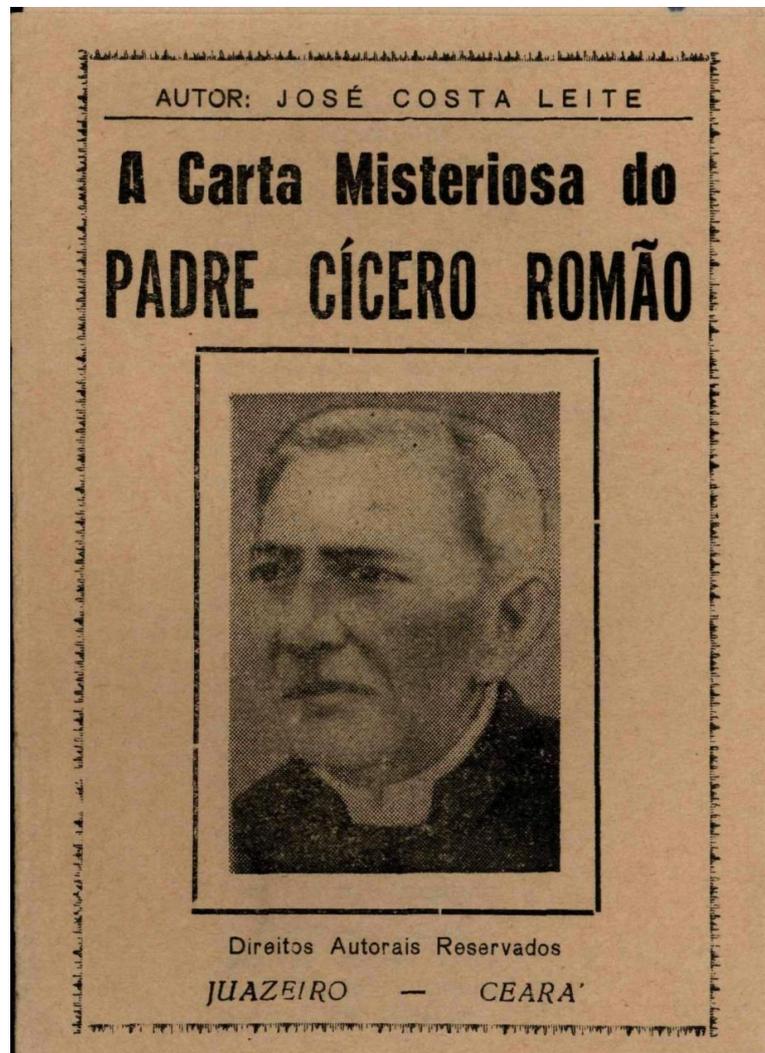
Figura 6 – José Costa Leite expondo suas xilogravuras em noite de autógrafos



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral, 2013.

Costa Leite muitas vezes permanece preso a uma memória que o reporta à época das feiras e do *boom* de vendagem de folhetos em grandes tiragens. Sendo um poeta andarilho das feiras, chegou a vender muitos livretos, dos quais perdeu a conta. Só em 1950, afirma Ricardo Noblat,<sup>74</sup> o folheto *A carta misteriosa do Padre Cícero Romão* (Figura 7) vendeu 10 mil exemplares em apenas um ano, seguido do sucesso *A voz de Frei Damião* esgotando-se nas primeiras edições, chegando a 100 milheiros vendidos e mantendo-se na feira como um grande sucesso editorial.<sup>75</sup> O poeta percebe que o contexto histórico da publicação da autobiografia, das xilogravuras e folhetos agora é outro.

Figura 7 – Capa do folheto *A carta misteriosa do Padre Cícero Romão*



Fonte: Acervo CMPLM, Olinda, PE.

<sup>74</sup> Ricardo Noblat é um jornalista formado pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap); trabalhou nos Jornais Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio. Atualmente mantém um blog no Jornal O Globo.

<sup>75</sup> NOBLAT, Ricardo. Texto da contracapa. In: LEITE, José Costa. *Cordel: a poesia do Nordeste*. Vinil, LP, Álbum. São Paulo: Gravadora Continental, 1977. v. 1.

Não consegue aceitar ou entender essas mudanças no mercado editorial, movido por uma velocidade narrativa de produções. Fruto de um tempo congestionado de tecnologias, imagens e leituras digitais.<sup>76</sup> O suporte físico aos poucos cede lugar ao virtual, associado a essas novas temporalidades de leituras digitais. A todo instante suas ações se voltam no tempo, nas muitas lembranças em que segundo suas percepções davam gosto escrever, publicar, espalhar e vender nas feiras suas histórias. Reporta aos anos de 1940 a 1950, momento de grande circularidade desses folhetos e livros, e a década de 1970 marcada por “uma nova fase na produção de cordel, assinalada por um razoável aumento das tiragens, um novo surto”.<sup>77</sup>

## 1.2 Foi assim meu passado<sup>78</sup>

Analisando a autobiografia de José Costa Leite, estamos diante de um poeta que não ingressou sozinho no mundo da poesia. Sua vida está a todo instante relacionada com uma sociabilidade de poetas, agenciadores, cantadores de violas, amigos e familiares. Quando relata sua trajetória de vida, produz deslocamentos temporais, joga com o passado e o presente, narra em tempos simultâneos, como se estivesse visualizando uma luneta do tempo, principalmente quando descreve suas andanças por feiras e mercados dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Suas descrições arquetam o tempo passado para a construção de sua história de vida, tecida de forma descontínua, inconclusa e dinâmica.

Sua escrita poética segue uma gênese sistematizada em nascimento, realizações, publicações e premiações; articula-se em trajetórias múltiplas de tempo. Trilhando essa escrita de si, encontramos uma preocupação além das rimas dispostas nas inúmeras estrofes distribuídas ao longo da autobiografia que são as lembranças das experiências vivenciadas

---

<sup>76</sup> Ver CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*: lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. No texto sobre Rapidez, o autor nos apresenta uma leitura de como a velocidade do tempo imprime alterações estilísticas na escritura narrativa seja de uma prosa, seja poesia. O tempo da narrativa tem o próprio ritmo argumenta Calvino.

<sup>77</sup> MEYER, Marlyse. *Autores de cordel*. São Paulo: Abril Educação, 1980. p. 90-92.

<sup>78</sup> Verso retirado da autobiografia: LEITE, 2012, p. 183.

nos lugares e espaços por onde passou. Experiência<sup>79</sup> entendida nesse contexto como algo que está associado às práticas culturais, ao tempo vivido/narrado por José Costa Leite ao longo de sua trajetória. Seus versos permitem perceber que esse tempo escritural não é linear, unidirecional, muito pelo contrário, entrecruzam-se em temporalidades distintas, capazes de inserir novas possibilidades de compreender e construir uma história.<sup>80</sup> Nesse aspecto, a noção de linearidade passa a ser substituída pela ideia de simultaneidade, na qual o passado articula-se com o presente, imbricando-se em contratempos, interrupções e causalidades. Como menciona Beatriz Sarlo “o passado se faz presente”.<sup>81</sup>

Suas memórias são relatadas e tecidas nos versos que, gradativamente, vão constituindo-se nas páginas impressas. Tendo o presente como guia, conduz sua narração sendo testemunho de suas experiências, práticas e discursos. Descreve sua imagem de artista popular perante o lugar social que, por meio de suas lembranças, silêncios e escolhas, estabelece como quer ser visto e lembrado. Usa as palavras para construir seu mundo e sua história. Sua vida discorre nessas práticas, como um laboratório no processo escriturístico<sup>82</sup> que, aos poucos, vão sendo registradas mediante seu recolhimento interior e sua forma de exteriorizar o seu “eu”.

Ao relembrar o lançamento do livro algumas semanas depois, menciona que certas experiências ele optou em não registrar em seus relatos autobiográficos. Em suas palavras: “teve coisa que eu saltei. Era tão humilhante que eu saltei, já é humilhante o que está escrito. Teve coisa que eu saltei porque era humilhante demais.”<sup>83</sup> Esses relatos de memória demonstram algumas estratégias de seleção de escrita do poeta. Costa Leite, com essas palavras, vai além dessa guinada entre o lembrar e o esquecer; ele diz, com ênfase, que deixou de fora lembranças para ele “humilhantes”, as quais não deveriam vir a público. Isso é muito importante ressaltar, na medida em que evidencia alguns dos critérios escriturísticos que presidiram a feitura dessa memória. Não existe a memória íntegra de tudo que ocorreu, muito

---

<sup>79</sup> No tocante a essa noção de experiência narrativa, ver BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. No texto *O narrador: as considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, Benjamin traz a discussão em torno da narrativa e o ato de contar uma história. BENJAMIN, Walter. *O narrador: as considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. p. 197-221.

<sup>80</sup> Ver SCHMIDT, 2012. p. 187-205. p. 199.

<sup>81</sup> SARLO, Beatriz. *O tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007. p. 10.

<sup>82</sup> A ideia de laboratório da escritura e suas estratégias de produção ver em CERTEAU, 2009, p. 205.

<sup>83</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

menos a “ilusão de uma narração totalizante”<sup>84</sup> Como afirma Benjamin, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele ‘foi’, significa apropriar-se de uma reminiscência”.<sup>85</sup>

Por meio da narrativa, o poeta apresenta-se ao mundo, mantém um diálogo subjetivo com suas recordações do passado e suas interpretações. Ele escolhe, seleciona e fragmenta suas memórias. Essas estratégias permitem que nos aproximemos das discussões promovidas por Brigitte Hervot acerca do passado em suas múltiplas dimensões. Segundo ela “o passado não é uma matéria estática que existe em si e por si, mas uma ‘matéria plástica’ que é remodelada segundo a percepção e os impulsos daquele que dela se serve para contar a história de sua vida”.<sup>86</sup>

Para escrever essa autobiografia, Costa Leite precisou seguir um ritmo próprio da escrita, concatenou suas histórias, dando significado às coisas que viveu. Sentou em seu atelier ao lado de sua casa e começou a fazer suas anotações meticulosamente no papel pautado, como faz com os almanaques e folhetos. Primeiro escreveu em prosa essas passagens de sua vida. Depois foi versificando e fazendo uma espécie de triagem dessas anotações,<sup>87</sup> compondo o tecido escriturístico, sendo autor e narrador ressignificando e expondo o que sua experiência permitiu vivenciar. Essas práticas de escrita permitem aproximar-nos das análises tecidas por Lejeune, quando afirma que somos “homens- narrativas”,<sup>88</sup> à medida que narramos, vamos vivenciando os acontecimentos e confundindo-se com o texto escrito.

Ordena sua vida partindo da infância, dos momentos difíceis nas constantes mudanças que realizou nos engenhos de cana-de-açúcar com a família. Descreve os primeiros contatos com os folhetos, xilogravuras e almanaques e culmina com as descrições de seus inúmeros prêmios recebidos ao longo da vida. Interessante que essa ordenação quase linear permite ao autor operar deslocamentos, de tal forma que mergulha e volta no tempo, a todo instante

---

<sup>84</sup> Ver DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo, Edusp, 2009. p.14. Corroborando essas abordagens, Pierre Bourdieu, no seu artigo *A ilusão biográfica*, diz que é insuficiente tentar compreender uma vida sem fazer associações, sem perceber as relações que são estabelecidas entre o sujeito e a vida social. Segundo ele, os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social. Dessa forma, os usos da narrativa historiográfica associada à biografia ou à autobiografia nos remetem a uma experiência de tempo histórico, memória e registro social. A vida é descontínua, justaposta, imprevisível em sua dinâmica temporal. BOURDIEU, 2006. p. 190.

<sup>85</sup> BENJAMIN, 1994b, p. 224.

<sup>86</sup> HERVOT, Brigitte Monique. *Georges Gusdorf e a autobiografia*. *Lettres Françaises*, n. 14 (1), p. 95-110, 2013. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/download/6430/4745>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

<sup>87</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado, 20 mar. 2013.

<sup>88</sup> LEJEUNE, 2014, p. 86.

dialogando com “espaços de experiências” e “horizontes de expectativas”,<sup>89</sup> categorias temporais desse tipo de narrativa autobiográfica. Assim relata o poeta em entrevista acerca dos caminhos que percorreu para compor esses escritos autobiográficos em 2013:

Eu fiz aos poucos. Pensando primeiro eu tomei nota de muita coisa pra ficar no papel em prosa e depois quando ia fazendo fazia um x em cima daquilo que eu passei por cima e teve coisa que lembrei depois ... é tanto que eu lembrei... Tem um negócio que diz: Quero saber que contei / Tudo aquilo que se deu / Se não foi na hora certa / O meu juízo esqueceu / Mas na hora que lembrou-se / Tudo aquilo que passou-se / Minha pena descreveu / Pois foi assim que eu fiz / De acordo a meu estudo / Porque nossa mente é falha / Mas Deus Pai é meu escudo / No decorrer do traçado / O que eu não tinha contado / Me lembrei e contei tudo.<sup>90</sup>

José Costa Leite narra o seu tempo em poesia, denota intimidade com suas lembranças. Escreve sua memória, conta o que lembrou da vida, o que passou e foi possível registrar. A lembrança é incontrolável e soberana. Segundo Andréa Delgado, “a escrita da memória tanto quanto o relato oral autobiográfico constitui um trabalho de invenção de um passado pelo arranjo de múltiplas lembranças dispersas que são cuidadosamente dispostas numa narrativa que confere sentido à trajetória de vida”.<sup>91</sup>

Quando Costa Leite versifica sua vida, apresenta para as pessoas o sentido de sua existência e história, divide sua intimidade, brinca com o tempo que escapa em frações de segundos. Dessa maneira organiza essas lembranças e traça um sentido em que se autorrepresenta, deixando fluir sua memória apresentando para a sociedade seus ditos e feitos. Diante do reconhecimento de seu trabalho por pesquisadores, colecionadores e escritores, o poeta dedica parte de sua escrita para ampliar sua visibilidade, bem como de sua produção, firmando sua identidade poética e profissional por meio da escrita e do espaço literário. Quem é este poeta que se apresenta nessa autobiografia e nos testemunhos orais? De onde veio? Como ingressou nesse ramo da poesia popular?

---

<sup>89</sup> Empregamos as categorias temporais de Koselleck *espaço de experiência e horizonte de expectativa*. O primeiro decorre de um passado atual, que se faz presente nas lembranças, nas rememorações. O segundo é vivenciado no agora, porém, é um tempo futuro que se antecipa em expectativas que vai fracionando-se em algo não experimentado. KOSELLECK, 2006, p. 305-314.

<sup>90</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013. Os versos citados e lembrados pelo poeta estão na autobiografia, p. 182.

<sup>91</sup> DELGADO, 2003, p. 266.

José Costa Leite, é um poeta de bancada,<sup>92</sup> nasceu na cidade de Sapé, Paraíba, em 27 de julho de 1927. Filho de Paulino Costa Leite e Maria Rodrigues dos Santos, fazia parte de uma família de agricultores que trabalhavam no campo para sobreviver e manter seus irmãos. Sua mãe plantava milho, feijão, macaxeira, batata-doce, algodão, além de cuidar da casa, educação e afeto dos filhos. Seu pai era cambista<sup>93</sup> e gostava de passar jogo do bicho na feira e só vinha para o roçado nos fins de semana.

Nessa microrregião, Brejo da Paraíba, na Fazenda Ribeiro, viveu até os 3 anos de idade, quando seus pais se mudaram para Itambé, município da Zona da Mata Norte de Pernambuco, o qual compreendia os distritos de Camutanga, Caricé, Ibiranga e Serrinha. Regiões cercadas pelo verde da cana-de-açúcar, solo massapê vermelho e terra fértil boa para plantar. No distrito de Camutanga, permaneceu até os 10 anos de idade.<sup>94</sup>

Menciona Costa Leite que “de um até dois anos nada tenho para contar”.<sup>95</sup> Suas lembranças desse período de criança foram ditas por seus pais que remontam aos anos 1930, momento difícil acarretado por tensões sociais na política brasileira, uma época de grande escassez na economia.<sup>96</sup> Não encontramos nenhum documento ou qualquer outro registro que mencionasse os motivos dessa migração da família Leite para as terras pernambucanas, nem Costa Leite tem alguma reminiscência sobre essa época. O que podemos pensar é que esses sucessivos deslocamentos em busca de melhores condições de vida e trabalho não foi exclusivo da família Leite. Fazem parte de muitas famílias que no decorrer do seio familiar se vêem obrigados a percorrer fronteiras, cidades e estados com marcas de sofrimentos, saudades, mas também de superação.<sup>97</sup>

Pelos relatos encontrados sobre a vida da família Leite em terras pernambucanas, foi marcada por dificuldades e pobreza. Com pouco dinheiro para sobreviver e comprar comida, o sustento vinha da agricultura de subsistência e a plantação de algodão. Mesmo assim, nunca foram de baixar a cabeça, sempre seu Paulino Leite e Dona Maria dos Santos lutavam para

<sup>92</sup> Expressão utilizada para designar um poeta que senta a uma mesa para escrever poesia.

<sup>93</sup> Cambista, nome dado à pessoa que vive do comércio de troca de mercadorias.

<sup>94</sup> AMORIM, Maria Alice. *Andarilho das tradições*. [2008a]. Disponível em: <[http://www.interpoetica.com/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=112&catid=49](http://www.interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=112&catid=49)>. Acesso em 8 jan. 2015.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>96</sup> Cf. MELLO, Beliza Áurea de Arruda. O ABC de um poeta popular: história de vida de José Costa Leite. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, 2003. p. 2; Ver CABRAL, Geovanni Gomes. Trajetórias biográficas e literatura: histórias do poeta José Costa Leite. In: CAVALCANTI, Ereinaldo; CABRAL, Geovanni (Org.). *A história e suas práticas de escrita: relatos de pesquisa*. Recife: EDUFPE, 2013. p. 69-96.

<sup>97</sup> Ver SILVA, Josué Pereira da. (Org.) *Os filhos de Dona Silva*. São Paulo: Barcarola, 2005 e SIQUEIRA, 2010.

manter a casa e criar seus filhos, conforme relatos da autobiografia. Uma tragédia, no entanto, abateu-se na família mudando de vez o rumo de Costa Leite, dos irmãos e da mãe.

Ainda segundo ele, em 1935, morre seu Paulino Leite, o patriarca da família, no distrito de Camutanga, com aproximadamente 50 anos de idade, vítima de envenenamento, a mando do feitor da Usina Olho d'Água. Segundo Costa Leite, o crime foi motivado por desavenças relacionadas com o jogo do bicho. O feitor fez um jogo com seu Paulino e perdeu; no dia seguinte, alterou a data e quis receber a quantia, já que os números jogados foram sorteados. Por sua vez, buscando vingança, foi até o local onde seu Paulino gostava de tomar café, no município de Serrinha e convenceu uma senhora com seus 70 anos a dar um remédio para ele. Argumentou que ele estava muito doente e não queria tomar o medicamento, e na qualidade de amigo, gostaria de ajudá-lo. Prometeram 20 mil réis pelo favor prestado, que, aliás, nunca pagou. Compadecendo-se da história, assim fez a senhora. Jogou no café o suposto remédio, ele tomou e morreu.<sup>98</sup>

A morte de seu Paulino Leite significou um grande abalo, que se firmou sobre os membros da família. Para sustentar a casa, Costa Leite com apenas 8 anos de idade foi vender chapéus de palha nas feiras livres confeccionados por sua mãe nos fins de semana. Nos demais dias, dedicava-se ao trabalho no roçado. Sobre esse momento, diz o poeta: “E então eu tinha 8 anos fui limpar cana com oito anos de idade, muito trabalho para ganhar mixaria, o que ganhava não dava nem pra comer.”<sup>99</sup> Nessa mesma entrevista Costa Leite relata que seu irmão mais velho ficou como tutor da família:

E então meu irmão ficou como tutor da gente todos, mas não gostava da vida que levava. O negócio dele era viajar de mundo afora até arrumar uma mulher para se casar. Então prejudicou muito a família, fez doze mudanças em dez anos. Eu plantava a rocinha, quando a rocinha estava desse tamanho e já botando macaxeira, ele arrumava outro canto melhor. Outro canto melhor, outro canto melhor, nunca arrumou um sítio que tivesse um pé de jaca, um pé de laranja. Nunca arrumou, e a casa não prestava era uma casa de palha, às vezes, na maioria das vezes, coberta de palha e tapada de palha, e a porta de palha. Só arrumava desse jeito. Até que minha mãe faleceu e cada qual tomou seu destino.<sup>100</sup>

<sup>98</sup> LEITE, 2012, p. 32-33. Ver também essa narração na entrevista de José Costa Leite concedida a Geovanni Cabral em Condado 5 de maio de 2011.

<sup>99</sup> Informação prestada por José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 5 maio 2011.

<sup>100</sup> Informação prestada por José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 5 maio 2011.

É interessante perceber que nessa entrevista Costa Leite apresenta a mesma construção narrativa verificada na autobiografia. O tempo desse relato culmina com o mesmo período no qual ele acabara de escrever “sua vida” para publicação pela Editora Coqueiro em 2011, como já mencionamos. As ideias e os fios narrativos foram fluindo e rememorados, sendo conduzidos pelas ações do presente. O poeta enfatiza e nutre nesse discurso certo “rancor” pelos atropelos causados por seu irmão mais velho e a responsabilidade atribuída a sua pouca idade diante dos irmãos menores. Corroborando Camila Teixeira Lima, não temos como afirmar o porquê dessas constantes andanças percorrendo lugares os mais diversos realizados por seu irmão, mas devemos ressaltar a responsabilidade que este teve em assumir o rumo de sua vida, da mãe e dos irmãos em uma região geograficamente tida como “problema do Brasil”.<sup>101</sup>

Em vários trechos do seu livro, esse cenário é descrito como se fosse uma tatuagem no corpo agarrada à sua memória. Segundo seus relatos, se não fosse essas andanças entre sítios e engenhos, não teria sofrido tanto na vida. Teria tido uma vida melhor com sua família sem sofrimentos e dores. Daí a citação que abre o subtítulo deste tópico “minha vida nunca foi um mar de rosas, foi mar de lágrimas”, palavras proferidas durante entrevista em sua casa na cidade de Condado-PE.<sup>102</sup>

Esse foi o quadro descrito por Costa Leite diante da ausência de seu pai. O falecimento fez com que seu irmão Paulino Filho levassem todos para a Fazenda Caldeirão na Paraíba. De volta a essa região com seus irmãos, José Costa Leite passou a trabalhar também na lavoura de algodão, o que lhe rendia algum lucro no fim do mês. A vida de criança e adolescente confunde-se com o trabalho para sustentar a família, que, somado a tantas outras crianças de sua idade, não teve tempo de brincar e muito menos de estudar. Vejamos alguns versos da autobiografia que demonstram esse momento vivido pela família marcado por lágrimas, dor e necessidades financeiras:

Com a morte do meu pai  
Piorou a nossa vida  
Minha mãe chorou bastante  
Ficou cansada, abatida  
Junto com a filharada

<sup>101</sup> LIMA, Camila Teixeira. *Entre o narrador e o almanaqueiro: o lugar da experiência tradicional na produção do artista popular José Costa Leite*. 2014. 247 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Unicamp, Campinas, SP, 2014.

<sup>102</sup> Informação prestada por José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 5 maio 2011.

Tristonha, desanimada  
Na sua vida sofrida

Com a morte de meu pai  
Com muita pena eu chorei  
Zefinha tinha três anos  
Se ela chorou eu não sei  
E Antonio na verdade  
Com três meses de idade  
Muito tristonho eu fiquei

Ficou a família inteira  
Sem ter alimentação  
E Antonio com seus três meses  
Sem ter leite e sem ter pão  
Se ele pegava a chorar  
Mamãe lhe dava de mamar  
Meu Deus! Que situação!<sup>103</sup>

Suas andanças não pararam no estado da Paraíba. Segundo Costa Leite, chegaram a morar em 12 lugares; a cada engenho de que se aproximavam, construía uma casa de taipa e organizavam algum roçado. Quando estava tudo plantado, pensando em viver daquela terra, o irmão dava a “doideira” e partia para outro local. Essa quantidade de moradias é percebida nas diversas representações xilográficas de casas que talhou para compor o aspecto gráfico de seu livro. Marcas que fazem parte de suas reminiscências. Assim descreve as impressões do irmão Paulino Leite, a quem chama de “cigano”, pelo fato de vagar de um local para outro.

Meu irmão era um cigano  
gostava de se mudar  
às vezes com o feitor  
ele queria brigar  
e saía viajando  
pelo mundo procurando  
outro sítio pra morar<sup>104</sup>  
Isso é só uma parte  
Das ruindades que ele fez  
Prejudicando a todos  
Ficou sem ter vez  
Quem se muda o tempo todo  
Nunca pode criar lodo  
É um ditado francês.<sup>105</sup>

---

<sup>103</sup> LEITE, 2012, p. 34-35.

<sup>104</sup> Ibid., p. 48.

<sup>105</sup> Ibid., p. 65.

Percebe-se que nesses intervalos de mudança ninguém frequentava a escola, o trabalho infantil registrado desde seus 8 anos também se estendeu para seus seis irmãos, que pescavam, plantavam ou procuravam alguma coisa para ajudar nas despesas da casa. O tempo da escola era o tempo do trabalho. A pobreza, as dificuldades sociais abatiam-se sobre seus familiares, era o cotidiano do roçado, da vida rural semelhante a tantas outras famílias que lutavam pela sobrevivência nas zonas rurais deste Brasil. Como afirma “finalmente em minha casa / a vida nunca foi doce/ não se pegava em dinheiro / seja de que jeito fosse”.<sup>106</sup>

Residiram em Varzinha, Jurema, Pedregulhos, Engenho Bonito, Engenho Tabatinga, Engenho Merim, Engenho Pruá e Santa Rita. Aos 18 anos, Costa Leite regressa a Sapé passando a residir no Engenho Sapucaia, um tempo bom para a família, segundo a descrição de Costa Leite em seus relatos. Foi nesse local que conheceu sua primeira namorada, uma jovem que o fez sonhar com o amor. Com relação ao tempo em que permaneceram nas proximidades de Sapé-PB, faz menção aos cajueiros, às castanhas assadas que saciavam sua fome. Vejamos:

Mas Sapé era muito bom. Eu saía nos domingos, aí nos dias de folgas ia pra um lugar onde tinha um engenho abandonado que tinha mais de duzentos pés de caju, o cajueiro aí eu trazia um saco e meio de castanha, espalhava lá no quintal secava a gente comia castanha, pra quem não tinha nada pra comer era muita coisa.<sup>107</sup>

Não conformado com a situação, o irmão deixou o Engenho Sapucaia e partiu para residir no Sítio Jangada, município de Mamanguape na Paraíba. Enfrentaram fome e momentos difíceis, migrando depois para o Engenho Uruaé e Engenho Novo em terras pernambucanas. Residiu em Goiana, veio depois para as terras de Goianinha (atual Condado), saiu por dois anos e depois retornou, onde permanece na sua residência fixa com a família, desde 1955 (Figura 8), e nunca mais se mudou. Relata o poeta “eu não quero fazer tanta mudança como ele fez”.<sup>108</sup> Não quis repetir a trajetória do irmão “com espírito de cigano”, procurou fazer sua vida sem precisar ficar migrando de um local para o outro.

---

<sup>106</sup> LEITE, 2012, p. 53.

<sup>107</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 5 maio 2011.

<sup>108</sup> Ibid.

Figura 8 – Imagem da localização do município de Condado-PE



Fonte: Andrade (2003).<sup>109</sup>

Foi nesse cenário de Mata Norte, cercada por plantações de cana-de-açúcar e engenhos, em que enveredou José Costa Leite e sua família. Não se deixou vencer pelas circunstâncias e desafios da vida, muito menos rejeitou trabalho que pudesse trazer-lhe algum sustento. Diz que quando morava no município de Cruz de Rebouças-PE, “saía com o bauzinho na cabeça com a matraca na mão pá, pá, pá, pá, pá, pá, dar o sinal que ia passando um mascate”.<sup>110</sup> Além dessa atividade, foi cambista, camelô, cassaco de usina, pescador e agricultor. Na pesquisa de Camila Teixeira Lima, Costa Leite lhe encaminhou uma carta datada de 28 de maio de 2014 explicando alguns desses trabalhos que exerceu: “cambista é quem anda passando jogo do bicho, camelô quando vendia garrafadas na feira contra dores de cabeça, juntas e ferimentos, e ele mesmo preparava, mascate vendedor de miudezas e cassaco é o trabalhador de usina”.<sup>111</sup> Nenhuma dessas atividades exercidas entre os 13 e 16 anos, por mais pesadas que fossem, impediram sua força de vontade de conseguir algo melhor na vida. Seus caminhos e práticas culturais possibilitaram várias escolhas.<sup>112</sup>

Sua mãe faleceu em 1947, desarticulando-se mais uma vez sua família. Com o óbito de Dona Maria dos Santos, seus irmãos trilharam caminhos diferentes, reordenando o núcleo

<sup>109</sup> ANDRADE, Manoel Correia de. *Atlas escolar de Pernambuco*. João Pessoa: Grafset, 2003.

<sup>110</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 5 maio 2011.

<sup>111</sup> Ver LEITE apud LIMA, 2014, p. 33. AMORIM, Maria Alice. *Literatura de cordel: tradição e contemporaneidade*. Recife: Ed. Folha de Pernambuco, 2010a. p. 72. AMORIM, Maria Alice. Folheto de feira, a literatura do povo. *Continente Documento*, Recife, v.1, n. 6, p. 20-39, jan. 2003. p. 36.

<sup>112</sup> AMORIM, Maria Alice. A voz da poesia da tradição. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 jul. 2007. Caderno Viver, p. 5. Ver LEITE, 2012, p. 117.

familiar. Esse episódio marcou de vez a separação dos irmãos, cada um seguiu o próprio rumo. Aos 20 anos, José Costa Leite, aproveitando as possibilidades e janelas da vida, enveredou pelas estradas que o levou à poesia e publicação de folhetos anos depois. Paralelo a essa atividade, ainda permaneceu com seu roçado de inhame, que lhe rendia algum complemento financeiro por mês. Não quis seguir o exemplo do irmão, sem paradeiro, sem plantar raízes; por onde passava, queria sim “criar lodo sem fazer mudanças”. Menciona que “Daqui por diante eu vou / Falar sobre poesia / Falar de xilogravura / De CD, de cantoria / De trabalho, de roçado / De repente improvisado / E também de Astrologia”.<sup>113</sup> Seguindo os caminhos da vida, em 6 de maio de 1957, casou com Severina Maria de Almeida, no civil e no religioso, que o acompanha até os dias atuais. Não teve filhos, adotou uma garota, dando-lhe o nome de Zorilene que lhe deu dois netos, um deles mora em sua casa e o chama de pai.<sup>114</sup>

### **1.3 Eu aprendi a fazer**<sup>115</sup>

Durante suas andanças pelas feiras do interior do estado de Pernambuco e Paraíba, entre as décadas de 1940 e 1950, Costa Leite conviveu com muitos poetas que declamavam seus versos em praça pública, feiras, mercados com suas maletas<sup>116</sup> cheias de histórias engraçadas, de bravuras, de amor, sofrimento, padre Cícero, Lampião e tantas outras registradas nos folhetos de cordel. Foi no intervalo do roçado de inhame onde trabalhava, ao cair da tarde ou na hora do descanso, que, de tanto ouvir aqueles gracejos nas feiras na companhia de seu pai ou negociando alguma mercadoria, começou a recitar suas histórias “traçando sua vida no cordel”. Sua memória favorecia as regras da escrita, as vozes dos poetas se faziam presentes auxiliando na feitura de suas estrofes. Segundo seus relatos:

---

<sup>113</sup> AMORIM, 2012, p.117.

<sup>114</sup> Com relação a essa filha de criação, encontramos referência nos manuscritos de Liêdo Maranhão no momento em que Costa Leite descrevia dados biográficos de sua trajetória na Praça do Mercado de São José, mais precisamente na barraca de Edson Pinto. Essa barraca era um local de convergência de muitos poetas que levavam seus folhetos para serem distribuídos. Liêdo realizou durante a década de 1970 um conjunto de entrevistas e anotações acerca das práticas culturais de poetas, feirantes, prostitutas, etc. Foram anotações em cadernos de capa dura, uma espécie de diário em total de 27 volumes com cerca de 200 páginas cada, que ele enumera e denomina de livro. SOUZA, 1971, 31 maio, p. 59. Casa Memória Popular Liêdo Maranhão.

<sup>115</sup> Fragmentos da autobiografia. LEITE, 2012, p. 154-155.

<sup>116</sup> Nem sempre o cordelista ao chegar à feira tinha um espaço para pendurar seus folhetos. Eles geralmente eram vendidos em maletas apoiados em um tripé ou em um banco de feira. Também se refere aos que “vivem nas feiras cantando os folhetos de sua criação ou dos outros”. SOUZA, 1971.

Eu lendo folheto de Nequinho e Jandira e às vezes trabalhando no roçado ou no serviço mesmo, cortando e limpando... conta de cana aí pegava a cantar, aí dizia: eu faço um verso desse também. Aí fiz era um verso que dizia assim: ‘O musa casta divina que ao poeta inspira / Daí-me força e pensamento fortificai minha lira/ Que vou contar o romance de Nequina com Jandira’ Aí eu pensando comigo dizia eu faço um negócio desse também: ‘Santo Deus Pai poderoso fortalecei minha lira/ Pra eu contar uma história que o povo se admira/ a coragem de Renato e o amor de Elvira’ já não era mais Nequinho e Jandira’ e assim fui notando que tinha veia poética.<sup>117</sup>

Histórias iam surgindo, em plena lavoura do inhame ou limpando cana-de-açúcar nos engenhos. Seus versos fluíam à medida que se aproximava da leitura e escrita dos folhetos. Para o cordelista, essa facilidade no versejar está associada ao que ele denomina de “veia poética”, em outras palavras afirma que a “poesia é um dom”, algo divino, “a minha inspiração é Deus que me dá”.<sup>118</sup>

Sabemos que as formas escriturais e poéticas desses impressos facilitavam a memorização e nesse recorte temporal entre as décadas de 1950 a 1970 existia um ambiente que favorecia a propagação dessas histórias. A leitura em voz alta com os amigos funcionava como importante meio de socialização. Em entrevista à pesquisadora Déserbais Maryaline, Costa Leite reafirma o texto acima quando menciona: “Acontece que não existe nenhum aprendizado para ser poeta de cordel, o poeta não se faz, ele já nasce sendo poeta. Na maioria das vezes, eles são semianalfabetos.”<sup>119</sup>

Essa construção discursiva acerca do “dom poético” não é uma singularidade de Costa Leite. Outros poetas, como Patativa do Assaré, em depoimentos ao Jornal O Globo, corroboram essa prática. Em suas palavras: “É um rio de versos, é um pensamento penetrante que a gente não sabe explicar direito. É um dom, e sobre ele quem sabe falar é Deus.”<sup>120</sup> Percebemos que há entre os poetas algum consenso sobre o indivíduo que, para escrever poesia, precisa de certa inspiração divina. Nesse caso, não associam suas práticas culturais, suas experiências de vida que vão desde a escolha do tema, passando pela escrita e publicação. O poeta se constitui em seu cotidiano. A palavra e a escrita emergem do social,

<sup>117</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 5 maio 2011.

<sup>118</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 8 fev. 2012. Sobre a discussão acerca desse dom poético, ver ARANTES, Antonio Augusto. *O trabalho e a fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel*. Campinas, SP: Kairós/Funcamp, 1982. p.38-39.

<sup>119</sup> MARYALINE, Déserbais. *Tristão e Iseut ou O amor na literatura de cordel*. Tese (Licenciatura) – Faculdade de Letras e Linguagens da Universidade de Poitiers, Poitiers, França, 2002. Entrevista localizada na introdução sem paginação.

<sup>120</sup> LINS, Letícia. O canto do sertão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 jul 2000. Prosa e Verso, p. 1.

da coletividade constituindo uma construção histórica entrelaçada por meio da memória e imaginação.

Descreve na autobiografia que chegou a juntar uns trocados da venda de peixe seco, caranguejo e sururu que havia apurado na feira de Igarassu. Ganhou no jogo do bicho e na primeira oportunidade que teve comprou miudezas e depois uns cordéis no Mercado de São José,<sup>121</sup> para vender. A partir desse momento, foi associando sua vida no roçado com a escrita e venda de folheto. A princípio ainda não dava para ficar apenas nesse segmento, o ganho era pouco.<sup>122</sup>

Percebendo que a venda e a procura desses impressos nas feiras proporcionava um lucro maior que suas plantações, Costa Leite não perdeu tempo, deixou de vez as atividades ligadas à agricultura. Além de ser uma atividade cansativa, sentia-se bastante explorado diante dos valores arrecadados quando ia negociar seus balaios de inhame com os comerciantes. Dessa forma, partiu para a escrita de seus cordéis. Em entrevista, descreve esses momentos iniciais do seu contato com os folhetos, inclusive ri quando no início pôs o nome de romance a um folheto de oito páginas, quando a denominação de romances está associada a folhetos de 24 a 32 páginas. Leiamos:

Aí peguei fui para o Recife comprei tudo de miudeza, mais bijotéria... Aí eu peguei vender, mas sempre pensando nos cordéis. Um dia comprei uns cordéis e botava também pra vender o pessoal – ah! Tem folheto também? Naquele tempo ninguém chamava cordel, chamava folheto. Aí peguei vender. Aí um dia eu comprei, arrumei um dinheiro, comprei uns cordéis. A primeira feira que eu fui ferear foi a Usina São José, lá foi aonde eu peguei a prática, mas lia com a mão assim tremendo [faz os gestos], aí botei a vergonha fora, peguei os primeiros folhetos que eu fiz, foi Eduardo e Alzira, de oito páginas e eu botei o nome de Romance de Eduardo e Alzira, romance de oito páginas! [Risos] e a Discussão de José Costa com Manoel Vicente. Manoel Vicente era um senhor de idade que vendia folheto. Ele engolia as palavras todinha, ele num olhava nem pro papel, inventava e cantava, a história feia ficava bonita, com ele aí eu fiz a Discussão de José Costa com Manoel Vicente.<sup>123</sup>

<sup>121</sup> O Mercado de São José desponta no cenário da poesia de folheto como um dos poucos espaços no Recife, precisamente no bairro de São José, onde os poetas se aglomeravam para declamar e vender suas poesias. Não foi à toa que ficou conhecida como Meca do Cordel, uma alusão as peregrinações que os muçulmanos fazem para a cidade sagrada de Meca na Árabia. Para mais informações sobre o Mercado de São José, ver o trabalho de GUILLEN, Isabel Cristina M.; GRILLO, Maria Ângela de Faria; FARIAS, Rosilene. *Mercado de São José: memória e história*. Recife: Iphan/Fadurpe, 2010. SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O Mercado, sua praça e a cultura popular do Nordeste: homenagem ao centenário do Mercado de São José 1875-1975*. Recife: Prefeitura Municipal, 1977.

<sup>122</sup> AMORIM, [2008a].

<sup>123</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 5 maio 2011.

Seu relato sobre essa fase inicial em que envereda no ramo da poesia nos aponta vários indícios dessa dinâmica de leituras, entre ouvintes e consumidores. A começar pelo nome do impresso que as pessoas chamam de folheto, e não cordel. De fato, o termo *literatura de cordel* torna-se habitual só na década de 1970 quando pesquisadores das universidades voltam seu olhar para esse tipo literatura. Até então, alguns jornais que circulavam nos centros urbanos, o convívio entre os poetas e pessoas nas feiras atribuíam nomes diversificados a esses impressos de poucas páginas, tipo livretos, romances, jornal do matuto, livrinhos de feira, etc.<sup>124</sup> Outra informação é que o local escolhido por Costa Leite para vender os folhetos adquiridos no Recife foi a feira nas proximidades da Usina São José.

A feira despontava nesse período como espaço de grande circulação de pessoas e mercadorias. Muitos frequentavam para fazer suas compras e conversar com os amigos. Como menciona Raul Lima no Jornal Diário de Notícias: “A feira é a súpula da vida no interior [...] Ela é a síntese de todo um complexo sociológico intensamente rico de faces e aspectos a registrar e apreciar.”<sup>125</sup> Os poetas gostavam desse cenário de encontros, pois chegavam e “faziam suas rodas”<sup>126</sup> para declamar suas histórias e no fim quase sempre conseguiam vender uma boa quantidade desses livretos. Um período rico e fecundo em que as feiras de todo o Nordeste e Sudeste eram agraciadas por violeiros e declamadores de folhetos; parava-se para ouvir e ver as entoações e recitais desses poetas da voz.

Foi na feira, nesse “espaço da voz e da poesia”, que Costa Leite perdeu a vergonha de falar em público; com as mãos trêmulas segurando o folheto, olhos fixos na leitura declamava seus versos. Era uma manhã de domingo, as pessoas na roda escutavam atentamente em meio aos diversos sons que emergiam da feira.<sup>127</sup> Assim, adquiriu prática, experiência e coragem, elementos salutareos em sua trajetória. Como menciona Beatriz Sarlo, “a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado”.

128

<sup>124</sup> Acerca desse debate em torno do conceito atribuído a este livro, ver ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. p.17-18. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012. p. 702. SLATER, 1984. SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Classificação popular da literatura de cordel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976. CURRAN, Mark J. *A literatura de cordel*. Recife: EDUFPE, 1973.

<sup>125</sup> LIMA, Raul. Feiras do Nordeste. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 ago. 1952. Disponível em: <[http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID\\_Secao=62](http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=62)>. Acesso em: 10 jan. 2015.

<sup>126</sup> Fazer Roda é gíria de poeta, significa dizer “ler o folheto em voz alta ou cantando para fazer sua propaganda”. SOUZA, 1971, 5 set.

<sup>127</sup> Entrevista de José Costa Leite concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

<sup>128</sup> SARLO, 2007, p. 24.

Na autobiografia, também faz menção às práticas de leitura que realizava antes de ir para a feira, onde tinha vergonha de entoar a poesia. Conta que em casa, ao ler o folheto, tinha uma boa entonação, mas que para o espaço da feira precisava ter uma loa (cantiga) melhor. Uma passagem importante porque relativiza as inúmeras alusões a um saber/talento inato, a um dom, que muitas vezes é reivindicado, conforme vimos. Leiamos esses fragmentos:

Naquele tempo o cordel  
Era muito mais aceito  
Eu sabia cantar em casa  
Porém não sabia achava jeito  
De ler na feira cantado  
Eu era meio acanhado  
Me faltava garra e peito

Porque em casa eu cantava  
Numa boa entoação  
Porém pra cantar na feira  
Exigia mais ação  
Tinha de ter melhor loa  
Com uma toada boa  
Pra enfrentar o povão

A timidez era devido  
Ao lugar que fui criado  
Limpendo cana nos engenhos  
Cheio de grude e suado  
Para na feira ir cantar  
Precisava ser treinado.<sup>129</sup>

Aos 20 anos de idade, em 1947, José Costa Leite começou vendendo na feira histórias de outros cordelistas, como José Martins de Ataíde, João José, histórias de Manoel Camilo dos Santos, Severino Borges Silva e Luiz Gomes Lumerque. Conta: “Já escrevia alguma coisa, mas não tinha condições de publicar. Me interessei pela literatura de cordel ainda menino, lendo folhetos [...]”<sup>130</sup> Escreveu seus primeiros folhetos, intitulados *Eduardo e Alzira – uma história de amor*, em referência a um envolvimento amoroso que teve com Neuzia que o traiu, e *Discussão de José Costa Leite com Manuel Vicente*, onde Costa dizia ‘se

<sup>129</sup> LEITE, 2012, p. 126-127.

<sup>130</sup> LEITE, José Costa. Entrevista com o poeta popular, xilógrafo e editor de cordel José Costa Leite. *Revista Singular*, 17 jan. 2000. Concedida a Arievaldo Viana, Juazeiro do Norte, CE. Disponível em: <<http://maladeromances.blogspot.com.br/2016/01/entrevista-jose-costa-leite.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

casar perco a vida’ e Manoel respondia ‘eu morro e não caso mais’. Escrita tímida, mas encorajada pelo desejo de recitar e criar suas histórias.<sup>131</sup>

Dessa forma, a cada dia, novas histórias eram produzidas, cultivadas,<sup>132</sup> versadas e imaginadas visando atender um público consumidor, leitor e ouvinte desses impressos. Cabe ressaltar que a produção desses folhetos não constitui algo isolado, muito pelo contrário, articula-se com traços culturais, históricos e sociais. Desponta, assim, um cordelista que nunca frequentou uma escola, aprendeu a ler nas andanças com seu pai nas feiras livres e praças, ouvindo histórias de folhetos e poetas que recitavam versos nas peregrinações pelo Nordeste.

Nos seus relatos, afirma, “eu aprendi com o cordel, eu assistindo o poeta na feira cantando. Eu decorava o cordel sem saber ler, aí comprava o livro e lia”.<sup>133</sup> O folheto que escutou e facilitou sua memorização foi de José Pacheco da Rocha, *A chegada de Lampião ao inferno*. As estrofes e rimas facilitavam a memorização que, por meio de associação das palavras, Costa Leite inseria-se no universo do mundo letrado, ocupando cada vez mais espaço e definindo sua poesia com rima, enredo, oração e metrificação. Assim versifica:

A vida de Costa Leite  
É escrever poesia  
Em livros ou cordel  
Com rima doce e sadia  
Com enredo e oração  
E boa metrificação  
Que todo mundo aprecia.<sup>134</sup>

Não tomemos isso como algo singular ou genial na vida do poeta; muito outros aprenderam a recitar e escrever seus folhetos de tanto frequentar as feiras livres ouvindo cordelistas e violeiros, como João Martins de Athayde, João Melchíades Ferreira da Silva e Manuel Caboclo e Silva.<sup>135</sup> Os poemas provocavam alegria, mexiam com sentimentos e despertavam curiosidades em seus leitores/ouvintes, diziam que “os versos declamados são

<sup>131</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011. Ver AMORIM, 2007, p. 5; MELO, 2003.

<sup>132</sup> Gíria de poeta significa conseguir escrever folheto. Ver SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno Manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 12 maio 1975. p. 30.

<sup>133</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 21 ago. 2013.

<sup>134</sup> LEITE, 2012, p.138.

<sup>135</sup> GRILLO, 2005, p. 54-67.

bonitos e fazem esquecer as tristezas da vida”.<sup>136</sup> Segundo Ana Maria Galvão, “a dimensão estética e literária das histórias, ou seja, o fato de os poemas provocarem prazer e emoção aparece como ponto principal para a maior fruição do objeto de leitura.”<sup>137</sup> Nesse contexto podemos pensar que a leitura versificada, audição e socialização desses folhetos constituem elementos facilitadores nessa dinâmica de aprendizagem mediante as relações entre oralidade, memorização e práticas de letramento.<sup>138</sup>

Sua arte não cessou na versificação de folhetos. Percebendo que precisava ilustrar a capa de seus cordéis, não tardou em pegar um pedaço de madeira e talhar seus primeiros desenhos.<sup>139</sup> Sentiu necessidade porque dois anos antes havia enviado seu primeiro folheto para a gráfica com uma fotografia na intenção de estampar a capa desse impresso. Por desconhecer a maquinaria dessa produção, o livro de oito páginas foi entregue sem o chichê e a fotografia escolhida foi devolvida. Percebeu que não era a gráfica que se encarregava de fazer a arte final da impressão, e sim os cordelistas. Não teve demora, buscou os caminhos que o levassem à aprendizagem dessa técnica ilustrativa.

Nessas andanças pela feira de Goiana-PE, conheceu o poeta Ailton Francisco da Silva,<sup>140</sup> de Carpina-PE, mas conhecido como Inácio Carioca, com o qual apenas observando sua forma de riscar a madeira aprendeu a fazer xilogravuras.<sup>141</sup> Relata Costa Leite que pediu para esse amigo produzir algumas matrizes para ilustrar a capa de seus folhetos *Valfrido e Dulcinéia, O príncipe Roldão e Lídia, Rogaciano e Dorotéia, Narciso e Iracema*. Fez o

<sup>136</sup> DANTAS, Audálio. Enquanto os fazendeiros exibem Zebus, o povo de Goiânia faz a "festa pecuária". *Folha da Noite*, 11 jun. 1954, n. 9.923, p. 1. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdn/1954/06/11/>. Acesso em: 3 nov. 2015.

<sup>137</sup> GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Folhetos de cordel: experiências de leitores/ouvintes 1930-1950. In: APARECIDA, Paiva, et al. (Org.). *Literatura e letramento: espaços suportes e interfaces: o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica; Fortaleza: FAC, 2003. p. 92. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leituras de cordel em meados do século XX: oralidade, memória e a mediação do outro. In: ABREU, Marta; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras/ABL; São Paulo: Fapesp, 2005. p. 369-397.

<sup>138</sup> Práticas de letramento utilizadas aqui no sentido empregado por Ana Maria Galvão em suas pesquisas que consistem nas experiências vivenciadas entre a escrita e os impressos.

<sup>139</sup> Sobre as ilustrações na capa dos folhetos, ver: CABRAL, Geovanni Gomes. Folheto de cordel, história e escrita: possibilidades de leituras. In: CAVALCANTI, Erinaldo; CABRAL, Geovanni (Org.) *A história e suas práticas de escrita: narrativas e documentos*. Recife: EDUFPE, 2014. p. 137-164. SOUZA, 1981.

<sup>140</sup> Ailton Francisco Silva, cantador e poeta de bancada, nascido em Carpina-PE em 22 de fevereiro de 1932, utilizava o cognome Inácio Carioca ou Poeta Carioca. Informações em ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1990, p. 426.

<sup>141</sup> Para outras informações, ver FRANKLIN, 2007. LOPES, José Ribamar (Org.). *Literatura de cordel: antologia*. Fortaleza: BNB, 1982. COSTELLA, Antonio Fernando. *Xilogravura: manual prático*. Campos do Jordão, SP: Ed. Mantiqueira, 1986. COSTELLA, Antonio. *Breve história ilustrada da xilogravura*. Campos do Jordão, SP: Ed. Mantiqueira, 2003.

pagamento e, analisando as peças talhadas entre o baixo e alto relevo, verificou que também poderia fazer facilitando sua vida em suas publicações.<sup>142</sup>

O fato ocorreu em 1949, quando aprendeu a fazer xilogravura por si mesmo. Suas duas primeiras matrizes foram criadas para compor a capa de dois folhetos de sua autoria: *O rapaz que virou bode* (Figura 9) e *A peleja de Costa Leite e a poetisa baiana*<sup>143</sup> (Figura 10).

Figura 9 – Xilogravura de José Costa Leite para o folheto *O rapaz que virou bode*



Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro, 1973.

<sup>142</sup> LEITE, 2012, p. 133-134. Ver também SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno Manuscrito* n.º 2. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 31 maio 1973. Informações cedidas pelo poeta José Costa Leite na Praça do Mercado de São José, na barraca de Edson Pinto, no Recife.

<sup>143</sup> AMORIM, 2010a, p. 72. Ver também AMORIM, [2008a].

Figura 10 – Xilogravura de José Costa Leite para o folheto *A peleja de Costa Leite com a poetisa baiana*



Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro.

Processo semelhante de aprendizagem se deu com o amigo João Antonio de Barros, conhecido por J. Barros,<sup>144</sup> que aprendeu a fazer suas matrizes e xilogravuras observando os trabalhos de José Costa Leite, adquirindo aos poucos sua especificidade artística no riscar da madeira.<sup>145</sup> Todo folheto produzido e encaminhado para as tipografias seguiam agora com as ilustrações de Costa Leite, não poupava detalhes, cortava a madeira criando e representando aspectos da vida e sua imaginação.

<sup>144</sup> João Antonio de Barros, poeta de bancada, cantador e xilógrafo. Nasceu no município de Glória do Goitá-PE em 24/07/1935. Ingressou no ramo da cantoria em 1957. Informações de ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1990, p. 69.

<sup>145</sup> Ver SOUZA, 1971.

Na década de 1950, escreveu dois almanaques<sup>146</sup> no estilo de cordel,<sup>147</sup> porém não continuou a publicá-los tendo em vista que outros almanaques circulavam nas feiras da região chamando a atenção dos leitores, agricultores e compradores. Como exemplo, o *Almanaque do Nordeste* de Vicente Vitorino de Melo, o *Almanaque o Nordeste Brasileiro* de Manoel Luiz dos Santos e o *Almanaque o Juízo do Ano* de Manoel Caboclo e Silva. Costa Leite não se intimidou diante dos colegas de feira. Procurou verificar como eram feitos esses livros, com conselhos, datas de festas, orientações para o homem do campo e signos do zodíaco. Essa observação foi importante porque os almanaques que estavam circulando nas feiras eram diferentes do estilo produzido na década de 1950 pelo poeta. Percebeu entre os almanaqueiros que esses livros tinham como base matricial o *Lunário e prognóstico perpétuo*,<sup>148</sup> um livro escrito por Jerônimo Cortez na Espanha e adaptado para o português em 1703, contendo orientações sobre plantações, eclipses, astronomia, santos do dia, etc.

Como guia escriturístico dos almanaqueiros e “esteio fundamental”, nas palavras de Ruth Almeida,<sup>149</sup> Costa Leite adquiriu um exemplar e escreveu seu primeiro almanaque em 1959 com previsões para 1960. Assim o fez. Intitulou seu primeiro número de *Calendário Brasileiro*. Dessa data em diante, todos os anos vem publicando seu almanaque articulando sua experiência com as práticas culturais que viveu entre a feira, agricultura e suas andanças pelo interior e capitais do Nordeste.

Tendo as feiras livres como palco para divulgação de seus folhetos e seus almanaques, Costa Leite fez propaganda por onde andou soltando a sua voz, cantando e encantando. Percorreu o interior do Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia e cercanias limítrofes entre a Paraíba e Pernambuco. Hoje, por conta da idade que não ajuda muito a carregar o peso das mercadorias e das dificuldades de vendagem, ele vai à Feira de Itambé apenas uma vez por

---

<sup>146</sup> Almanagues são impressos confeccionados, na sua maioria, por cordelistas que têm como objetivo orientar o homem do campo. Surgem no contexto das publicações dos folhetos de cordel, não como concorrentes, mas como uma publicação que vem somar a renda do escritor. Em seu corpo textual, contém ensinamentos de astrologia, calendário, festas, e profecias realizadas pelos próprios autores, fruto de suas leituras e experiências no lidar com o tempo e a vida. Para mais informações sobre almanaques, ver NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. O almanaqueiro Costa Leite. In: LEITE, José Costa. *A vida da minha vida: uma autobiografia de José Costa Leite*. Prefácio de Ariano Suassuna. Recife: Ed. Coqueiro, 2012. p. 3-31. NOGUEIRA, 2008. ALMEIDA, 1981. MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

<sup>147</sup> Não encontramos exemplares desses primeiros almanaques do poeta nas instituições pesquisadas e acervos particulares. Localizamos o *Almanaque do Nordeste Brasileiro* para o ano de 1956 de Manoel Luiz dos Santos escrito no formato de cordel que nos aproximam da ideia de como Costa Leite escrevia o dele. Ver SANTOS, Manoel Luiz. *Almanaque do Nordeste Brasileiro para o ano de 1956*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em: 10 out. 2015.

<sup>148</sup> CORTEZ, Jeronymo. *Lunário e prognóstico perpétuo*. Lisboa: Lello Editores, 2004.

<sup>149</sup> ALMEIDA, 1981, p. 67.

semana ou de quinze em quinze dias com a ideia na cabeça de que “poesia é uma arte que se vende em toda parte”. É na segunda-feira que sua voz rouca e cansada anuncia alguns títulos de sua autoria e de outros poetas, dispostos em seu banco de madeira articulado na feira (Figura 11).

Figura 11 – José Costa Leite lendo um folheto na Feira de Itambé



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral, 14 nov. 2013.

Tendo um local já reservado para expor seus livros, ele mandou fazer uma espécie de tripé articulado de madeira, onde carrega todas as vezes que segue para vender folhetos. Quando chega ao pátio da feira, lentamente Costa Leite organiza sua bancada e espalha as diversas histórias de capas coloridas que chamam a atenção de parte dos transeuntes pelo local. No início da tarde desarma, amarra o banco, empacota os folhetos e traz de volta para casa. Algo que se tornou rotineiro em sua vida percorrendo esses espaços de compras que se mantêm no interior de muitos estados brasileiros.

José Costa Leite seduz e encanta os leitores e ouvintes pela forma como verseja poesia e história, fabulando versos que representam e imprimem por meio da palavra escrita sua visão de mundo e de vida. Deixa fluir uma sensibilidade que o faz caminhar por entre mundos reais e fantásticos. Seu olhar poético se apropria das coisas que estão à sua volta, retratando o Brasil e seu povo, criando e recriando histórias. Nas palavras de Antonio Celso Ferreira, essa criação poética “está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de

espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem”.<sup>150</sup>

Vale salientar que essa produção cordeliana e artística de Costa Leite com suas representações não são algo neutro. Nelas estão impressos valores morais, intenções de produção e estratégias de interesses de mercado, tendo em vista que se vê como profissional e seu trabalho tem um valor monetário. As práticas culturais e as apropriações do cotidiano estão em um campo de possibilidades de escolhas e desejos. O que queremos mencionar é que nos trabalhos de Costa Leite, bem como de outros poetas, não existe a ideia de uma produção que desponte sem interesses. Subsistem apropriações, escolhas e intenções mercadológicas que se legitimam em sua feitura, como menciona Roger Chartier:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.<sup>151</sup>

O interessante é que Costa Leite se faz compreender pela forma como constrói seus versos, talha sua madeira e escreve seu almanaque. Imprime sua memória, tece palavras que vão agrupando-se, resignificando, assumindo um lugar literário/artístico próprio, apropriando-se, a cada produção, de um campo fecundo que o faz transitar por caminhos diversos desde a escrita dos folhetos às matrizes xilográficas. Analisando o aparato documental desta pesquisa, percebemos que as produções desse poeta podem ser relacionadas com premiações, publicações e exposições, atividades que se complementam no tocante à experiência, legitimação e reconhecimento de sua obra.

Por conta de suas inúmeras publicações entre 1950 e 1975, Costa Leite foi homenageado em Campina Grande-PB, em 1976, recebendo o prêmio Leandro Gomes de Barros pela Universidade Regional do Nordeste, patrocinado pela Cande Indústria S/A e Indústria e Comércio José Carlos S/A, no valor de 6 mil cruzeiros. Foi o segundo poeta a receber esse título. O primeiro foi entregue a Manoel Camilo dos Santos em 1975 na mesma

---

<sup>150</sup> FERREIRA, Antonio Celso. Literatura. In: PINSKY, Carla Bassanezzi; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 67.

<sup>151</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002c. p. 17.

cidade.<sup>152</sup> Em 1994, também Costa Leite recebeu um prêmio no valor de 10 mil reais na Torre Malakoff, no Recife-PE, associado à sua produção.

Em 2006, com seus 79 anos, recebeu o título de Patrimônio Vivo da Cultura Pernambucana, por sua contribuição no campo da literatura de folhetos e xilogravuras, de acordo com a Lei n.º 12.196 e Decreto n.º 27.503/2004.<sup>153</sup> Passou a compor, com José Francisco Borges e José Soares da Silva (Dila), que receberam o título em 2005, os três nomes da expressão cordeliana de nosso estado. Essa premiação lhe rendeu várias homenagens; uma delas foi a Flicordel Porto, I Festa Literária do Brasil, dedicada exclusivamente ao cordel e homenageando os patrimônios vivos dessa literatura, entre os dias 24 e 28 de agosto de 2010, com o tema Cordel Riqueza e Diversidade Cultural.<sup>154</sup> No tocante às publicações de álbuns e livros em sua trajetória, podemos relacionar:

1. O álbum *Xilogravuras de José Costa Leite*, coleção organizada por Evandro Rabello e Vital Fernandes, Recife, 1968.
2. O álbum *20 Xilogravuras de José Costa Leite*, organizado por Evandro Rabello e Vital Fernandes com apresentação de Ariano Suassuna, 1970, editado pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) e colaboração do Museu de Arte Popular.
3. O álbum *Transporte na zona canavieira*, vinte e uma xilogravuras de José Costa Leite, publicado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, em 1972, com apresentação de Mário Souto Maior.
4. O álbum *Xilografia*, poemas de Marcus Accioly gravados por José Costa Leite, publicado em 1974, pela Companhia Editora de Pernambuco, que lançou uma segunda edição em 2006.
5. Em 1974, xilogravou e escreveu o álbum *Um passeio a São Saruê*, editado pela Fundação Casa das Crianças de Olinda-PE, com edição limitada de 300 exemplares. Não foi uma edição de luxo como verificamos em outras publicações.
6. Em 1976, o colecionador de artes Ranulpho Albuquerque selecionou 12 trabalhos de xilógrafos, inclusive de Costa Leite e editou um luxuoso álbum intitulado *Doze*

---

<sup>152</sup> ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1990, p. 213. Para mais informações sobre o poeta Manoel Camilo, ver SANTOS, Manoel Camilo dos. *Autobiografia do poeta*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 1979. Na autobiografia, José Costa Leite menciona o ano de 1975 como a data que recebeu o prêmio Leandro de Gomes de Barros; já no dicionário de Átila e no site da Fundação Casa de Rui Barbosa, menciona o ano de 1976.

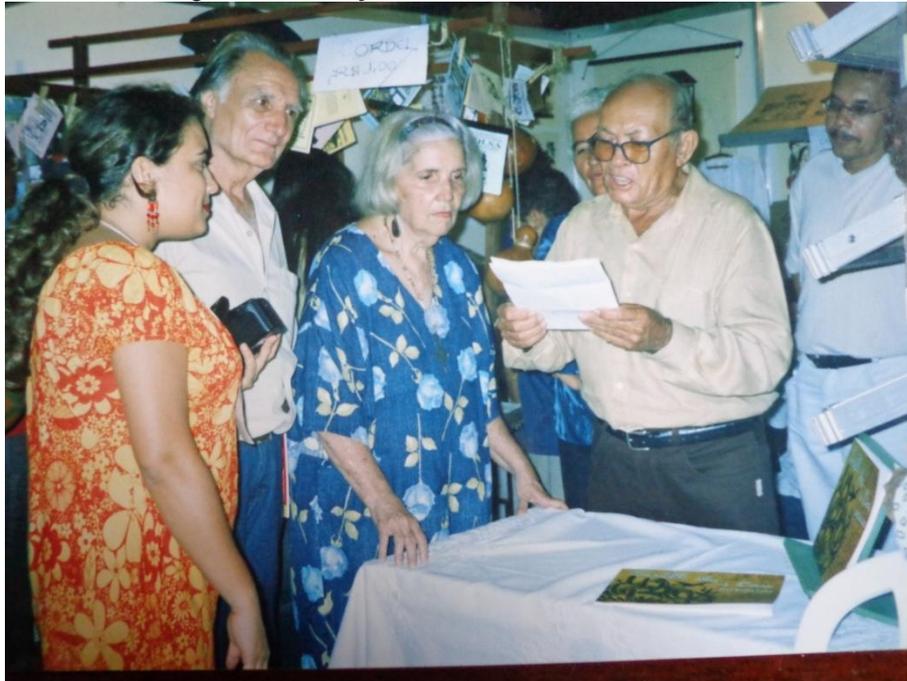
<sup>153</sup> FUNDARPE, 2011, p. 98-99. Ver também AMORIM, 2010a.

<sup>154</sup> Informações no folder do evento. Acervo de Geovanni Gomes Cabral.

Gravadores Populares, pela Guarabira Editora de Arte Ltda., com apresentação de Francisco Brennand.

7. Em 1977, a Fundação Casa de Rui Barbosa, publicou *Xilógrafos nordestinos*, com apresentação de Homero Senna. Nesse álbum reuniu vários nomes da xilogravura nordestina. Além de compor esse grupo de gravurista, sua xilogravura *O Lobisomem da Paraíba* foi escolhida para ilustrar a capa do álbum.
8. No mesmo ano, 1977, gravou o álbum *Viagem a São Saruê*, escrito por Manoel Camilo dos Santos, editado pela Fundação Casa das Crianças de Olinda-PE.
9. Publicou em 1996 o álbum *Via-Sacra-Coleção* de José Costa Leite, pela Livraria Cordel, localizada no Pátio de São Pedro, Recife. As xilogravuras desse álbum são as mesmas que foram doadas por Giuseppe Baccaro, em 1980, à Pinacoteca do Estado de São Paulo e ao Museu do Folclore-RJ.
10. Publicou outro álbum com temas da Via-Sacra incluindo texto e 15 novas xilogravuras das estações, editado pela Editora Coqueiro, sem data de impressão.
11. Publicou em 2003, o livro *Sertão nu e cru*, com prefácio do marchand Giuseppe Baccaro, ilustrado com 23 xilogravuras que retratam a vida dura e difícil do povo nordestino castigado pela seca e sofrimentos no sertão (Figura 12).

Figura 12 – Lançamento do livro *Sertão Nu e Cru*

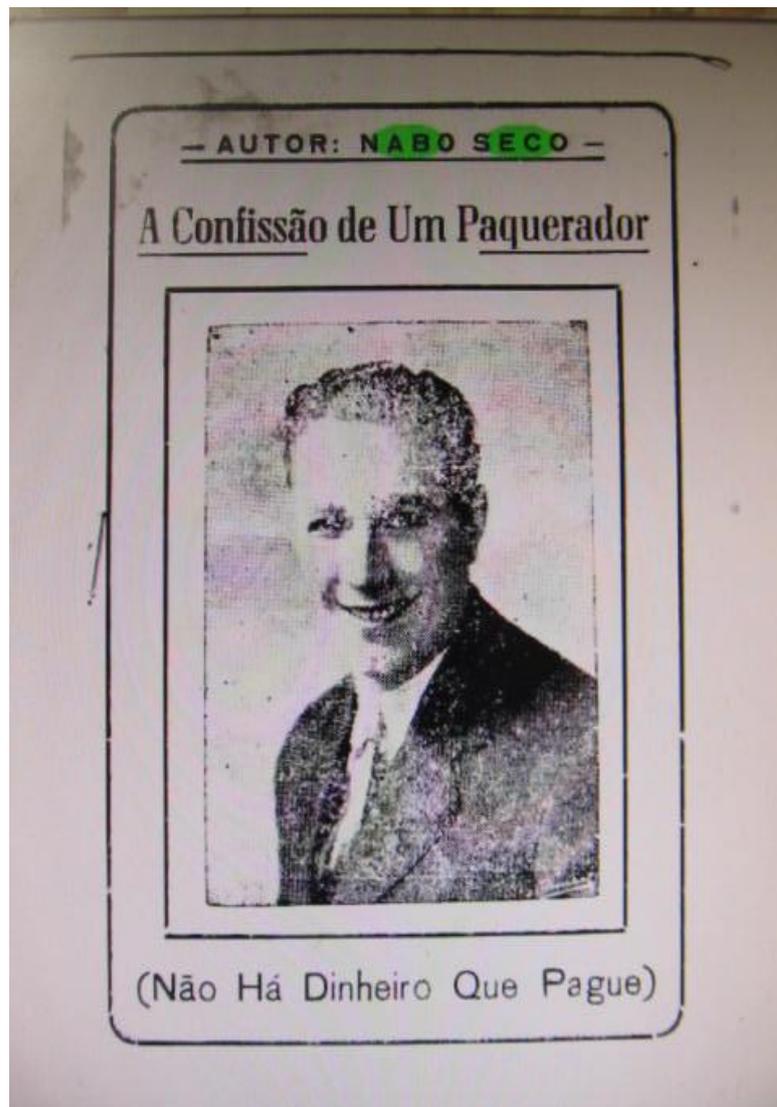


Fonte: Acervo José Costa Leite, Recife.

Da direita para a esquerda, José Costa Leite, Sílvia Coimbra, Baccaro e Ana Ferraz, 2003.

12. Em 2007, a Editora Coqueiro editou o livro *ABC da sacanagem*, prefaciado por Marcus Accioly, uma coletânea de versos eróticos em homenagem aos 80 anos do poeta. Quando foram escritos, na década de 1970, esses versos eram lidos nas feiras com os pseudônimos que o poeta criou para suas histórias, como Nabo Seco, por exemplo, escolhido para o folheto *A confissão de um paquerador* (Figura 13).

Figura 13 – Capa do folheto de José Costa Leite com o pseudônimo de “Nabo Seco”



Fonte: Museu do Folclore, Biblioteca Amadeu Amaral, Rio de Janeiro

Também eram encontrados o H. Romeu e H. Renato. Esses folhetos e suas leituras em praça pública passaram por diversas perseguições de fiscais da prefeitura

alegando que era um “atentado à moral”,<sup>155</sup> por isso o uso dos pseudônimos pelo poeta, passando esses impressos a circular na clandestinidade. Sua circulação se fazia entre poetas e amigos que saíam adquirindo esses exemplares para serem lidos em rodas longe dos fiscais. Os comerciantes do Mercado de São José, por exemplo, gostavam de ouvir essas histórias junto desses poetas. Em nota de abertura do livro *ABC da Sacanagem*, Costa Leite explica ao leitor que não pretendia desmoralizar ou difamar ninguém com essa publicação, apenas proporcionar certa “dose de humor” para “esquentar o clima da humanidade carente”. Vejamos a nota de abertura:

Este livro não foi escrito no intuito de difamar ou desmoralizar a ninguém. E mui especialmente aos homens do poder e da justiça. Ele foi escrito para ser destinado aos homens, que na realidade, sabem talvez, muito mais do que está escrito em suas páginas. Nesse livro ficou apenas mais engraçado pelo sabor das rimas. Estamos vivendo num tempo tão perigoso que não se pode mais rir, com tanto roubo, crime, sequestro, impunidade, violência, desumanidade, falta de respeito e de amor ao próximo, injustiça, insegurança e prostituição. Soldado virando bandido, bandido virando soldado, filho matando a mãe, a mãe matando seu filho, o pai desvirginando a filha. Uma verdadeira Gomorra, que Deus tenha piedade de nós. Para tirar do pensamento do povo, tanta coisa ruim que tem acontecido, resolvi publicar essa coletânea de versos eróticos, só para adultos, com uma dose de humor e sexualidade para esquentar o clima da humanidade carente, sofrida e sacrificada que já não tem mais lágrimas nos olhos para chorar e que nunca mais sentiu o prazer de rir. Dar-me-ei por bem pago se com os meus versos eu tenha alcançado o meu objetivo.<sup>156</sup>

13. Em 2013, lançou a autobiografia, um registro de suas memórias, na qual, por meio dos versos, descreve a trajetória de sua vida com a família Leite.

Mediante suas publicações, sua vida foi marcada por diversas exposições no Brasil e no exterior à medida que seu trabalho ganhava as ruas e o reconhecimento do público e do meio artístico. Dentre essas movimentações no campo cultural, conseguimos registrar os seguintes eventos de que Costa Leite participou com sua produção:

---

<sup>155</sup> Informações sobre a perseguição de fiscais nas feiras, ver NORDESTE: a poesia e o canto de sua gente. *O Globo*, 5 dez. 1975, Caderno Cultura, edição matutina, p. 29. Disponível em : <http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=literatura+de+cordel> . Acesso em: 10 set. 2015. O CAMINHO difícil do prelo à feira. *O Globo*, 5 nov. 1975. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=literatura+de+cordel>> . Acesso em: 10 set. 2015.

<sup>156</sup> LEITE, José Costa. *ABC da sacanagem*. Recife, Ed. Coqueiro, 2007. p. 5.

1. Exposição *Grabados Populares del Nordeste Brasileño*, ocorreu no *Museo Contemporaneo*, Madri-Espanha, em 1962.
2. Mostra do Redescobrimento: arte popular, São Paulo, 2000; nessa foram expostas xilogravuras produzidas na década de 1970.
3. Exposição em Brasília, Homenagem ao Dia da Bandeira em 1973. Nessa escreveu o folheto *A Feira de Caruaru* para se apresentar, com tiragem de 5 mil exemplares promovido pelo Governo do Estado de Pernambuco. Viajou a Brasília com a família com tudo pago, um cachê de C\$ 500,00 cruzeiros.
4. *Exposição Popular Woodcuts from the Northeast* (Exposição de Xilogravuras populares do Nordeste), na Arte Gallery of the Brazilian- American Cultural Institute, February 6-14, Washington, 1976.
5. *I Congresso Nacional de Literatura de Cordel*, realizado entre os dias 14-16 de março de 1980 no Pavilhão de São Cristóvão, Rio de Janeiro.
6. *A Xilogravura Popular e a Literatura de Cordel*, realizada na Fundação Casa Rui Barbosa-RJ, 1985.
7. Em 2002, participou da Exposição na Torre Malakoff, Recife-PE, que lhe rendeu um prêmio de R\$ 10.000,00 (dez mil reais).
8. *Exposição Arte do Cordel*, promovida pela Fundação Cultural do Distrito Federal e pela Galeria Ranulpho do Recife em Brasília, 1974. Foram apresentados trabalhos de Expedito Sebastião da Silva, Inocêncio da Costa Nick, José Costa Leite, José Francisco Borges e José Soares da Silva (Dila). A mesma exposição aportou em São Paulo e no Rio de Janeiro no mesmo ano na Petite Galerie com 105 peças expostas.
9. IX Fenart (Feira de Arte) entre os dias 1 a 9 de novembro de 2003, em João Pessoa-PB com suas xilogravuras.
10. Em 2005, foi convidado para ir à França participar da exposição de xilogravuras no Musée du Dessin et de l'Estampe Originale, na Ville de Gravelines, com o objetivo de ministrar uma oficina de xilogravura, participando das festividades do ano do Brasil na França. Seu nome foi tema de debate no Colóquio Internacional entre os dias 24 e 26 de outubro do mesmo ano, pelos professores Idelete Muzart Fonseca dos Santos e Everardo Ramos, do qual resultou o livro *Du marché au marchand: la gravure populaire brésilienne*. Nessa oficina produziu 14 xilogravuras em um curto período de vinte dias em que esteve na cidade de

Gravelines. Costa Leite vê essa exposição, com sua ida a Paris, como reconhecimento por seu talento artístico.<sup>157</sup>

11. Exposição *100 anos de Xilogravura na Literatura de Cordel*, Palácio Central, Brasília-DF, 2007.
12. Exposição *O Universo do Cordel*, realizada pelo Instituto Cultural Banco Real, no período de 11 de junho a 10 de agosto, Recife-PE, 2008.
13. Participou do 7.º Festival Recifense de Literatura entre os dias 16-23 de agosto de 2009.
14. *Exposição Estação Cabo Branco*, em João Pessoa-PB, expôs 280 folhetos em 2010.
15. Participou da V Semana PPLP, promovida pelo Programa de Pesquisa em Literatura Popular da Universidade Federal da Paraíba, entre os dias 8 e 12 de novembro de 2012.
16. *XII Salão de Artesanato Paraibano: mãos de Chita*. Realizado em Campina Grande-PB entre os dias 4 e 27 de junho de 2010, onde expôs xilogravuras.
17. *Exposição Xilogravura Nordestina: trajetória e evolução*, realizada com o apoio do Memorial da Cultura Cearense no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza-CE 2011.
18. *Exposição Teia de Cordéis* no Museu de Arte Popular do Recife-PE, entre 16 de março e 27 de maio de 2011. Foram expostos folhetos da coleção de Maria Alice Amorim e Arnaldo Saraiva.

Em 2005, ano em que esteve na França, publicou-se uma antologia denominada *Charlemagne, Lampião & Autres bandits: histories populaires brésiliennes*,<sup>158</sup> na qual participou com as xilogravuras produzidas para o folheto de Manoel Camilo dos Santos, *Viagem a São Saruê*. Nas diversas visitas que fizemos à casa do poeta, ele nos presenteou com uma publicação de 1995, editado em língua inglesa, o *Brazilian Popular Prints* (Gravuras populares brasileiras), neste encontramos várias xilogravuras de Costa Leite

<sup>157</sup> LEITE, 2012, p. 142-144. Nessas páginas da autobiografia, José Costa Leite fez questão de escrever em 7 estrofes a importância que essa viagem teve para sua vida profissional e reconhecimento de artista e poeta.

<sup>158</sup> MOREAU, Annick; LEMOS, Anne-Marie (Colab.). *Charlemagne, Lampião & Autres bandits: histories populaires brésiliennes: texte et xylogravures de cordel*. Paris: Chandeigne, 2005. (Collection Lusitane).

encomendadas para capa dos folhetos de Bernardino de Sena, Dila e Apolônio Alves dos Santos.<sup>159</sup>

Mesmo com essas 18 indicações mencionadas do poeta José Costa Leite entre folhetos, matrizes e xilogravuras, não conseguimos dar conta de todos os eventos de que participou e das homenagens que recebeu. Nem pretendemos, tendo em vista que a vida desse poeta é permeada de encontros e convites. Por exemplo, em carta enviada à pesquisadora Camila Teixeira Lima, em outubro de 2013,<sup>160</sup> ressalta que participou de mesa-redonda com Ariano Suassuna e a professora Idelette Muzart-Fonseca, em 2007 na Paraíba. Integrou também exposição em Garanhuns-PE, encontro na Livraria Cultura e homenagem na XII Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Fenearte), 2011, no Centro de Convenções de Pernambuco.

Podemos ainda mencionar que acompanhamos o poeta na 9.<sup>a</sup> Feira do Livro em Mossoró-RN, onde, além de expor seus folhetos com a Editora Coqueiro, foi convidado a ministrar uma oficina de xilogravura e uma palestra sobre a arte da xilogravura. Participamos dessa oficina e registramos as atividades desenvolvidas nesse evento que veio somar ao *corpus* documental desta tese no que se refere à técnica e experiência do poeta em lidar com suas práticas culturais.

A pesquisa nos indicou três locais onde as xilogravuras de Costa Leite fazem parte de exposições permanentes podendo ser visualizadas por turistas, estudantes e pesquisadores. Tem xilogravuras expostas no Museu da Xilogravura em Campos do Jordão-SP, que, segundo as informações do diretor Antonio F. Costella, constam em seu acervo dez xilogravuras, nove datadas de 2003 e uma sem data específica. Todas sem título, e ainda duas matrizes xilográficas.<sup>161</sup> A Pinacoteca do Estado de São Paulo tem 17 xilogravuras adquiridas em 1980, mediante doação de Giuseppe Baccaro.<sup>162</sup> Ao ar livre, encontramos uma pintura mural, a xilogravura *Cavalo marinho*, que desenhou para a parte lateral do auditório da Estação Cabo Branco em João Pessoa-PB. O poeta fez uma xilogravura, por encomenda do prefeito de João Pessoa em 2008, com personagens do cavalo marinho que foi pintado com tinta óleo, na cor

---

<sup>159</sup> DINNEEN, Mark. *Brazilian Popular Prints*. Foreword by Ana Miranda. London: Redstone Press, 1995.

<sup>160</sup> Cf. LIMA, 2014, p. 58.

<sup>161</sup> Informações prestadas pelo diretor-geral do Museu da Xilogravura, Antonio Fernando Costella, via-email recebido por geocabral22@gmail.com, 24 jul. 2015.

<sup>162</sup> Cf. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Acervo artístico de José Costa Leite. Disponível em: <<http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=J&cd=3120>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

preta e fundo amarelo, pelos artistas plásticos Percy Fragoso e Wilson Figueiredo, medindo 3,5 de altura x 17,50 m de comprimento (Figura 14).

Figura 14 – Xilogravura de José Costa Leite para a Estação Cabo Branco-PB



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

O que podemos perceber nesses encontros e exposições é que cada um dos espaços por onde transitou só fez legitimar sua criação artística reconhecendo seu valor como autor de folhetos, xilogravuras e almanaques. Costa Leite fazia questão de participar e estabelecer laços de amizade nesses eventos visando propagar seu nome e seu trabalho. Na verdade, o que registramos nessa trajetória é que, gradativamente, o nome do poeta se fazia presente nos circuitos culturais, desde as primeiras publicações de folhetos e álbuns de xilogravuras até a autobiografia. Costa Leite, na autobiografia,<sup>163</sup> descreve passagens que denotam seu olhar acerca dessa sua movimentação artística em torno de seus trabalhos produzidos. Reconhece que cada uma dessas ações dava uma guinada, um pulo em sua profissão.

<sup>163</sup> LEITE, 2012, p. 148-151. v. 2

No ano de 2007  
 Graças a Deus, fui lembrado,  
 Do Prêmio Patrimônio Vivo.  
 Eu fui também contemplado  
 Graças a Deus fui feliz  
 A felicidade me quis  
 [...]  
 Com cordel e xilogravura  
 O meu nome foi lembrado  
 E um dinheirinho a mais  
 Me deixou desapertado.  
 Ajudando o meu ofício  
 Agradeço a Deus Amado.

Agora em 2008  
 Vendi para Prefeitura  
 Da capital João Pessoa  
 Uma bela xilogravura  
 Para Estação Cabo Branco  
 Um Cavalo Marinho, franco  
 Foi transformado em pintura.  
 [...]  
 Vi meu nome gravado  
 Em TV e nos jornais  
 E o meu nome cresceu  
 Até em outras capitais  
 Minha xilo foi a França  
 Suíça, e mais esperança  
 Para os dias atuais  
 [...]  
 Isso para mim foi um pulo  
 Em minha arte popular  
 Um aumento em meu valor  
 E na arte de versejar  
 Um bálsamo suavizante  
 Que toda hora ou instante  
 Se ouve o povo falar

Graças a Deus foi um marco  
 Sobre minha profissão  
 Em cordel e xilogravura  
 Me dando mais animação  
 No meu progresso carente  
 Sem ver vitória na frente  
 Mas vem de Deus proteção.

Empolgado com os folhetos e histórias declamadas nas feiras e praças, José Costa Leite foi convidado a lançar um disco vinil e se aventurou no meio da indústria fonográfica. Percebendo o mercado publicitário e a procura dos ouvintes por esse tipo de mídia musical, selecionou as melhores histórias utilizando como critério, os folhetos de que as pessoas mais

gostavam de ouvir nas feiras e partiu para a gravação. Estrategicamente, escolheu as que mais foram vendidas na década de 1970. Ao todo, chegou a gravar três LPs, em um período em que o Brasil despontava como o quinto maior consumidor de discos do mundo, ilustrados com xilogravuras que ele utilizou na capa dos folhetos. É interessante perceber como esse poeta é estratégico e profissional; quando o assunto é direcionado para o lado comercial, não perdia oportunidade de ganhar dinheiro. O primeiro LP, *Cordel, a poesia do Nordeste*, foi gravado no estúdio do Conservatório Pernambucano de Música em 1977, tendo como produtor fonográfico Discos Continental (Figura 15).<sup>164</sup>

Figura 15 – Capa do primeiro vinil de José Costa Leite: *Cordel: a poesia do Nordeste*



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral, 1977.

A capa ilustrada com seis xilogravuras do autor, as mesmas utilizadas para ilustrar a capa dos folhetos dessas histórias. Na contracapa, encontramos a distribuição das faixas musicais, 4 para o lado A e B, respectivamente informações técnicas e um texto do jornalista

<sup>164</sup> LEITE, José Costa. *Cordel: a poesia do Nordeste*. Vinil, LP, Álbum. São Paulo: Gravadora Continental, 1977. v. 1.

Ricardo Noblat destacando aspectos da trajetória desse poeta e suas conquistas com a venda de folhetos.

As histórias escolhidas para compor esse primeiro trabalho foram: Lado A: *ABC do cachaceiro*, *A véia debaixo da cama e a perna cabeluda*, *Tudo é desgosto na vida*, *A mensagem de Jesus ou o Sermão da Montanha*. Lado B: *A voz de Frei Damião*, *É melhor morrer solteiro do que casar hoje em dia*, *Os Dez Mandamentos*, *O Pai-Nosso e o Credo dos cachaceiros* e *A Santificação*, *A oração e a profecia do Padre Cícero*.

O segundo disco vinil foi intitulado, simplesmente, *Cordel*, gravado também no estúdio do Conservatório Pernambucano de Música em 1979, pelo mesmo produtor fonográfico, Discos Continental.<sup>165</sup> Seguindo o *design* do primeiro, sua capa foi ilustrada com cinco xilogravuras do autor (Figura 16).

Figura 16 – Capa do segundo vinil de José Costa Leite: *A Choradeira do Casado*



Fonte: Acervo Fundaj, Recife, 1979.

Na contracapa, está a distribuição das faixas musicais com 6 músicas, três em cada lado e a ficha técnica. Para compor esse LP, Costa Leite escolheu as seguintes poesias seguindo orientação da gravadora: Lado A: *A choradeira do casado*, *O satanás reclamando a*

<sup>165</sup> LEITE, José Costa. *Cordel: a choradeira do casado*. Vinil, LP. São Paulo: Gravadora Continental, 1979. v. 2. Lado A, faixa 1.

*corrupção de hoje em dia, O Frei Damião sonhou com o Padre Cícero Romão. Lado B: Não há quem saiba entender o coração de uma mulher, Beijo de mulher bonita e carinho da mulher feia, O homem gosta de mulher e mulher gosta de dinheiro.*

Em conversa com Liêdo Maranhão, no Mercado de São José, sentado em uma barraca de comida, Costa Leite falou sobre esse disco relatando a exigência da gravadora:

Faça uns folhetos de gracejo, que o povo goste, atual, que não seja imoral. Tem duas firmas diferentes que cada uma quer fazer um disco meu. Do primeiro que eu fiz, eu já ganhei 19 mil cruzeiros. Foi bom, porque não foi nem dois dias de trabalho direito. Foi bom porque eu deixei de vender originais a seu Baccaro porque ele só quer comprar muito barato.<sup>166</sup>

Com essas palavras, podemos analisar que a escolha das poesias para compor esse segundo disco foi determinado pela gravadora Continental, que solicitou histórias de gracejos<sup>167</sup> que não fossem imorais. Ao que parece, a seleção das músicas do primeiro vinil também seguiu essas determinações. Tal pedido relaciona-se com as estratégias de mercado; os folhetos de gracejos tinham maior procura nas feiras, por se tratar de uma narrativa engraçada, que as pessoas gostavam de ouvir, rir e comprar, e, gravadas, facilitaria a vendagem do produto. Folhetos imorais afastariam o público consumidor, e o disco perderia seu valor comercial.

Conforme Costa Leite, compor para um vinil foi mais lucrativo que vender folhetos para Baccaro, que estava comprando os originais muito barato. Com dois dias de trabalho, menciona que ganhou 19 mil cruzeiros das vendas do primeiro disco. Interessante perceber nessa descrição que existia outra gravadora que estava interessada em suas histórias, mas não localizamos o nome. Ao que tudo indica, esse tipo de vinil com folhetos gravados tinha uma boa aceitação no mercado do cordel.

No terceiro e último LP, Costa Leite continuou gravando no Conservatório Pernambucano de Música. Dessa vez, teve como produtor fonográfico a Memória Fonográfica Comercial Ltda. Foi gravado em setembro de 1981 e lançado no comércio em 1982. Na capa principal, em vez de distribuir as xilogravuras das histórias escolhidas, o poeta desponta com

<sup>166</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno Manuscrito n.º 15*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 20 abr. 1978. p. 96.

<sup>167</sup> Sobre histórias de gracejos, ver CURRAN, Mark. *Retrato do Brasil em cordel*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011. p.188-191.

uma ilustração que dá nome a esse trabalho, *Tem alguém sendo chifrado*,<sup>168</sup> em letras maiúsculas localizadas na parte superior do vinil (Figura 17). Temática que o acompanha em muitos de seus folhetos; na parte inferior, aparece o nome *Literatura de Cordel*, uma forma de chamar a atenção do público de que se trata de um disco com canções relacionadas com o cordel.

Figura 17 – Capa do terceiro vinil de José Costa Leite: *Tem alguém sendo chifrado*



Fonte: Acervo José Maria, PE, 1982.

Na contracapa, estão 8 faixas distribuídas; são 4 em cada lado, e uma foto de Costa Leite com o violeiro Manoel Miguel, registrada no momento da gravação (Figura 18). Chama nossa atenção nessa imagem a maneira como o poeta está segurando o folheto, muito semelhante como fazia na feira na hora de propagação e leitura dos versos.

Para esse disco, foram selecionados para o Lado A: *Sertão, Folclore e cordel, A boiada sertaneja, O pobre homem caipora e o Dr. Sabe-tudo; Quem não bebe também morre,*

<sup>168</sup> LEITE, José Costa. *Tem alguém sendo chifrado*. Vinil, LP. São Paulo: Memória Fonográfica Comercial Ltda, 1982.

*é melhor morrer bebendo*, e o Lado B: *Ela partiu eu fiquei*, *Tem alguém sendo chifrado*, *A origem e os milagres da cachaça*, *Na beira-mar é assim*. Encontramos ainda no acervo fonográfico de José Maria<sup>169</sup> um amigo do poeta, uma participação de Costa Leite no vinil *De repente*,<sup>170</sup> uma coletânea reunindo repentistas, entre eles Geraldo Mouzinho e Cachimbino, Heleno de Oliveira, Severino Damião e Beija-Flor e Oliveira, os quais são mencionados na capa como “os maiores repentistas do Brasil”. Costa participa com a letra “É melhor morrer solteiro do que casar hoje em dia”.

Figura 18 – Imagem da contracapa do LP *Tem alguém sendo chifrado*



Fonte: Acervo José Maria-PE, 2015.

Diante das mudanças tecnológicas e observando o mercado consumidor, percebeu que o vinil não tinha mais aquela procura nas feiras. Outro suporte midiático, o CD, estava ocupando esse espaço. Medindo 12 cm de diâmetro, se comparado com o disco vinil que

<sup>169</sup> Escritor, compositor e colecionador de vinil, residente no bairro de Casa Forte.

<sup>170</sup> LEITE, José Costa. É melhor morrer solteiro do que casar hoje em dia. In: DE REPENTE!: os maiores repentistas do Brasil. Vinil, LP, Álbum Rio de Janeiro: Gravações Elétricas, 1986. Faixa 5.

media em torno de 31 cm de diâmetro, esse disco compacto reproduzido em aparelhos de som com leitura a laser começou a fazer sucesso no fim da década de 1980 no Brasil. Não tardou para que as lojas e consumidores deixassem de lado o LP com seus ruídos e abraçassem o som limpo e digital. É nesse contexto da chegada dessas mídias nas feiras, nos bancos e praças que Costa Leite reuniu mais uma vez velhas e novas histórias de folhetos e soltando a voz no estúdio e gravando dois CDs.

O primeiro utilizou para a capa uma xilogravura de uma mulher dando um beijo no rapaz, a mesma que usou para ilustrar a capa do LP em 1979, com o título *Cordel José Costa Leite* acompanhado com os versos “Não há como entender o coração da mulher”. Reuniu 14 sucessos entre eles *ABC do cachaceiro* e *Os dez mandamentos do cachaceiro*, sucesso de público quando declamava folhetos nas feiras na década de 1970.

O segundo chegou ao mercado com o título *Um pedaço do Nordeste*. Sua capa veio estampada com uma xilogravura com desenhos de cangaceiros. Na parte superior, os seguintes dizeres, “21 Sucessos de José Costa Leite, Patrimônio Vivo de Pernambuco”. Palavras que reforçam a importância do CD diante do título que recebeu do Governo do Estado em 2006. Ambos não foram gravados e digitalizados em grandes empresas. Costa Leite utilizou um pequeno estúdio no Recife, do qual não tem recordações do nome da empresa e muito menos sua localização (Figura 19).

Figura 19 – CDs gravados por José Costa Leite



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral, 2013.

## 1.4 Outros Costas

Diante dessa trajetória, encontramos admiradores, curiosos e pesquisadores que voltaram suas lentes para a obra do poeta José Costa Leite. Sua produção artística é importante para compreendermos a dinâmica e as práticas culturais acerca dessa circulação de folhetos, publicações e impressos nas feiras livres do Nordeste. As impressões ditas e escritas trazem e destacam um poeta criativo e admirado em seu ofício. Enfatiza-se que essas informações foram escritas e partilhadas com finalidades e estratégias que remontam a prefácio de livros, reportagens de jornais e trabalhos acadêmicos. Por exemplo, o livro *Patrimônios vivos de Pernambuco*, organizado por Alice Amorim,<sup>171</sup> reúne vários artistas e poetas em suas referidas homenagens, mas os textos biográficos foram realizados por encomendas, com o objetivo de registrar certa imagem e memória dos artistas neles relacionados.

Não queremos dizer, com isso, que eles não tenham seus méritos, mas os textos seguem padrões mercadológicos e revelam intenções e escolhas. As palavras ditas seguem uma ordem estabelecida. Na verdade, revela o que o Estado na sua lei instituída deseja ler e ouvir sobre esses personagens registrados como Patrimônios Vivos da cultura pernambucana, porque um dos critérios de análise para integrar essa lista é a relevância do trabalho desenvolvido por esses artistas em prol da cultura de Pernambuco.<sup>172</sup>

No endereço eletrônico da Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, José Costa Leite,<sup>173</sup> aparece segundo critérios classificatórios da instituição, como integrante da segunda geração de cordelistas, cuja produção inicia-se em 1920-1930 e mantém-se até os dias atuais. Encontram-se inseridos nesse grupo João Martins de Ataíde, Manuel Camilo dos Santos, José Pacheco, Manuel Pereira Sobrinho, João Ferreira Lima, Minelvino Francisco Silva, Dila, José João dos Santos (Azulão), Raimundo de Santa Helena, Rodolfo Coelho Cavalcanti, Manoel d'Almeida Filho e Francisco Sales Arêda.

---

<sup>171</sup> AMORIM, 2010a.

<sup>172</sup> ACSELRAD, Maria. *O patrimônio vivo em questão: uma perspectiva comparada das experiências de registro de pessoas e grupos culturais*. Recife: Fundarpe, 2010. p. 93. Vale salientar que as escolhas de um membro para o Patrimônio Vivo seguem uma série de exigências que ele deverá atender para ser contemplado. Como pré-requisitos, podemos citar: estar vivo, ser brasileiro, ser residente há mais de vinte anos em Pernambuco, ter comprovada atuação cultural, estar em atividade, estar capacitado a transmitir seu conhecimento a alunos ou aprendizes.

<sup>173</sup> RAMOS, Everardo. *Biografia de José Costa Leite*. [2009?] Disponível em: <[www.casaruibarbosa.gov.br/josecostaleite](http://www.casaruibarbosa.gov.br/josecostaleite)>. Acesso em: 10 de jan. 2015.

Destaca-se uma pequena biografia escrita pelo professor Everardo Ramos e uma relação de folhetos publicados, que chama a atenção ao citar o nome de *folhetos clássicos* da produção de Costa Leite como *A carta misteriosa do Padre Cícero Romão Batista*, *O dicionário do amor*, *Os dez mandamentos*, *O Pai Nosso e o credo dos cachaceiros*. Foram esses folhetos que fizeram sucesso na década de 1970, levando, além de grandes tiragens editoriais, a serem também selecionados e gravados em disco vinil e CDs, como vimos.

Giuseppe Baccaro, prefaciando o livro *Sertão nu e cru* em 2003,<sup>174</sup> de autoria de José Costa Leite, enfatiza seu vínculo de amizade e admiração pelo poeta, o que tem reciprocidade quando Costa descreve na autobiografia que “Baccaro é gente boa/ lhe tenho muita afeição/ trinta anos mais ou menos/ eu fiz negociação/ com ele, assim numa boa/ e por ser boa pessoa/ tenho ele como irmão”.<sup>175</sup> Nessas palavras Costa Leite menciona que tem boa afeição pelo *marchand* e o considera como irmão, mas indica que o elo estabelecido nessa amizade foi por conta das negociações comerciais com a venda dos originais de folhetos e xilogravuras durante as décadas de 1970 e 1980.

Baccaro tece elogios à sua forma de escrever e riscar a madeira, os quais não vem por acaso, convém salientar. Durante anos, talhou diversas chapas de imburanas e cedros a pedido desse *marchand*, que lhe ditava as temáticas voltadas para as paisagens do Nordeste e suas práticas culturais. Selecionamos um trecho do prefácio desse livro, que também se encontra na autobiografia, inserido como estratégia de legitimação e vendagem chamando a atenção do leitor.

Sua visão é total: como os versos na página branca, assim ele faz nascer, na chapa de Imburana ou cedro, imagens essenciais de suas andanças interioranas. Vive inspirado, de caneta e goiva na mão. Folhetos e xilos surgem assim aos milhares. Ver ele escrevendo um cordel ou desenhando uma chapa é experiência que não têm paralelo no mundo dito erudito, onde se faz e desfaz, para tentar de novo. Nele não há espera entre ideias e ação; e poesia e gravura parecem surgir de uma única imagem; visões complementares que expressam a totalidade deste povo e desta terra, que vive há séculos o castigo da catividade, mas onde nascem homens de gênio como Costa Leite. De nada que ele escreve e grava pode se tirar uma palavra, um traço... Eis um artista “preto no branco”, no sentido mais literal do termo. Todas as cores nascem daí, quando ele canta e grava a vida e os sonhos de sua gente.<sup>176</sup>

<sup>174</sup> LEITE, José Costa. *Sertão nu e cru*. Prefácio de Giuseppe Baccaro. Recife: Ed. Coqueiro, 2003.

<sup>175</sup> LEITE, 2012, p.147.

<sup>176</sup> BACCARO, Giuseppe. Prefácio. In: LEITE, José Costa. *Sertão nu e cru*. Recife: Ed. Coqueiro, 2003.

No catálogo de 1976, organizado por Costa Leite, o poeta menciona que comercializou 23 folhetos de 8 páginas, 20 de 16 páginas, 1 de 32 páginas e 9 de 16 páginas com a Fundação Casa das Crianças em Olinda-PE, além de 200 xilogravuras.<sup>177</sup> Ricardo Noblat, no texto da contracapa do vinil de 1977, *Cordel: a poesia do Nordeste*, gravado por Costa, fez uma crítica à comercialização dessas obras e seus ínfimos preços, possibilitando perceber que, por trás de todo esse aparato elogioso, existem os interesses que norteiam a compra e venda desses folhetos e matrizes em uma dinâmica mercadológica.<sup>178</sup> Vejamos o que Noblat escreveu:

É bem verdade que, para isso tem sido obrigado a vender os direitos autorais de dezenas de seus folhetos, publicados ou inéditos, a um marchand de nome Giuseppe Baccaro, de Olinda que lhe paga muito pouco por isso e lhe dirige a criação, lhe imprimindo temas para histórias. Ou então matrizes de xilogravura, encomendada por Baccaro, que também lhe impõem os motivos.<sup>179</sup>

Não concordamos com as palavras de Noblat acerca da ideia de ter sido obrigado a vender os direitos autorais. As relações se permitiam nesse mercado de arte entre o *marchand* e o poeta. Um talhava a madeira e vendia seus direitos autorais, outro negociava em galerias no Brasil e exterior faturando com as inúmeras impressões que essas matrizes proporcionavam. Não existia ingenuidade ou ares de bondade nessas relações. Assim como J. Borges trabalhou exclusivo para a Galeria de Ranulpho,<sup>180</sup> Costa Leite, praticamente estabeleceu o mesmo na Fundação Casa das Crianças de Olinda, com Baccaro.

Outro que apresenta Costa Leite no tocante à sua produção é Marcus Accioly, poeta e escritor, que prefaciou o livro *ABC da sacanagem*, lançado para comemorar os 80 anos do poeta. Amigo de Costa Leite, vem desde a década de 1970 mantendo contato com o poeta, inclusive, o convidou para ilustrar com xilogravuras, um álbum denominado de *Xilografia* em 1974.<sup>181</sup> Ressalta, em suas palavras, um poeta firme no tempo, nos versos e na produção.

---

<sup>177</sup> LEITE, 1976, p. 4-6.

<sup>178</sup> NOBLAT, 1977. Acerca desse debate em torno da aquisição dos originais pela Casa da Criança de Olinda, Candace Slater, em seu livro *A vida no barbante*, menciona que “independente de suas intenções boas ou desonestas, os prováveis beneficiários vêm-se muitas vezes alvo de ataques. Por exemplo, a Casa da Criança de Olinda é acusada de ter adquirido grande número de manuscritos de poetas, ansiosos por verem seu trabalho impresso, e depois nada publicou”. SLATER, 1984, p. 62.

<sup>179</sup> NOBLAT, 1977.

<sup>180</sup> SILVA, M. R., 2015, p. 205.

<sup>181</sup> ACCIOLY, 2006. Ver ACCIOLY, Marcus. *Poética-popular*. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguísticas) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980. Mimeografado.

Destaca-o como um dos “melhores e dos maiores da literatura popular do Nordeste e do Brasil” comparando o artista e seus versos a Camões<sup>182</sup> e Bocage.<sup>183</sup>

Leiamos fragmentos desse prefácio:

José Costa Leite, nascido em 27 de 7 de 1927, na cidade de Sapé, Paraíba, [...] permanece plantado como uma árvore e vivo feito um rio: subindo para o azul as folhas verdes e deslizando às águas as raízes. Escreve um folheto por dia (365 se o ano não for bissexto por ano) e, para descansar, não carrega pedra: faz uma xilo, duas, três, por dia. No oitão de sua casa, à sombra de um pé-de-azeitona, vamos encontrá-lo na cidade de Condado entre Aliança e Goiana Pernambuco, usando a madeira de imburana como prancheta e a madeira do lápis e a do cabo da quicé. O resto é a grafite e a lâmina que transforma tudo nas mãos do poeta e do xilógrafo [...]. O poeta é um dos melhores e dos maiores da Literatura Popular do Nordeste e do Brasil: sabe tudo e escreve tudo. Ele é uma espécie de Camões e de Bocage populares, ou seja, de Camonge (que é a mistura dos dois) [...] o folheto, que ele ainda canta nas praças e feiras interioranas (e que compreende três artes: a gravura, a poesia e a música) é facilmente aprendido e apreendido pelo ouvinte e decorado pelo leitor.<sup>184</sup>

Pelas palavras de Marcus Accioly e Giuseppe Baccaro, percebemos como esse poeta passou a ser legitimado como um “artista da palavra” mediante sua produção e circulação de folhetos de cordel. Suas histórias refletem a importância que esse tipo de documento impresso tem para se entender passagens e acontecimentos de nossa história,<sup>185</sup> à medida que Costa Leite insere em sua poesia os elementos do viver, do seu cotidiano, de suas práticas e experiências culturais presentes na narrativa de seus folhetos. Como ressalta Walter Benjamin:

O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou relatada por outros. E incorpora por sua vez as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. É essa experiência que passa de pessoa para pessoa a fonte para sua narrativa, para seus relatos escritos.<sup>186</sup>

<sup>182</sup> Luís Vaz de Camões (1529-1579?), poeta nacional de Portugal considerado um dos marcos da literatura lusófona, conhecido pela obra *Os lusíadas*, uma epopeia que narra a história de Vasco da Gama no período das grandes navegações portuguesas no século XV.

<sup>183</sup> Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), poeta português, tido como um dos maiores representantes do arcadismo lusitano.

<sup>184</sup> ACCIOLY, Marcus. Prefácio. In: LEITE, José Costa. *ABC da sacanagem*. Recife: Ed. Coqueiro, 2007. p. 7-11.

<sup>185</sup> Para mais informações acerca da importância dos folhetos de cordel para a História do Brasil, ver CALMON, Pedro. *História do Brasil na poesia do povo*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973. CURRAN, Mark. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp, 1998. SANTOS, Olga de Jesus. O povo conta a história. In: *O cordel: Testemunha da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987. (Antologia: Nova Série, v. 2).

<sup>186</sup> BENJAMIN, 1994, p. 221.

Maria Alice Amorim,<sup>187</sup> jornalista, pesquisadora e colecionadora de folhetos de cordel nutre admiração por Costa Leite. Escreveu vários artigos para livros, revistas e jornais. Em todos, busca sempre destacar aspectos de sua trajetória de vida e obra. Têm em seu acervo vários títulos desse poeta, incluindo almanaques e folhetos.<sup>188</sup> Seus escritos sobre a vida do poeta apresentam um perfil cronológico partindo de seu nascimento e enfocando os principais momentos de sua prolífica produção. Na autobiografia, Costa Leite cita algumas palavras que a jornalista escreveu para a segunda edição do álbum *Xilografia*, que trazem elogios à sua poética, que diz:

José Costa Leite não deixa paradas as musas! Está sempre cantado, dos temas familiares aos tradicionais, versos em sextilhas, septilhas, décimas de ritmo e metro fixos: a nostalgia do sertão, a brabeza dos cangaceiros, a picardia e ardileza de amarelinhos, as tiradas de humor nas adivinhas e jogos verbais. Exemplo disso é o antológico passeio que faz ao camiliano País de São Saruê.<sup>189</sup>

Em entrevista realizada com a representante da Editora Coqueiro, Ana Ferraz percebemos que o contato estabelecido com Costa Leite vai além do mercado de publicações. Desde que a Casa das Crianças de Olinda fechou, ele procurou essa editora e se mantém firme ao longo de mais de quinze anos, tempo esse que fez surgir uma amizade de respeito e admiração pelo trabalho do poeta. Ana menciona: “me encantei de imediato porque não tem como não se encantar, tudo brinca com versos... tem uma criatividade, vitalidade e capacidade de fazer cordel. É de uma memória espetacular.”<sup>190</sup>

Em outro momento, relata que ele “é o ponto de apoio sempre, somos amigos e parceiros”, deixando claro que ela é a gráfica e a editora e ele é um cliente.<sup>191</sup> Suas palavras endossam o que estamos analisando, como é percebido nos diferentes meios em que transita por sua criação artística e respeito.

Em relação a Ariano Suassuna, Costa Leite o vê como um grande mestre da arte e amigo dos poetas populares. Nutre admiração por esse escritor e seus trabalhos. Ariano, à frente do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco (DEC/UFPE) entre os anos de 1969-1974 e da Secretaria de Cultura da Cidade do Recife

---

<sup>187</sup> Ver AMORIM, 2010b. Ver também *Diário de Pernambuco*, 22 jul. 2007. Caderno Viver, p. 5. AMORIM, Maria Alice. *No visgo do improviso ou A peleja virtual entre cibercultura e tradição: comunicação e mídia digital nas poéticas de oralidade*. São Paulo: Educ, 2008b.

<sup>188</sup> Acervo disponível em: <[www.cibertecadecordel.com.br](http://www.cibertecadecordel.com.br)>. Acesso em: 10 jan. 2015.

<sup>189</sup> ACCIOLY, 2006, p. 78.

<sup>190</sup> Ana Ferraz em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Recife-PE, 8 fev. 2013.

<sup>191</sup> Ana Ferraz em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Recife-PE, 3 set. 2014.

1994-1998, incentivava e atribuía legitimação às obras dos poetas e artistas populares. O espaço de poder ocupado por Suassuna permitia esse deslocamento entre os meios sociais e intelectuais, levando o nome desses artistas, favorecendo o reconhecimento deles nos meios culturais.

Conforme mencionado, o prefácio da autobiografia levou meses para ser concluído. A editora, a pedido de Costa Leite, fez o convite, ele aceitou e ficou de escrever algumas palavras que apresentasse e referendasse o livro ao público leitor. Ariano Suassuna resumiu em meia página algumas considerações e impressões que mantinha pelo poeta. Só depois de o texto de Ariano ser entregue, Costa Leite autorizou a impressão do livro.

Percebemos quanto a palavra de Ariano Suassuna foi enaltecida para a publicação e circulação da autobiografia desse poeta. É interessante ressaltar que, no lançamento e na vendagem desse livro, fazia questão de frisar “compre minha autobiografia, é tudo verdade, é prefaciada por Ariano Suassuna”;<sup>192</sup> “veja aqui na capa é a letra de Ariano, ele fez pra mim.”<sup>193</sup> Leiamos as impressões de Suassuna sobre Costa Leite:

Tenho, por José Costa Leite, uma admiração de qual há muito tempo, dei meu testemunho, tanto no que refere ao gravador a sua condição de poeta, num caso e noutra situa-se entre os maiores do Brasil em todos os tempos. Como gravador, José Costa Leite atingiu um patamar que deveria obrigar os críticos mais estreitos a retirar de cima dele a fama de um bom ‘artista popular’, porque, em suas gravuras mais importantes, a obra feita por José Costa Leite é tão importante para o Brasil quanto Goeldi; e como poeta, seus melhores folhetos se ombreiam com os de Leandro Gomes de Barros.<sup>194</sup>

Analisando o texto acima, percebemos que o grau de admiração ao poeta remonta à década de 1970, quando Costa Leite talhou várias xilogravuras para Ariano Suassuna publicar no álbum *20 Xilogravuras de José Costa Leite*. Durante anos, ambos sempre mantiveram contato em exposições e palestras nutrindo essa estima em torno da arte e criação poética. Conhecemos o talento e a produção desse artista, mas é comum esse tipo de descrição de Suassuna acerca dos poetas e artistas ligados às manifestações populares. Elogia J. Borges,<sup>195</sup> Dila de Caruaru, Olegário Fernandes e tantos outros nomes do meio artístico. Esse texto para

---

<sup>192</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 21 ago. 2013.

<sup>193</sup> Ibid.

<sup>194</sup> LEITE, 2012, p. 13.

<sup>195</sup> BORGES, José Francisco; COIMBRA, Sílvia Rodrigues. *Poesia e gravura de J. Borges*. Recife: Ed. do autor, 1993. p.151-153. Palavras de Ariano Suassuna escritas em julho de 1991 e anexadas nesse livro com os elogios às gravuras produzidas por J. Borges.

Costa Leite veio como um marco na autobiografia, que o legitima e distingue dentre os poetas populares, uma espécie de referendo que faz questão de ressaltar na hora das vendas.

Na *Antologia da literatura de cordel*,<sup>196</sup> Sebastião Nunes Batista apresenta Costa Leite como um “famoso xilógrafo e poeta popular”, chamando a atenção para as publicações de álbuns de xilogravuras. Enumera uma série de folhetos versados pelo poeta até os anos 1977. Para essa antologia, escolheu o folheto *O dicionário do amor*. Interessante observar nas palavras de Batista que os álbuns com xilos de Costa Leite, editados nesse período obtiveram repercussão e destaque.

Anos após a publicação dessa antologia, Sebastião Batista, no Rio de Janeiro, escreve uma carta a Costa Leite, datada de 1.º de abril de 1978, dizendo: “Tenho o grato prazer de remeter-lhe a Antologia da Literatura de Cordel, onde figura um resumo de sua bibliografia.”<sup>197</sup> Solicita ao poeta que o mantenha informado acerca de sua produção de folhetos, “se possível remeta-lhe alguns de seus folhetos a fim de que eu possa manter atualizada a sua produção poética”.<sup>198</sup> A carta de Batista evidencia o respeito diante da criação artística desse poeta.

Em se tratando dos trabalhos acadêmicos, a imagem de Costa Leite associa-se a suas publicações de folhetos, almanaques e xilogravuras. A circulação de suas histórias nos meios culturais e nas feiras despertaram interesse de diversas áreas do conhecimento, possibilitando várias leituras no campo da história, sociologia e letras. Idellete Muzart dos Santos, em seu livro *Em demanda da poética popular*, apresenta Costa Leite como “um dos mais famosos poetas e editores da atualidade [...] que além das inúmeras xilogravuras feitas para a capa dos folhetos, realizou álbuns de gravura, publicado por Evandro Rabello e outros”.<sup>199</sup> Assim, como fez Sebastião Batista, a pesquisadora menciona os álbuns como forma de reconhecimento artístico.

Na dissertação *Literatura de cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula*,<sup>200</sup> o autor Josivaldo Custódio da Silva compartilha com estudantes do ensino médio as leituras dos

---

<sup>196</sup> BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1977. p. 203-204. A título de informação em 1976, foi publicada uma antologia em dois volumes pela Global Editora e Distribuidora Ltda. O primeiro reunindo poesias de Manuel Florentino Duarte, José Pacheco, Dila e José Costa Leite e a segunda de Abraão Batista. Não trazem informações sobre os poetas, apenas mencionam suas histórias. HAURÉLIO, Marco (Org.). *Antologia do cordel brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 2012.

<sup>197</sup> Carta de Sebastião Nunes Batista escrita para José Costa. Rio de Janeiro, 1.º abr. 1978. Acervo CMPLM.

<sup>198</sup> *Ibid.*

<sup>199</sup> SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1999. p. 216.

<sup>200</sup> SILVA, Josivaldo Custódio da. *Literatura de cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula*. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

folhetos de Costa Leite, Marcelo Soares e Cleydson Monteiro como estratégia de leitura poética. Costa Leite é enaltecido nesse trabalho como um importante poeta mediante suas criações narrativas no Nordeste.

Seguindo o caminho das letras, Déserbais Maryaline apresentou uma pesquisa de conclusão de curso, na Universidade de Poitiers, *Tristão e Iseut ou O amor na literatura de cordel*,<sup>201</sup> em que trabalhou com quatro folhetos de Costa Leite procurando perceber em sua narrativa, de que forma apresenta seus personagens e constrói sua história, tendo o amor como foco principal. Nesse trabalho o poeta é percebido por sua vasta produção de folhetos tendo como destaque a coleção no Acervo Raymond Cantel, França, contendo mais de cem títulos e por sua diversidade temática.

Defendida na Unicamp, a dissertação de Camila Teixeira Lima<sup>202</sup> faz um estudo sociológico da cultura investigando os almanaques de Costa Leite. A pesquisa procura mostrar como a experiência tradicional mantém-se presente na criação e elaboração desse tipo de publicação que, mesmo diante das transformações tecnológicas, não fez o poeta perder a técnica escriturística e narrativa. A pesquisadora utiliza os almanaques como fonte documental e descreve um Costa Leite exaltando sua capacidade criativa e produtiva.

Mencionamos essas pesquisas como forma de destacar como “os vários Costas” são visualizados por diferentes perspectivas de análise. O que parece indicar nesse tópico é que esse “artista da palavra”, em sua trajetória, conquistou seu espaço dentre os inúmeros poetas que propagaram seus versos e histórias por feiras e mercados. Costa Leite, ao que sugerem esses pesquisadores, desponta como um poeta, que enveredou por caminhos diversos, suas publicações mantiveram-se presentes mesmo diante das dificuldades enfrentadas na vida. Sua voz era ouvida e seus versos lidos e narrados nas diversas feiras por onde passou. Não encontramos críticas a seus trabalhos e se elas existem, ficaram silenciadas talvez por conta de sua vasta produção no ramo da poesia de cordel.

Os autores e as respectivas obras aqui citadas comungam a ideia de um Costa Leite criativo e estratégico no tocante à escrita e circulação de suas histórias. O poeta, desde a década de 1960, manteve-se inserido nos circuitos culturais, nas feiras e espaços intelectuais. Sua vasta produção de histórias tornou esse artista conhecido em toda a região Nordeste e nos estados do Sudeste.

---

<sup>201</sup> MARYALINE, 2002.

<sup>202</sup> LIMA, 2014.

Costa Leite conquistava legitimação e reconhecimento, itens importantes para a manutenção de sua criação artística. A leitura desses autores nos ajudou a perceber os caminhos trilhados por esse poeta em sua trajetória e a forma como os vínculos de amizade foram estabelecidos. Nesse contexto encontramos interesses mútuos pautados nas redes mercadológicas entre o produzir e o lucrar.

Percebemos que todos os escritores mencionados, que se voltaram para a obra do poeta, sabiam de sua capacidade criativa. Por sua vez, o poeta visando esses espaços de comercialização criou estratégias para se manter no mercado. Nesse ensejo, o poeta fez nome nas feiras e mercados. Deixou sua voz cantar a poesia e suas mãos desenhá-las; aprendeu desde cedo a valorizar seu trabalho e sua produção, buscando formas de sobrevivência para a própria manutenção. Partiremos, agora, para o segundo capítulo visando compreender a dinâmica de produção estabelecida por Costa Leite.



## **CAPÍTULO 2**

**Elaborar, Publicar, Distribuir**

“A poesia é uma arte que se vende em toda parte.”

(José Costa Leite)

Neste segundo momento da pesquisa, procuramos analisar as estratégias de escrita e produção que direcionam as publicações do poeta Costa Leite. Tomamos como fonte analítica, a princípio, os manuscritos em papel pautado, folhetos e almanaques que nos possibilitam refletir sobre as práticas de escrita e versificação antes de seguir para a impressão. Notamos que a experiência do poeta, diante das inúmeras tipografias que frequentou, tornou-o um ser capaz de ditar regras e estilos buscando atender às exigências mercadológicas. Analisamos, ainda, a contracapa de folhetos e cartas recebidas na década de 1970, que nos permitem pensar nas estratégias de produção e comercialização.

## 2.1 Estratégias de escrita e produção

A editoração dos folhetos de José Costa Leite iniciou-se na Tipografia A Folha, localizada na cidade de Itabaiana-PB, segundo entrevista realizada com o poeta sobre os momentos de suas publicações.<sup>203</sup> Nela mandou imprimir alguns folhetos, entre eles os primeiros de sua autoria *Eduardo e Alzira* e *Discussão de José Costa Leite com Manoel Vicente*. O ano era 1947, como já mencionamos. Por meio da documentação, percebemos que Costa Leite demonstrava certa preocupação com a impressão material de seus folhetos e almanaques.

Informa que, a princípio, procurou a Tipografia A Folha em busca de qualidade gráfica e preços baixos no mercado. Como iniciou nas feiras vendendo folhetos de outros poetas de cordel, estrategicamente, percebeu quais deles tinham mais saída mediante suas narrativas poéticas. Na escolha dessa tipografia, ele levou em consideração três itens que fez questão de ressaltar no *Calendário Brasileiro para 1962*: “tinha perfeição, pontualidade e

---

<sup>203</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011. Costa Leite também se refere a essa tipografia no *Itabaiana Hoje*, ano 3, n. 35, jun. 2000, p. 6. Mais informações sobre editoração, ver CARVALHO, Gilmar de. Editoração de folhetos populares no Ceará. *Revista Comunicação Social*, Fortaleza, v. 17, n. 1-2, p. 31-67, jan.-dez., 1987. CARVALHO, Gilmar de. *Tramas da cultura: comunicação e tradição*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005. p.15-22. HALLEWELL, 2012, p. 702-710.

preços módicos.”<sup>204</sup> Perfeição dita no intuito de aproximar o público leitor dos folhetos, nas feiras por onde circulava, para garantir boa vendagem. Nessa tipografia permaneceu publicando até 1962.

Depois, por questão de distância entre os municípios de Condado-PE e Itabaiana-BA, resolveu publicar na Tipografia Violeta, localizada no município de Goiana-PE. Nela imprimiu poucos folhetos, cerca de 4 ou 5 títulos; dizia que o acabamento e o formato era “muito feio, meio comprido, era bem largo”.<sup>205</sup> Segundo suas observações, o público consumidor achava um pouco estranho, aquele formato diferente dos quais estavam acostumados a vender nas feiras com dimensões bem menores. Luli Hata nos chama a atenção para o fato de que “inicialmente não havia tipografia especializada na publicação de folhetos, o que resultou numa variedade grande de formatos, havendo os de cerca de 18 x 12,5 cm, 16,5 x 10 cm e 15,5 x 11 cm, provavelmente devido ao padrão de folha usada por cada um das gráficas.”<sup>206</sup>

No que se refere a esse formato comprido, descrito por Costa Leite, localizamos três exemplares de sua autoria, entre eles, a *Peleja de Otília Soares Marinho com Manoel Francisco Duda*, medindo 10 x 17 cm (Figura 20).<sup>207</sup>

Analisando a capa desse folheto, o poeta fez questão de mencionar que foi todo escrito em Beira-Mar.<sup>208</sup> Na parte superior do impresso selecionou a inscrição “A Flôr da Poezia Paraibana”, referência utilizada pelo autor à sua poesia, dizeres não encontrados em nenhum outro folheto de sua autoria, segundo as pesquisas realizadas. Um termo específico dos anos iniciais de suas publicações criadas no sentido de atrair o público para apreciar o que têm de melhor na poesia paraibana, segundo sua escrita. Visualiza-se uma xilogravura sem indicação de autoria representando “Otília e Manoel” em pleno desafio com suas violas. Na parte inferior, encontra-se o nome da tipografia e o valor cobrado na época.

<sup>204</sup> LEITE, José Costa. *Calendário brasileiro para 1962*. Itabaiana, PB: Tipografia A Folha, 1962. p. 6. Acervo CCB-UFPE.

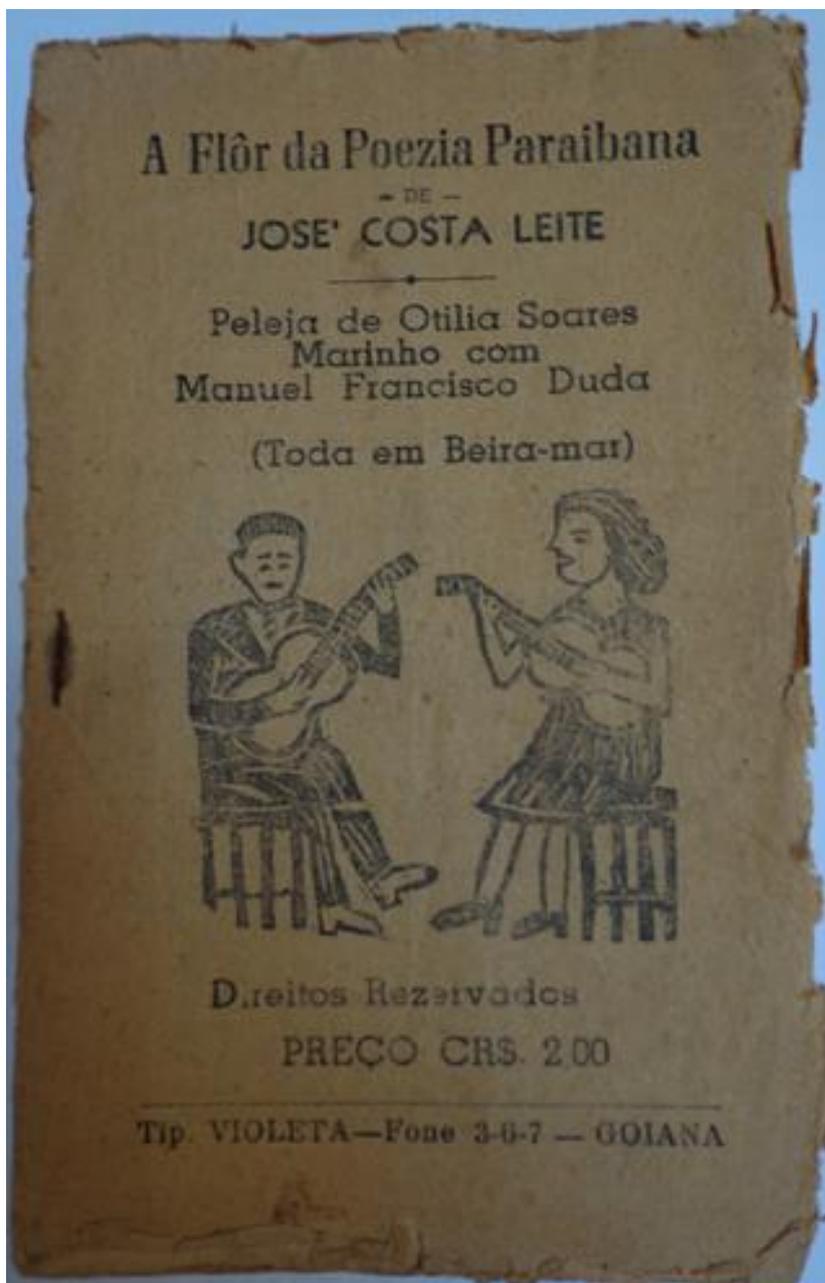
<sup>205</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

<sup>206</sup> HATA, 1999, p. 33.

<sup>207</sup> Localizamos o exemplar *Otília Soares Marinho com Manoel Francisco Duda*, em sebo no Rio de Janeiro, *A voz de um mensageiro do reino Celestial*, no acervo da CMPLM e *O cavalo voador*, no acervo da UFPE.

<sup>208</sup> Nome atribuído aos versos de 11 sílabas que fazem parte de estilos da escrita de folhetos e . Ver SILVA, Gonçalves Ferreira da. *Vertentes da literatura de cordel*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rovelte, 2011. p. 9. TAVARES, Bráulio. *Cantoria: regras e estilos*. Olinda: Casa das Crianças de Olinda, [s.d.]. p. 13.

Figura 20 – Capa do folheto *Peleja de Otilia Soares Marinho com Manoel Francisco Duda*



Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro.

Ao analisar os folhetos pesquisados nos arquivos, verificamos que, depois da Tipografia Violeta, muitas foram as casas editoriais que publicaram seus trabalhos, entre elas, podemos ressaltar: Tipografia Alves Pontes, na Paraíba, denominada de Folhetaria São José; Folhetaria São João-PB; Editora Prelúdio-SP, hoje Luzeiro; Fundação Casa das Crianças de Olinda-PE; Editora Tupynanquim-CE; Gráfica Borges-PE; Folhetaria Timbaúba-PE e

atualmente a Editora Coqueiro.<sup>209</sup> Dessas tipografias mencionadas, destacam-se três, onde o poeta mais editou seus trabalhos: Folhetaria São José do amigo José Alves Pontes; Fundação Casa das Crianças de Olinda do *marchand* Baccaro; e a Editora Coqueiro.<sup>210</sup>

Foi nessas três últimas tipografias que os folhetos desse poeta tiveram maior divulgação, permeada por uma rede de negociações estabelecidas entre o autor e o editor. A expectativa do público por novas histórias e as grandes tiragens editoriais<sup>211</sup> desse gênero literário nas décadas de 1960 a 1970 fizeram esse poeta produzir quase sem parar. Uma verdadeira corrida no tempo para publicar e espalhar novidades nas feiras por onde circulava.

Analisando a composição gráfica quanto ao suporte material dessas narrativas poéticas, percebemos que os folhetos de Costa Leite não apresentam uniformidade em suas publicações. No geral, na parte superior, encontra-se o nome do poeta, que muitas vezes vinha em letras maiúsculas ou em negrito.

Abaixo do nome, o título da poesia e, na parte inferior, o nome da tipografia, às vezes seguido do preço do folheto (Figura 21). Ao centro da página, ficava a ilustração, que poderia ser a reprodução de um cartão-postal, de cenas de filmes da década de 1950, desenhos ilustrativos ou uma xilogravura,<sup>212</sup> circundada por linhas como se fosse uma moldura.

---

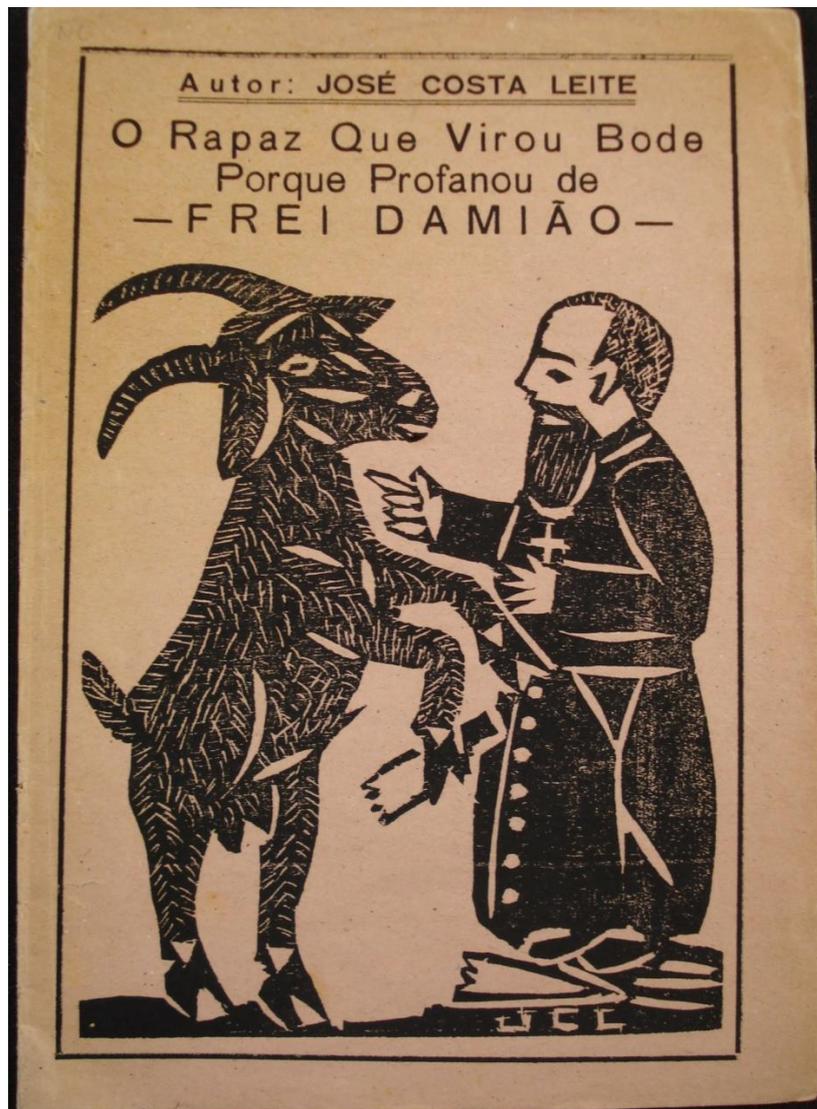
<sup>209</sup> Ver SOUZA, 1971. Nesse volume o pesquisador relaciona o nome e a localização de várias tipografias que tiveram destaque na década de 1970. LEITE, 1976 nesse catálogo faz referência aos folhetos publicados nessas tipografias.

<sup>210</sup> A Editora Coqueiro foi fundada em 1991 por Ivan Maurício, Bernadete Lopes e Antônio Aguiar em Olinda. Estando à frente das publicações, eventos e divulgações, Ana Ferraz. Tem como missão editar folhetos da literatura de cordel e editar livros direcionados à cultura popular. Já publicou mais de 4,5 milhões de cordéis dos vários poetas com quem a casa mantém contato. Informações cedidas por Ana Ferraz em entrevista concedida a Geovanni Cabral em Recife-PE, 8 fev. 2013 e 23 set. 2014. Para outras informações desse movimento editorial dos folhetos, ver GRILLO, 2005, p. 90-104. AMORIM, 2003, p. 24-34; LOPES, 1982.

<sup>211</sup> No período mencionado, as tiragens mínimas dos folhetos eram em torno de mil exemplares. Poucas foram as tipografias que faziam números pequenos. Alegavam que o processo de impressão era quase artesanal sem contar com o aumento do preço do papel constantemente, dificultando o trabalho. Para outras informações das tiragens, ver TERRA, Ruth Brito Lêmos. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste 1893-1930*. São Paulo: Global, 1983. p. 33-34.

<sup>212</sup> Ver SOUZA, 1981; CABRAL, 2014, p. 137-164.

Figura 21 – Capa do folheto *O rapaz que virou bode porque profanou Frei Damião*



Fonte: Acervo da FCRB, Rio de Janeiro.

No que se refere à escrita, José Costa Leite narra que escolhe as horas de silêncio para poder escrever seus trabalhos. Gosta de ficar sentado em seu pequeno atelier ao lado de sua casa, que denominou *A Voz da Poesia Nordestina*. Título que, aliás, vinha impresso em suas publicações desde a década de 1970, como podemos verificar nos folhetos publicados pela Tipografia Alves Pontes. Quando não tinha esse espaço, sentava em outros locais da casa, procurando fugir de qualquer barulho que o levasse a distração. Gostava das horas da manhã, tempo fecundo para “plantar poesia”, ou seja, escrever poesia. Assim descreve sobre esse momento da escrita:

A surdina somente. No silêncio é melhor pra escrever. É bom escrever poesia. Na lua crescente e publicar na lua cheia, agente vende mais. Nada na lua minguante é bom. Quando eu vou escrever meus cordéis eu tenho aquele sonzinho, não ligo nada, vou somente escrever e num mesmo instante remendando. Quando erro eu gosto de fazer isso. Agora, quando eu vou fazer a xilogravura é outra coisa, a xilogravura, aí pra não dar sono eu ligo o toca disco. Eu penso no tema, aí vou escrevendo e aí vai chegando inspiração, a poesia como não é uma mediunidade, a pessoa fica ali em silêncio aí o camarada aproveita.<sup>213</sup>

Percebemos nessa entrevista que, ao escrever seus versos, está ao mesmo tempo “remendando”, ou seja, corrigindo as estrofes, as rimas, de acordo com seus critérios. Na linguagem dos poetas populares, ele está fazendo a limpeza do cordel retirando os erros para impressão. Outro detalhe curioso é que Costa Leite “gosta de escrever na lua crescente e publicar na lua cheia”, pois, para ele, além de trazer inspiração, “tem mais vendagem, a vantagem é essa”.<sup>214</sup> Uma mistura de crenças e superstições presentes em seu versejar que procurou seguir ao longo da vida. Tais orientações foram compartilhadas por “um astrólogo”,<sup>215</sup> de quem não menciona o nome em seu relato.

Seguindo certas estratégias escriturísticas para a elaboração de seus trabalhos, na documentação localizada nos arquivos da Editora Coqueiro, percebemos quanto sua prática é metódica no que se refere ao processo dessa escrita. Analisamos 80 originais manuscritos, entre as chamadas folhas avulsas, publicações de orações, almanaques, folhetos e mapa astral. Verificamos que o poeta, antes de enviar seu material para a editora, prepara primeiro o original manuscrito em papel pautado, escrito geralmente com caneta esferográfica azul ou preta, seguido do desenho xilográfico ou alguma imagem para compor a capa (Figura 22) na hora da impressão.

Não localizamos manuscritos de outras tipografias, tendo em vista o seu fechamento, e não era hábito de Costa Leite guardar seus originais, ele mesmo diz, “eu não soube guardar meu patrimônio”.<sup>216</sup> Tal afirmação não quer dizer, que não guarde em sua residência suas publicações. A propósito, encontramos espaços onde armazena matrizes xilográficas e centos de folhetos. O poeta faz referência aos inúmeros folhetos que publicou entre as décadas de 1960 e 1970, e não teve a preocupação de ficar com alguns exemplares. Muitos deles se perderam com o tempo, outros estão arquivados em instituições públicas.

---

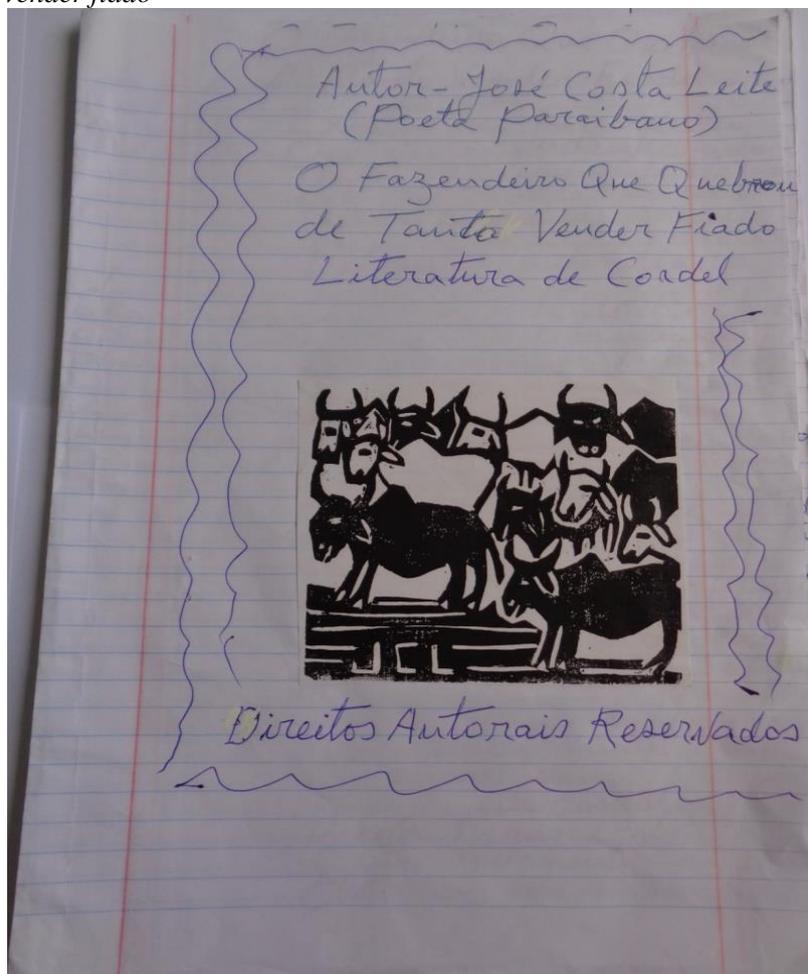
<sup>213</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 21 ago. 2013.

<sup>214</sup> Ibid.

<sup>215</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 8 fev. 2012.

<sup>216</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 19 mar. 2014.

Figura 22 – Manuscrito do folheto *O fazendeiro que quebrou de tanto vender fiado*



Fonte: Acervo Editora Coqueiro.

Segundo José Costa Leite:

para compor um folheto de oito páginas, basta um dia, somente naquilo. Ficar somente ocupado nele, e mesmo me dando o título eu faço, basta me dar o título que quiser. Eu garanto fazer mil folhetos em três anos de oito páginas [...] eu penso no tema, vou escrevendo e aí vai chegando inspiração.<sup>217</sup>

Sua prática assemelha-se muito ao poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, que primeiro buscava inspiração no título para compor os versos, que poderia estar associado às histórias

<sup>217</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 21 ago. 2013.

do cotidiano ou imaginárias; segundo ele, sem o título, não tem história.<sup>218</sup> Assim, apoiado em uma pequena mesa no seu ateliê, Costa Leite não se intimidava quando a matéria era escrever poesia. Seus títulos falam por si, à medida que desponta com uma vasta diversidade temática disposta em estrofes de seis ou sete versos, modalidade de escrita preferida pelo poeta. O poeta atrelava em suas temáticas, histórias que mais agradavam às pessoas nas feiras e praças, como os gracejos e as aventuras. O objetivo dessa escolha seguia uma lógica de mercado, as pessoas gostavam, ele produzia, e elas compravam.

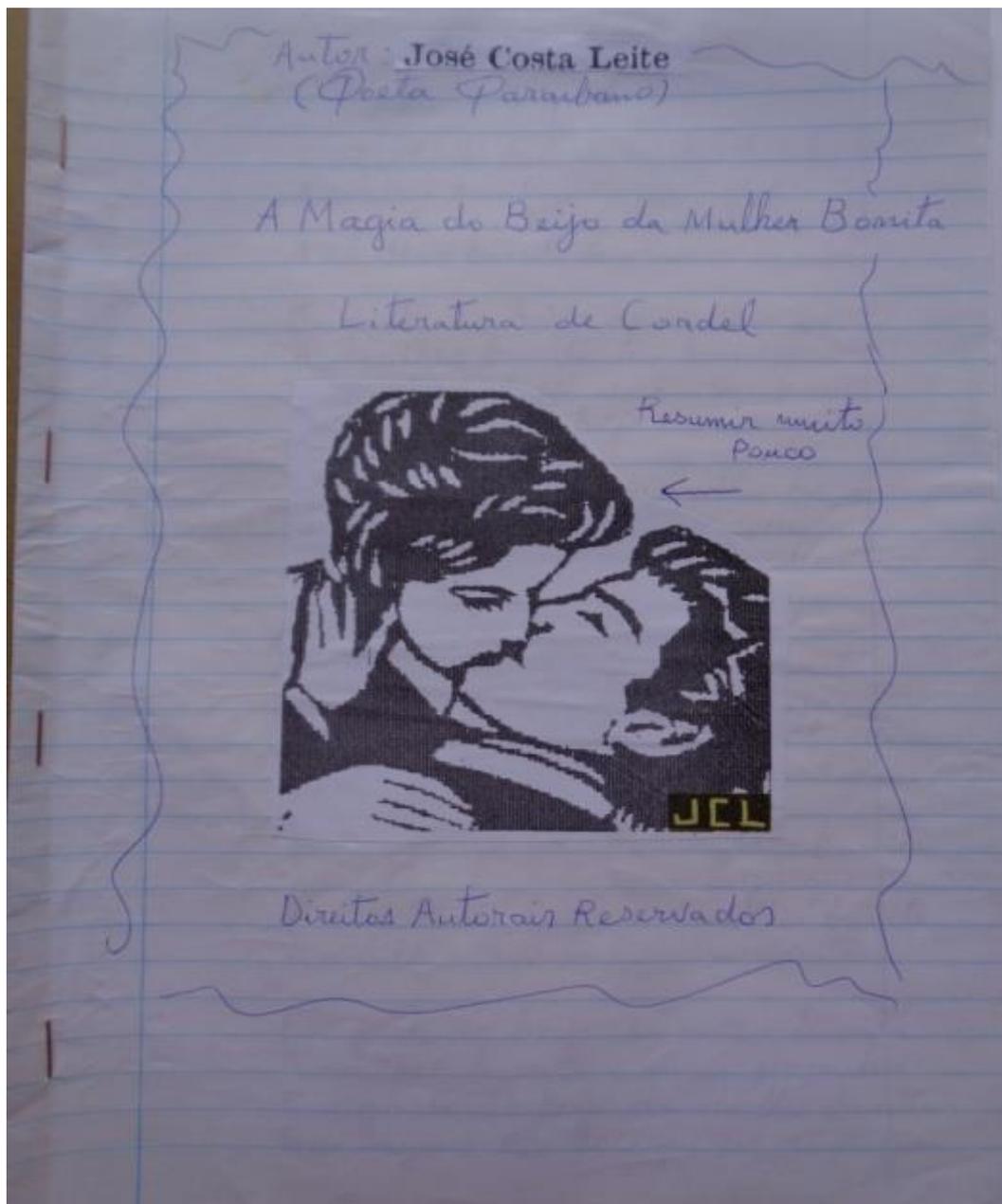
Durante a pesquisa, presenciamos dois momentos em que versava um folheto. Costa Leite pegou uma folha de caderno, pensou no tema, e começou a escrever; à medida que as estrofes iam sendo montadas, parava um pouco e fazia a leitura do texto, mantendo certa preocupação com a métrica e a rima. Não tardou para finalizar a história, passou a limpo com as devidas correções e anotações para impressão. Depois, foi aos seus arquivos e escolheu uma xilogravura para compor a capa. Essa prática de escrita seguiu certo método, mas muitas vezes essas etapas não tinham essa ordem, muitos títulos surgiram nas feiras em momentos de distração e brincadeiras com os amigos.

Verificamos nos originais de Costa Leite determinadas setas sinalizadoras em letras vermelhas ou azuis, chamando a atenção da pessoa encarregada de fazer a digitação e correção antes de seguir para a impressão. No manuscrito do folheto, *A magia do beijo da mulher bonita* (Figura 23), encontramos uma indicação acima da xilogravura que diz “resumir muito pouco”. Leva-nos a entender que a editora estava resumindo as imagens dificultando a sua visualização quando publicada. Cabe ressaltar que a capa é um atrativo diante do público leitor. As setas informativas são um modo utilizado por Costa Leite, para indicar suas escolhas, definindo seu lugar de autor nas redes de comercialização que exerce com a editora.

Tal argumentação aproxima-se das observações que encontramos no manuscrito do almanaque para o ano de 2011 (Figura 24), com sinalizações em vermelho e indicação do tamanho do desenho preterido pelo autor. Ao centro da folha, ele menciona para a editora: “Atenção, Ana, você vem resumindo muito a capa a cada ano e a saída diminuindo. Até a mulher da bunda grande ganha mais dinheiro. O negócio é ser grande.” Na parte inferior, também escreveu em vermelho: “Atenção! Ampliar o zodíaco para o tamanho deste círculo ou um pouquinho menor.”

---

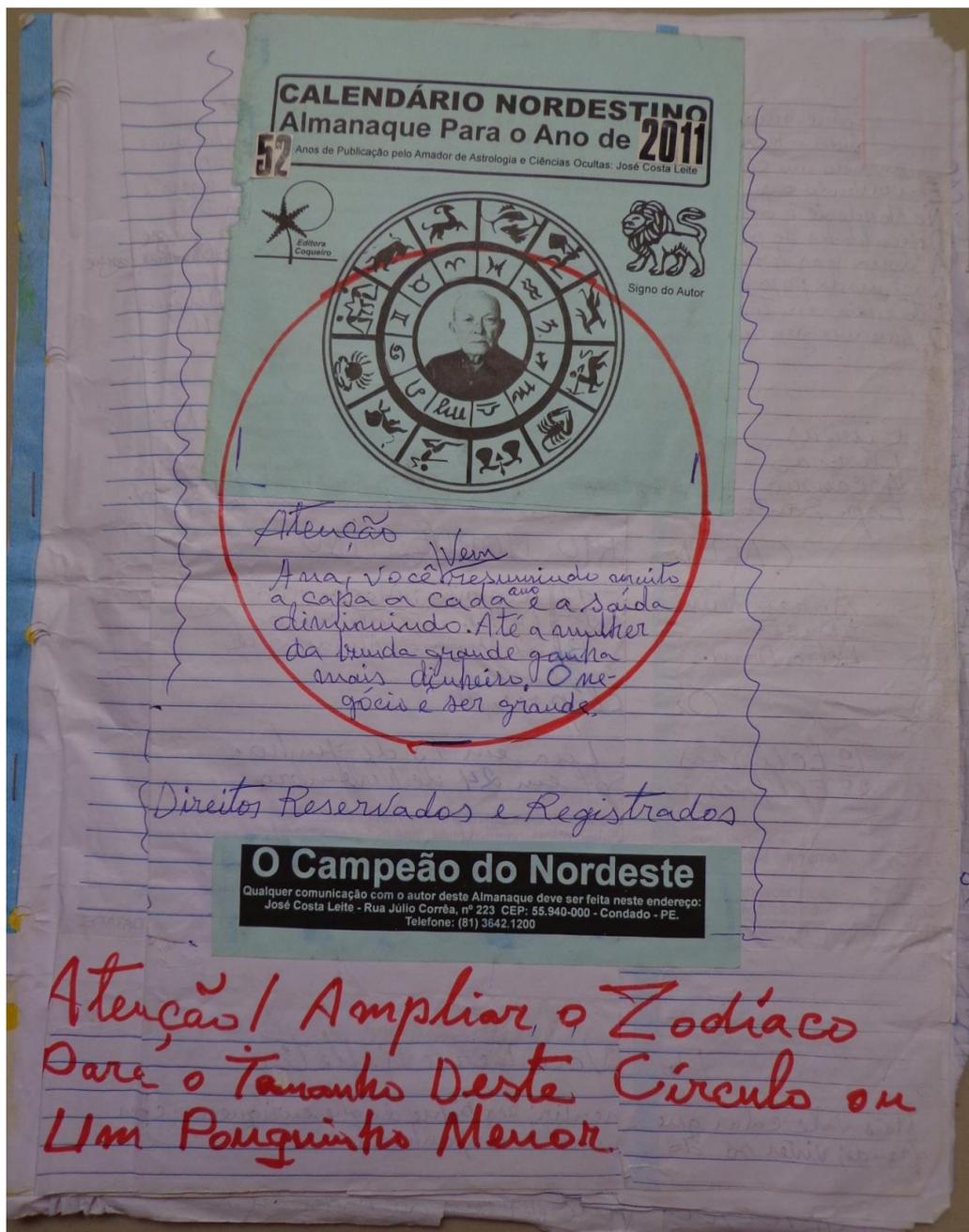
<sup>218</sup> CURRAN, Mark. J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987. p. 119-120. Encontramos no acervo da Casa Memória Popular Liêdo Maranhão originais manuscritos de folhetos desse poeta.

Figura 23 – Manuscrito *A magia do beijo da mulher bonita*

Fonte: Acervo da Editora Coqueiro.

Com esses indícios, percebemos que a comercialização de seu almanaque depende desse *layout* ampliado e visível aos olhos do consumidor. Como mercadoria, ele precisa chamar a atenção dos compradores nas feiras.

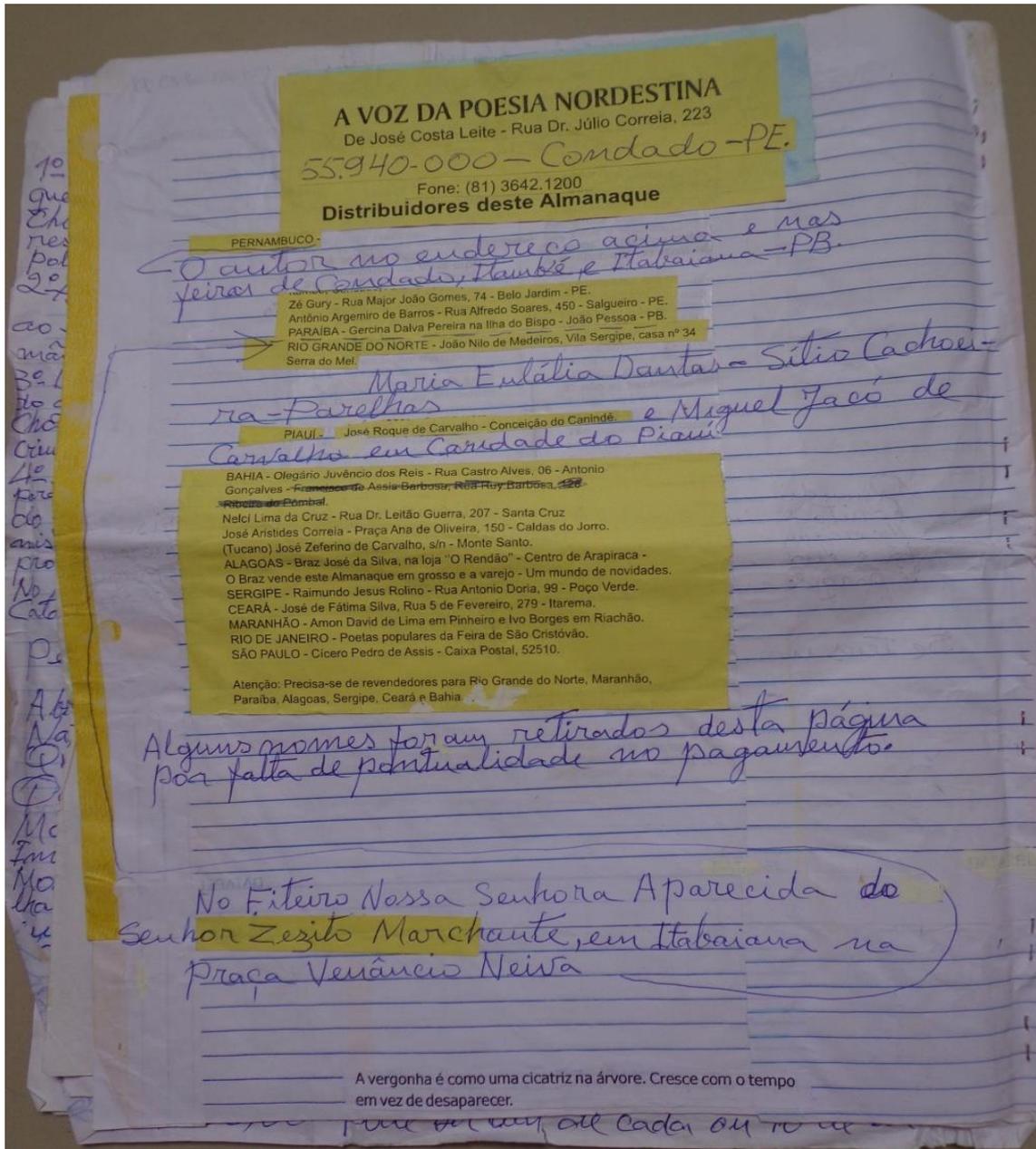
Figura 24 – Manuscrito do Calendário Nordestino para 2011



Fonte: Acervo da Editora Coqueiro.

Na página editorial do Almanaque 2011 (Figura 25), pontuam-se indicações de mudanças. Ele informa à editora que “alguns nomes foram retirados desta página por falta de pontualidade no pagamento”. Esse é um dado bem interessante, porque nos faz refletir na forma como Costa Leite articula a venda de seus trabalhos com seus agenciadores.

Figura 25 – Página editorial do manuscrito no Calendário Nordestino para 2011



Fonte: Acervo da Editora Coqueiro.

Ele mantém contato informando aos revendedores por telefone que o almanaque do ano seguinte está pronto. Por sua vez, muitos fazem suas encomendas ao poeta para depois pagar. Esse comércio realizava-se na base da confiança, prática que exercia nas décadas de 1970 quando as pessoas enviavam cartas solicitando folhetos e almanaques. No exemplo em questão, ele explica à editora, que alguns nomes foram excluídos da lista por não lhe pagarem pela mercadoria exigida. Também solicita, que faça a inclusão de nomes que estão vendendo seu almanaque. Observem adiante os detalhes.

Essas indicações a caneta ou a lápis hidrocor ocorrem praticamente em todos os manuscritos. O contato com o público nas feiras, o faz perceber entre leitores e compradores que visualizam o suporte material o que deverá mudar nas próximas edições. É essa relação estabelecida que o permite se posicionar diante da impressão dos seus livros, na hora de sistematizar as regras da publicação. Existe toda uma intenção de mercado, presente em suas ações, nada funciona como mera indicação.

Tomemos outro exemplo, o manuscrito do almanaque para 2014 (Figura 26). Nele estão especificadas as intenções do autor diante do projeto gráfico. Apresenta o *layout* da capa, afirmando que quer a “impressão do jeito que está”, com mudanças das fontes no que se refere ao título principal. Outro ponto mencionado, no lado direito está referindo-se às mudanças nas páginas 1, 4, 6, 15, 18 e 19, com o objetivo do almanaque ficar com 16 páginas e 4 de capa. Sem esquecer, claro, o preço estipulado para comercialização no valor de C\$ 12,00 (doze reais). Nesse valor já estão inclusas as taxas de Correios caso alguém solicite, evitando prejuízos no reembolso para o poeta. Costa Leite deixa tudo bem especificado quando a matéria é dinheiro.

Com a pesquisa, podemos perceber que Costa Leite mantém com a Editora Coqueiro vínculos editoriais que se aproximam de suas práticas nos anos iniciais de suas publicações. Estabelecendo contratos verbais na relação entre o pagar e o editar, posicionando-se diante da diagramação do folheto e exigindo as devidas correções. Sua vasta publicação o fez perceber entre as tipografias essas estratégias editoriais, fruto de seu contato com o público em feiras e mercados. Segundo Márcia Abreu, o encontro entre o público leitor com o autor/vendedor aponta caminhos para entender a maquinaria da produção de folhetos, como afirma:

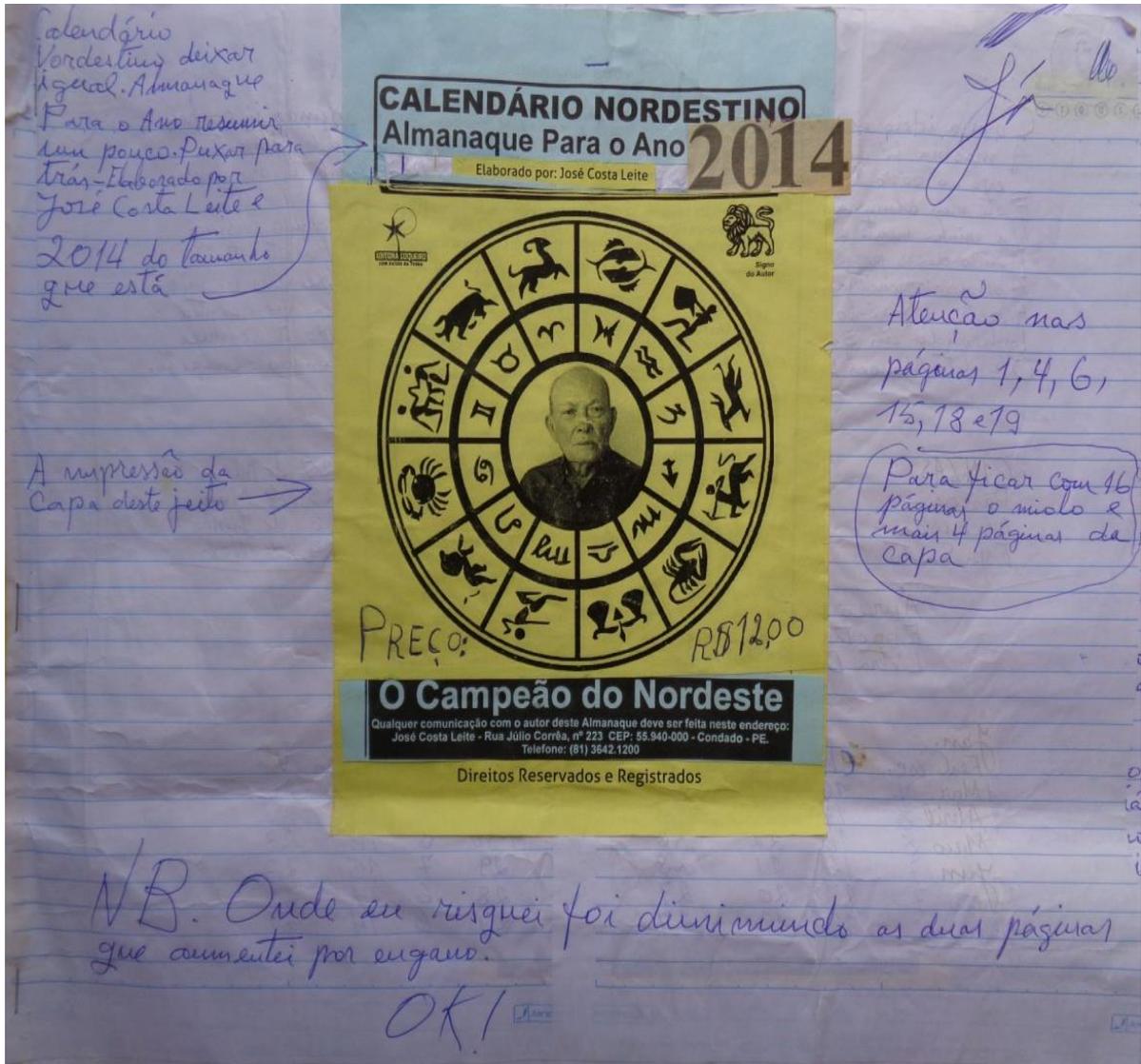
O duplo papel autor/vendedor traz ainda outra consequência importante para a produção: o contato com o público. Se todo texto promove o encontro de autor e leitor, por meio de imagens e representações, aqui pode ocorrer, além daquele encontro virtual, um contato concreto, físico. Conversar com leitores de carne e osso, dia após dia, permite conhecer suas opiniões, seus modos de ver a vida, suas preferências literárias. O peculiar sistema de comercialização adotado por muitos vendedores permite extrair informações mais sutis – mais fundamentais – sobre o gosto do público.<sup>219</sup>

---

<sup>219</sup> ABREU, 2004, p. 428.

Observem a Figura 26.

Figura 26 – Manuscrito do Calendário Nordestino para 2014



Fonte: Acervo da Editora Coqueiro.

Costa Leite estabelece intenções e padrões estéticos de visualização para seus impressos, segundo seus interesses comerciais. Suas correções nos possibilitam pensar as relações de poder estabelecidas entre esses editores e autores. A produção dos folhetos era realizada sem contratos formais com essas tipografias. Nessa teia de publicações prevalecia o contrato oral, firmado entre o editar e o publicar. Produzia-se o manuscrito e pagava-se por determinada quantidade. Muitas vezes, o poeta vendia os direitos autorais de algumas histórias em troca da publicação de seus folhetos, como fez com a Tipografia Alves Pontes e a Fundação Casa das Crianças de Olinda.

Com a Editora Coqueiro, as regras compartilhadas da diagramação e correção funcionam sem contrato firmado: “Não existe contrato é na base da amizade mesmo.”<sup>220</sup> Nesse caso são instituídos laços de confiança entre ambos “nunca cobro de Costa o devido valor dos folhetos, sempre é menor, se imprimo cordéis a R\$ 0,50 a unidade, pra ele faço a R\$ 0,35 ou R\$ 0,40”.<sup>221</sup> A editora faz também “sem cobrá-lo as digitações, diagramações, scanneamento, etc., enfim, o que toda gráfica cobra e faz”.<sup>222</sup> Em muitos momentos, são tecidos alguns comentários sobre esta ou aquela impressão, cor, desenhos e tamanhos. Muitos desses nem sempre são levados em consideração pelo poeta; no fim, prevalece sua opinião.

Segundo Ana Ferraz:

Ele sempre traz seus manuscritos em papel pautado, sempre escrito a caneta azul e quem dita as regras sempre é ele, apenas edito o que ele quer, ele é muito exigente em tudo que faz, não adianta nem dar palpite, apesar de saber que o mesmo me escuta muito e acredita no meu bom senso. Não existem acordos estabelecidos, sou gráfica e editora, ele paga e eu faço.<sup>223</sup>

Ana Ferraz é categórica ao afirmar “sou gráfica e editora, ele paga e eu faço”, delimita o lugar de quem é quem nesse processo mercadológico. Ele paga um valor de custo por folheto e segue para negociar na feira ou vender a outras pessoas, que o procuram em sua residência. Solicita quantidades bem menores como 200, 300 ou 500 exemplares, tendo em vista, a pouca procura desses impressos pelas pessoas. Uma parte da impressão fica com a editora, que faz a divulgação de seus títulos em feiras de livros e congressos, que não deixa também de ganhar em cima de suas histórias. Mesmo diante de tais explicações fornecidas pela representante da editora, algo nos inquietava no que se refere a esse trâmite existente entre Costa Leite e a Editora Coqueiro na hora de deixar os folhetos ou almanaques para impressão. Gostaríamos de encontrar algum registro escrito dessa transação comercial. Nada era registrado? Tudo era acertado verbalmente? Não existia nenhuma anotação?

Mergulhando nos arquivos da editora guardados em dois armários de madeira bastante resistentes, vasculhamos pastas, livros e recortes de jornal. Não existia uma ordem classificatória ou alguma seta indicativa que pudesse facilitar nossa pesquisa. Ficamos à vontade e retiramos todo o material, fazendo as devidas anotações e fotografias. O silêncio

---

<sup>220</sup> Ana Ferraz em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Recife-PE, 23 set. 2014.

<sup>221</sup> Ibid.

<sup>222</sup> Ibid.

<sup>223</sup> Ibid.

dos manuscritos que ora apareciam a nossa frente, testemunhavam fragmentos da produção de Costa Leite.

Diante da coleta de informações, encontramos quatro cartas de Costa Leite para Ana Ferraz que fornecem indícios dessa relação contratual tendo como base a confiança. Tal achado lembrou as palavras de Arlete Farge: “O arquivo age como um desnudamento; encolhidos em algumas linhas, aparecem não apenas o inacessível como também o vivo. Fragmentos de verdade até então retidos saltam à vista: ofuscantes de nitidez e de credibilidade.”<sup>224</sup>

Dessas cartas, selecionamos duas, por conter as informações que pautam nossa análise fornecendo caminhos que possibilitam entender essa dinâmica comercial. De fato, o registro de Costa Leite deixa claro que a confiança e amizade mencionada imbricam-se no publicar de seus folhetos. Vejamos essas cartas escritas na cidade de Condado e deixadas na portaria da editora. Possivelmente esteve no local e não encontrou os responsáveis pela editora. Para facilitar nossa análise denominamos de carta 1 e carta 2. Leiamos a carta 1:

Condado 23-06-06  
 Ana  
 Deixei com a moça da portaria 5 originais:  
 Um Conselho a mocidade  
 Os sinais do fim do mundo  
 Chico beijudo com Zefa Fumaça  
 Lampião no Inferno  
 Apolinário e Chiquinha  
 Deixei com ela R\$ 250,00  
 e estes cordéis antigos p/ sua coleção.  
 Deixei também 200 cordéis para venda.  
 Seu amigo: José Costa Leite.<sup>225</sup>

Leiamos a carta 2:

Ana deixei 200 reais com a moça da portaria  
 e 4 originais para serem  
 feitos. Leia e releia A Mulher  
 a Calcinha Branca  
 e onde não gostar faça um X que  
 eu modifico o enredo,  
 pois o título ficou bom  
 e a xilo também dá para

<sup>224</sup> FARGE, 2009. p. 15.

<sup>225</sup> Carta manuscrita de José Costa Leite localizada nos arquivos da Editora Coqueiro em maio de 2015. Reproduzimos a carta da forma como está disposta no original.

quebrar um galho.  
Um abraço amigo,  
José Costa Leite.<sup>226</sup>

Com essas cartas, podemos tecer algumas análises da forma como Costa Leite vinha encomendando suas publicações. Notemos a princípio que o dinheiro era deixado na portaria ou entregue em mãos; nesse caso específico era deixado com alguém que recebia os pedidos na editora, geralmente seguido dos originais manuscritos para digitação, diagramação e publicação. Notemos na carta 1, que dispõem alguns títulos antigos de sua autoria para a coleção de Ana Ferraz.

Na carta 2, pede para ler e reler o original e marcar os erros para posterior modificação. Essa passagem é bastante significativa no processo da edição. Não basta apenas ler o folheto, é preciso ficar atento aos detalhes, porque uma vez impresso não tem mais volta. Diante do exposto, podemos voltar um pouco aos anos 1970 e aproximar essa análise, quando menciona: “não tinha contrato com Alves Pontes ou Baccaro, eu levava os originais, eu pagava quando o pedido era meu, ou vendia os originais com os direitos autorais para publicação e ganhava algum dinheiro.”<sup>227</sup>

Interessante refletir acerca dessas movimentações em torno dos originais, como os versos eram negociados entre o poeta e a tipografia. O pagamento era realizado no ato da encomenda, ou seja, exigia do poeta certo recurso financeiro para poder publicar tendo em vista que nem sempre um folheto era bem-aceito na feira.<sup>228</sup> Inclusive desnaturaliza aquela ideia simplista na qual o poeta simplesmente escreve, leva para a tipografia e depois sai vendendo, arrecadando o máximo de lucro. A história não é bem assim.

Existem interesses norteadores que fluíam nesse comércio de histórias, por exemplo, o citado por Costa Leite, em que escrevia e vendia seus direitos autorais permitindo que outros se apropriassem de seus versos e publicassem livremente. Segundo Antonio Arantes, essa transferência poderia ser feita por meio de documentos ou simplesmente um acordo verbal.<sup>229</sup> Outra forma de negociação, utilizada pelo poeta era ceder os manuscritos ou as matrizes para impressão em troca de “conga”, prática que consiste em receber folhetos em troca, como fez muitas vezes na Casa da Criança de Olinda, “imprimiu umas histórias de Costa Leite e deu 2

<sup>226</sup> Carta manuscrita de José Costa Leite localizada nos arquivos da Editora Coqueiro em maio de 2015.

<sup>227</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 19 mar. 2014

<sup>228</sup> No tocante à relação entre os poetas e as tipografias, ver TERRA, 1983, p. 24-25.

<sup>229</sup> ARANTES, 1982, p. 28.

mil a ele de conga”.<sup>230</sup> Uma coisa é certa, essas negociações entre poetas e casas editoriais facilitavam e mantinham os folhetos em circulação, principalmente nos cricuitos das feiras.

## 2.2 A voz da poesia nordestina

Pensar na circulação de folhetos do poeta José Costa Leite nos faz olhar para o tempo e perceber que, durante as décadas de 1960 e 1970, pairava uma “cultura gráfica”<sup>231</sup>, que possibilitava às tipografias, publicarem uma grande diversidade de histórias atrelada a um contexto de produção e comercialização entre poetas e revendedores. Ou seja, existia um mercado consumidor dessa literatura, que por sua vez exigia padrões de publicações, com tamanhos, ilustrações e histórias definidas.

O termo “cultura gráfica” é uma expressão do italiano Armando Petrucci, utilizada por Roger Chartier em seus livros *Os desafios da escrita* e *Inscrever e apagar* compartilhada nesta tese entendida como um conjunto de práticas de escritas e publicações em determinado tempo e espaço. Segundo Chartier, “ela estabelece assim os elos que existem entre as diferentes formas da escrita: manuscrita, epigráfica, pintada ou impressa; e identifica a pluralidade dos usos (políticos, administrativos, religiosos, literários, etc.) dos quais o escrito, em suas diversas materialidades, está investido”.<sup>232</sup> Pensando nas publicações de Costa Leite ao longo de sua trajetória, percebemos que a materialidade de seus impressos reflete uma intenção de escolha determinada pelas práticas culturais escritas da época.

Não é apenas indicar a tipografia e lançar os folhetos na praça. Está em jogo uma rede de negociações, práticas de escritas, estilos estéticos e demanda de mercado. O folheto não existe por si só, ele compartilha com os demais impressos da época padrões de escolhas no tocante à materialidade do suporte, da escrita, visualidade gráfica e linguagem. Por isso, Costa Leite menciona ao se referir às tipografias “em Itabaiana-PB fazia o cordel mais bem feito, em Goiana-PE era comprido, e em Guarabira-PB tinha a melhor impressão”.<sup>233</sup> Essas palavras denotam o entendimento estético de Costa Leite ao perceber essas variações gráficas de seus folhetos e como eram apropriados nas feiras por onde transitava.

<sup>230</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno Manuscrito n.º 20*. 7 out. 1980. p. 199. Para outras informações sobre conga, ver ARANTES, 1982, p. 28.

<sup>231</sup> CHARTIER, 2002a, 77-78, CHARTIER, 2007, p. 10-11.

<sup>232</sup> Ibid., 2002a, p. 78.

<sup>233</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 19 mar. 2014.

É impossível precisar quantos folhetos foram publicados por esse poeta tendo em vista a quantidade de tipografias que manteve seus contatos comerciais.<sup>234</sup> Ele mesmo menciona: “eu perdi a noção. Eu creio que passou de mil, mas não sei quantos porque muitos saíram [...] eu era pra ter um cordel de cada um pra mostrar, mas não fiz isso.”<sup>235</sup> A dinâmica dessa produção escrita o fez versejar de tal forma que não conseguiu contabilizar suas histórias. O folheto estava associado a uma mercadoria que precisava produzir para vender.

Estamos nos reportando a uma época em que as pessoas frequentavam as feiras, praças e mercados e não se preocupavam em parar um pouco e ouvir as declamações de poetas e cantadores. A leitura de um folheto congregava pessoas de diferentes localidades que, sabendo ou não ler um livro, escutavam os poetas, decoravam ou compravam para ler em outros espaços sociais. As rimas e estrofes facilitavam o entendimento da narrativa poética, principalmente, quando a temática estava agradando ao ouvinte.

Mencionamos que Costa Leite, diante do ritmo de publicações no decorrer de sua trajetória, não enumerou a quantidade de folhetos produzidos. Em seu relato autobiográfico, lembra vários títulos que escreveu, muitos deles sucesso de público nas feiras do Nordeste.<sup>236</sup> No entanto, dentre suas publicações, organizou um catálogo<sup>237</sup> em formato de cordel que nos faz compreender melhor as negociações, distribuições e movimentações de seus originais manuscritos no campo editorial. Único nesse estilo, no qual relaciona tipografia e publicação.

Esse catálogo, datado de maio de 1976, tem no centro da capa uma xilogravura do próprio poeta representando imagens que nos remetem a uma paisagem do sertão, segundo o artista, com sol ardente pairando sobre pedras, cactos e animais mortos pela seca. Na parte superior, o título em letras maiúsculas “*Catálogo*” *d’A voz da Poesia Nordestina*, seguidas do endereço residencial para possíveis pedidos, escrito em 9 páginas, acróstico<sup>238</sup> e publicado com o apoio da UFPE (Figura 27). Tal política de incentivo partiu das investidas do escritor

<sup>234</sup> Fazendo um mapeamento das tipografias onde Costa Leite publicou seus folheteos, chegamos à seguinte relação; A Folha, Tipografia Violeta, Editora Tupynanquim, Editora Luzeiro, Editora da UFPE, Editora Coqueiro, Tipografia Alves Pontes, Folhetaria Cordel, Gráfica J. Borges, Gráfica Martins, ligada à Fundação de Cultura e Esportes, Fundação Casa das Crianças de Olinda.

<sup>235</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 5 maio 2011.

<sup>236</sup> LEITE, 2012, p. 154-171.

<sup>237</sup> Ibid., 1976.

<sup>238</sup> Acróstico é um dos recursos utilizados pelos poetas para identificar sua obra. Consistem em dispor de forma vertical o nome do autor da obra e por meio das letras iniciais organizar uma composição poética. Estilo muito recorrente para evitar plágios ou apropriações indevidas de folhetos, o que não deixou de existir entre os poetas. O acróstico desse folheto, por exemplo, veio COSTA LEITE. ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. Dicionário brasileiro de literatura de cordel. Rio de Janeiro: ABLIC, 2005. p. 33. Segundo Alceu Maynard de Araújo: “o acróstico é uma forma pela qual o trovador se defende contra a possível usurpação de sua produção.” ARAÚJO, Alceu Maynard. Transcrito de vida. *Rotária*, ano 7, n. 65, out. 1955. p. 16.

Ariano Suassuna, que assumiu como diretor do DEC-UFPE, cargo que ocupou de 1969 a 1974. Diante da função, o diretor passou a promover políticas culturais, voltadas principalmente para a valorização das culturas populares, em especial a literatura de folhetos, fonte de apropriações poéticas, para criação do Movimento Armorial proposto por Suassuna.<sup>239</sup> Movimento esse que criava uma concepção de arte erudita brasileira, tendo com base as práticas culturais. Um folheto-catálogo bastante significativo, do ponto de vista de suas informações, acerca das publicações do poeta até a primeira metade da década de 1970.

Figura 27 – Capa do *Catálogo d'A Voz da Poesia Nordestina*



Fonte: FCRB, Rio de Janeiro.

<sup>239</sup> Para informações acerca da criação e evolução do Movimento Armorial criado por Ariano Suassuna ver SANTOS, 1999; NEWTON JÚNIOR, Carlos. *O pai, o exílio e o reino: a poesia armorial de Ariano Suassuna*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

Seguindo a descrição do catálogo, Costa Leite vendeu vários títulos a José Alves Pontes, proprietário da Tipografia São José, com o qual escreveu quase todos os folhetos entre as décadas de 1960 a 1970. Dentre eles, destaca *O Conde de Monte Cristo e A águia de ouro do Reino das Três Coroas*, sucesso de público nas feiras de Itabaiana-PB. Negociou alguns originais com João Severino da Silva e José Nilton de Oliveira ambos de São Paulo. Comercializou três folhetos com a Editora Luzeiro-SP (antiga Prelúdio), de 32 páginas. Entre eles *A garça misteriosa*, *O papagaio de ouro* e *Peleja de Zé Pretinho com Manoel Riachão* e vários folhetos de 8, 24 e 32 páginas, com a Fundação Casa das Crianças de Olinda. Nessa casa editorial, Costa Leite afirma que vendeu várias matrizes xilográficas, cerca de 200 de vários tamanhos.<sup>240</sup>

Selecionamos três folhetos de encomenda, mencionados nesse catálogo, para traçarmos uma pouco de sua história, procurando mostrar quanto essas publicações tiveram notoriedade na vida desse poeta, e como esses impressos movimentavam o mercado editorial.

A circulação folhetos de Costa Leite realiza-se de duas formas: por meio de encomendados por órgãos públicos, instituições de pesquisa ou para atender a algum projeto pessoal e os folhetos que são produzidos para serem comercializados nas feiras pelo poeta, folheteiros<sup>241</sup> ou bancas especializadas. Sem contar com o comércio que é realizado com as produções xilográficas do poeta, que atendem a outra dinâmica de trabalho ligado ao mundo da arte e apreciação.

Nesse ensejo, foram encomendados dois folhetos pelo Ministro da Agricultura, *O homem que enricou porque plantava algodão* (Figura 28) e *O pequeno agricultor que se tornou fazendeiro* (Figura 29), com o objetivo de mostrar aos plantadores de algodão da região Nordeste, que os produtores do Sul do país estavam mais modernos e poderiam dominar o mercado brasileiro; por isso, recorreram à literatura de folhetos como forma de facilitar a comunicação entre seus produtores. Tais folhetos tiveram tiragem de 50 e 150 mil exemplares respectivamente, com distribuição gratuita.<sup>242</sup>

---

<sup>240</sup> LEITE, 1976, p. 6.

<sup>241</sup> Nome dado aos agenciadores dos poetas. Aqueles que adquirem os folhetos ou almanaques para revenderem.

<sup>242</sup> LITERATURA de cordel ensina o nordestino a plantar algodão. *O Globo*, 18 abr. 1973. Caderno Panorâmico, p. 145. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=cordel+algoda%C3%B5>> Acesso em: 20 set. 2014.

Figura 28 – Capa do folheto *O homem que enricou porque plantava algodão*



Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro, 1973.

Figura 29 – Capa Folheto *O pequeno agricultor que se tornou fazendeiro*



Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro.

Nos manuscritos de Liêdo Maranhão, livro 2, Costa Leite descreveu para o pesquisador que teve prejuízos com esse folheto que fez para o governo federal. Contou o poeta na barraca de Edson Pinto,<sup>243</sup> no Mercado de São José, que o governo pagou muito pouco pelo trabalho, saindo as ilustrações da capa de graça. observem:

<sup>243</sup> Edson Pinto foi, segundo os manuscritos de Liêdo Maranhão, o maior distribuidor de folhetos em Pernambuco, natural de Carpina-PE. Vendedor de folhetos, desde 1938 instalado no Mercado de São José em uma barraca com um grande estoque de folhetos. José Costa Leite mesmo mantinha com Edson uma relação comercial envolvendo folhetos e almanaques. Sua barraca foi ponto de apoio para encontro de poetas e pesquisadores. Ver SOUZA, 1971, 5 set. e ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1990, p. 443.

Diz Costa Leite que muito explorado por receber de seu Raul Pinto 10.000.00 cruzeiros por 200 milheiros de folhetos. Estes folhetos saíram para ele a 30 cruzeiros o mileiro e ele entregava a 50 cruzeiros. Estes folhetos, Costa Leite recebia sem dobrar, grampear e botar capa. Diz Costa Leite do Ministério da Agricultura ainda teve que pagar o frete para trazer os folhetos de Guarabira e Campina Grande para o Recife. Fez 2 clichês para cada folheto porque foram impressos em duas gráficas. Costa Leite cobra numa média de 15 a 20 cruzeiros por clichê. Diz Costa Leite que também eles não pagaram a criação artística.<sup>244</sup>

Nas anotações de Liêdo Maranhão podemos perceber o inconformismo de Costa Leite diante da encomenda. Esperava ganhar mais dinheiro, pelo fato de ter sido produzido em duas tipografias, tendo de se deslocar de um município para outro. Fora isso, teve que pagar frete e não recebeu pelos clichês que desenhou. Imaginamos quanto isso deve ter representado para o poeta na época, que associa sua escrita e criação artística a seu profissionalismo e trabalho. Produção para Costa Leite leva tempo, e tempo é dinheiro.

Outro folheto, que cita no catálogo feito por encomenda para representar Pernambuco em Brasília, em maio de 1973, foi o intitulado *A Feira de Caruaru* (Figura 30).<sup>245</sup> Escrito em dez páginas, publicado pela Gráfica Independência, contendo na contracapa um texto de Maria Rosa, irmã de Marcus Accioly, reportando-se ao cordel como folheto de feira e sua importância para o nordestino. Este teve uma tiragem de 5 mil exemplares, para serem distribuídos no evento. Ele recebeu passagem de ida e volta, custeada pelo governo de Pernambuco.<sup>246</sup>

Conversando com Liêdo Souza no Mercado de São José sobre esse folheto, menciona que “lhe pagaram 500 cruzeiros para cantar o folheto em Brasília, diz que fez quatro clichês só usaram um e não devolveram os outros 3 clichês”.<sup>247</sup> Pelo que observamos, a forma como essas encomendas eram realizadas, segundo o poeta, não correspondia às expectativas no que se refere ao valor a ser pago pelo trabalho executado.

---

<sup>244</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 14 jun. 1973. p. 78-79.

<sup>245</sup> LEITE, José Costa. *A feira de Caruaru*. [S.l.: s.n], 1973.

<sup>246</sup> LEITE, 1976, p. 7.

<sup>247</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 31 maio 1973. p. 65.

Figura 30 – Capa do Folheto *A Feira de Caruaru*

Fonte: Acervo Fundaj, Recife.

Versejar um folheto para um evento desse porte, exige responsabilidade, não era escolhido qualquer poeta. Pela documentação, notamos a procura de nomes como Costa Leite, J. Borges, Dila. Esses são os mais cotados nesse contexto, inseridos nessa cultura escrita do cordel, mas algo chama a atenção em sua descrição à Liêdo Maranhão. Diz: “nesta encomenda teve prejuízo porque só de viagem ida e volta e estadia em Brasília gastou 15 dias e com 15 dias ele fazia muitas feiras aqui em Pernambuco.”<sup>248</sup> Essas anotações nos fazem refletir acerca da importância que a feira tem para esse poeta, quando compara o tempo que esteve em Brasília, com o que poderia ter arrecadado nas feiras de Pernambuco.

<sup>248</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 31 maio 1973. p; 65.

Esses folhetos de encomenda que apresentamos nos indicam caminhos para pensar a forma como esses pedidos eram concebidos. Interesses eram pautados de ambos os lados: de um, tínhamos o poeta na premência de vender seus versos e clichês; do outro, intelectuais apropriando-se de determinadas práticas culturais do *fazer poesia*. As recorrências de tais encomendas pelo governo federal e estadual a José Costa Leite têm relação com a política de integração nacional desenvolvida em pleno regime ditatorial. O objetivo era criar uma unidade em torno das manifestações culturais, que pudessem servir ao Estado, dinamizando dessa forma a cultura. Nesse caso, o folheto emergia como importante veículo de comunicação. Sua linguagem poética, despontava como elemento facilitador, na medida em que relacionava política governamental em suas páginas.<sup>249</sup>

Nesse contexto, analisando a página editorial dos folhetos de Costa Leite, nos faz compreender a dinâmica de determinadas práticas culturais que foram estabelecidas na década de 1970, mediante a circulação desses impressos/folhetos. Por meio dessa página editorial,<sup>250</sup> podemos encontrar indícios dos folhetos desse poeta, que estavam sendo negociados e propagados por agenciadores e poetas nas feiras. O próprio Costa Leite se encarregava de levar ao público, geralmente frequentadores de feiras e mercados, suas histórias, mantendo uma teia mercadológica que possibilitava vender seus folhetos por meio de anúncios ou em quantidades enviadas pelos Correios.<sup>251</sup>

Dentre a vasta publicação de folhetos desse poeta, chegamos a selecionar 200 exemplares, coletados por meio digital distribuídos nos diversos arquivos a que tivemos acesso.<sup>252</sup> De início, não foi fácil, pois muitos não são datados dificultando o trabalho do pesquisador. Assim como Costa Leite, os muitos poetas não tinham a preocupação em datar ou numerar seus folhetos.<sup>253</sup> O que percebemos é que escrever e vender prevalecia como a ordem estabelecida. Mesmo assim, encontramos folhetos com data de publicação, outros com

<sup>249</sup> Ver ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 82-83.

<sup>250</sup> Sobre a publicidade nos folhetos de cordel ver CARVALHO, Gilmar de. *Publicidade em cordel: o mote do consumo*. São Paulo: Annablume, 2002. KUNZ, Martine. *Cordel: a voz do verso*. Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Um impresso se populariza: o caso dos folhetos de cordel. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia. (Org.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010. p. 567-584.

<sup>251</sup> No tocante a esse comércio propagado na quarta capa dos folhetos, a pesquisa de Alexia Brasil vem contribuir, à medida que apresenta o cordel inserido no que ela denomina de comunicação em rede. Percebe que dentro dessa rede comercial a produção é compartilhada por vários integrantes começando pelo poeta, tipografia, agenciador, público, leitores, ouvintes e consumidores. Todos fazem parte dessa rede da memória social. BRASIL, 2006.

<sup>252</sup> Para esta seleção, contamos com exemplares da Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ, Fundação Joaquim Nabuco, PE, e do Centro Cultural Benfca-UFPE.

<sup>253</sup> LITERATURA popular em questão. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982. p. 19.

indicações tipográficas e cidades que nos aproximam do tempo de sua escrita. Nessa pesquisa, o catálogo de publicações de Costa Leite mencionado anteriormente foi bastante singular pelas indicações acerca do movimento editorial de seus impressos.

A forma como esses anúncios estão inseridos no suporte material é bem diversificada. Não existe uma regra a ser seguida. Cada poeta procurava distribuir informações de acordo com seus interesses ou da tipografia. Acerca desses estudos, Mark Curran,<sup>254</sup> na década de 1970, fez um levantamento de aproximadamente 80 cordéis, onde procurou enquadrá-los em 9 categorias classificatórias no tocante à página editorial dessas publicações. Verificou contracapas com orações, com indicações de leitura, dados biográficos, etc., mas, tratando-se desse tipo de publicação, sua sistematização não contempla todos os folhetos. Tomamos por exemplo, os de Costa Leite, que abarcam diferentes estratégias de propaganda em sua trajetória cordeliana.

Para tal análise, escolhemos dentre os 200 folhetos, 60 exemplares com contracapas publicados pela Folhetaria São José ou Tipografia Pontes, editados na década de 1970 e 40 publicados pela Editora Coqueiro, editados depois de 2000. Apresentamos nesse contexto, a contracapa dos folhetos da Coqueiro, para poder mostrar as mudanças que ocorreram na circulação desses impressos. A seleção dentre os demais fez-se por aproximação de anúncios entre si, ou repetições de alguns títulos dos quais contemplam a referida análise. Costa Leite estrategicamente soube utilizar sua página editorial anunciando sua poesia, vendendo e divulgando seu nome.

Nosso objetivo nesta seção não é apresentar todas as contracapas, mas destacar as que nos permitem perceber a circulação de livros nas feiras propagadas. Analisando as páginas editoriais desses folhetos, observamos que, na parte superior, era reservado o espaço em letras maiúsculas para pôr o nome da tipografia ou folhetaria. Poderia estar em negrito ou não, evidenciando o local de publicação. Logo abaixo, vinha o endereço do poeta, lembrando que também negociava pedidos pelos Correios. Salienta-se que alguns desses, não traziam o endereço do poeta. Desse quantitativo de 45 folhetos, Costa Leite indicou como ponto de revenda o endereço Rua Dr. José Malheiros, n.º 228; 15 para a Rua João Pessoa, n.º 77 e os demais, Rua Dr. Júlio Correia, n.º 223.

---

<sup>254</sup> CURRAN, Mark J. A “página editorial” do poeta popular. *Revista Brasileira de Folclore*, ano 12, n. 32, p. 5-16, jan./abr. 1972. De acordo com a classificação de Curran, podemos encontrar: folhetos com propaganda poética do poeta-editor; propaganda comercial paga ao poeta ou voluntária; orações atribuídas ao Padre Cícero de Juazeiro; homenagens feitas pelo poeta-editor; propaganda de horóscopos e astrologia popular; dados biográficos dos poetas, condecorações e aniversários; notícias e propaganda das organizações poéticas; declarações sobre as qualidades estéticas da poesia; declarações dos direitos autorais.

Perguntamos ao poeta por que a indicação desses endereços residenciais no município de Condado-PE. Ele explicou que “no primeiro residia e no segundo era o endereço de um amigo João Anísio de Freitas, porque nesse período da publicação desses cordéis morava no Engenho Patrimônio e ficava difícil chegar correspondência, nesse sentido o amigo ajudava”.<sup>255</sup> Segundo Costa Leite, esse amigo fazia de sua casa uma espécie de folhetaria e qualquer carta que chegava levava para ele no sítio. Tempos depois, deixou a Rua dos Malheiros e mudou-se para Rua Dr. Júlio Correia, n.º 223, no mesmo município, onde permanece até hoje.

Nosso ponto de partida é a página editorial do romance *Rogaciano e Dorotéia: sofrimento, amor e aventura*<sup>256</sup> de 32 páginas (Figura 31). Verificamos uma série de signos escriturísticos que o poeta fez questão de ressaltar em letras maiúsculas e em negrito, que aqui grifamos. Palavras de ordem tipo atenção, não deixem de ler, ao mesmo tempo convidando o leitor a comprar suas histórias. Costa Leite anuncia a princípio, que aceita pedidos pelos Correios a grosso ou a varejo com descontos aos revendedores, porque, na verdade, são eles, junto com o poeta, que distribuem essas histórias no âmbito social e propagam seus livros. Outro detalhe bem interessante é que, ao indicar o título do folheto, menciona o número de páginas, deixando ciente que se trata de um romance, seja de 24, seja de 32 páginas.

A referência à quantidade de páginas mencionadas nos indica que, nessa época estudada, a produção de romances estava em alta. Encontramos muitos títulos de Costa Leite publicados pela Tipografia Pontes, envolvendo histórias de príncipes, reis, aventuras e castelos, acima de 16 páginas.

Essa forma de propaganda dos títulos já publicados ou que estão para ser editados continuou a ser anunciada nas páginas de outros folhetos de sua produção. Chama a atenção na parte superior o termo “*A Voz da Poesia Nordestina*”. No lugar de identificar a tipografia como mencionamos, o poeta passou a utilizar esse nome em muitas de suas publicações. Analisando os folhetos, verificamos que Costa Leite por estratégia comercial de publicidade, realizava mudanças na forma como se apresentava para os leitores/consumidores. No folheto *O guerreiro Julião e o gigante de aço*,<sup>257</sup> de 24 páginas, em sua contracapa, escreveu Folhetaria São José / “A fonte da Poesia Popular” de José Costa Leite. Já no folheto *O*

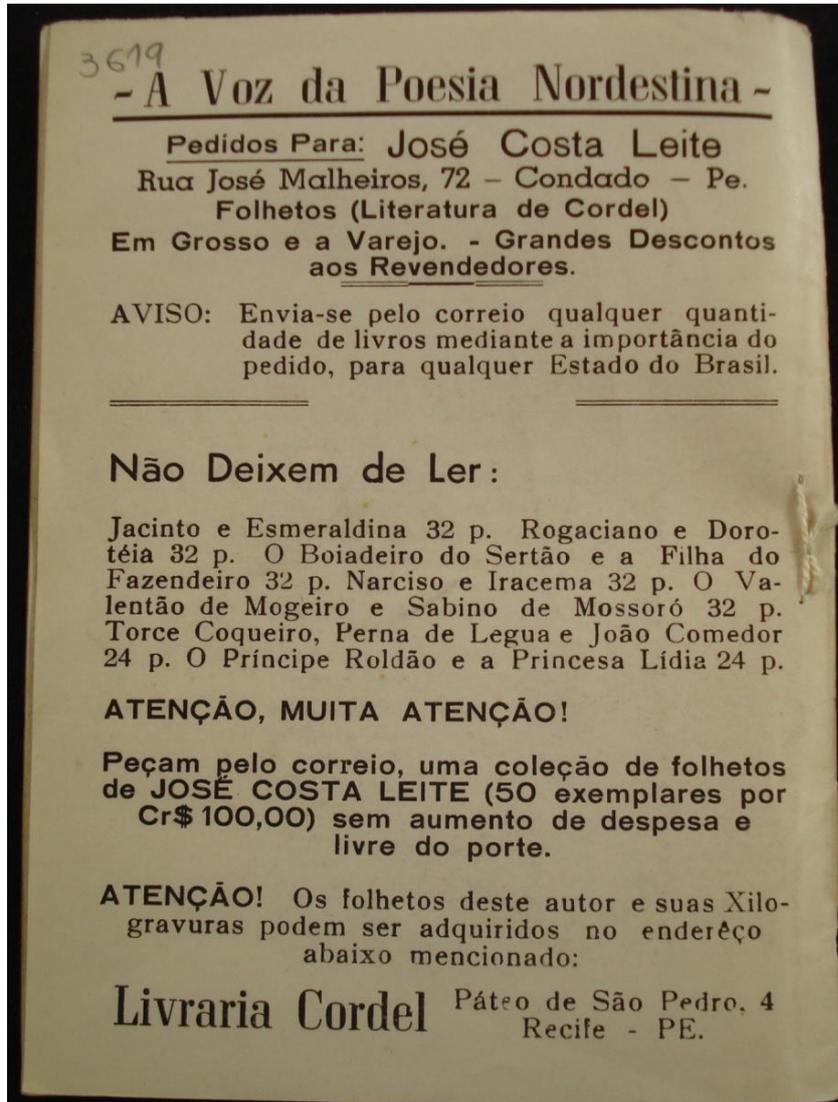
<sup>255</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 26 jun. 2012.

<sup>256</sup> LEITE, José Costa. *Rogaciano e Dorotéia: sofrimento, amor e aventuras*. [S.n.t].

<sup>257</sup> LEITE, José Costa. *O guerreiro Julião e o gigante de aço*. [S.n.t].

encontro de Zé Garcia com José de Souza Leão,<sup>258</sup> de 16 páginas, escreveu Folhetaria São José / A voz da Poesia de José Costa Leite.

Figura 31 – Contracapa do folheto *Rogaciano e Dorotéia: sofrimento, amor e aventuras*



Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro.

A identificação da fonte ou da voz era uma forma de diferenciar da contracapa de alguns folhetos que vinha escrito Folhetaria São José de José Alves Pontes, por exemplo, no cordel *A onça e o cabrito*, de 8 páginas. Explica Costa Leite:

<sup>258</sup> LEITE, José Costa. *O encontro de Zé Garcia com José de Souza Leão*. [S.n.t.].

Meu nome é José, a folhetaria era minha botei José. Acontece que depois que botei achei melhor A voz da Poesia Nordestina, porque Manoel Camilo a tipografia dele era A voz da Poesia, mas não falava em nordestina. Depois ele parou de fazer livro, adoeceu e depois morreu. Aí eu não quis colocar a voz da poesia, botei A voz da Poeisa Nordestina que é originária do Nordeste.<sup>259</sup>

Com isso, percebemos que, na verdade, o poeta se apropriou de um termo já existente para dar nome à sua folhetaria e não confundir com a de José Alves Pontes. Essa folhetaria funcionava em sua residência. Era um local para onde convergiam revendedores, fazia a contabilidade dos impressos e organizava a distribuição pelos Correios. Não se tratava de um espaço para impressão, apenas para negociação comercial. Segundo a documentação, chegou a possuir uma máquina tipográfica de madeira, mas nem trabalhou com ela, trocou com José Alves Pontes por um autofalante, que utilizava para cantar folhetos na feira.<sup>260</sup>

No folheto *O encontro de Zé Garcia com José de Souza Leão* (Figura 32), encontramos uma contracapa com uma diagramação de propaganda diferenciada. Permanecendo as indicações de leituras, com foco nos folhetos em circulação e o endereço para correspondência.

A página vem chamando a atenção para a venda do Calendário Brasileiro (almanaque) e sua “fabulosa coleção” de romances e folhetos populares, e na parte inferior segue o nome de dois locais para revenda desses impressos. O que se destaca nessa página é a foto do poeta estampada do lado esquerdo, uma estratégia utilizada para não haver erros quanto à compra e autoria de sua poesia. Esse recurso nos faz lembrar o poeta Leandro Gomes de Barros, o primeiro a imprimir uma fotografia na capa de seus folhetos, procurando comprovar a autoria de suas histórias diante das cópias que estavam surgindo.<sup>261</sup>

---

<sup>259</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 19 mar. 2014. Acerca da tipografia de Manoel Camilo dos Santos, ver CIPRIANO, Maria do Socorro. Tipografia de cordel na Paraíba: entre o comércio e a poesia. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, RN. *Anais...* Natal: ANPUH, 2013.

<sup>260</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 26 abr. 1973. p. 13-14.

<sup>261</sup> GRILLO, 2005, p. 44-45.

Figura 32 – Contracapa do folheto *O encontro de Zé Garcia com José de Souza Leão*



Fonte: Acervo Fundaj, Recife.

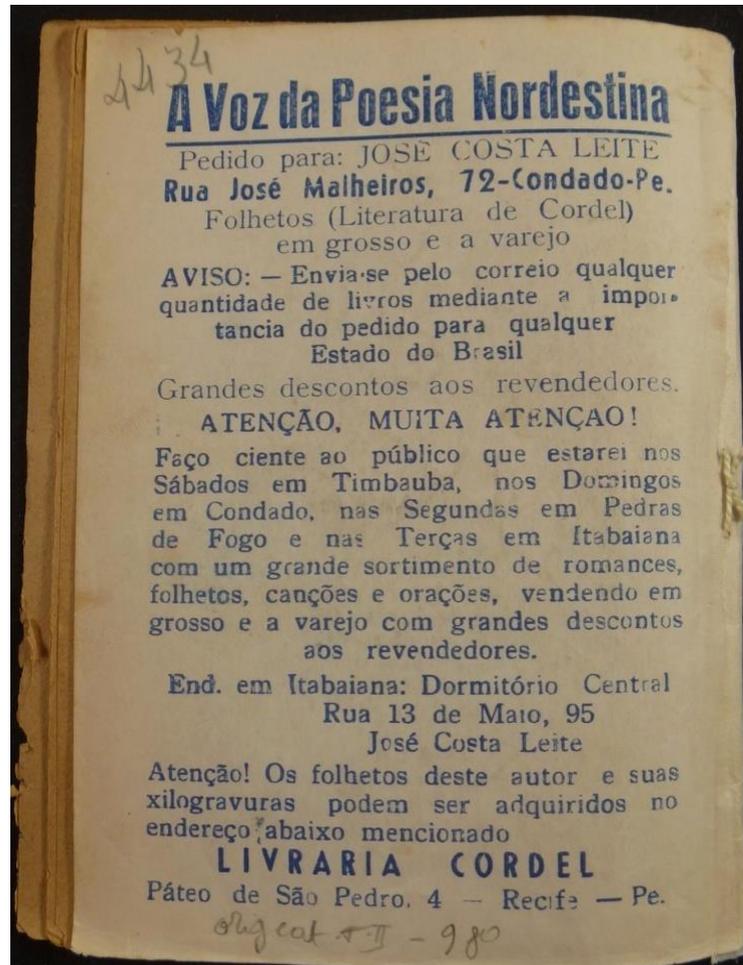
Mergulhando na documentação, deparamos com dois folhetos da Folhetaria Alves Pontes, que se destacam quanto aos signos estratégicos emitidos pelo poeta Costa Leite. O primeiro com o título *A vida de Lampião e Maria Bonita*<sup>262</sup> (Figura 33), com 16 páginas, traz em sua página indicação do circuito das feiras, onde o poeta estava comercializando seus folhetos no fim de semana. Começando no sábado em Timbaúba, domingo em Condado, segunda em Pedra de Fogo e na terça-feira em Itabaiana. Ou seja, durante quatro dias da semana, o poeta desloca-se de sua residência levando diferentes folhetos para serem vendidos.

Ao escrever na contracapa tais informações, percebemos que ele direciona as pessoas que gostam dessas histórias para esses espaços que, de acordo com as fontes, passava a ser o local de maior circulação e vendagem. Não são indicações apenas para compor a página, mas

<sup>262</sup> LEITE, José Costa. *A vida de Lampião e Maria Bonita*. [S.n.t.].

uma forma de divulgação de seu percurso. Indica que, além dos folhetos, estará levando romances, canções e orações com vendas em pequenas e grandes quantidades.

Figura 33 – Contracapa do folheto *A vida de Lampião e Maria Bonita*



Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro.

O outro folheto, *O romance das duas órfãs de Azul-Mar* (Figura 34),<sup>263</sup> com 24 páginas, diferentemente do anterior com indicação do local das feiras, apresenta em sua contracapa uma relação de livros e textos, que amplia nosso horizonte acerca do universo das práticas de leituras e culturais vivenciadas nas feiras livres e banca de poetas. Até então, estávamos analisando um Costa Leite que vendia apenas almanaques, folhetos, orações e romances. Agora partimos para outra dimensão desse comércio, com livros espíritas, preces, defumadores de umbanda, livros astrológicos, banhos de limpeza, etc. Leiamos na imagem:

<sup>263</sup> LEITE, José Costa. *O romance das duas órfãs de Azul-Mar*. [S.l.]: Tipografia São José, [s.d.].

Figura 34 – Contracapa do folheto *O romance das duas órfãs de Azul-Mar*

Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro.

A pesquisa parece indicar que durante a década de 1970 a procura por esses livros se fazia presente nas maletas de cordelistas ou bancadas de poetas. Existia um público leitor/consumidor para essas publicações, que pertenciam às camadas populares, com acesso ou não ao universo letrado.<sup>264</sup> O fato de serem anunciados nessa página ou em outra, não era simplesmente para fazer volume e chamar a atenção das pessoas. Em se tratando de Costa Leite, propôs-se a vender porque tinha procura e lhe rendia algum lucro no fim do dia. A contracapa, além de apontá-los, menciona o preço das mercadorias, que poderiam ser solicitadas pelos Correios. Prática comercial muito utilizada envolvendo suas publicações. Podemos ainda perceber que dois livros aparecem como destaque no fim da página; o livro de

<sup>264</sup> Na reportagem do *Jornal do Brasil*, encontramos referência do público consumidor a esses impressos. A reportagem diz que quem compra é o povo sertanejo no interior e a população dos subúrbios nas capitais, pois o folheto é que informa esse pessoal. Fora essas pessoas, quem também compra são os estudiosos para pesquisar. GROPER, Symona. Cordel: o best-seller do povo. *Jornal do Brasil*, 29 nov. 1976. Caderno B, p. 10.

São Cipriano,<sup>265</sup> custando Cr\$ 1.200,00 e a Cruz de Caravaca,<sup>266</sup> custando Cr\$ 500,00. Esses eram livros de orações que exerciam fascínio e despertavam curiosidade nos leitores por estarem ligados a práticas da magia e misticismo.

Corroborando essa análise, visualizamos a contracapa do folheto *A feiticeira do reino da Serra Branca*<sup>267</sup> e do folheto *O rei Alexandrino e a rainha Catarina* (Figura 35).<sup>268</sup> Ambos nos permitiram ir além desse mercado de livros. O poeta Costa Leite vê-se inserido em uma rede comercial que ultrapassa a venda de seus folhetos. Estamos diante de um cordelista múltiplo no sentido de fazer e criar, que anuncia horóscopo, talismã da sorte, perfume de signos, banho de limpeza, sabonetes e defumadores. Essas mercadorias associam-se a religiosidade e crenças adivinhatórias, representadas muitas vezes em suas folhas avulsas de orações, folhetos e nas páginas de seus almanaques sertanejos.

As indicações comerciais e as estratégias são percebidas em detalhes quando diz, “não aceitamos reembolso postal, solicite informação antes de fazer o pedido, ao fazer envie vinte mil cruzeiros”, “oferecemos abatimento fazendo um pacote”, ou seja, havia um planejamento sistemático para negociar seus produtos. Esse alerta de enviar o dinheiro primeiro para depois seguir a mercadoria não funcionava muito bem, as transações comerciais eram estabelecidas na base da confiança e do velho ditado “compro e pago depois”.

---

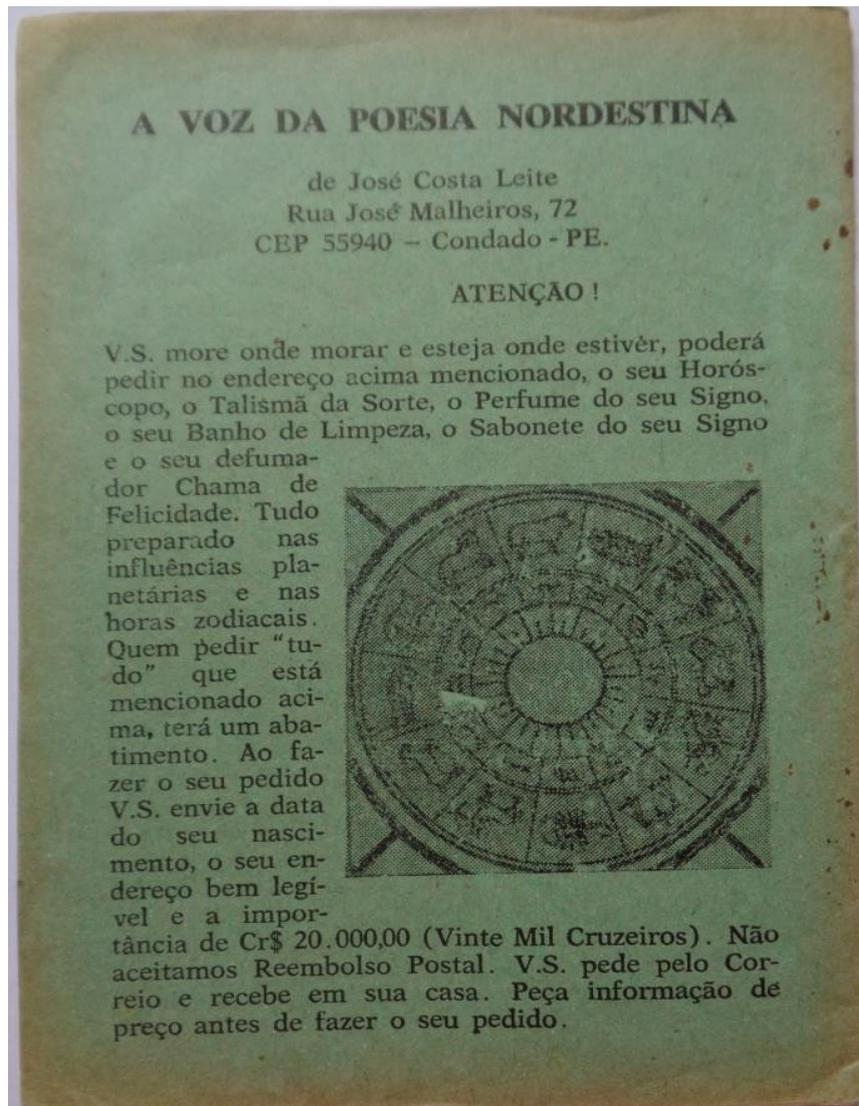
<sup>265</sup> LAPLACE, Urbain. *São Cipriano: o legítimo capa preta*. São Paulo: Ed. Luzero, 2011. Esse livro, segundo Jerusa Pires Ferreira, circulou entre feiras, bancas e pequenas livrarias nas cidades atingindo diferentes camadas sociais. É um livro cercado de mistérios, misticismo e magia. Impresso em várias edições, atende um público ligado a práticas e credices de fetiches e umbanda, contendo em seu interior várias orações, rezas e conjuros de feitiços “diabólicos”. Como afirma, “é um livro de feitiçaria, trazendo sua carga de maldição e interdição e, mais ainda, um livro popular”. Para mais detalhes sobre o livro de São Cipriano, ver a tese de livre-docência na USP de FERREIRA, Jerusa Pires. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. FERREIRA, Jerusa Pires. Livros e leituras de magia. *Revista USP*, São Paulo, p. 42-51, set./nov. 1996.

<sup>266</sup> No decorrer da pesquisa, adquirimos dois exemplares com edições diferentes da Cruz de Caravaca. Pela Editora Pensamento, a 1.ª edição data de 1955 e já se encontra na 27.ª edição. Pela editora Pallas, está na 10.ª edição. Por essas publicações, dá para se ter uma ideia de que o livro é requisitado nas feiras e bancas de folheteiros. É um livro de orações utilizadas para pedir proteção. Sua história remonta ao período medieval quando foi trazido de Jerusalém um fragmento da madeira da Cruz de Cristo, que se encontra guardada como relíquia na cidade de Caravaca, província de Múrcia, sudeste da Espanha. Guardada em um relicário, caracteriza-se por ter dois braços horizontais: um com 7cm e outro com 10 cm e a parte vertical medindo 17 cm. Segundo as descrições, seus braços têm fios de ouro, topázios e rubis. Para se aprofundar nessa história, ver O LIVRO tradicional da Cruz de Caravaca. 10. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

<sup>267</sup> LEITE, José Costa. *A feiticeira do reino da Serra Branca*. [S.n.t.].

<sup>268</sup> \_\_\_\_\_. *O rei Alexandrino e a rainha Catarina*. [S.n.t.].

Figura 35 – Contracapa do folheto *A feiticeira do reino da Serra Branca*

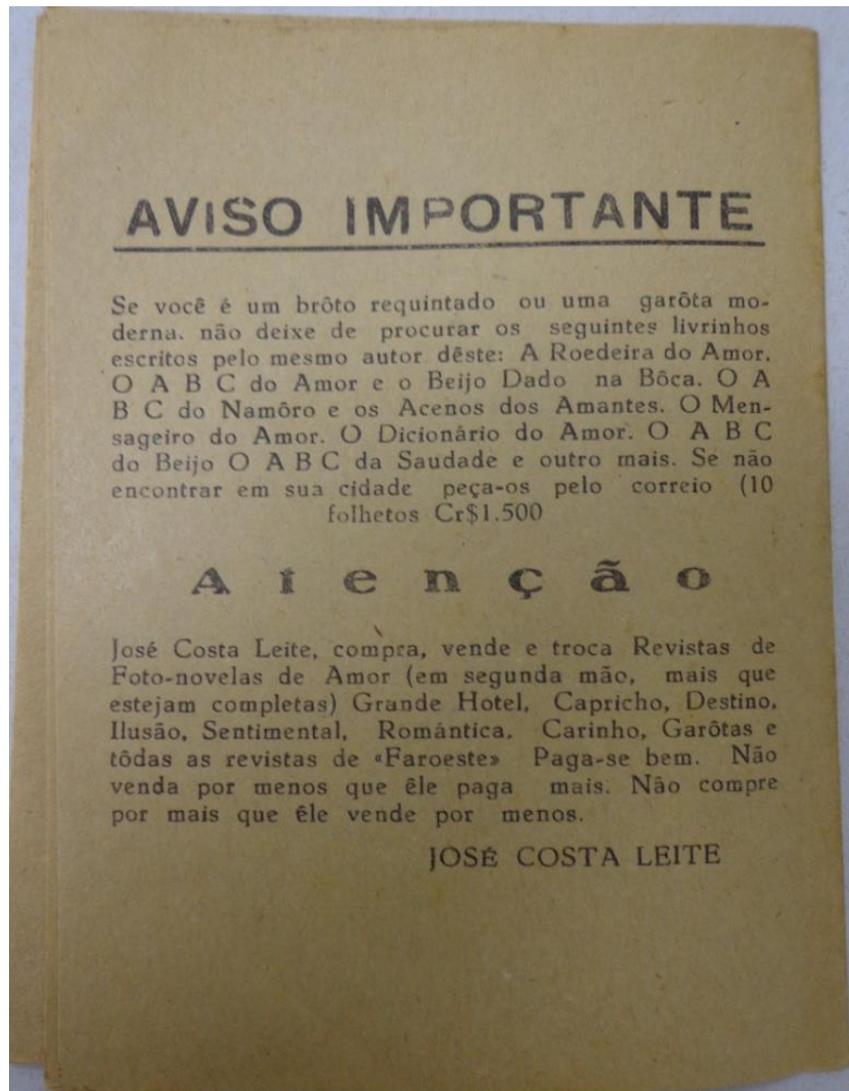


Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

Costa Leite procurava deixar seu público bem informado sobre suas publicações e produtos. Suas páginas não foram contaminadas com as propagandas multifacetadas relacionadas com o comércio, a indústria e os políticos como verificamos em folhetos de outros poetas.<sup>269</sup> Utilizava o espaço para fazer anúncios de seus folhetos e dos livros que mantêm à venda em sua banca. Na contracapa do folheto *O horóscopo do amor*,<sup>270</sup> (Figura 36) com 8 páginas, brinca com seu público ao mencionar “se você é um broto requintado ou uma garota moderna, não deixe de procurar os seguintes livrinhos escritos pelo autor...” e segue uma série de títulos envolvendo a temática do amor.

<sup>269</sup> MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004. p. 109-116.

<sup>270</sup> LEITE, José Costa. *O horóscopo do amor*. [S.n.t.].

Figura 36 – Contracapa do folheto *O horóscopo do amor*

Fonte: Acervo Fundaj, Recife.

Logo em seguida, ele chama a atenção das pessoas dizendo que “compra, vende e troca” vários tipos de revistas, entre elas, Grande Hotel, Capricho, fotonovelas, revistas de faroeste, Sentimental e Destino. Especifica que paga bem e exige que esteja em boas condições caso queira fazer negócio. Não perde sua forma jocosa de propagar “não compre por mais que ele vende por menos”. Ou seja, não compre a outra pessoa, porque Costa Leite vende mais em conta. Esse anúncio revela o sortimento de publicações que existem em sua

banca e os tipos de revistas e livros consumidos por alguma parcela da sociedade.<sup>271</sup> Esses periódicos somados a outros impressos, o acompanhavam em suas bolsas carregadas de mercadorias sempre que se dirigia a uma feira, como podemos visualizar em um registro do poeta na feira do município de Itambé em 1995 (Figura 37).

Figura 37 – José Costa Leite na feira de Itambé-PE 1995



Fonte: Acervo José Costa Leite, Recife.

As páginas editoriais indicam que, no fim da década de 1970 e início dos anos 1980, o poeta não estava anunciando com tanto afincio seus romances e folhetos. Diferentemente dos anos iniciais quando começou a editar pela Tipografia Alves Pontes, que não perdia tempo em divulgar suas histórias. A queda do consumo desses impressos mediante a perseguição dos

<sup>271</sup> Augusto Arantes em sua pesquisa reporta a essa prática de vender além de folhetos e objetos como algo que pode estar associado “a mera conveniência prática e fortuita do vendedor”. Pensamos nesse aspecto e contatamos em nossa pesquisa que, ao adquirir de representantes ou atacadistas essas revistas e livros, Costa Leite segue sim essa dinâmica comercial de “vender tudo” que puder para ganhar dinheiro. Ver ARANTES, 1982, p. 32-33.

fiscais nas feiras,<sup>272</sup> o aumento do preço do papel provocado pela alta inflação proporcionaram mudanças na página editorial.

Entre a década de 1960 e 1970, a alta da inflação elevou o preço do papel dificultando a circulação desses impressos. Gerava um efeito “cascata” entre poeta, editor e o consumidor. Falava-se na morte e agonia do folheto nos principais centros comerciais de Recife, Caruaru, Fortaleza, Campina Grande, Natal e Feira de Santana. Por volta da década de 1970, teve certo ressurgimento levando muitos poetas a circular pelas feiras do Nordeste, mas no início da década de 1980, as dificuldades aumentaram e muitos deixaram de frequentar as feiras. Costa Leite foi um dos poucos sobreviventes que insistiam nesse período em levar seus títulos para a feira por acreditar na força da literatura.<sup>273</sup>

O folheto não deixou de existir, mas seu público não era mais o mesmo. Diante disso, gradativamente, a contracapa desse poeta passou a indicar apenas os locais de vendas, bancas de revista, centros comerciais ou alguns revendedores. Como afirmamos, não era uma regra a composição gráfica da página editorial, por isso vamos encontrar contracapas dos folhetos *Juvenal e Minervina*,<sup>274</sup> com 16 páginas, *As aventuras de Renato e Elvira*,<sup>275</sup> com 16 páginas, editados pela Tipografia Alves Pontes com apenas indicação de endereço dos revendedores.

Foi esse modelo de diagramação que passou a ser quase uma marca registrada nos folhetos publicados pela Editora Coqueiro, assim que deixou de publicar pela Casa das Crianças de Olinda. A pesquisa informa que algumas páginas editoriais da Coqueiro não seguem esse tipo de anúncio com o nome dos agenciadores. Também o poeta passou a utilizar a seguinte frase na parte superior do folheto, logo abaixo do seu endereço: “Em cada cordel de José Costa Leite encontra-se nele, um pedacinho do Nordeste!” Uma espécie de chamada para leitura e consumo de seus títulos, como podemos verificar na contracapa dos folhetos de 8

---

<sup>272</sup> A perseguição aos poetas populares passou a ser uma constante nos mercados e praças registrados em alguns periódicos da época, cobravam o chamado imposto “de chão”. Aqui no Mercado de São José, houve vários embates principalmente na gestão de Augusto Lucena (1971-1975) para a revitalização do bairro de São José. Ver SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 12 maio 1973, p. 24; GROPER, 1976. NORDESTE..., 1975, p. 29. LITERATURA..., 1982, p. 47. LITERATURA de cordel por um fio. *Vida das Artes*, jul.1975, p. 12.

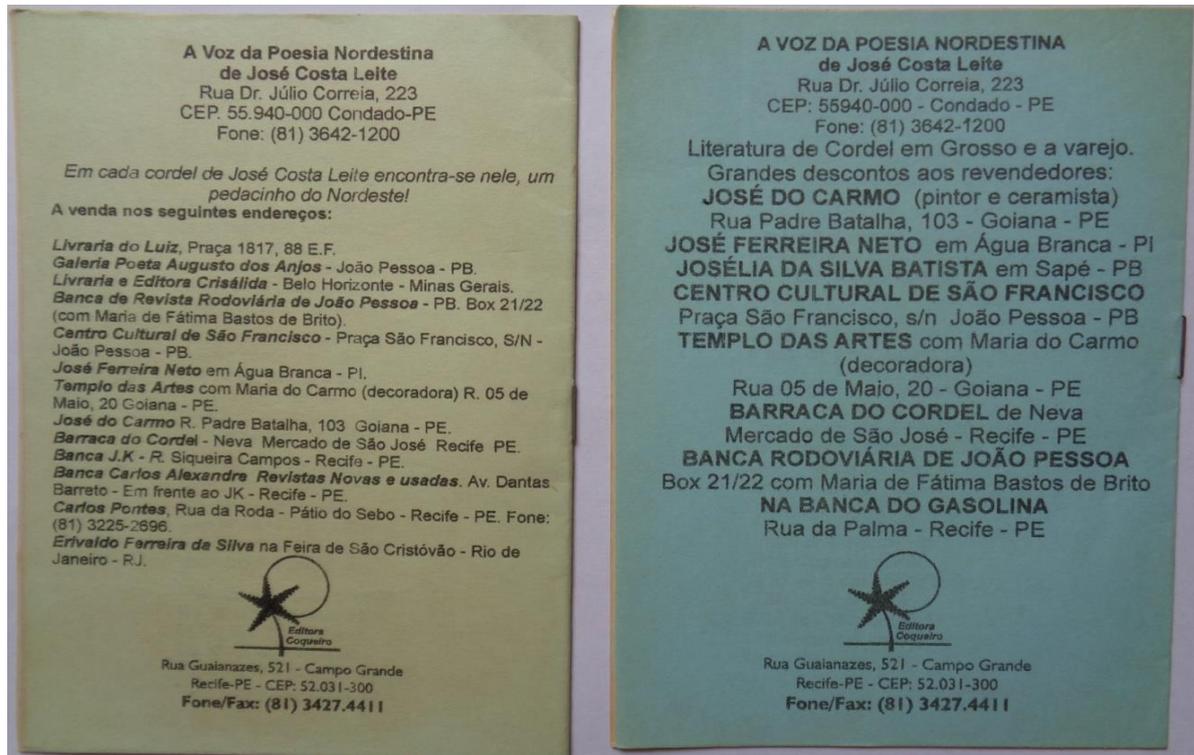
<sup>273</sup> AGONIA da poesia popular. *O Globo*, 25 abr. 1969, p. 9. A POESIA popular na crise do papel. *O Globo*, 2 dez. 1973, p. 7. SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 20*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 9 mar. 1980. MAYER, 1980, p. 91. PUNTEL, Joana T. A literatura que já foi do povo. *Família Cristã*, ano 46, n. 533, maio 1980. p. 24.

<sup>274</sup> LEITE, José Costa. *Juvenal e Minervina*. [S.n.t.].

<sup>275</sup> LEITE, José Costa. *As aventuras de Elvira e Renato*. [S.n.t.].

páginas, *O cavalo voador ou Julieta e Custódio* e *O chupa-cabra falando que anda pelo Nordeste*<sup>276</sup> (Figura 38).<sup>277</sup>

Figura 38 – Contracapa dos folhetos *O cavalo voador ou Julieta e Custódio* e *O chupa-cabra falando que anda pelo Nordeste*



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

### 2.3 Prezado amigo

Verificamos nas análises de algumas contracapas na seção anterior que o poeta Costa Leite anunciava que, além de vender nas feiras a grosso e a varejo, atendia solicitações pelos Correios. Como podemos perceber em fragmentos de anúncios nas contracapas dos folhetos: *Uma mulher carinhosa*, de 8 páginas, que diz “Atenção! Remete-se pelo correio qualquer quantidade de livros, mediante a importância do pedido para qualquer estado do Brasil. Façam seus pedidos de Almanagues, folhetos e Horóscopos a José Costa Leite no endereço acima”,<sup>278</sup> no folheto *O drama do retirante*, de 8 páginas, “Encomendas de: Horóscopo,

<sup>276</sup> LEITE, José Costa. *O cavalo voador ou Julieta e Custódio*. [S.n.t.]. \_\_\_\_\_. *O chupa-cabra falando que anda pelo Nordeste*. [S.n.t.].

<sup>277</sup> LEITE, José Costa. *A moça que se amigou com um jumento*. Recife: Ed. Coqueiro, [s.d.]

<sup>278</sup> LEITE, José Costa. *Uma mulher carinhosa*. [S.n.t.].

Talismã da Sorte, defumador, banho de Limpeza, sabonete e perfume do signo”,<sup>279</sup> ou ainda no folheto *A chegada de Silvino na Vila Macaparana*, de 8 páginas: “Atenção! Xilogravuras em qualquer tamanho? Com José Costa Leite.”<sup>280</sup> Dentre outros, que já destacamos.

Esses dados apresentados nos chamaram a atenção e suscitaram algumas indagações: Como funcionavam essas vendas pelos Correios? De que forma ele procedia para atender essas pessoas? Qual o público com quem ele mantinha contato? De onde chegavam esses pedidos pelos Correios? Para nossa surpresa, tivemos acesso ao acervo da Casa da Memória Popular de Liêdo Maranhão,<sup>281</sup> que, por meio de seu filho, Roman Maranhão, proporcionou a oportunidade de vislumbrar algumas dessas cartas das décadas de 1970 e 1980 endereçadas a José Costa Leite.<sup>282</sup> Essas correspondências estavam guardadas em três pastas bem conservadas com os envelopes de postagem, selos e endereços.

No total, contabilizamos 174 cartas, o que ampliou nossa visão acerca do trabalho exercido por esse poeta e sua dinâmica de vender e ganhar dinheiro. Essas cartas enviadas a José Costa Leite foram postadas de vários estados e municípios do Brasil e algumas do interior de Pernambuco. Sua localização no espaço geográfico ficou assim distribuída: Bahia-14, Ceará-5, Espírito Santo-2, Brasília-5, Florianópolis-1, Porto Alegre-1, Goiás-1, Belo Horizonte-2, Rio de Janeiro-27, Paraíba-34, Alagoas-5, Sergipe- 23, Piauí- 2, São Paulo-5, Rio Grande do Norte-7; cidades do interior de Pernambuco: Caruaru-1, Limoeiro-1, Surubim-2, Amaraji-1, Arcoverde-1, Pesqueira-1, Floresta-1, São José do Egito-18, Passira-1, Gravatá-2, Belo Jardim-5, Toritama-5, Vicência 2.

Com algumas cartas escolhidas, pretendemos analisar fragmentos significativos que nos possibilitem perceber a rede de distribuição e consumo exercida por esse poeta propagada em sua página editorial, bem como a forma se solicitavam essas mercadorias.<sup>283</sup> Estamos

<sup>279</sup> LEITE, José Costa. *O drama do retirante*. [S.n.t.].

<sup>280</sup> LEITE, José Costa. *A chegada de Silvino na Vila Macaparana*. [S.n.t.].

<sup>281</sup> A Casa Memória Popular Liêdo Maranhão, localizada na cidade de Olinda, mantém um acervo de grande importância para a memória das práticas culturais de nosso estado. O acesso a essas correspondências não se deu de forma intencional. Fomos apresentados pelo prof. Maurício Carvalho ao filho de Liêdo, Roman Maranhão. Este gentilmente se dispôs a contribuir com esta pesquisa nos cedendo algumas horas de sua vida, apresentando documentos ligados a José Costa Leite. Começamos pelos folhetos, revistas, álbuns de xilogravuras e, para nossa surpresa, chegamos às cartas. Conseguimos digitalizar todas as 174 cartas. O que nos deixou impressionados era a conservação da documentação e os cuidados de Liêdo Maranhão em guardar essas cartas com seu envelope e informações anexas. Cabe mencionar que todas essas cartas são exclusivamente passivas, apenas recebidas por Costa.

<sup>282</sup> Para um estudo acerca do uso das cartas pelos historiadores e sugestões metodológicas, ver MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221. GOMES, 2004.

<sup>283</sup> Nas referidas análises dessas cartas, manteremos a grafia original.

cientes de que essa documentação não é testemunho da realidade nesse contexto, mas nos leva a trilhas, indícios dessa história que abrange o cordelista e sua trajetória.

O conjunto de cartas direcionadas ao poeta José Costa Leite guardadas nos arquivos de Liêdo Maranhão foi adquirido por esse pesquisador, segundo o poeta, durante os anos em que circulava pelo Mercado de São José: “Liêdo sempre que me encontrava pedia as cartas que eu recebia dos amigos e pedidos. Eu lia, respondia e entregava a ele. Acho que ele gostava de ler.”<sup>284</sup> Provavelmente esse mesmo tratamento ele estendeu para J. Borges, Manoel Camilo dos Santos, Dila, Manuel d’Almeida Filho e Manoel Caboclo e Silva, pois encontramos algumas cartas destinadas a esses poetas em nossa “garimpagem”.

Analisando essa documentação, percebemos que o poeta recebia os pedidos de folhetos, almanaques, signos, horóscopos e clichês de diferentes locais do Brasil, lia e respondia enviando a mercadoria solicitada. Um dado interessante é que o envelope das cartas localizadas tem anotações realizadas pelo poeta, por exemplo, data em que respondeu ao pedido, preço das mercadorias, pedidos para serem enviados com urgência, etc. Essas informações nos levam a pensar que existia uma provável contabilidade, uma forma do poeta não se perder diante de suas atribuições, entre a feira e sua produção de xilogravuras, folhetos e almanaques.

As cartas foram enviadas de diferentes localidades do Brasil, principalmente de regiões afastadas dos centros urbanos como sítios e fazendas. Correspondem a um registro de uma época de grandes dificuldades na comunicação entre as pessoas, em que o tempo ditava suas regras, pois entre uma carta e outra, os intervalos eram de semanas ou meses. Pensar, sentar à mesa, escrever, postar e esperar chegar ao destinatário. Era uma prática de escrita que muitas pessoas se prontificaram em pôr no papel seus desejos e intenções produzindo um corpo textual endereçado a um poeta que, de certa forma, despertava algum interesse.

No que se refere ao suporte material dessas cartas, encontramos 15 datilografadas por pesquisadores e alguns poetas; as demais 159 escritas à mão por revendedores, agricultores, almanaqueiros e também poetas. Nessas últimas, na sua escritura, são visíveis traços que indicam baixa escolaridade, fruto desse entrelaçamento entre a escrita e a oralidade. Escritas em papel pautado, ofício ou folhas de caderno, com caneta esferográfica azul, preta ou vermelha partilhavam com o poeta ideias, pedidos e laços de amizade.

Vamos encontrar em seu conteúdo solicitações de amigos e desconhecidos atendendo a indicações de Costa Leite que, por meio de sua criação artística, fazia circular seus trabalhos

---

<sup>284</sup> Informação prestada por José Costa Leite em entrevista a Geovanni Cabral, Condado-PE, 27 jul. 2015.

pelo Brasil. Percebemos quanto o “público é moldado pelo escrito”<sup>285</sup> em uma época em que a oralidade caminhava de mãos dadas com as práticas de leituras e escritas. Costa Leite era mestre nessas ações, estrategicamente ocupava diferentes espaços sociais com atividades diversas visando ganhar dinheiro e propagar seu nome. Estratificava o tempo entre sua criação artística, leitura das cartas e seu envio.

Tomaremos como ponto de partida para análise a carta de Alípio Bispo dos Santos, residente em Salvador, escrita em 26 de janeiro de 1978:

Prezado amigo  
 José Costa Leite  
 Abraço  
 Mande-me o preço dos 100 calendários para mim enviar-lhe o dinheiro.  
 Mande-me dizer se ainda tem aquele folheto A mulher que quebrou as gaias do marido com mão de pilão e qual o preço do cento.  
 Sem mais  
 Alípio Bispo dos Santos.<sup>286</sup>

A carta começa com as devidas saudações perguntando a Costa Leite o preço de calendários e folhetos. O senhor Alípio parece ter laços de amizade e confiança, pois deixa claro que assim que chegarem à sua residência os valores solicitados das mercadorias, ele enviará o dinheiro para que o poeta remeta o calendário. A resposta do poeta foi enviada em 10 de fevereiro de 1979. Essa prática de confiança se estendia praticamente a todas as correspondências analisadas nesta pesquisa. Além dessas pessoas que mantinham contato sem conhecer, estabelecia vínculo com seus revendedores, com os quais fazia a distribuição dos folhetos e almanaques para serem vendidos nas feiras e praças.

Costa Leite lia essas cartas e fazia as devidas anotações no envelope antes de seguir com a resposta para os Correios. A documentação possibilita pensar que existia um elo de comunicação que ultrapassava o ambiente das feiras e suas andanças pelas tipografias. A correspondência do poeta Olegário Fernandes de Caruaru, escrita em 20 de maio de 1981, aponta a mesma prática descrita acima em receber a mercadoria, para vender e depois pagar. Vejamos:

Saudações  
 Senhor Costa Leite.

A fim desta é para lhe

<sup>285</sup> CERTEAU, 2009, p. 238.

<sup>286</sup> Carta de Alípio Bispo dos Santos para José Costa Leite. Salvador-BA, 26 jan. 1978. Acervo CMPLM.

Avisar, que o dinheiro do almanaque está com  
 Seu Edson, muito  
 Obrigado pela atenção.  
 Fica 400,00 cruzeiro  
 De acordo que tinha  
 Escrito no pacote a  
 Importância é essa.  
 Fim  
 Olegário Fernandes.<sup>287</sup>

Os pedidos são diversificados, assim como as histórias que circulam pelo Brasil. Na carta de Expedito F. Silva, ele solicita ao poeta folhetos sortidos especificando as páginas de 8 e 16, o calendário do ano de 1984 e avisa que postará o dinheiro antes dos trinta dias. Essas informações nos fazem refletir sobre a dinâmica que pairava na vida desse poeta para manter essas publicações, porque o pagamento dessas transações ficava sempre para depois, e ele precisava gastar com passagens, pagar os impressos tipográficos e manter a família. Talvez explique o fato desse homem se envolver em tantas atividades comerciais. Leiamos a carta:

Costa Leite amigo

Saúde  
 Recebi as amostras dos exemplares  
 Gostei muito principalmente dos  
 Clichês pagamento com 30 dias.  
 Me envie um cento de 8 páginas  
 Sortidos do Viadinho e outros  
 50 de 16 páginas sortidos.  
 Se ainda tem o calendário 84  
 Me envie 20.  
 Um abraço cordelino deste  
 Amigo de sempre Expedito F. Silva  
 Antes de 30 dias te envio  
 O dinheiro por vale postal  
 Por hoje é só.<sup>288</sup>

No envelope dessa carta, verificamos que as solicitações do senhor Expedito foram atendidas. Seu pedido foi despachado pela agência dos Correios, em 15 de fevereiro de 1984, com 100 folhetos de 8 páginas, mais 50 folhetos de 16 páginas e 25 com 32 páginas. Quanto ao almanaque, diz que não tem os de 1984, mas que em breve estará enviando o de 1985. O que nos chamou a atenção é que em outra carta de Costa Leite para Expedito foram enviados alguns clichês como exemplares de seus desenhos.

<sup>287</sup> Carta de Olegário Fernandes para José Costa Leite. Caruaru-PE, 20 maio 1981. Acervo CMPLM.

<sup>288</sup> Carta de Expedito F. Silva para José Costa Leite. Mari-PB, 1984. Acervo CMPLM.

O conteúdo dessas cartas realmente é revelador em sua leitura. Deparamos com pedidos comerciais surpreendentes envolvendo os anúncios postados. Por exemplo, no folheto *A feiticeira do reino da Serra Branca*<sup>289</sup> mostrando um Costa Leite envolvido em práticas adivinhatórias e proféticas. Tais experiências estão associadas à feitura de seu almanaque e das leituras que realizava para sua confecção, como o “Lunário Perpétuo, Astrologia Prática e Tarô Adivinhatório”.<sup>290</sup> Por meio desse campo cultural, segundo os caminhos da pesquisa, ele se projetava como uma espécie de “profeta” e as pessoas, ao que parece, acreditavam em suas palavras e preceitos.

O que sabemos é que esse poeta passou a receber cartas de pessoas solicitando conselhos, pedidos de oração, banhos de limpeza, etc. Intercalavam-se leituras do tempo, experiências do cotidiano e da vida, saberes essenciais para manutenção desse conjunto escriturístico voltado para as práticas adivinhatórias. Na contracapa do folheto *A vitamina B-12 que cura a dor do amor*<sup>291</sup> (Figura 39), com 8 páginas, tem um lembrete bem peculiar que corrobora essa nossa discussão a começar com o título *Seu destino está nos astros!*

Nesse anúncio o poeta é enfático em sua relação comercial ao articular passado, presente e futuro quando diz: “Se V. S. Deseja saber de sua sorte e seu futuro no decorrer de um ano [...]” envie a “importância de sua encomenda e fique aguardando pelo correio.” Deixa claro o valor para não haver dúvidas na contratação dos serviços. Essa estratégia é algo significativo quando se leva em conta seu trabalho de escrever essas publicações.<sup>292</sup>

---

<sup>289</sup> LEITE, José Costa. *A feiticeira do reino da Serra Branca*. [S.n.t.].

<sup>290</sup> Informação prestada por José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

<sup>291</sup> LEITE, José Costa. *A vitamina B-12 que cura a dor do amor*. [S.n.t.].

<sup>292</sup> Nos arquivos da Editora Coqueiro, encontramos partes do que viria a ser o *Horóscopo Individual* e o *Talismã da Sorte*. Confessamos nossa curiosidade acerca dessas publicações; até o fim de 2014, não havíamos localizado nenhum exemplar. Apenas em 2015, tivemos acesso a três manuscritos desse material. Para a elaboração do horóscopo individual, o poeta cria uma espécie de calendário astrológico. Para cada pessoa, ele relaciona o signo, as cores, perfumes, dia favorável e previsões mês a mês. Na contracapa desse manuscrito, tem uma informação bem pertinente direcionada a este trabalho, que diz: “Atenção: este horóscopo tem influência planetária até o dia\_\_\_ de janeiro de\_\_\_ A partir de \_\_\_ de\_\_\_ janeiro de \_\_\_ perderá totalmente o seu valor planetário.” Ou seja, indica que já é hora ou tempo de encomendar outro ao poeta. Encontramos ainda nessa capa uma lista de várias orações para levantar o astral, todas também organizadas por ele. Nesse caso ele se apropria de textos de outros livros para publicar essas orações. Já o *Talismã da sorte* mergulha no universo das credices populares, dos livros de magia e ocultismo. Na capa principal, vinha escrito: “Este talismã contém poderes ocultos e virtudes prodigiosas. A sua força invisível e misteriosa encherá a quem o trouxer consigo de otimismo, ousadia e felicidade. Ele ampara, protege e resguarda com encanto, força e magnetismo. Talismã da Sorte é um escudo forte e mistérios que fecha o seu corpo contra armas de fogo, feitiço, bruxaria, maldade e olho grande.” Seu corpo textual é formado de várias pequenas orações seguindo a mesma estratégia das orações, recortes de outros impressos.

Figura 39 – Contracapa do Folheto *A vitamina B-12 que cura a dor do amor*

**Seu Destino esta' nos Astros!**

---

Se V. S. deseja saber de sua sorte e seu futuro no decorrer de um ano, seu signo, seu planeta, suas côres favoráveis, seu dia de sorte, seu número feliz o que se deve fazer ou evitar, sua sorte em amor, casamento, negócio, profissão, etc. Mande hoje mesmo a data do seu nascimento (dia, mês e ano) e a importância de sua encomenda e fique aguardando pelo correio, sem mais despesas, o seu Horóscopo Individual. O Talismã da Sorte afugenta todos os inimigos visíveis e invisíveis. Dá sorte no amor, jôgo, casamento e acaba com todos malefícios. Use também o Defumador Zodiacal, composto com 17 ervas diferentes e preparado nas horas zodiacais,

Preços: Horóscopo Individual NC, \$ 4,50  
 Talismã da Sorte » 1,50  
 Defumador (6 pacotes) » 1,50

Pedidos a José Costa Leite

Rua Dr. José Malheiros, 288 – Condado – Pe.

N.  
151.

Fonte: Acervo Fundaj, Recife.

Por meio desses anúncios, surgem pedidos e se remetem cartas. Como a carta datilografada, de 23 de dezembro de 1983. Maria Rusinelma Guimarães, residente em Mossoró-RN, escreve para Costa Leite o seguinte:

Amigo José Costa Leite

Estou lhe escrevendo esta cartinha, para pedir para o senhor manda-me meu Horóscopo e o Talasma da Sorte. A data do meu nascimento é 5-10-49. Peço que me mande o número de sua conta para eu mandar o dinheiro do Horóscopo e do Talasma.

Nada mais de sua cliente  
 Maria Rusinelma Guimarães.<sup>293</sup>

De fato, a Senhora Maria fez um texto simples, claro e objetivo. Não se estendeu com saudações, relatando situações de seu cotidiano. Foi direto ao assunto, enfatizando “nada mais de sua cliente”. Essa declaração é muito significativa, pois estabelece o lugar de cada um nessa transação comercial. Muito semelhante aos pedidos de Wilson Luiz de Araújo Galvão em carta de 22 fevereiro de 1974, residente no município de Canguaretama-RN:

Prezado Amigo Costa Leite

Quero meu Horóscopo meu signo é Gêmeos  
 Quero também meu Talismã da Sorte  
 Quero o perfume do signo Gêmeos  
 Banho de limpeza e defumador  
 E chama da felicidade para acabar  
 Com todos malefícios e fazer entrar  
 A felicidade.<sup>294</sup>

Ao observar o envelope dessa correspondência, Costa Leite tratou de fazer as anotações dos produtos solicitados e os respectivos preços; horóscopo – 500, talismã – 200, banho – 500, defumador chama da felicidade – 2.000, perfume do signo -400 e sabonete do signo- 200. Contabilizando um total de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), mesmo valor descrito na capa do folheto *A Feiticeira do reino da Serra Branca*. Não encontramos data de envio desses produtos, apenas a indicação: “falta responder”.

É importante observar que existem variações no valor das mercadorias tendo em vista que o preço segue as regras do mercado. O que podemos afirmar com essa circulação e distribuição de folhetos e almanaques é que eles conseguiam percorrer engenhos e municípios chegando a diferentes camadas sociais, entre amigos e desconhecidos desse poeta. É o que nos indica a carta de Antônio Francisco de Almeida, escrita em 15 agosto de 1982, no Engenho Pindorama, município de Macaparana-PE:

Presado meu amigo desconhecido José Costa Leite a li escreve estas e para enviar esta carta porque eu lendo este Almanaque encontrei este Talismã da sorte aqui tem o preço cr\$ 200,00 cruzeiro eu escrevo esta eu queria quando

<sup>293</sup> Carta de Maria Rusinelma Guimarães para José Costa Leite. Mossoró-RN, 15 ago. 1982. Acervo CMPLM. Respeitamos a grafia original.

<sup>294</sup> Carta de Wilson Luiz de Araújo Galvão para José Costa Leite. 15 ago. Canguaretama-RN, 1982. Acervo CMPLM.

esta carta chegace ai o senhor mim respotace esta porque eu queria adequiri este talismã para minha familia eu não envio o dinheiro porque não tenho certeza desta carta chegar ai eu queria a resposta porque eu tem a certeza.  
Antônio Francisco de Almeida.<sup>295</sup>

O texto produzido por Antônio Almeida nos remete a várias questões. Uma delas é que agora estamos lidando com uma pessoa desconhecida, não é amigo, muito menos revendedor, mas que teve acesso ao almanaque. Segundo sua descrição, leu e se interessou pelo talismã, o qual gostaria de adquirir para ele e sua família. A leitura do almanaque parece que foi o vetor que direcionou sua curiosidade.

Por sua vez, Antônio Almeida parece indicar certo grau de confiança nesse compêndio da sorte demonstrando o desejo de adquirir um exemplar. Segundo Costa Leite, “naquele tempo as pessoas pensavam que eu era espírita, chegavam pedidos diversos para mim”.<sup>296</sup> Talvez esse fato tenha adquirido certa notoriedade a ponto de essas publicações serem tão bem requisitadas. Não temos certeza se, de fato, o talismã chegou às mãos do remetente, sabemos que no envelope encontra-se anotado que a resposta seguiu em 30 de setembro de 1982. Quinze dias após sua postagem.

Pelo que percebemos, pairava certa credulidade nos usos dessas mercadorias mobilizando práticas de leitura, escrita e consumo em torno de produções ligadas ao que Jerusa Pires Ferreira denomina de *cultura das bordas*.<sup>297</sup> Ou seja, uma cultura escrita produzida por segmentos populares, com fortes vínculos de oralidade em seu processo escriturístico. Nesse caso específico estamos lidando com publicações realizadas por um cordelista autodidata, talismã da sorte e horóscopo, que articula em sua produção saberes científicos associados a suas práticas culturais fazendo-os circular, transitar em dado momento histórico. As cartas que chegaram e partiram entre as cidades deram notícias, expuseram sentimentos e afetividades. Tendo como objetivo principal o comércio das publicações de Costa Leite, elas são reveladoras de interesses, estratégias, de encontros e também de despedidas. Seus fragmentos percorrem os caminhos desta pesquisa bordando os fios dessa trajetória.

---

<sup>295</sup> Carta de Antônio Francisco de Almeida para José Costa Leite. 15 ago. 1982. A grafia está de acordo com o original. Acervo CMLM.

<sup>296</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 27 jul. 2015.

<sup>297</sup> FERREIRA, 1992, p. 20.

## 2.4 Hoje é dia de feira

A feira é um espaço de socialização, local onde as pessoas transitam com objetivos múltiplos, comprando, vendendo, conversando ou circulando. Espaço preferido dos poetas populares para divulgação e vendagem de suas publicações, seja na garganta, seja no grito,<sup>298</sup> as mais divertidas histórias dessa literatura de folhetos, como diz um trecho do Jornal Folha da Noite, “versos que fazem esquecer as tristezas da vida”.<sup>299</sup> Conhecer esse universo é importante para percebermos a relação que se estabelece entre a oralidade, a gestualidade e a propagação desses folhetos pelos poetas. Em nosso caso, procuramos focar algumas “fatias” desse tempo na iminência de entender, a relação que existia entre o poeta Costa Leite, suas andanças e práticas culturais registradas nas feiras.

O ato de pegar um folheto, ler em voz alta, contar a história e ouvir constitui pontos significativos na vida de um cordelista. São marcas que fazem parte do seu cotidiano, de sua atuação como poeta de feira.<sup>300</sup> Ao contar uma história, o poeta de cordel não apenas socializa sua temática, mas a deixa livre para que sejam recontadas, ressignificadas e compartilhadas por outras pessoas. O próprio corpo textual é escrito em versos que facilita a memorização e sua leitura, proporcionando diferentes apropriações, em seu público leitor/ouvinte como afirma Maria Ângela Grillo:

Mesmo sendo uma fonte impressa oferecida a uma população em grande parte analfabeta, essa literatura encontra um vasto público, já que a leitura do poema é feita em voz alta, por um ‘cantador’, que atrai considerável número de ouvintes. Há uma certa facilidade em se aprender essas histórias narradas. Feitas em forma de rima, com palavras que combinam entre si, facilitam sua

<sup>298</sup> Segundo as anotações de Liêdo Maranhão em torno das gírias dos poetas, ele diferencia a leitura do folheto na feira ou praça. Vender no grito é vender nas ruas, praças, sem fazer roda, apenas gritando com a sua mercadoria. Vender na garganta é o poeta que utiliza o serviço de altofalante. SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 1973. p. 8-9.

<sup>299</sup> DANTAS, 1954, p. 2. LIMA, 1952. OLIVEIRA, José do Patrocínio. Os vendedores de folhetos. *Diário da Noite*, Recife, 3 set. 1953. Disponível em < <http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

<sup>300</sup> Alguns trabalhos nos fizeram refletir acerca desse universo da feira e sua relação com o poeta de cordel. Entre eles: NEMER, Sylvia. *Feira de São Cristovão: a história de uma saudade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011. NEMER, Sylvia. *Feira de São Cristovão: contando histórias, tecendo memórias*. 2012. 155 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012. Sobre o estudo das feiras, selecionamos algumas referências que nos ajudaram a pensar na dinâmica do poeta de cordel. Ver HATA, 1999. GARCIA, Marie France. *Feira e trabalhadores rurais: as feiras do brejo e do agreste paraibano*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984. SANTOS, Leny. *Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade*. São Paulo: Ed. da USP, 2012. SÁ, Márcio. *Feirantes: quem são e como administram seus negócios*. Recife: EDUFPE, 2011. CURRAN, 1973, p. 20-21. MEYER, 1980, p. 4. ARANTES, 1982, p. 32-33. SLATER, 1984, p. 35-36; HATA, 1999.

memorização, e, uma vez memorizada, essa história será contada e recontada.<sup>301</sup>

Tendo as feiras livres como um dos espaços para divulgação de seus folhetos, Costa Leite, praticamente, desde que iniciou suas atividades comerciais, não mais as deixou. Circulou por todo o Nordeste brasileiro, soltando sua voz, cantando e encantando. Fez desse espaço palco para sua trajetória de poeta, não se intimidou diante das rodas de pessoas, que, ao transitarem para fazer suas compras nos fins de semana, paravam também para ouvi-lo.

O folheto articulava-se com o universo da feira, não era algo isolado do contexto de compras, muito pelo contrário, era também uma mercadoria<sup>302</sup> que se entrelaçava nos sons, nas frutas, verduras, nas conversas dos feirantes, no movimento colorido e vibrante das pessoas.<sup>303</sup> O Jornal Diário de Minas, em reportagem falando sobre esse espaço de compras, ressalta a grandeza ao destacar o cruzamento de homens e mulheres, na mistura de vozes, gritos e odores.<sup>304</sup> “Hoje é dia de feira”,<sup>305</sup> expressão que surge desse ambiente de trânsito de pessoas conhecidas ou não, com o qual Costa Leite se identificou, verificando que era possível comercializar seus folhetos.

Com o intuito de vender suas mercadorias, não perdeu tempo em percorrer cidades, feiras do interior e mercados públicos do Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia, Alagoas, Paraíba e Pernambuco. Um andarilho do tempo trilhando vilarejos e desafios. Seus folhetos e almanaques circulavam com folheteiros de maleta, livrarias, bancas e agenciadores. Despertava interesse, curiosidade, e pelo que os documentos apresentam, tinha uma boa aceitação no mercado, sinal de que as histórias eram bem narradas. O público tem sua escolha diante dessa literatura de folhetos, não é por qualquer história declamada que as pessoas se aglomeravam em torno do poeta.<sup>306</sup> Nos relatos orais, descreve uma lista de diversas feiras<sup>307</sup> que frequentou fazendo comércio e mostrando sua produção:

Eu feirei em muitos lugares, vamos dizer assim comecei na Usina São José, em Igarassu, Itapissuma, Abreu e Lima, Paulista. Paulista tinha feira todo dia naquela época na beira da pista agora é mais pra dentro. Feirei em Itambé,

<sup>301</sup> GRILLO, 2005, p. 89.

<sup>302</sup> LESSA, Orígenes. *A voz dos poetas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984. p. 36.

<sup>303</sup> Ver BARBALHO, Nelson. Feira de Caruaru. *Brasil Açucareiro*, n. 89, ago., 1970.

<sup>304</sup> NICOLAU NETO, José. Feira do Nordeste é isto assim: tem umburana, cachaça e sangue. *Diário de Minas*, 25 dez. 1958. Disponível em: <[http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=G:\Trbs\\_R\CDU\CDU.docpro&pesq=diario%20de%20minas](http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=G:\Trbs_R\CDU\CDU.docpro&pesq=diario%20de%20minas)>. Acesso em: 15 dez. 2014.

<sup>305</sup> SALGUEIRO, Elizabeth. Nordeste: hoje é dia de feira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1972. Disponível em < <http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

<sup>306</sup> SLATER, 1984, p. 35.

<sup>307</sup> LEITE, 2012, p- 129-132.

Goiana, Alhandra, Boca da Mata que é Caaporã. E viajei pelo sertão da Paraíba, e Rio Grande do Norte. Feirei em São José de Campestre, Santo Antonio do Sapó e da Onça, em Nova Cruz. É muito boa a feira de Nova Cruz, feirei em Arara fui em Bonito de Santa Fé, já na destina do Ceará, feirei no Ceará numa feira chamada de Ipaumirim, feirei na terra de Ariano Suassuna, Taperoá. E feirei em Guarabira, Araruna, Cacimba de Dentro, São Bento por ali afora. E tem uma Solânea, muito boa a feira de Solânea. Feirei em Livramento, Livramento é cidade sertaneja e Monteiro, lá em Monteiro foi uma época de Natal a feira não prestou. Tinha muitos palanques, muita diversão e a feira não foi boa. Feirei em Timbaúba, feirei em Itaquitinga, Brejo de São Vicente. Brejo de São Vicente era uma feira boa também [...] Feirei umas três no Mercado de São José, feirei em Olinda numa feirinha que tem lá, logo ali perto da Praça do Jacaré... Feirei no Recife lá numa feirinha do Entrocamento também, mas a chuva acabou a rodada. Feirei em São Lourenço da Mata, Jardim de Piranhas e Caicó.<sup>308</sup>

Esse quantitativo descrito nesse relato de memória nos faz pensar no deslocamento que o poeta realizou durante anos em que propagou suas histórias. Ao citar cada cidade, ele vai lembrando as que foram boas ou fracas segundo seus interesses e critérios. Para Costa Leite, uma boa feira é aquela em que o poeta ganha dinheiro e volta para casa sem mercadoria. Outra questão interessante é que para cada localidade existia um dia específico para a realização desse comércio; por exemplo, a feira de Itambé-PE é na segunda-feira, terça-feira a de Itabaiana-PB, domingo a de Condado-PE; Guarabira-PB, nas quartas e sábados.<sup>309</sup>

Segundo Marie Garcia, algumas feiras ligadas às cidades grandes como Guarabira e Campina Grande, ambas da Paraíba, funcionavam com vários estabelecimentos que ficavam abertos durante a semana.<sup>310</sup> Esses circuitos<sup>311</sup> permitiam certa flexibilidade aos poetas que se programavam para percorrer os municípios. Muitos saíam de casa na quinta-feira retornando apenas na segunda, pronto para organizar novos títulos e voltar à rotina.

A dinâmica desses espaços de venda, troca e escoamento de mercadorias, nos faz refletir sobre as estratégias criadas por Costa Leite para dar conta das múltiplas atividades que norteavam essas práticas comerciais. Para ir a algumas dessas feiras, ele precisava sair no dia anterior com sua maleta cheia de livros para pernoitar no local; em outro momento, saía de casa muito cedo, praticamente de madrugada, não existia transporte com facilidade: “eu chegava assim de 7 ou 8 horas, tomava um cafezinho e começava os trabalhos, afirma Costa

<sup>308</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

<sup>309</sup> GARCIA, 1984, p. 57.

<sup>310</sup> GARCIA, 1984, p. 56.

<sup>311</sup> Circuito de feiras, termo utilizado por Marie Garcia em sua tese para definir essa alternância de dias que existiam nas feiras do Nordeste frequentadas “por certo número de vendedores quer fosse pelas compras, quer fosse pelas vendas”. GARCIA, 1984, p. 9.

Leite.”<sup>312</sup> Essa precisão nos horários estava relacionada com a escolha do local, onde deveria montar sua banca e vender seus folhetos. Chegar cedo era uma garantia de ficar em um ponto estratégico que facilitasse a vendagem das mercadorias. Segundo o poeta, “as ruas que se cruzavam eram as melhores porque vinha gente de todos os lados”.<sup>313</sup>

Como espaço público, muitos cordelistas se dirigiam ao mesmo tempo a essas cidades, afinal de contas todos queriam divulgar, cantar e vender suas histórias. Nem sempre conseguiam ficar em rodas separadas, na ocasião faziam amizade e ficavam dois ou três no mesmo local, reunião que facilitava a leitura dos folhetos. Esse tipo de socialização do espaço público, com outros poetas na roda facilitava na hora de arrecadar o dinheiro, pois enquanto um estava lendo, o outro estava vendendo. Em suas lembranças, Costa Leite descreve:

Manuel Serafim, Manuel José dos Santos, Severino Borges Silva, Luiz Gomes Lumerque, tudo isso são amigos de ocasião que chegava à feira. Não tinha muito local para trabalhar, trabalhava três numa roda. Eu lia, você lia, este daqui pegava, quando terminava entregava a mim, eu terminava entregava a você. Ficava assim a roda o dia todinho. Que um só não pode segurar a roda, dá sede, vontade de tomar um copo d’água. Vai sair o outro fica trabalhando, toma água e vem quando terminar passa a palavra. ‘E aqui meus senhores eu vou passar a palavra a meu companheiro de profissão que ele vai apresentar um romance bom para os senhores ficando ele com os senhores e os senhores com eles.’ Aí eu pegava o microfone e entregava.<sup>314</sup>

Esse relato é bem interessante porque apresenta a dinâmica que existia acerca da venda dos folhetos. Não era apenas chegar e propagar. Percebemos que a preparação vem desde o momento em que arrumava a maleta com os títulos, passando pela escolha do local até a sua divulgação propriamente dita, com a leitura das histórias. O ato de vender folhetos é visto como profissão por Costa Leite, isso é bem significativo, determina o lugar que ocupa nessa transação comercial.

Recitou muitos versos por onde passou, contando com um público, segundo ele, numeroso, que, além de fazer um círculo para ouvir a leitura dos folhetos, os compravam: “quando eu tinha meus trinta anos que eu lia cantando na feira fazia mói”<sup>315</sup> de gente com quinhentas pessoas com a minha visão boa nem óculos usava.”<sup>316</sup> A fala remete o poeta a um

---

<sup>312</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

<sup>313</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

<sup>314</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

<sup>315</sup> Expressão utilizada no interior do Nordeste, que indica quantidade “um mói de feijão”, “um mói de milho”, também associado a outra palavra que denota o mesmo significado “tuia”.

<sup>316</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

tempo em que sua vida girava em torno das atividades comerciais, como verificamos na leitura das contracapas, das estratégias criadas para divulgar seu trabalho.

Toda essa movimentação em torno da leitura do folheto iniciou-se nas feiras dos engenhos, tomando a iniciativa de encarar as pessoas e vender suas primeiras histórias. É prática comum encontrar nas esquinas dos engenhos poetas recitando versos sobre cangaceiros, Frei Damião, Padre Cícero ou histórias encantadas.<sup>317</sup> Costa Leite tinha conhecimento de como o ato da leitura era estabelecido. Muitas foram as histórias e experiências que acumulou na vida. “Chegava à feira com o serviço de som, armava o banco em cima de um tripé, uma sobrinha de praia por causa do sol, entrelaçava o auto-falante no pescoço e começavam as leituras.”<sup>318</sup>

Fez roda com as histórias de Renato e Elvira, Narciso e Iracema, ABC do cachaceiro, O boi no pé da cajarana, Dicionário dos cornos, entre outros. No folheto *O encontro da velha que vendia tabaco com o matuto que vendia fumo*, diz que “vendeu um milheiro em três semanas”,<sup>319</sup> muito semelhante aos sucessos dos folhetos *A voz de Frei Damião*,<sup>320</sup> com 100 milheiros vendidos, e *A carta misteriosa do Padre. Cícero Romão*,<sup>321</sup> com 200 milheiros; esse chegou a vender mais de 10 mil exemplares em 1950,<sup>322</sup> como vimos no primeiro capítulo. Nos cadernos manuscritos de Liêdo Maranhão, Costa Leite diz que esses folhetos “teve uma tiragem tão grande que é feito hino nacional ninguém sabe quantas vezes foi cantado”.<sup>323</sup>

Certa vez, contou que chegou à feira de Nova Cruz no Rio Grande do Norte e começou a declamar na roda o folheto *A voz de Frei Damião*: “No ano de setenta e dois/ a fome tudo rebenta/ charque é quinhentos cruzeiros/ bacalhau vai dar setenta/ vinte cinco uma galinha/ uma cuia de farinha vamos comprar por noventa.”<sup>324</sup> Ao finalizar, uma velhinha

<sup>317</sup> DIFERENTE e divertida, a Feira de Caruaru é atração. *Jornal do Brasil*, 1.º ago. 1974. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2015. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1956. <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2015. MORAIS, J. Barros. Literatura de cordel. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 maio 1960. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2014. ALENCAR, Edgar. Os folhetos em verso do Nordeste. *O Dia*, Rio de Janeiro, 27 out. 1963. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2014. ALENCAR, Edgar. Literatura popular em verso. *O Dia*, Rio de Janeiro, 6 out. 1963, Caderno 5, p. 2. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

<sup>318</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

<sup>319</sup> *Ibid.*

<sup>320</sup> LEITE, José Costa. *A voz de Frei Damião*. [S.n.t.].

<sup>321</sup> LEITE, José Costa. *A carta misteriosa do Padre Cícero Romão*. [S.n.t.].

<sup>322</sup> NOBLAT, 1977.

<sup>323</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 11 abr. 1973. p. 1

<sup>324</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

chorava aos prantos: “Meu Deus, vai morrer tudo de fome.”<sup>325</sup> Enquanto isso, as pessoas pediam licença na roda, só ouviam os gritos “me dá um, me dá um”.<sup>326</sup> Como havíamos dito, as pessoas faziam suas escolhas, gostavam dos folhetos que versavam sobre profecias, amor e bravura.

Nem tudo são flores na vida de um poeta diante dessas andanças pelos interiores propagando suas histórias. Costa Leite e muitos outros cordelistas passaram por decepções, foram perseguidos e humilhados por policiais e fiscais.<sup>327</sup> Os fiscais atuavam na cobrança de impostos ou perseguiram algum poeta que declamasse folhetos pornográficos<sup>328</sup> ou que atentasse contra a ordem estabelecida.<sup>329</sup> Falando sobre esses momentos que vivenciou, relata o poeta:

Eu tenho saudade daquele tempo passado que eu andava com o serviço de som, mesmo sofrendo, era distraído. Em toda feira sempre era explorado pela polícia, fiscalização, gente que não queria zoadá por perto. Chamavam o fiscal para tirar dali, para o camarada ir ler lá fora.<sup>330</sup>

<sup>325</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

<sup>326</sup> Ibid.

<sup>327</sup> A ESTES poetas são a voz do povo. *Notícias de Hoje*, São Paulo, 22 nov. 1953. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2015. Essa reportagem narra um caso bem interessante, fruto das perseguições de autoridades a poetas populares. Apenas mencionaremos o fato, não procuramos saber os motivos que levaram ao ato descrito. Um poeta de nome Poeta Relâmpago escreveu *O monstruoso crime que a América do Norte fez com o casal Rosenberg*, editado no Recife, vendido na Rua Nova. Por sua vez, os policiais do governador Etelvino Lins proibiu a venda do mencionado folheto, espancando o vendedor popular. Cabe lembrar que esse fato está relacionado com a dimensão política da época em plena Guerra Fria, tendo à frente os EUA e a URSS. Julius e Ethel Rosenberg foram executados em 19 de julho de 1953. Naquele momento, esse caso obteve grande repercussão mundial até que, em 1999, foi comprovada sua culpa perante a Corte Americana. Para outros detalhes ver: TOSSERI, Olivier. O casal Rosenberg era inocente – Falso! *História Viva*. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/o\\_casal\\_roseemberg\\_era\\_inocente\\_falso.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/o_casal_roseemberg_era_inocente_falso.html)>. Acesso em: 13 jan.2016.

<sup>328</sup> No diário de campo de Liedo Maranhão encontramos anotações acerca desses folhetos pornográficos ou de safadeza que traziam narrativas eróticas levando à perseguição policial. Títulos como *A vida secreta de um rapaz solteiro*, *O donzelo e a donzela*, *A freira do mal* eram folhetos que circularam entre os anos de 1973 e 1974. Conta o poeta Antonio Dias Penha que *A vida de um rapaz solteiro* foi o que mais deu bronca, todo de putaria, levando à prisão de Delarme Monteiro da Silva, João José da Silva e José Costa Leite. SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 7 jun. 1974, s.p. ARANTES, 1982. p. 44.

<sup>329</sup> Ver Jornal *O Globo*, 5 nov. 1975, declaração de J. Borges falando sobre a dificuldade enfrentada nas feiras com a atuação dos fiscais. Ver também *Jornal do Brasil*, 29 nov. 1976. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2015. Rodolfo Coelho Cavalcante reclamando das perseguições dos fiscais nas feiras livres; da mesma forma o poeta Azulão no Rio de Janeiro reclama da atuação do governo em não deixar os poetas de cordel vender sua mercadoria por conta da perseguição dos fiscais, *Jornal do Brasil*, 29 set. 1964, p. 13. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em 20 jan. 2015. Ver DARTON, Robert. *Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVII*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Esse livro é uma verdadeira caçada policial pelas ruas de Paris, em 1749, a pessoas que tiveram acesso a seis poemas que iam de encontro ao Antigo Regime. Sua proximidade com nosso contexto se dá na medida em que essas histórias de cunho oral são lidas e memorizadas no âmbito social.

<sup>330</sup> LEITE, José Costa. Entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 8 jan. 2012.

Em outra situação, conversando sobre a vendagem de folhetos, vieram à tona lembranças desse cotidiano no tocante às humilhações: “Muita piada recebe o cordelista na feira, o camarada tá chupando uma laranja na feira e sacode, um amigo meu vendia folheto e quando abriu a boca falando, o bagaço bateu na boca dele; isso era punhado de milho, chamavam de vagabundos, malandros. Tinha ocasião que o sangue esquentava.”<sup>331</sup>

J. Borges, em entrevista disse que “chegava na feira e os fiscais não deixavam cantar, proibiam, expulsavam a gente”.<sup>332</sup> Tal recorrência de fiscalização nas feiras já era noticiada em 1934, no Jornal *O Globo*, na primeira página, com apreensão de livros que atentavam contra a moral e a ordem.<sup>333</sup> O Mercado de São José, mais precisamente na Praça Dom Vital, conhecida popularmente como Praça do Mercado, foi um desses lugares de perseguições aos poetas populares.<sup>334</sup> Em razão da grande quantidade de cordelistas e bancas de folhetos, essa praça foi apelidada por Liêdo Maranhão de “Meca da poesia popular”<sup>335</sup> (Figura 40).

Todas as histórias e a divulgação dos folhetos convergiam para as rodas espalhadas pela praça. Nas palavras de Joana Puntel, “ali, grandes poetas à sombra das árvores contavam seus versos e entretinham as pessoas durante horas, explicando seus folhetos”<sup>336</sup> (Figura 41).

<sup>331</sup> LEITE, José Costa. Entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 5 maio 2011.

<sup>332</sup> J. BORGES: o caminho difícil do prelo à feira. *O Globo*, 4 nov. 1975. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em 20 jan. 2015. NORDESTE: a poesia e o canto da sua gente. *O Globo*, 5 dez. 1975. Cultura, p. 29. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

<sup>333</sup> *O Globo*, 29 ago. 1934, ano 10, n. 3.273, p. 1. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 25 maio 2014.

<sup>334</sup> GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Mercado de São José: contando história em lugar de memória. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza, 2009. p. 1-8. Nesse artigo a pesquisadora menciona as intervenções públicas por que passou o Mercado de São José diante das ideias de modernização e higienização durante o século XX. Encontramos menção a essas perseguições no diário de campo de Liêdo Maranhão que diz “Prefeitura da cidade do Recife (Augusto Lucena) acaba com a poesia popular na Praça do Mercado no dia 6 de maio. Bota fora os únicos folheteiros e poetas que viviam abancados ali vendendo folhetos. A primeira medida da Prefeitura do Recife foi quebrar os bancos da praça com marreta para evitar a “malandragem”. SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 12 maio 1975. p. 20. Além de folheteiros, viviam ali diariamente cantadores de coco em constantes desafios ganhando o pão de cada dia.

<sup>335</sup> Cf. SOUZA, 1977. Tivemos acesso ao Documentário *O folheto* dirigido por Liêdo Maranhão com imagens do Mercado de São José na década de 1970. Uma visão interessante, pois mostra as várias bancas de folheto em torno do mercado, uma área frondosa verde, local dos poetas, tendo ao fundo a Igreja de Nossa Senhora da Penha. Material cedido por Roman Ruiz Maranhão. Acervo da CMPLM.

<sup>336</sup> PUNTEL, 1980, p. 22.

Figura 40 – Banca de vendedor de folhetos na Praça do Mercado de São José, 1977



Fonte: Revista Mercedes Benz. Acervo CMPLM, Olinda, PE.

Figura 41 – José Costa Leite vendendo folhetos e divulgando seu LP no Mercado de São José, 1977



Fonte: Meyer (1980).

O cenário descrito passou a ser constante na vida dos cordelistas à proporção que o espaço físico da feira enfrentava mudanças e transformações urbanísticas por intervenção do poder público. Os relatos de Costa Leite confluem temporalidades distintas no tocante à venda e publicação desses impressos. As grandes tiragens respondem a uma época em que as pessoas se informavam com a leitura de folhetos. As notícias chegavam em forma de versos, que distraíam a atenção do público, a qual ocorria geralmente em espaços públicos despertando “os olhos das autoridades”.

Esse despertar associa-se aos interesses de lojistas e políticos interessados em ganhar algo em troca nessa relação mercantil. Os fiscais atuavam, tomavam mercadorias, “limpavam” os espaços dispersando os poetas e as pessoas que estavam em seu entorno. Não encontramos registro de negociações mediadas pelo serviço público com os poetas. O que a documentação aponta é que, durante a década de 1970, foi uma luta acirrada entre fiscais e poetas por um espaço para poder vender suas mercadorias, já que eram obrigados a “pagar chão de prefeitura”.<sup>337</sup>

Essa atuação fiscal sobre os poetas levou, por exemplo, Costa Leite a escrever uma carta a Liêdo Maranhão informando que desejava mudar de ramo e que tinha vários originais para vender, entre eles, alguns inéditos e outros já publicados.<sup>338</sup> Também não foi a única vez que expressou tal desejo de deixar tudo de lado. Durante toda a nossa pesquisa, externava sua vontade de negociar seus originais e deixar de publicar, pois não estava ganhando dinheiro com o ramo da poesia. Dizia que estava cansado tendo apenas prejuízo.

A perseguição aos poetas mediante as políticas públicas e o desejo de mudar de atividade não foram determinantes para o poeta Costa Leite deixar suas publicações. Muito pelo contrário, continuou reclamando, mas firme na profissão. Não mais percorria aquele circuito com tanta velocidade em vender, mas não deixava de olhar para seu público e recitar uma história.

---

<sup>337</sup> *Pagar chão de prefeitura* era uma gíria utilizada pelos poetas que significava imposto para vender folheto. Ver ARANTES, 1982, p. 42-43. A pesquisa de Arantes também corrobora os relatos de Costa Leite e J. Borges no tocante às perseguições dos fiscais aos poetas; confirma que, durante a realização de suas pesquisas na década de 1970, praticamente todos os folheteiros encontraram dificuldades para propagar no mercado. A ordem era retirar essas pessoas que faziam “tumultos” para embelezar a cidade. Nos locais onde estavam as barracas de cordel, instalaram bancas de flores e jogos. Ainda sobre essa questão de “pagar o chão”, Costa Leite versou um folheto *Discussão de um fiscal com um matuto*, que retrata bem o debate entre o fiscal fazendo a devida cobrança recebendo ordens da Prefeitura e o matuto argumentando que não paga, pois é brasileiro e não está fazendo nada de mais. HAURÉLIO, 2012, p. 79-85.

<sup>338</sup> Carta de José Costa Leite enviada a Liêdo Maranhão. Condado-PE, jun.1973, s/d. Acervo CMPLM. Ver também no diário de Liêdo Maranhão, em conversa na casa do poeta João José, que Costa Leite pretendia deixar o ramo e vender todo o seu estoque. SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 14 jun. 1975.

José Costa Leite, como já descrevemos em alguns parágrafos, gostava de fazer roda e atrair “multidões”: “Quando eu lia na feira, fazia roda de gente, até sem vender, o povo vinha dos engenhos.”<sup>339</sup> Em suas entrevistas, percebemos que, ao falar dessas feiras, apresentava certo orgulho, principalmente quando se referia ao número de pessoas que ficavam à sua volta e às grandes tiragens tipográficas de alguns folhetos. Sinal de dinheiro, lucro e boa arrecadação.

Como técnica de venda, segurava o folheto com uma das mãos, o microfone preso ao pescoço, o poeta soltava a voz, lia uma parte da história, e quando as pessoas estavam empolgadas, ele parava e dizia: “Agora, para saber o fim da história, comprem o folheto.”<sup>340</sup> Essa era uma das estratégias mais utilizadas dentre os poetas para poder vender seus livros. Corrobora essa ação, a reportagem do periódico *O Jornal*, o qual menciona que, para vender folheto, era preciso ter técnica apurada, que se inicia na voz, na dramaticidade, nos gestos e no melhor da festa. Quando todos estavam empolgados com a leitura, o poeta convida os fregueses a comprar o folheto e saber do fim da narrativa.<sup>341</sup>

As histórias do cordel seduziam os ouvintes com seus gracejos, aventuras ou romances. O cordel informava e divertia ao mesmo tempo em que a feira decorria. Costa Leite, diante dos vários anos de experiência, já tinha toda essa dramaticidade, gestualidade e *performance* que deixavam os leitores/ouvintes atentos à sua vocalidade.<sup>342</sup> Entra em cena não apenas a leitura, norteadora na roda do poeta, mas todo um conjunto que se amalgama com o corpo, as mãos e os movimentos, como afirma Chartier: “A leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos.”<sup>343</sup>

<sup>339</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 21 ago. 2013.

<sup>340</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2012.

<sup>341</sup> BRASIL tem arte medieval. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 out. 1962. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

<sup>342</sup> Utilizamos o termo *vocalidade* em consonância com os estudos de Paul Zumthor acerca da voz. A palavra *vocalidade* está associada ao uso da voz que carrega em si não apenas a sonoridade, mas traços e signos da linguagem e das práticas culturais. Assim define Zumthor: “Vocalidade é a historicidade de uma voz: seu uso. Uma longa tradição de pensamentos, é verdade, considera e valoriza a voz como portadora da linguagem, já que na voz e pela voz se articulam as sonoridades significantes. Não obstante, o que nos chama mais atenção é a importante função da voz, da qual a palavra constitui a manifestação mais evidente, mas não a única nem a mais vital: em suma, o exercício de seu poder fisiológico, sua capacidade de produzir a fonia e de organizar a substância.” ZUMTHOR, 1993, p. 21.

<sup>343</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores: autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Tradução de Mary del Priori. Brasília: UnB, 1999. p.13.

Essa *performance*,<sup>344</sup> na hora da leitura, é determinante para dar sentido e vida às narrativas que empolgam o público. A leitura dos folhetos de lida<sup>345</sup> não se faz de forma isolada e estática. Muito pelo contrário, a dinâmica da feira ditava cenários de movimentos, linguagens e práticas culturais. Costa Leite, ao evidenciar seus versos com as mãos e com a voz, jogava o corpo em movimentos que condicionavam a leitura e constituía a poesia.<sup>346</sup> Essa leitura do poeta chega a caracterizar quase um ato teatral na medida em que “se joga” para dar sentido à sua história, improvisa, cria e recria com os versos do folheto. Descrevendo uma passagem pela cidade de Caicó-RN, diz:

Caicó foi uma das melhores feiras que eu peguei... eu vendi bem, apurei bem, eu não sei nem quanto naquela época porque o folheto era barato, era um cruzeiro. Eu tinha um folheto de *Renato e Elvira* quando cheguei em Caicó, li uns outros também [...] aqui, meus amigos, vou ler uma história de muita bravura, mas não precisa correr ninguém não, que ele não vai brigar com ninguém, aí o pessoal pegava a rir. Aí toda história de amor é parecida uma com a outra. Só tem os personagens diferentes, tem que ser uma moça bonita, o rapaz valente e se disser que a moça é feia e o rapaz é mole, ninguém vende o folheto, tem que dizer que a moça é bonita, o rapaz valentão, e o vento também é brabo. Aí eu tava lendo Renato e Elvira, que tem ocasião que o pai de Elvira botou 60 cangaceiros em cima dele, e ele lutando só com os 60. Aí a moça correu, pegou o revólver do pai dela que tava no quarto e foi lutar contra o pai a favor do namorado. Aí tem um verso que dizia assim, que eu com o microfone aqui (demonstra como ficava o microfone), microfone ficava aqui, uma laçada aqui que ficava aqui. E eu com o folheto na vista assim (fazendo gesto com um folheto na mão), disse: Elvira com revólver boa pontaria fez / e quando puxou o dedo derrubou três de uma vez / e Renato deu um tiro que derrubou dezesseis. O pessoal, eita, me dá um, me dá um.<sup>347</sup>

O fragmento dessa entrevista nos faz perceber os pontos evocados por Zumthor quando menciona que “o corpo é ao mesmo tempo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso”.<sup>348</sup> Costa Leite, ao articular em seu corpo o microfone e o folheto, dá

<sup>344</sup> Utilizamos o conceito de *performance* de Paul Zumthor o qual define como uma “ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário, circunstâncias [...] se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis. Na *performance* se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor ao autor; e aquele em que unem a situação e a tradição”. ZUMTHOR, p. 31. Ver BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens religiosas do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*. São Paulo: Annablume, 2009. Esse trabalho proporciona uma discussão pertinente ao que estamos descrevendo de Costa Leite. Brito, por meio dos folhetos religiosos, procurou mostrar essa dinâmica de leitura que inscreve o folheto nessa rede entre a oralidade e a escritura.

<sup>345</sup> Folhetos de lida são folhetos para serem contados na roda de poetas.

<sup>346</sup> ZUMTHOR, 2007, p. 61.

<sup>347</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

<sup>348</sup> ZUMTHOR, 2007, p. 77.

“vida” à história de Renato e Elvira. É pelo corpo em seus múltiplos movimentos, diante do público, que o sentido da poesia é percebido. A sonoridade de sua voz transmitia a história empolgando o ouvinte/leitor. Não importa nesse momento se estava fazendo estripulia para vender seu livro, a dinâmica da leitura exigia essa *performance* do poeta, que, ao fim, segundo seu relato, conseguiu realizar boas vendas. Percebemos diante dessa análise que Costa, ao lidar com essa maquinaria que envolve a literatura de folhetos e sua propagação, converge sentidos, estratégias, dramaticidade como construção histórica, estabelecendo redes de comunicação com o propósito de vender suas mercadorias.

Um ponto forte da pesquisa foi acompanhar José Costa Leite na feira de Itambé-PE, uma das poucas que ainda tem coragem de frequentar e levar suas publicações. Falamos em coragem por sua idade e o peso em transportar mercadorias, tendo de pegar dois meios de transporte para chegar até seu destino, indo de Condado a Goiânia e de Goiânia até Itambé. Assim, como percorria o circuito das feiras do Nordeste, durante as décadas de 1970 e 1980, despertava cedo, no “canto do galo”, tomava um café pequeno e seguia sua jornada. A ideia de sair para vender folhetos permanece agregada à sua vida e suas práticas comerciais.<sup>349</sup> Mesmo aposentado e recebendo um auxílio pelo Patrimônio Vivo, vê esse espaço como único local que nutre o desejo de escrever e versejar suas histórias.

Costa Leite vem ocupando um pequeno espaço no mercado de Itambé que ocorre sempre na segunda-feira (Figura 42). Segundo Candace Slater, esse dia alternado das feiras “foi crucial para o sucesso do folheto”,<sup>350</sup> permitindo sucessivos deslocamentos dos poetas pelo interior. É nesse lugar, nas cercanias da divisa com a Paraíba, que consegue expor seus títulos e vender algumas de suas histórias e almanaques; mesmo reclamando do comércio fraco e mantendo o discurso de que está quase parando, querendo vender seus originais.<sup>351</sup> Geralmente essa vontade de abandonar a venda do folheto surge no momento de dificuldades, em meio a pouca arrecadação.

---

<sup>349</sup> Ver: POESIA e chão. In: OLARIA cultural: mestres e obras construindo um patrimônio. Documentário: Angra Filmes. Recife: Fundarpe, [s.d]. DVD.

<sup>350</sup> SLATER, 1984, p. 25.

<sup>351</sup> Em 1974, conforme já referido, José Costa Leite escreveu uma carta a Liêdo Maranhão informando que desejava mudar de ramo e que estava vendendo seus originais, uns publicados e outros ainda a serem editados. LYRA, Maria do Carmo Pontes. *Bibliografia de correspondência enviada a Liêdo Maranhão pelos poetas populares e dos folhetos editados pela Universidade Federal de Pernambuco*. Recife, 1997. p. 105-106. Mimeografado.

Figura 42 – José Costa Leite na feira de Itambé, 4 nov. 2013



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

Com a idade avançada, já não consegue levar um sistema de som e formar as rodas nas feiras que encantavam o público/ouvinte que gostava de vê-lo declamar. No dia que antecede à sua ida, deixa tudo organizado, principalmente, a bolsa com as mercadorias. Carrega também um tripé de madeira articulável, onde expõe os livros. Essa atividade comercial realiza-se semanalmente ou quinzenalmente, uma forma de demarcar o local e não perder o para outro feirante.

Na bolsa, inserem livros de sua autoria, mas também clássicos dessa literatura de folhetos, que o tempo nem as pessoas conseguiram esquecer, como as histórias de Leandro Gomes de Barros, Manuel d’Almeida Filho, José Camelo de Melo e João Martins de Ataíde. Sobram ainda lugares para seus almanaques, guias astrológicos, livros de romance, alguns CDs de sua autoria e de Luiz Gonzaga (Figura 43).

Figura 43 – Exposição de folhetos de Costa Leite na feira de Itambé-PE, 2014



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

O percurso até Itambé-PE ocorreu em torno de quarenta minutos, tendo como paisagem o verde dos canaviais, o barulho das folhas da cana verde, que se estendia até o horizonte, freneticamente em movimento pela ação dos ventos. Lembrávamos dos versos do *Trem de Alagoas* de Ascenço Ferreira<sup>352</sup> e da letra do *Trenzinho Caipira* de Heitor Villalobos,<sup>353</sup> que percorriam fronteiras sem destino. À medida que seguíamos o trajeto, o poeta ia explicando a paisagem, como um professor que leva seus alunos à aula de campo. Sua memória funcionava como um álbum de família, em que cada fotografia remetia a uma história.

Com passos curtos, arrastava seu carrinho por entre feirantes e bancos de amigos. Chegando, descansava um pouco e começava a abrir as bolsas retirando a mercadoria. Primeiro montava o tripé, depois estendia o cordão, em seguida, espalhava e pendurava os folhetos. Os amigos de longas datas passavam por ele e cumprimentavam com um bom dia ou um aperto de mão, gestos que demonstram amizade, respeito e afetividade conquistada nesse espaço.

<sup>352</sup> FERREIRA, Ascenço. *Trem de Alagoas*. [S.n.t.].

<sup>353</sup> VILLA-LOBOS, Heitor. *Trenzinho caipira*. [S.d.]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/heitor-villalobos/507893/>. Acesso em: 14 jan. 2016.

Aos poucos, anunciava a quem passava na calçada suas histórias, geralmente com um folheto na mão, visando despertar o ouvinte que trafegava por esses espaços. Não utiliza mais seu autofalante, mas permanecia com uma voz firme de quem entende de poesia. Os versos eram entoados com precisão, em ritmos de cantadores de viola. A experiência da feira o fez um poeta múltiplo e dinâmico, conhecedor das estratégias que norteiam o mercado da poesia. Nessas idas e vindas de pessoas, alguns paravam para escutar a história, outros apenas olhavam. Uma das coisas que chamaram nossa atenção foi a procura por folhetos e almanaques por jovens estudantes que passavam vindos da escola. Muitos chegavam perguntando por algum título que fez sucesso em anos anteriores. Outros perguntavam pelo almanaque, dizendo que é colecionador ou que estava comprando para o avô. Costa Leite nesse dia estava bem-humorado, brincando e criando gracejos, mas reclamando a todo instante do movimento fraco e do dinheiro que não chegava. Dizia que “era melhor estar em casa do que ter todo aquele trabalho”.<sup>354</sup> Teve feira que, segundo ele, não arrecada nem o dinheiro para voltar para casa. Isso era uma realidade na vida de muitos poetas que se aventuravam nessas praças, como afirma Edson Pinto, em sua barraca no Mercado de São José: “meus colegas de banca abandonaram o ramo, tem feira que não dava nem para pagar a passagem de volta.”<sup>355</sup>

A todo instante, reportava-se aos tempos áureos da vendagem de folhetos dizendo, “ah se eu tivesse sua idade, pegava o autofalante e anunciava, mas a idade não permite”, ou seja, percebemos com isso, que o passado está presente em sua prática na forma de agir e lidar com sua produção artística. O passado da feira não passou em sua memória. A feira para Costa Leite é o tempo da saudade. Ao frequentar esse espaço, ele busca em suas reminiscências os tempos que não voltam mais. Ao que parece, essa ida a Itambé-PE o encoraja a permanecer escrevendo e publicando, principalmente os almanaques que têm mais comercialização nessa área por conta de agricultores da região.

Por volta das 13 horas, os feirantes vão desmontando seus bancos, cada um, a seu modo, guardando seus produtos. Aos poucos, aquele cenário colorido, de vozes, sons, pessoas transitando de um lado para outro, tomava outras configurações. A feira aos poucos chegava

---

<sup>354</sup> Esses trechos de falas do poeta Costa Leite foram registrados no ato em que estava na feira. Dispomos de um pequeno caderno que íamos fazendo uma espécie de diário de campo. Não constituiu uma entrevista em si, mas observações dos signos, das imagens presentes no momento. Chegamos a fazer uma pequena gravação no local deixando ele bem à vontade, afinal o espaço era de seu trabalho.

<sup>355</sup> Ver SOUZA, Liêdo Maranhão de. Cadernos manuscritos n.º 1. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 5 nov. 1971.

ao fim, as ruas iam sendo desocupadas e a cidade voltava à sua vida normal. Costa Leite começa lentamente a arrumar toda a sua mercadoria desmontando seu tripé. Enquanto estava guardando os folhetos, ficava conversando com as pessoas que se aproximavam e, sem perder tempo, fazia seus últimos anúncios, “moça compre um cordel, tem histórias bonitas, o cordel desarna, educa e diverte, tem a história de Lampião, tem a história do chifrudo”, histórias mencionadas estrategicamente, pois são essas que mais despertavam o interesse dos consumidores.

Aos poucos, ele ia despedindo-se dos amigos arrastando seu carrinho de livros, procurando o melhor local para transitar. Assim, terminava sua jornada nesse dia, pegamos o transporte e voltamos para sua casa em Condado-PE, onde sua esposa, Dona Severina Maria, o esperava para almoçar. Chegamos a frequentar quatro feiras compartilhando experiências e histórias de vida ao lado deste poeta. Nesse dia, fotografamos, realizamos uma entrevista e anotamos no caderno as impressões. Passaremos nesse momento para o próximo capítulo, que traz em suas páginas uma análise documental da arte xilográfica na trajetória de Costa Leite.



## **CAPÍTULO 3**

**Da madeira para o papel**

“Uma obra de arte é boa quando nasceu por necessidade.”

(Rainer Maria Rilke)

Neste capítulo, procuramos investigar as técnicas de criação e as redes mercadológicas que giram em torno da xilogravura produzida por Costa Leite. Para tal investigação, utilizamos como aparato documental, as cartas recebidas por Costa Leite no período 1970-1980 e sua produção xilográfica com álbuns e matrizes. Essas fontes nos possibilitam pensar um poeta múltiplo, dinâmico e estratégico, capaz de dar conta das encomendas em um mercado de arte que se configurava com padrões de intenção e visualidade. À medida que se inseria nesse campo de produção, obtinha sua legitimação e o reconhecimento do público consumidor.

### 3.1 Primeiros traços

No capítulo anterior, abordamos vários aspectos que nortearam a elaboração, a publicação e distribuição dos folhetos de Costa Leite. Vimos que, em termos de propaganda, seu trabalho se inseria em múltiplos campos nessa atividade comercial. A feira foi o espaço irradiador de suas publicações, local de encontros e negociações. Partiremos agora para outra vertente desse comércio, que consiste nas ilustrações realizadas para a capa dos folhetos. Ou seja, vamos verificar de que forma esse poeta passou a utilizar a xilogravura na capa de seus folhetos e a dimensão que sua criação artística alcançou no meio comercial.

A xilogravura surgiu na vida do poeta Costa Leite de forma utilitária, haja vista que sentiu a necessidade de ilustrar a capa de seus folhetos. Foi observando o poeta Francisco da Silva talhando chichê para ilustrar capa de folheto que partiu para sua criação.<sup>356</sup> O ano era 1949. O poeta, depois de observar o amigo, pegou um pedaço de madeira e fez alguns traços como criança na escola diante de seus primeiros rabiscos. Acerca dessa “arte de fazer e talhar a madeira”, descreve na autobiografia:<sup>357</sup>

<sup>356</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

<sup>357</sup> LEITE, 2012, p. 133-134.

A um amigo do ramo  
 Que xilogravuras fazia  
 E relativo ao cordel  
 Ele também escrevia  
 E na feira de Goiana  
 Na terra pernambucana  
 Toda semana eu lhe via  
 Pediu-lhe uma xilogravura  
 Pra Valfrido e Dulcinéia  
 O Príncipe Rodão e Lídia  
 Rogaciano e Dorotéia  
 Narciso e Iracema  
 Pra ilustra meu poema  
 Eu aprendi a ideia  
 Fiz o pagamento  
 E as matrizes examinei  
 Logo aprendi a fazê-las  
 Desde logo comecei  
 E aprendi na leitura  
 A fazer xilogravura  
 E então nunca mais deixei.

De fato, examinando as matrizes, não parou mais de fazer xilogravuras. Aos poucos, foi aprimorando seus desenhos e aperfeiçoando os traços. Assim como ele, outros poetas aprenderam apenas observando os tacos de madeira, como J. Borges com o trabalho de Dila, J. Barros com as matrizes de Costa Leite.<sup>358</sup> Ou como fez Walderêdo de Oliveira observando as imagens da zincogravura achando que na madeira também era possível fazer tais desenhos, o que deu certo.<sup>359</sup> Cabe ressaltar que o fato de esses poetas se inclinarem para esse tipo de trabalho não foi assim tão simples como os versos autobiográficos de Costa Leite descrevem.

Segundo Everardo Ramos, alguns fatores possibilitaram essa mudança diante da ilustração do folheto, tais como aumento exagerado da inflação levando ao fechamento de tipografias no interior, seguido de vários aumentos no preço do papel, modernização do país afastando as pessoas da feira e a valorização dada pelos intelectuais a esse tipo de criação artística na década de 1960.<sup>360</sup>

Diante desse contexto de valorização, surgem edições de álbuns xilográficos, conferências, exposições e estudos no Brasil e no exterior. A xilogravura destacou-se entre a elite do país que, diante dessa produção artística, passou a valorizar o que havia de mais

<sup>358</sup> RAMOS, Everardo. Escritores-ilustradores de folhetos de cordel: processos de criação popular. ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC, 2007, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Abralic, 2007. p. 2.

<sup>359</sup> CARVALHO, Gilmar. *Memórias da xilogravura*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. p. 12.

<sup>360</sup> Para maior aprofundamento nessas mudanças, ver RAMOS, 2007, p. 2. RAMOS, Everardo. *Veredas no Grande Sertão: aportes da História da Arte para o estudo da criação popular*. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 8., 2012, Campinas, SP. *Anais...* Campinas: Unicamp/CHAA/IFCH, 2013.

“autêntico” na arte brasileira<sup>361</sup> segundo seus interesses calcados em uma relação de política e poder.<sup>362</sup> Essa ideia veio acompanhada por transformações no campo da música, da literatura, do cinema e jornalismo, buscava-se no interior a “identidade cultural” do país.<sup>363</sup> A xilogravura entra nesse circuito de requisições ocupando capa de discos, de embalagens, novelas, livros e jornais.<sup>364</sup>

A zincografia<sup>365</sup> que estampava a capa dos folhetos com personagens de cinema, cartão-postal, é deixada de lado e, aos poucos, a xilogravura passava a ilustrar essas capas. A princípio, não teve boa aceitação nas feiras<sup>366</sup> tendo em vista que as imagens coloridas representavam uma visualidade preferida pelos consumidores. Como menciona Costa Leite, “quem gostava de xilogravura era turista, o povo queria as capas bonitas, coloridas”.<sup>367</sup> Liêdo Maranhão, pioneiro no estudo da capa dos folhetos e suas transformações, confirma a versão do poeta ao expressar:

Apesar de parecer muito antiga e preferida dos poetas, para ilustrar a capa de folheto. A xilogravura ou gravura em madeira, hoje muito ‘badalada’ pelo público e por um comércio sofisticado de arte, nunca teve na realidade, em todo o período de sua história, o prestígio e a popularidade das chamadas gravuras de zinco, com desenhos rabiscados a lápis, de artistas populares, cartões postais de amor e fotografias de artistas de cinema.<sup>368</sup>

---

<sup>361</sup> RAMOS, Everardo. Veredas no Grande Sertão: aportes da História da Arte para o estudo da criação popular. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 8., 2012, Campinas, SP. *Anais...* Campinas: Unicamp/CHAA/IFCH, 2013. p. 2. Ver também HATA, 1999, p. 75.

<sup>362</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Ver também um debate acerca dessa valorização do nacional diante das culturas populares em SANTOS, Mário Ribeiro dos. *Noites festivas de junho: histórias e representações do São João no Recife 1910-1970*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 2015. p. 201-202.

<sup>363</sup> Para uma leitura das mudanças culturais do Brasil nesse período, ver RIDENTI, Marcelo. Cultura. In: REIS, Daniel Aarão (Org.) *Modernização, ditadura e democracia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. v. 5. p. 232-282. RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge; NEVES Lucília de Almeida (Org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 4, p.135-164.

<sup>364</sup> Ver FRANKLIN, Jeová. *Cem anos da xilogravura na literatura de cordel*. In: MEMER, Sylvia. *Recortes contemporâneos sobre o cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 240.

<sup>365</sup> Imagem gravada sobre uma placa de metal muito difundida no sistema editorial dos folhetos principalmente na gráfica de João Martins de Athaíde.

<sup>366</sup> O professor Everardo Ramos, estudando a capa dos folhetos, saiu em defesa da zincografia afirmando que essa repulsa dos intelectuais por essa técnica em valorização da xilogravura é algo que precisa de análise. Para ele, a técnica anterior precisa ser tão valorizada quanto a xilogravura, ambas se articulam nessa malha editorial. Ver RAMOS, Everardo. Ilustrações de folhetos de cordel: ou a peleja do popular com o moderno. In: MEMER, Sylvia. *Recortes contemporâneos sobre o cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008a. p. 207-238. SILVA, M. R., 2015, p. 193-194.

<sup>367</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

<sup>368</sup> SOUZA, 1981, p. 15.

Por isso, Edson Pinto,<sup>369</sup> vendedor e distribuidor de folhetos no Mercado de São José, em suas palavras, reforça a opinião de Costa Leite e Liêdo Maranhão:

A capa do folheto tem mais influência se for zincografada. Para os turistas, a gravura de madeira é melhor. Para o pessoal da praça do mercado, eles preferem a gravura de zinco. As novas, eles não gostam muito, porque pensam que é falsificada. Um romance tem que ter um clichê bom, senão, o matuto olha pra capa e não tem vontade de comprar.<sup>370</sup>

Entre esse debate sobre a ilustração da capa dos folhetos que começou por volta de 1960 e tomou pulso em 1970, quando a xilogravura torna-se independente da capa dos folhetos, Costa Leite manteve sua produção de acordo com o mercado. Observando a capa de seus folhetos pesquisados, percebemos que não seguiu nesse momento apenas um tipo de ilustração, entrou na fase da xilogravura gradativamente, mas não abdicou das capas com zincografuras. Atento ao gosto do público e bastante estratégico na hora de propagar suas histórias, manteve em seu banco de feira “capas para todos os gostos”. Encontravam-se desde os cartões-postais a cenas de filmes norte-americanos,<sup>371</sup> como desenhos provenientes de suas matrizes xilográficas.

Lembrar que as mudanças inseridas em um contexto social não ocorrem de forma homogênea, sempre existirão as permanências, principalmente em se tratando da literatura de folhetos, que não segue um padrão normativo de publicações. É nesse contexto que Everardo Ramos chama a atenção para as manchetes de jornal, a apresentação de álbuns no sentido de prestigiar a xilogravura, como se a zincografura não tivesse existido e os poetas a deixassem do dia para a noite.<sup>372</sup> É preciso contextualizar e perceber que ambas respondem a uma cultura visual de produção e consumo, a imagem do folheto é uma extensão da narrativa poética, ela desperta o leitor para a história.

Nesse sentido, Costa Leite nos apresenta indícios de que ambas conviveram por anos lado a lado, e o que está em jogo de acordo com a pesquisa desses folhetos é o lado comercial. Como esse tipo de capa zincografada ainda é a preferida do público nos mercados e feiras, por

<sup>369</sup> Edson Pinto, natural de Carpina-PE, foi o maior distribuidor de folhetos em Pernambuco desde 1938 no Mercado de São José, disputando espaço com mais de 10 barracas de distribuição desses impressos. Ver SOUZA, 1971, 5 nov.

<sup>370</sup> SOUZA, 1981, p. 25.

<sup>371</sup> Observando algumas capas desse período, podemos citar como ilustração de cartão-postal: *As aventuras de Genival e Jovelina*, *Valfrido e Dulcinéia*. Filmes norte-americanos: *Romance de Ali babá e os 40 ladrões*; *Misael e Elisabete*, *O guerreiro Julião e o gigante de aço*, *História Joãozinho e Edileusa*, etc. Acervo CMPLM.

<sup>372</sup> RAMOS, 2008, p. 207-238.

que então não produzi-la? Partindo desse princípio, Costa Leite não perdeu tempo em ganhar seu dinheiro. Publicou vários romances pela Tipografia Alves Pontes e pela Fundação Casa das Crianças de Olinda como nos folhetos *O vaqueiro Julião e a filha do Sertanejo*<sup>373</sup> e *Os aventureiros da sorte*,<sup>374</sup> ilustrados com cartão-postal e fotografia de cinema respectivamente (Figura 44).

Figura 44 – Capa de folhetos com a técnica da zincogravura na década de 1970



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

Apesar de haver certo consenso entre Liêdo Maranhão de Souza<sup>375</sup> e Jeová Franklin ao considerarem que nas regiões afastadas dos centros urbanos os poetas, sem ter acesso aos clichês de zinco por conta de seu custo de deslocamento e fechamento de editoras, aderem ao processo “rústico” e barato das xilogravuras. A pesquisa que realizamos em relação a Costa

<sup>373</sup> LEITE, José Costa. *O vaqueiro Julião e a filha do sertanejo*. [S.n.t.].

<sup>374</sup> LEITE, José Costa. *Os Aventureiros da Sorte*. [S.n.t.].

<sup>375</sup> Ver sobre essa questão SOUZA, 1981, p. 71-77 e FRANKLIN, 2007, p. 28-29.

Leite nos indica que não foi bem dessa forma, muito pelo contrário, permaneceu, como mencionamos, convivendo com as duas formas de ilustração.

Pensar na capa dos folhetos de Costa Leite é estar atento a uma “cultura gráfica”<sup>376</sup> como aponta Roger Chartier, a qual dialoga com seu entorno social em tempo e espaço. São ilustrações que trazem estilos, contornos, traços que, aos poucos, foram definidores de sua criação artística. Focando na produção da xilogravura, a documentação nos possibilita perceber que a produção de matrizes xilográficas desse poeta está inserida em uma rede mercadológica com vários fins lucrativos. Essa arte talhada na madeira estava pautada em exigências do mercado e das intenções que pairavam nessa fabricação.<sup>377</sup>

Seguindo essa linha de raciocínio, vamos encontrar um cordelista que despertou com seu traço e estilo “os olhares” de poetas amigos, intelectuais e mercadores de arte, os *marchands*. Então teremos clichês em movimentos, sendo negociados nas feiras, mercados, Correios e galerias de arte. Aquela xilogravura que a princípio foi utilizada para compor a capa de seus primeiros folhetos, atinge uma dimensão de proporções gigantesca, em se tratando da procura dessas madeiras, principalmente na década de 1970.

Esses argumentos estão respaldados em uma documentação que aponta várias possibilidades de pensar o “movimento dessas matrizes”, localizadas nas anotações no diário de campo de Liêdo Maranhão, nas cartas que chegaram a Condado-PE solicitando clichês, nos relatos orais do poeta e nas propagandas inseridas na capa de seus folhetos. É mais um elemento que se agrega às atividades comerciais desse poeta, que sistematiza o tempo de acordo com as exigências do mercado.

Em termos das condições de produção estabelecidas para esse mercado, o comércio de Costa Leite aproximava-se dos trabalhos de J. Borges. Ambos recebiam encomendas que, segundo Maria do Rosário Silva<sup>378</sup> abarcava “capa de discos, livros, convites, cartazes, folders, folhetos, etc.” além das criações em suportes maiores, destinadas às galerias e aos álbuns xilográficos, muito requisitados pelos “mercadores xilográficos”, os *marchands*. Ou seja, a xilogravura entrava no que Walter Benjamin denominou de *reproduzibilidade técnica*, diante das escolhas e reproduções dessas matrizes. Conforme Benjamin, “a reprodução

---

<sup>376</sup> Cultura gráfica, termo que compartilhamos com Roger Chartier para entender que a produção da capa dos folhetos está amparada, associada e vinculada a um determinado tempo de produção. Ou seja, elas atendem a exigências e práticas culturais da cultura em tempo e espaço. Ver CHARTIER, 2007, p. 10-11; CHARTIER, 2002, p. 77-78.

<sup>377</sup> Acerca do percurso dessa xilogravura no campo editorial, ver CARVALHO, Gilmário de. Xilogravura: os percursos da criação popular. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 39, p. 143-158, 1985.

<sup>378</sup> SILVA, M. R., 2015, p. 196.

técnica atingiu tal grau que não só abarcou o conjunto das obras de arte existentes e transformou profundamente o modo como elas podiam ser percebidas, mas conquistou para si um lugar entre os processos artísticos”.<sup>379</sup>

A maior parte dos trabalhos desenvolvidos por Costa Leite realizou-se no fundo de sua casa, antes de organizar um pequeno espaço onde passou a armazenar algumas matrizes e ferramentas para sua confecção. É sentado em seu ateliê, A Voz da Poesia Nordestina, que o poeta vem durante décadas, de maneira simples e rudimentar, fazendo seus clichês, dando-lhe formas e contornos, de acordo com sua criatividade, trazendo temas que fazem parte de seu cotidiano e representações de suas práticas culturais.

Nesse espaço que fica ao lado de sua casa na cidade de Condado-PE, além das ferramentas necessárias para o talhe da madeira, como buril, canivete, estilete, goivas e faca, misturam-se tintas, folhetos, novenas, almanaques e um pequeno aparelho de som, que embola seus momentos com as músicas de Luiz Gonzaga, Marinês e Sua Gente, cantores de sua preferência. É no som da sanfona, do triângulo e da zabumba que suas ideias fluem no campo da arte e imaginação. Visualizamos esse espaço nas Figuras 45 e 46, momento em que preparava a superfície da matriz *Criação de Gado*.

Figura 45 – Preparação da matriz *Criação de Gado*



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral, 2013.

<sup>379</sup> Cf. BENJAMIN, Walter et al. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Organização Tadeu Capistrano. Tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 11 (última versão). BENJAMIN, 1994, p. 165-167. O texto dessa seleção corresponde à primeira versão do ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*.

Figura 46 – Costa Leite preparando a matriz Criação de Gado



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral, 2013.

A xilogravura está associada à natureza, ao universo e à linguagem de cada artista, sendo essa dinâmica, utilitária e comunicativa. Pequenas, médias ou de grande porte, estejam na matriz, no suporte material (papel), em galerias, estejam em folhetos espalhados em feiras, suas intenções de produção vão além do ato de gravar e imprimir. Ao talhar a madeira da imburana, cajá ou folha de compensado,<sup>380</sup> desloca ideias e imaginações. Inscreve sonhos, fantasias, signos que percorrem mentes, sentidos e ações. Suas mãos e sua memória criam personagens e histórias que se deixam esculpir por meio das impressões registradas do cotidiano por ele vivenciadas.

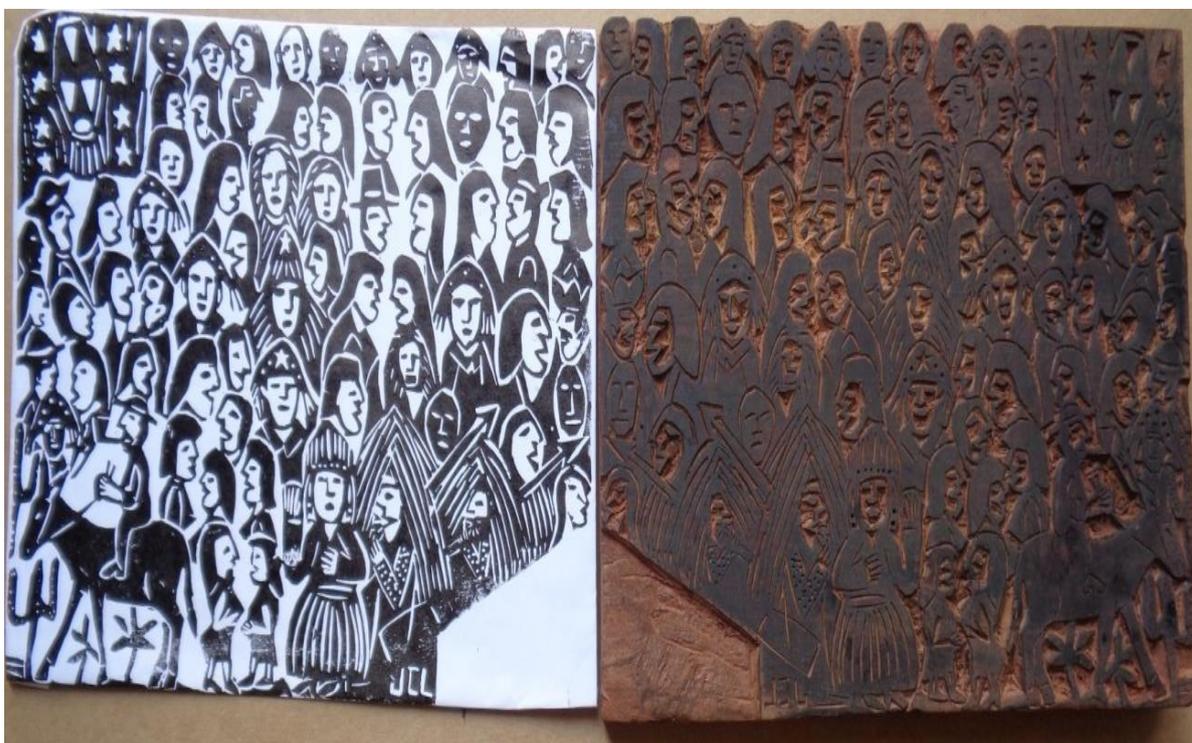
Suas mãos calejadas, dedos rudes, marcados por cortes de faca e estilete, registram na madeira significados. Mesmo dizendo que “*qualquer um pode fazer xilogravura*”,<sup>381</sup> talhar, desenhar, registrar pensamentos, vidas e histórias não é tão simples assim, pois requer jeito, conhecimento e manuseio. O clichê talhado ou mesmo a impressão final passava por diversas etapas de produção, ou seja, é necessário que haja certa intimidade, diante de uma prática cultural que permitia esses deslocamentos.

<sup>380</sup> Várias madeiras podem ser utilizadas para a confecção da xilogravura. Algumas são preferidas pelos xilógrafos por apresentarem melhor maciez diante dos cortes e por deixar a impressão com brilho e melhor acabamento. Entre elas, maçaranduba, ipê, cedro, mogno, cerejeira, louro, castanheira, imbuia e imburana. Dessas, a imburana foi a mais utilizada pelos poetas, José Costa Leite, Dila, Walderêdo Gonçalves, Antônio Batista e J. Borges, justamente pela qualidade de executar o talhe. Atualmente, Costa Leite utiliza folha de compensado pela escassez dessas madeiras. Mais informações ver COSTELLA, 1986, p. 14-22.

<sup>381</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

Durante a pesquisa, percebemos que não existiam mistérios para a criação de matrizes xilográficas na vida desse poeta. Sua produção estava associada a uma demanda de mercado que pairava em torno das encomendas e das próprias ilustrações. Comprava a madeira, pensava no tema e começava a desenhar. Para um folheto, por exemplo, menciona, “eu faço o cordel primeiro e depois me baseio pelo título e vou fazer a xilogravura,”<sup>382</sup> ou diante dos pedidos que chegavam até ele, pegava a madeira e seguia diretamente o traço determinado pelo cliente. Como na xilogravura na Figura 47, que fez a arte mediante exigências da pessoa com “personagens do Nordeste”.

Figura 47 – Xilogravura e matriz com representação de personagens do Nordeste



Fonte: Acervo da Editora Coqueiro, 2015.

Diante de nossas observações em vários momentos desta trajetória, percebemos que o poeta não procurava fazer um esboço ou rascunho prévio do que pretendia talhar. Ele riscava diretamente na madeira suas intenções. Sua “habilidade” somada à “experiência” fazia com que o lápis e a criatividade percorressem as linhas e nervuras da matriz compondo o desenho, como podemos observar, nas Figuras 48 e 49, os rabiscos na placa de madeira, onde cada risco corresponde a um talhe.

<sup>382</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

Figura 48 – Desenho a lápis na madeira antes dos cortes



Fonte: Acervo José Costa Leite, 2013.

Tem um detalhe. Ele começa a riscar do centro para as bordas, compondo riscos, traços e pontilhados, que, no fim, se entrelaçam com o alto e o baixo relevo. O alto assume a tonalidade preta e as escavações, a tonalidade branca. Diferentemente de J. Borges, que segundo Maria do Rosário Silva, “raramente faz retoques”, Costa Leite, quando passa a primeira tinta tipográfica sobre a madeira, com seu “olhar clínico” verifica logo os erros, e com o buril consegue dar os retoques finais e lixa a peça deixando a matriz pronta para a prova do artista (PA). Essa prova consiste na primeira xilogravura dessa matriz sobre o papel. Por meio dessa, verifica-se se é preciso fazer retoques, corte ou algum complemento na madeira para se chegar aos efeitos desejados do artista. Realizadas todas essas verificações, a matriz está pronta, para que sejam iniciadas as demais cópias de acordo a quantidade que se deseja fazer.<sup>383</sup>

<sup>383</sup> Sobre o controle do número de cópias, ver HERSKOVITS, Anico. *Xilogravura: arte e técnica*. Porto Alegre: Editorial Pomar, 2005. p. 69-73.

Figura 49 – Cortes na madeira seguindo os desenhos



Fonte: Acervo José Costa Leite, Recife.

Analisando algumas xilogravuras desse artista que foram postas à venda, verificamos que logo abaixo do desenho ele escreve a sigla PA, a data em que foi impressa e sua assinatura a lápis. Esses elementos são identificadores de sua autoria; a prova do artista, a sigla PA, significa que a cópia partiu de suas mãos e foi impressa em seu atelier. Não localizamos cópias com numeração ao lado, a exemplo de 1/15, 1/30, 1/50, ou seja, alguns artistas de posse de sua matriz limitavam o número das edições criando uma “espécie de raridade ou edição limitada”.

Pelo que a pesquisa aponta, a preocupação de Costa Leite era vender, então as cópias saíam de acordo com a procura quando as peças estavam em exposição.<sup>384</sup> Tal questão deixou claro na entrevista, quando perguntado se existia alguma xilogravura que ele considerava a mais bela. Respondeu que “não, todas são iguais, meu interesse é a que vende mais, aquela que vende mais para mim é a melhor, mesmo sendo a mais ruim, mesmo sendo a mais

<sup>384</sup> Essas indicações das numerações são descritas em COSTELLA, 1986, p. 59-61.

feia”.<sup>385</sup> Foi dessa forma que encarou sua criação artística entre encomendas, criatividade, elogios recebidos e rentabilidade.

Em termos da apresentação visual, sua xilogravura compõe apenas uma área desenhada onde se vê inserida suas iniciais JCL ou COSTA LEITE, grafado em letras maiúsculas, forma encontrada para identificar sua autoria nas gravações. Quando iniciou talhar a madeira e produzir xilogravura, não teve a princípio o cuidado de assinar cada trabalho. Tal preocupação, segundo Costa Leite, passou a surgir no momento em que outros xilógrafos estavam ilustrando capa de folhetos e, ao que tudo indicava, estavam utilizando suas ilustrações. As iniciais de seu nome não obedecem a uma ordem de localização na placa de madeira, podendo estar em diferentes posições, lado esquerdo, direito ou ao centro como nos exemplos abaixo (Figuras 50 e 51):

Figura 50 – Xilogravuras mostrando diferentes assinaturas de Costa Leite



Fonte: Acervo Fundaj, Recife.

<sup>385</sup> José Costa Leite em entrevista a Geovanni Cabral, Condado-PE, 21 ago. 2013.

Figura 51 – Matriz com a identificação do artista no centro da peça



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral, 2013.

### 3.2 Clichês em movimento

Segundo Gilmar de Carvalho, “a xilogravura passava a ser um meio de expressão artística e um recurso editorial para ganhar agilidade e dar conta da expectativa dos leitores por novos títulos”.<sup>386</sup> Aos poucos, passou a ganhar destaque e nessa trilha vamos encontrar vários poetas que ilustraram a capa de seus folhetos com essa técnica. Dentre esses, Delarme Monteiro da Silva, Manoel Camilo dos Santos, Dila, Diniz Vitorino Ferreira, Francisco Sales Arêda, Severino Borges Silva e Apolônio Alves dos Santos.<sup>387</sup>

<sup>386</sup> CARVALHO, 1985, p. 150.

<sup>387</sup> Para esta análise, utilizamos a capa de folhetos do acervo de Liêdo Maranhão, que se encontram digitalizadas no LIBER-UFPE e fazem parte da Casa da Memória Popular Liêdo Maranhão.

No que se refere a Apolônio Alves dos Santos,<sup>388</sup> encontramos algumas cartas remetidas a Costa Leite que nos fazem pensar as estratégias criadas para o que chamamos *clichês em movimento*. Dessas, escolhemos cinco para análise, tomando como critério as informações que nos fazem perceber o comércio que existia em torno da circulação dos clichês.

Existia um trânsito de pequenas matrizes nas agências dos Correios que partiam de Condado-PE na direção de várias regiões do Brasil. Analisar a circulação dessas xilogravuras é perceber que não se tratava apenas de uma matriz dentro de um pacote que seguia viagem pelos Correios. É importante ressaltar que existia um conjunto de signos que abarcava “padrões de intenção” e visualidades como uma construção histórica da circulação desses folhetos. Essa documentação mantém um fio condutor com o comércio estabelecido de folhetos, guias astrológicos, perfumes, livros, etc., uma comercialização que remete a práticas no campo da cultura e memória, ao mesmo tempo em que a matriz representa uma criação artística, suas linhas e estilização denotam no mercado um valor a ser apreciado.

Começamos esse “movimento da madeira” com uma carta datilografada do poeta Apolônio Alves dos Santos, escrita em 11 de setembro de 1981 no Rio de Janeiro, enviada para Condado-PE:

Prezado Colega  
 José Costa Leite,  
 Saudações  
 Acabo de receber os seus Almanques 50 exemplares  
 gostei, só não sei se venderei todos, pois já  
 tenho também de Manoel Caboclo, e aqui no sul não  
 tem muita saída, mas farei o possível,  
 e agora deixando esse assunto, quero lhe fazer  
 mais uma encomenda de outro clichê, além do que  
 já lhe encomendei em outra, pois acredito que  
 você já o recebeu,  
 me preste bem atenção esse 2 clichê é de uma  
 Mulher Cangaceira com cartucheira, pois o folheto  
 leva o título A Rainha do cangaço que é  
 Maria Bonita, faça xilogravuras em madeira e não  
 em borracha, mande-me pelo Correio e diga quanto  
 custa, que lhe enviarei urgente o dinheiro.  
 Um grande abraço do amigo  
 Apolônio Alves dos Santos.<sup>389</sup>

<sup>388</sup> Apolônio Alves dos Santos (1933-1998), poeta de bancada, nasceu em Guarabira-PB. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1950, buscando melhorar de vida. Veterano da Feira de São Cristóvão-RJ nos anos 1970 e 1980. Ver ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1990, v. 2, p. 401.

<sup>389</sup> Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 9 set. 1981. Acervo CMPLM.

Uma carta bem interessante, em que o poeta nos informa que mantém com José Costa Leite uma amizade pautada em pedidos de matrizes xilográficas e revenda de almanaques. Chegou a enviar 50 exemplares, porém deixa Costa Leite logo ciente de que, além de ter exemplares de Manoel Caboclo e Silva, é um tipo de publicação que não encontra muitos compradores como nas cidades do Nordeste. Afinal, é um tipo de impresso direcionado a agricultores e homens do campo. Apolônio encomenda dois clichês a Costa Leite e chama sua atenção para não ser feito em borracha, e sim na madeira e especifica o tema da matriz: mulher no cangaço. Muito significativas essas informações do ponto de vista da criação.

Não encontramos relatos de Costa Leite produzindo clichê de borracha, uma técnica utilizada por Dila em Caruaru, mas pode ser que este tenha enviado alguma ou Apolônio dos Santos comprou de outra pessoa, e não gostou. O fato é que ele pede para não ser feita nesse material. A questão da indicação do tema é algo recorrente nessas encomendas tendo em vista que o poeta faz o folheto e em seguida pensa na xilogravura.

Meses depois, encontramos a carta que atesta o recebimento dessas matrizes e os valores cobrados por Costa Leite. Observemos o texto da carta escrita em 9 de novembro de 1981 no Rio de Janeiro:

Caro Amigo

José Costa Leite

Recebi os clichês, gostei o teu dinheiro já despachei no seu Banco Banorte, na última sexta-feira de outubro dia 30 Cr\$ 5.000,00 nessa altura você já deve ter recebido, - e esse dois clichês segue hoje aguarde-o me responda  
Atenciosamente  
Apolônio Alves dos Santos.<sup>390</sup>

Sua estrutura textual nos indica que recebeu os clichês solicitados, que gostou e efetuou o pagamento pelo Banorte; cada peça saiu em torno de Cr\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos cruzeiros) e continuou a encomendar, é o que parece indicar no texto. Fato esse que constatamos em outras cartas enviadas na década de 1980, fazendo outros pedidos para a capa dos folhetos *A herança do governo*, *Façanhas de Lampião*, *Os sofrimentos dos aposentados* e *Os nordestinos no Rio e o Nordeste abandonado*.<sup>391</sup>

<sup>390</sup> Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 9 set. 1981. Acervo CMPLM.

<sup>391</sup> Dos folhetos mencionados, visualizamos apenas as capas digitalizadas no acervo CMPLM.

Na carta de 12 de janeiro de 1983,<sup>392</sup> remetida do Rio de Janeiro para Condado-PE, Apolônio Alves, em vez de pedir que a matriz viesse para seu endereço no bairro do Benfica-RJ, ele solicita para que seja enviada a José Alves Pontes em Guarabira-PB. Vejamos:

Caro amigo José Costa Leite

Saudações

Peço por gentileza mandar dois clichês para José Alves Pontes-Guarabira.

era pra qui, mas resolvi mesmo mandar para José Pontes certo?

Um abraço do colega amigo

Apolônio Alves

Me escreva após.

Essas informações mencionadas por Apolônio indica que, em 1983, a Tipografia Alves Pontes estava ainda em atividade e com Costa Leite mantinham laços comerciais com ela. Não temos como saber quais foram os folhetos solicitados, muito menos a quantidade. O fato é que essa gráfica fornecia para o Rio de Janeiro seus folhetos, talvez seguindo as orientações de Costa Leite que sempre gostou do trabalho de suas impressões. No envelope, diz que foi respondida em 19 de janeiro de 1983, depois de uma semana.

Dentre os pedidos pelos Correios que chegaram até Costa Leite, houve duas cartas datilografadas de Apolônio Alves, datada de 2 janeiro 1983,<sup>393</sup> e 1.º de outubro de 1981,<sup>394</sup> solicitando clichês que nos chamaram bastante atenção. Não que ela fosse especial dentre as demais, mas por conter informações em seu conteúdo que nos levam a tecer argumentos sobre a forma como algumas matrizes eram produzidas e encomendadas.

Até então a documentação trazia informações desses pedidos sem especificar sua forma de apresentação e intenções visuais. Apolônio, nesta carta assinada por ele, descreve como quer sua matriz, tipo de pedido que se aproxima das várias encomendas que Costa Leite recebeu da Casa das Crianças de Olinda por intermédio do *marchand* Giuseppe Baccaro. Vejamos como esse poeta fez tal descrição:

<sup>392</sup> Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 12 jan. 1983. Acervo CMPLM.

<sup>393</sup> Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 2 jan. 1983. Acervo CMPLM. Mantivemos a forma como a carta está escrita no original; as letras maiúsculas correspondem ao destaque dado pelo poeta.

<sup>394</sup> Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 1.º out. 1981.

Prezado amigo  
 José Costa Leite  
 Meu fraterno abraço.

Rcebi tua carta de 22 de dezembro p. passado de 82 p. findo, a qual me avisando que já vem viajando os xilos que encomendei 2 só que ainda não chegaram mas devem estarem chegando espero essa semana de amanhã por diante, e quanto ao preço não estar caro o que não se pode mais fazer é clichê zincografado aqui estar um absurdo de exploração, o teu preço estar razoável é tanto que estou te encomendendo mais dois clichês o 1º é um ônibus de modo que se veja o motorista na direção, e se vêja algum passageiro com as cabeças nas janelas do ônibus e 2º é um violeiro sosinho de oculos raiban, e se não for muito dificil faça pertinho dele do lado esquerdo um passarinho tipo canário ou sabiá certo? e pode ficar tranquilo que boto aqui na tua conta corrente do BANORTE... assim que receber os chichês combinado?  
 Um grande abraço amigo e muito grato pelas felicitações que me desejustes nesse Natal, quero te retribuir as mesmas que este ano novo te traga realizações, saúde, paz e tranquilidade no seu lar com toda sua família, são os sinceros votos do seu colega e família, APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS. (Grifo nosso).

Analisando essa correspondência, podemos perceber quanto ela nos auxilia a compreendermos a dinâmica comercial dessa *arte de fazer xilogravura*. O poeta Apolônio começa descrevendo que tem duas matrizes que ele chama de “xilos”, as quais estão em trânsito pelos Correios e que estava aguardando chegar. Sinal de que havíamos dito, em relação à carta anterior, os tacos criados por Costa Leite agradavam aos olhos de Apolônio Alves. Pensando em termos de visualidade desses folhetos nas feiras e mercados, caso as matrizes de Costa não tivessem agradado, ele jamais manteria esse círculo de solicitações. Estamos dialogando com uma carta que visa à criação artística, mas que está atrelada a uma rede mercadológica. O importante é a mercadoria bem-feita para atrair o público. Fato esse que, no fim da carta, diz que após a chegada do produto enviaria o dinheiro. Não encontramos valores especificados, nem anotações no envelope registrado por Costa Leite.

Seguem em seus comentários certos elogios com relação aos valores cobrados por Costa Leite que estão bem mais em conta no mercado que as ilustrações zincografadas. Nesse trecho Apolônio Alves, ao que parece, é bem categórico em optar pelas xilogravuras em detrimento dos valores absurdos cobrados pela outra técnica de ilustração. Um detalhe pertinente é que estamos falando de zincogravura na década de 1980; no caso desse poeta, ele

deixa nas entrelinhas que, se não tivesse tão caro, optaria também por esse tipo de ilustração. Isso demonstra que, apesar da valorização e legitimação da xilogravura desde 1960, a zincogravura ainda continuava a ser utilizada por poetas. Ou seja, Apolônio Alves assim como Costa Leite, não desprezaram nem uma, nem a outra, ambas conviveram de acordo com o mercado e suas escolhas.<sup>395</sup>

O ponto-chave em nossa análise está centrado nessas linhas sublinhadas, em que o poeta, ao encomendar duas matrizes a Costa Leite, especifica os detalhes de como quer o desenho na madeira. Possivelmente, ele já havia escrito o folheto para tecer com tamanha precisão as referidas descrições. É sistemático na escrita ao dividir em dois pontos como deseja sua xilogravura; uma de um ônibus com passageiros na janela e outra um violeiro sozinho com óculos estilo Ray-Ban com um canário ou sabiá de lado. Interessante nessa descrição são os elementos citados que farão parte da gravura final, símbolos do cotidiano desse poeta. A outra carta de Apolônio Alves datada de 1981, para Costa Leite, traz em seu conteúdo dados semelhantes quanto aos pedidos e as especificações de como deveria ser talhado o clichê.

Prezado irmão da poesia  
José Costa Leite  
Meu fraterno abraço

Acho que você deve ter recebido minha carta avisando  
O recebimento dos chichês e antes eu já havia enviado  
CR\$ 1.000,00 recebeu?  
E agora estou lhe encomendendo 5 clichês sendo  
Um para você mandar para José Alves em Guarabira, e  
4 são 4 pelepas de cantadores, inclusive uma das  
quais uma Mulher, ou seja, um cantador e uma poetisa,  
compreendeu?, em xilogravuras diferentes, esses me  
mande pelo correio e o preço de sua mão de obra anexo  
sim o que vai para José Alves Pontes é da guerra de  
Exu, em xilogravuras faça uns personagens atirando  
Uns caindo outros tombando, mais ou menos assim,  
Você, sabe sacou?  
Um grande abraço  
Do seu colega e amigo,  
Apolônio Alves dos Santos. (Grifos nossos).

Nessa carta o poeta Apolônio avisa a Costa Leite que recebeu os clichês, havia enviado o pagamento de um mil cruzeiros e estava encomendendo mais cinco matrizes

<sup>395</sup> O poeta Manoel Caboclo e Silva diz que “a zincogravura é uma coisa que ajuda o povo de menor cultura, porque o clichê de zinco representa a figura nítida e perfeita de uma artista”. Ver SOUZA, 1981, p. 23.

xilográficas. Estas deveriam seguir uma para Guarabira-PB, Tipografia Alves Pontes, e as demais para o Rio de Janeiro. Chama a atenção a forma como solicita os desenhos, bem semelhante à carta anterior. Diz que quer uma mulher na gravura representando um cantador e uma poetisa; na outra, por se tratar de um cenário de guerra, pede que os personagens venham em movimento, uns atirando, caindo e tombando. Cenários que se aproximam de temas relacionados com bravuras, conflitos de terra e cangaço. A forma de essa carta e as demais serem remetidas a Condado-PE deixa clara, além da amizade, a relação comercial estabelecida mediante as exigências dos desenhos, o pagamento e sua confecção.

Por meio desses pedidos, podemos pensar em tantas outras matrizes que Costa Leite talhou durante essa fase em que as xilogravuras “faziam suas viagens” pelos Correios diante das exigências dos clientes e da criatividade do artista. Sua liberdade de criação nesses casos de encomenda estava condicionada ao “gosto do cliente” e possivelmente aos valores atribuídos para cada trabalho. Selecionamos duas capas de folhetos com xilogravuras de Costa Leite que foram enviadas para Apolônio Alves (Figura 52).

Figura 52 – Capa dos Folhetos de Apolônio Alves ilustrados por Costa Leite



Fonte: Acervo CMPLM, Olinda, PE.

### 3.3 Mercado da arte xilográfica

Os movimentos desses clichês não se limitaram a ilustrar capa de folhetos de poetas populares que saíram das mãos de Costa Leite para o cenário das feiras. A década de 1970, tratando-se dessa produção, foi marcada com a separação da xilogravura da capa dos folhetos para galerias de arte, museus e exposições, conforme já mencionamos. Aquela ilustração que aos poucos chegava às feiras e praças pelas mãos dos poetas passou a ter outra visibilidade e apropriação pelo mercado. Enquanto Costa Leite se debruçava em seus clichês para atender às encomendas das capas, outras solicitações chegavam até o artista para ilustrar álbuns xilográficos, participar de exposições e criar matrizes com temáticas diversas. Esses pedidos foram realizados por Ariano Suassuna, Evandro Rabello, Marcus Accioly, Carlos Ranulpho e Giuseppe Baccaro. Esse último foi para Costa Leite em termos de encomendas e trabalho o que Ranulpho foi para J. Borges em se tratando de reconhecimento e prestígio.

Por meio dos manuscritos de Liêdo Maranhão e da contracapa dos folhetos, podemos perceber que Costa Leite frequentava o Mercado de São José toda semana levando folhetos e almanaques para serem vendidos e distribuídos, de início, na barraca de Edson Pinto e depois na barraca de José Soares (Dila).<sup>396</sup> Esses espaços do cordel, em pleno Recife funcionaram durante a década de 1970 como o eixo convergente de poetas que se dirigiam para deixar seus impressos e propagar na lida<sup>397</sup> seus folhetos; igualmente como local de pesquisadores e turistas que viam para contemplar o mercado das artes.

Segundo Costa Leite, chegou a “fazer umas três feiras no Mercado de São José”,<sup>398</sup> procurando divulgar seus trabalhos, mantendo uma rede de negociações que se estendia entre Condado-PE, Tipografia Alves Pontes, Casa da Criança de Olinda e o deslocamento para a Praça do Mercado. É interessante perceber que existia uma teia de relações comerciais, um fluxo de mercadorias que atendia a várias áreas culturais, desde a feira com seu circuito de dias alternados, às encomendas de xilogravuras produzidas em sua residência estabelecendo

---

<sup>396</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 8*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 1976. p. 73. A mudança de agente revendedor, segundo o diário de Liêdo foi porque Edson Pinto não quis pagar o preço que Costa Leite estava pedindo: “eu disse a ele que um milheiro de folhetos de 8 páginas eu só podia deixar por 300 cruzeiros, porque tudo aumentou, com o aumento da gasolina ele não quer, eu aí estou deixando na barraca de Zé Soares.” Sendo assim, podemos perceber o custo que Costa Leite tem com transporte, alimentação e deslocamento; de forma geral, é repassado para o folheto na hora de sua distribuição.

<sup>397</sup> Propagar na lida significa vender na feira lendo o folheto na roda.

<sup>398</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2011.

nesse trânsito relações de amizade e visibilidade para divulgação de seu nome nos meios artísticos.

Seu primeiro álbum foi encomendado pelo folclorista e pesquisador Evandro Rabello, com ajuda de José do Rego Maciel Júnior, medindo 24 de largura x 34 cm de comprimento, com o título *20 Xilogravuras de José Costa Leite* em 1970.<sup>399</sup> Analisando as fontes, percebemos que esse álbum teve duas publicações, uma em 1968 com a colaboração do Museu de Arte Popular do Recife tendo como organizador Evandro Rabello e Vital Fernandes<sup>400</sup> e o de 1970, que foi editado pela Companhia Editora de Pernambuco, momento em que inaugurava suas novas instalações. Ambos tiveram o prefácio de Ariano Suassuna, que também ajudou na escolha das xilogravuras para a segunda edição, conforme descreve no prefácio. Esse texto também foi publicado no Jornal Universitário de 1969, com o mesmo título do prefácio do álbum *Xilogravura Popular Nordestina*.<sup>401</sup>

Para sua composição, segundo o prefácio, Rabello fez duas solicitações ao poeta Costa Leite, “que as gravuras fossem um pouco maiores do que as dos folhetos e que ele escolhesse temas ligados à ‘civilização do açúcar’ – a seu cotidiano, a seus tipos, aos espetáculos populares mais importantes e presentes, aliás, também na zona da ‘civilização do couro’.”<sup>402</sup> Assim procedeu o poeta diante desses pedidos que procurou com certa “liberdade” pôr na madeira suas impressões e leitura de suas práticas culturais. Reuniu temas como quebra-panela, cavalo-marinho, enterro, violeiros, caboclo de lança entre outros. Apesar das sugestões, a escolha partiu de sua experiência que deu “vida” aos traços dessa madeira, tornando-se nesse sentido obras autobiográficas por definir um estilo e traçado.

Segundo Suassuna, o trabalho de Costa Leite representava “a pureza e a força da xilogravura popular nordestina”, o qual compara alguns traços desse poeta xilógrafo com as obras de Goeldi. Comparação que manteve em um texto, trinta e três anos depois, escrevendo para a autobiografia do poeta dizendo: “a obra feita por José Costa Leite é tão importante para

<sup>399</sup> LEITE, José Costa. 20 xilogravuras do Nordeste: álbum. Coleção organizada por Evandro Rabello. Recife: CEPE, 1970. Acervo da Fundaj e da CMPLM. Não foi localizado o exemplar de 1968.

<sup>400</sup> SOUTO MAIOR, Mário. A xilogravura popular na literatura de cordel. *Brasil Açucareiro*, ano 36, v. 72, p. 85-87, ago. 1968.

<sup>401</sup> Informações cedidas por RAMOS, Everardo. Ariano Suassuna e a gravura popular brasileira ou a (de)formação do pensamento crítico. In: ZACARRA, Madalena; PEDROSA, Sebastião Gomes (Org.). *Artes visuais: conversando sobre*. Apresentação Ricardo Bigi de Aquino; prefácio Sebastião Gomes Pedrosa. Recife: EDUFPE, 2008b. p. 23-43.

<sup>402</sup> Fragmentos da Introdução de Ariano. SUASSUNA, Ariano. Introdução. In: LEITE, José Costa. *20 xilogravuras do Nordeste*. Álbum. Coleção organizada por Evandro Rabello. Recife: Cepe, 1970. Essas xilogravuras serviram para ilustrar os textos direcionados à “cultura do açúcar” na revista *Brasil Açucareiro*, ano 38, v. 76, n. 2, 1970, em uma edição cultural.

o Brasil quanto Goeldi.”<sup>403</sup> Ressalta algumas dessas matrizes que, diante de sua visualidade, causou espanto com a criatividade e o olhar do artista, entre elas, O Engenho, Terno de Pífano, Carro de Boi, Quebra-Panela, Caboclo de Lança, Bumba Meu Boi, também Ciranda e Mamulengo, os quais não quis deixar de fora e sugeriu a Rabello incluir no álbum. De papel tipo cartão, trazia na sua capa principal uma xilogravura que foi identificada como a besta fera, seguido do nome *20 xilogravuras de José Costa Leite*. Todas as xilogravuras foram distribuídas em páginas individuais localizadas ao centro da folha do papel. Não há indicações do número de tiragem, nem o valor acordado para talhar cada uma dessas matrizes.

Cabe destacar desse prefácio que, durante toda a descrição, Suassuna discorre acerca dessa xilogravura, mas deixou claro em suas palavras: “o que mais me interessava nela eram as possibilidades que abria a criação de uma gravura erudita de raízes realmente brasileiras e nordestinas.” Podemos perceber que à frente do Departamento de Extensão Cultural da UFPE, que assumiu em 1969, Ariano Suassuna pretendia criar outra concepção de arte envolvendo a xilogravura e literatura de folhetos, momento esse que estava associado à fase experimental do movimento Armorial<sup>404</sup> de sua autoria. O texto escrito para esse álbum contribuiu na legitimação do poeta dando-lhe possibilidade de ampliar sua criação artística. Destacaremos algumas xilogravuras desse álbum, que chama a atenção pelos traços fortes realçando o branco e preto em suas formas concebíveis (Figuras 53 e 54).

Figura 53 – Xilogravuras carro de boi e o quebra-panela



Fonte: Acervo Fundaj, Recife, 1970.

<sup>403</sup> LEITE, 2012, p. 13.

<sup>404</sup> Movimento Armorial consiste em um movimento criado por Ariano Suassuna na década de 1970 no Recife envolvendo elemento da literatura de folhetos, xilogravuras e poesia. Para mais detalhes, ver SANTOS, 1999.

Figura 54 – Xilogravuras O lobisomem do Ceará e A besta-fera



Fonte: Acervo Fundaj, Recife, 1970.

Semelhante pedido ocorreu em 1972, com a publicação, pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, do segundo álbum, também organizado por Evandro Rabello, intitulado *Transporte na zona canavieira*,<sup>405</sup> com 21 xilogravuras de Costa Leite, com apresentação do escritor Mário Souto Maior. Com 48 páginas, impresso em off-set na Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, Rio de Janeiro. Dessa vez a temática dos clichês centralizou-se nos diversos transportes utilizados na zona canavieira do Nordeste. Talhar essas madeiras para compor esse álbum foi algo bem próximo da trajetória de vida que esse poeta teve diante de suas sucessivas mudanças pelos engenhos e usinas da Mata Norte de Pernambuco. Cada xilogravura ficou em uma página centralizada, como no álbum anterior.

Sua memória trazia para essas matrizes representações desse tempo no qual trabalhou limpando cana, tão bem talhado nas curvas da madeira. É o carro de boi, o caminhão transportando a cana para moagem, o trem que transportava o açúcar, os maquinários utilizados na manutenção dessa produção e uma cena de enterro, a mesma utilizada no álbum de 1970. São gravuras que evidenciam muito o alto relevo, destacando o preto em cores firmes focando uma ideia de trabalho pesado e vida difícil como podemos observar nas Figuras 55 e 56. Mário Souto Maior destaca a riqueza do trabalho desse poeta diante das diversas capas de folhetos que já ilustrou, passado e presente se confluíam nos clichês distribuídos nas páginas desse “empreendimento artístico cultural”, palavras escritas em nota do editor.

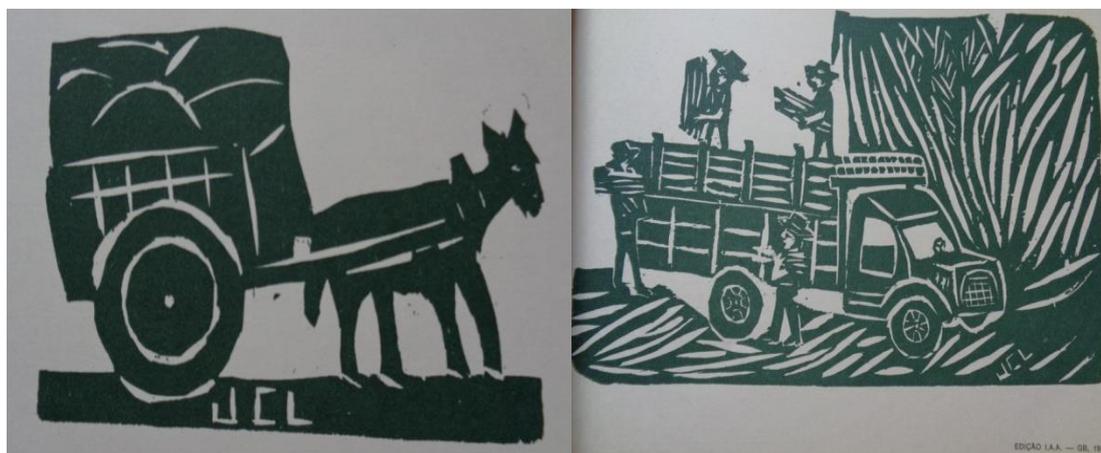
<sup>405</sup> LEITE, José Costa. *Transporte na zona canavieira*. Evandro Rabello (Org.). Apresentação de Mário Souto Maior. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1972. 8 p., 21 f. de estampas. Acervo Geovanni G. Cabral.

Figura 55 – Xilogravuras Banguê e o Enterro



Fonte: Acervo Giovanni G. Cabral, 1972.

Figura 56 – Transporte na zona canavieira



Fonte: Acervo Giovanni G. Cabral, 1972.

Analisando esses álbuns, verificamos que foram produzidos mais de 50 clichês de madeira; todos passaram por escolhas quanto às intenções de Evandro Rabello, na hora de sua publicação. Fato esse que localizamos na revista desse Instituto, algumas imagens que estão relacionadas com esses álbuns e seus prefácios enunciativos,<sup>406</sup> que não fizeram parte da seleção. As xilogravuras expostas nesses, serviram para atender um público consumidor com interesses diferentes daqueles que estavam acostumados a identificar essas ilustrações na capa dos folhetos. Sua circulação, nesses meios intelectuais e artísticos dava o “pontapé” para a legitimação desses artistas, que estavam diante de uma nova rentabilidade que a madeira poderia fornecer. Algumas xilogravuras de Costa Leite foram publicadas em manchetes do

<sup>406</sup> *Revista Brasil Açucareiro*, ano 38, v. 76, n.º 2, 1970.

Jornal O Globo como as xilos do álbum de 1970 e 1972, enfocando, além da importância do cordel, a xilogravura dos folhetos como elemento que vem inspirando as artes plásticas.<sup>407</sup>

Encontramos uma crítica bem pertinente à edição desses primeiros álbuns de José Costa Leite, em que Roberto Pontual, no texto *Notas sobre a xilogravura popular brasileira*, chama a atenção dos organizadores e folcloristas para o projeto gráfico que evidencia apenas a xilogravura sem outras informações. De acordo com ele, deveria vir o título da xilogravura, notas explicativas e uma pequena biografia do artista. Concordamos com Pontual, pois a impressão que passa quando vislumbramos um desses álbuns é que a xilogravura está solta, sem contextualização; mesmo direcionada a uma temática, as imagens precisam de uma explicação. Afirma o autor:

Na apresentação redigida por Ariano Suassuna para o álbum *Xilogravura Popular do Nordeste*, editado no Recife por José Costa Leite; terminada sua leitura, fica-se sem saber qualquer coisa a respeito do autor daquelas pranchas, como sejam a data e o local de nascimento, condições econômicas e sociais, região em que trabalha e outras informações indispensáveis para a própria compreensão dos elementos de estilo presentes na sua gravura.<sup>408</sup>

Levanta ainda outra questão que talvez esteja relacionada com as primeiras publicações desses álbuns, as quais se referem às poucas informações que se têm acerca dessa criação artística no início da década de 1970. Segundo ele, é preciso acompanhar melhor esses poetas e buscar uma análise mais contundente sobre a xilogravura brasileira e trazer essas informações para as publicações. Não sabemos se essas notas surtiram efeito entre os pares leitores. O certo é que os demais álbuns de Costa Leite vieram com biografias e algumas anotações sobre o artista, a saber, *Xilografia 1974*, *Doze gravadores do Nordeste 1974* e *Xilógrafos nordestinos 1977*. Segundo Maria do Rosário, “o álbum era um empreendimento comercial, que se fez mediante intervenção e influência de pessoas formadas para circular em lugares distintos da feira e do mercado”.<sup>409</sup>

---

<sup>407</sup> CORDEL: do campo para a cidade a sobrevivência inesperada. *O Globo*, 22 set. 1976, p. 35. POESIA do Nordeste canta na literatura de cordel. *O Globo*, 25 jul. 1968, s.p. O CORDEL viaja para o Rio e os poetas cantam em Caxias. *O Globo*, 26 ago. 1977, p. 33. Disponível em <acervo.oglobo.globo.com>. Acesso em: 20 jan. 2015.

<sup>408</sup> PONTUAL, Roberto. Notas sobre a xilogravura popular brasileira. In: MELO, José Marques et al. *Folkcomunicação*. São Paulo: USP, 1971. p. 643.

<sup>409</sup> SILVA, M. R., 2015, p. 212.

O álbum de 1974, *Xilografia*,<sup>410</sup> foi organizado pelo poeta Marcus Accioly,<sup>411</sup> que utilizou seus poemas associando poesia-imagem nas ilustrações de José Costa Leite. Sua publicação está associada ao núcleo de amizade que mantinha com Ariano Suassuna e seu Movimento Armorial na década de 1970. Fato esse que o levou a convidar Ariano para prefaciar a edição desse álbum, o qual não poderia fazer diferente ao tecer elogios à poesia e às gravuras que percorrem as páginas do livro. No fim do álbum, ainda se poderia ler a biografia do xilógrafo e do poeta como sugerido por Roberto Pontual em suas notas.

Editado pela Companhia Editora de Pernambuco, com 30 cm de comprimento e 19,5 de altura, esse álbum trazia na capa uma ilustração do primo-irmão de Accioly, Gerber Accioly; eram gaviões entrelaçando-se com albatrozes (Figura 57).

Figura 57 – Capa da 1.ª edição do Álbum Xilografia



Fonte: Acervo Fundaj, Recife, 1974.

Não ficou entendido o porquê dessa capa com essa ilustração, e não a de Costa Leite já que o livro tinha sua maior expresividade com suas xilogravuras. Não encontramos relatos que pudessem tecer algum comentário. Que intenções teriam levado Accioly a evidenciar esse

<sup>410</sup> Depois de trinta e dois anos, 1974-2006, esse álbum, publicado pela Companhia Editora de Pernambuco, foi lançado, em 2006, em uma edição do autor. Trazem em seu projeto gráfico algumas curiosidades, tamanho reduzido 16 cm x 20 cm. Utilizaram-se recortes do primeiro prefácio e dados biográficos dos artistas. Curioso é que na primeira versão encontramos fotografia dos autores bem jovens. Nessa segunda edição, as fotos permaneceram, mas com a idade bem mais avançada. A capa também teve modificação, em vez da ilustração do primo, prevaleceu a onça talhada por Costa Leite.

<sup>411</sup> Para mais informações sobre Marcus Accioly, ver SANTOS, 1999, p. 46-48.

desenho em 1974? Parece que o caminho mais provável, de acordo com os indícios da escrita de Ariano Suassuna no prefácio do álbum em relação a esse desenho, é que o autor é “dono de um desenho tosco e forte, com um parentesco acentuado com a Gravura Popular Nordestina, da qual herdou traço limpo e forte preto sobre fundo branco”.<sup>412</sup> Em outras palavras, a escolha do desenho para a capa relaciona-se com os traços e a linguagem armorial do período proposta por Ariano Suassuna.

As xilogravuras foram gravadas tendo dois eixos principais, os bichos e as paisagens, envolvendo cenas do cotidiano dos engenhos. Segundo Ariano Suassuna, as xilogravuras da onça, carneiro, cabra, cobra, cachorro, galo, pavão e ema foram as que mais lhe despertaram tendo maior aproximação da raiz dos poemas escritos (Figura 58).

Figura 58 – Xilogravuras A onça e O carneiro



Fonte: Acervo Fundaj, Recife, 1974.

Percebemos que as imagens talhadas por Costa Leite se aproximavam até então das xilogravuras produzidas para os álbuns anteriores, evidenciando uma imagem cheia, um alto relevo forte, limpo e expressivo com poucos detalhes.

Idelette Santos, ao analisar aspectos desse álbum entre gravura e poesia, percebeu que três imagens foram produzidas, tendo como base as matrizes do álbum *20 Xilogravuras de José Costa Leite*; são elas, a casa de farinha, o engenho banguê e o carro de boi. Afirma que

<sup>412</sup> SUASSUNA, Ariano. Apresentação. In: ACCIOLY, Marcus. *Xilografia*. Poesia de Marcus Accioly gravada por José Costa Leite. Recife: Cepe, 1974.

“o artista gravou, provavelmente, essa segunda versão a partir da primeira xilogravura, o que resultou na imagem inversa”.<sup>413</sup> Segundo a pesquisadora, esse ocorrido não tira o mérito da simplicidade e beleza artística do poeta. Quanto ao valor da encomenda, menciona Costa Leite que “Marcus Accioly não acertou o preço, lhe deu trezentos cruzeiros para comprar material, inclusive a madeira imburana, que teria de comprar no interior, ele encomendou trinta matrizes”<sup>414</sup> para esse trabalho.

Em outra anotação no diário de Liêdo Maranhão, consta que Costa Leite veio para o Recife acertar a data do lançamento desse álbum, que Marcus Accioly estava organizando e contando com a presença do governador Eraldo Gueiros. Conta que Costa Leite recebeu um exemplar e Accioly ficou de lhe dar outro. Menciona Liêdo que “achou o álbum de um mau gosto horrível, uma bomba”,<sup>415</sup> escritos não revelados para os artistas na época ou até então.

Seguindo para os dois últimos álbuns mencionados, eles não tiveram a exclusividade de Costa Leite, participaram outros poetas-xilógrafos, pois seu objetivo era reunir os artistas de maior evidência dentro das atividades xilográficas. Em 30 de novembro de 1974, Carlos Ranulpho produziu um álbum *Doze gravadores populares do Nordeste*,<sup>416</sup> medindo 45,5 L x 37,5 h, com capa dura confeccionada em linho, editado pela Guarabira Editora de Arte. Foi estampado por Manoel Cunha, as fotografias dos poetas foram retratados em bico de pena por Carlos Vanderlei e a pesquisa biográfica foi realizada por Liêdo Maranhão. Com tiragem de 500 exemplares numerados de 1 a 500, e mais uma tiragem de 50 unidades, numerados de 501 a 550, edição limitada.

Reuniu 12 gravadores com as respectivas histórias e cada um com sua xilogravura que marcou a composição gráfica do álbum. Francisco Brennand foi convidado para prefaciá-lo, que nomeou com o título *O mundo poético da gravura popular*. Nesse texto, ele fez uma associação entre a xilogravura medieval e a nordestina expressa nas mãos desses poetas, tecendo fios para Ariano Suassuna diante de sua movimentação com o Romancero popular.

---

<sup>413</sup> SANTOS, 1999, p. 216.

<sup>414</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 10 ago. 1973. p. 117.

<sup>415</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE 10 abr. 1974. p.150.

<sup>416</sup> DOZE gravadores do Nordeste. Prefácio de Francisco Brennand. [S.I]: Guarabira Editora de Arte, 1974. Participaram desse álbum os xilógrafos: Walderedo Oliveira, Severino Marques Júnior, Palito, Inocêncio da Costa-Mestre Noza, Minelvino Francisco Silva, João de Barros, José Francisco Borges, Eneias Santos, Expedito da Silva, Dila, Abraão Batista, Pedro Armando e José Costa Leite. Esse exemplar que consultamos pertence ao acervo de Liêdo Maranhão, comprado na Galeria Ranulpho por R\$ 300,00 (trezentos reais) em 15 jun. 2009.

As xilogravuras que Costa Leite entregou para pôr nesse álbum foram de motivos religiosos, com imagens de Nossa Senhora das Dores, Frei Damião, Nosso Senhor do Bonfim, Padre Cícero, São Francisco do Canidé e a Beata Mocinha. Não sabemos quanto ganhou para participar dessa produção, mas sua inserção nesse tipo de trabalho partindo de galerias conceituadas mostra quanto o nome desse artista ganhou proporção nos idos da década de 1970.

Nessa seara de produção, o álbum da Fundação Casa de Rui Barbosa chamado de *Xilógrafos nordestinos*,<sup>417</sup> foi lançado em 1977, com projeto gráfico de Salvador Monteiro, impresso na Gráfica Olímpica, Rio de Janeiro. Apresentação de Homero Senna, Diretor do Centro de Pesquisa, com tiragem de 2.000 exemplares. Assim como o de Carlos Ranulpho, foram escolhidos doze xilógrafos com as respectivas biografias, realizadas por Sebastião Nunes Batista e com suas matrizes mais representativas. O que chama a atenção nesse álbum são as considerações tecidas para a xilogravura de Costa Leite *O lobisomem nordestino*, escolhida dentre as demais para compor a capa do álbum (Figura 59).

Figura 59 – Ilustração do Álbum Xilógrafos Nordestinos



Fonte: Acervo FCRB-RJ, 1977.

<sup>417</sup> XILÓGRÁFOS nordestinos. Apresentação de Homero Senna. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. Participaram desse álbum Jerônimo Soares, Abraão Batista, Ciro Fernandes, Franklin Roque, João de Barros, Arlindo da Silva, José Cavalcanti e Ferreira, José Costa Leite, José Francisco Borges, José Stênio Silva Dinis e Marcelo Alves Soares.

Salvador Monteiro destaca a xilogravura de Costa Leite como a “mais autêntica linha de expressão gráfica e literária”.<sup>418</sup> Toma para análise *O lobisomem nordestino*, que vê em seus traços pontilhados uma figura reveladora, misteriosa e fascinante. Segundo Monteiro, o poeta destaca-se dentre os demais por essa técnica que o define nas curvas e equilíbrio. Nesse álbum vamos encontrar 10 xilogravuras de Costa Leite, selecionadas pela Fundação Casa de Rui Barbosa, como símbolo representativo de seu trabalho como artista. O que podemos mencionar acerca dessas palavras elogiosas é que elas correspondem a um determinado momento de propagação dessas xilogravuras. Praticamente, segundo a documentação, elas já conseguiram firmar seu espaço além da capa dos folhetos, principalmente no mercado de arte obtendo sua legitimação. Todo esse movimento de álbuns e encomendas serviu apenas de complemento rentável para a vida desse poeta. Seu campo fértil de pensar em ganhar dinheiro correspondia ao espaço da feira tão bem articulado nas suas andanças.

Além dessa investida de intelectuais em torno das publicações de álbuns, Costa Leite conheceu Giuseppe Baccaro, que foi, sem dúvida, um *marchand* que impulsionou a vida artística desse poeta. Em todas as entrevistas realizadas, Costa Leite mostrava o lado bom dessa amizade; quando falava no nome de Baccaro, lembrava-se das tantas idas à Casa das Crianças, em Olinda, levar matrizes e originais de folhetos. Praticamente foi durante toda a década de 1970, que esse poeta mais produziu xilogravuras em diversos tamanhos atendendo às solicitações desse *marchand*. Como se deu esse encontro? Que relações comerciais existiam em torno dessa amizade? Quais os interesses que existiam em torno dessa produção xilográfica?

Conversando com Costa Leite, ele disse que Baccaro já havia enviado vários recados para que ele fosse até sua casa em Olinda, mas os poetas que circulavam pelo Mercado de São José não lhe passavam o recado. Até que um dia ele resolveu falar com esse homem e foi diretamente até sua residência:

Ele estava no auge, muito dinheiro no bolso e no banco, Edson Pinto até comentou comigo que tinha muita gente vendendo folheto a Baccaro, ele é cheio da grana. Então naquele dia levei originais e saí de lá com um cheque de 100 mil cruzeiros, era um dinheirão danado e continuei levando e fazendo xilogravuras para ele. Ele me dando a madeira, eu fazia as matrizes. Levava e ele vendia. Agora ele tinha contato com gente do exterior. Ele comprava a mim e passava para alguém. Foi um dos melhores amigos que tive.<sup>419</sup>

<sup>418</sup> MONTEIRO, Salvador. In: XILÓGRAFOS nordestinos. Apresentação de Homero Senna. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

<sup>419</sup> José Costa Leite em entrevista a Geovanni Cabral, Condado-PE, 19 mar. 2014.

Esse relato é bem significativo porque aponta o que estava em jogo nesse encontro. De um lado, um poeta querendo ganhar dinheiro com sua mercadoria e de outro um comerciante ligado ao universo da arte que, ao adquirir as matrizes, reproduzia quantas vezes fosse necessário. Apesar de ter a identificação do artista, sua reprodutibilidade atendia às exigências do mercado. Em muitos momentos, Baccaro não escondia a admiração que nutria por Costa Leite, principalmente quando recebia de suas mãos verdadeiras obras de arte talhadas com precisão. Em entrevista a Jeová Franklin, Baccaro fala do momento em que esteve no Nordeste e conheceu alguns poetas de quem comprou matrizes:

Conheci Mestre Noza e Walderedo Gonçalves. Eu sugeri que eles fizessem em tamanho maior. Tenho coisa aí de matrizes feitas pelo Borges, pelo Costa Leite, pelo Dila de Caruaru. Começaram a fazer em placas grandes e deles tenho no meu depósito 300 ou 400 matrizes em madeira. Lá você encontra de Mestre Noza – Vida de Lampião – 1961 ou 1962. De Walderedo Gonçalves tenho a coleção de Via Sacras. Tenho também matrizes de Francisco Amaro, Costa Leite, J. Borges, Marcel Soares. Para mim, José Costa Leite é o maior dos xilogravadores. O nordestino poeta.<sup>420</sup>

Confrontando esses dois relatos, dá para ter uma pequena noção da quantidade de matrizes e originais de folhetos que esse colecionador obteve com esses poetas. Sua casa era o quartel-general dessas obras de arte, local onde todas as negociações eram realizadas. Como mencionou Costa Leite, o poeta chegava sem nada e saía com dinheiro, pegava a madeira, ele direcionava a temática e o poeta fazia sua parte. As vendas de originais e clichês foram tantas que perdeu a conta. Certa vez em Olinda, na casa de Baccaro, Liêdo perguntou a Costa Leite se ele se lembrava da quantidade de mercadorias que já havia vendido. Ele respondeu “que no momento não se lembrava da quantidade de estórias mas um dinheiro foi seis mil cruzeiros e mil pelos clichês”<sup>421</sup> dinheiro que na época pensou em comprar um carro.

Analisando a produção xilográfica de Costa Leite com Baccaro, que foi paralela a confecção e encomendas dos álbuns, bem como os pedidos que chegavam pelos Correios, podemos perceber que Costa Leite obteve bons rendimentos nesse período. Ficamos imaginando como esse poeta conseguiu dar conta de tantas atividades ligadas a essa rede de comercialização, produzindo matrizes para atender a esse mercado de arte.

As encomendas eram constantes, em variados tamanhos e temáticas, e todas as vezes que vinha a Olinda levar alguma peça para Baccaro passava no Mercado de São José: “vim

<sup>420</sup> FRANKLIN, 2007, p. 45.

<sup>421</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 5 maio 1974.

entregar na Casa das Crianças umas gravuras tamanho 20x30 com o tema de brinquedos infantis: corrida de saco, pastoril, cabra-cega, ele paga por cada clichê 50 cruzeiros.”<sup>422</sup> Nessas anotações o poeta não deixa de ressaltar os valores cobrados por peça trabalhada, o que entendemos nessa trajetória é que, à medida que suas matrizes são solicitadas, ele vai percebendo o valor de seu trabalho. A troca de elogios entre Baccaro e Costa Leite não deixa de ser recíproca, mas são mantidas pelas relações de trabalho e produção. Um produz e outro paga pelo serviço. Claro que o valor cobrado por uma matriz é inferior ao lucro que esse *marchand* arrecadava com suas reproduções.

Tem uma descrição de uma matriz que o poeta fez no Caderno Manuscrito n.º 17 de Liêdo Maranhão que complementa a nossa discussão. Diz ele:

Eu vou para Olinda agora mesmo. Essa gravura é pra ele é O carnaval de Olinda. É tão grande que nem um papel grande eu encontrei pra embrulhar, ela mede 45x45. É cedro a madeira. E tudo isso feito na ponta da faca. Olhe aqui o Homem da meia noite, olhe aqui a Mulher do dia, aqui é o Bacalhau na vara, aqui é Elefante, aqui é figura mascarada. Essa foi 800 cruzeiros, foi mais barata que o Toureiro de Madri, que eu cobre mil cruzeiros.<sup>423</sup>

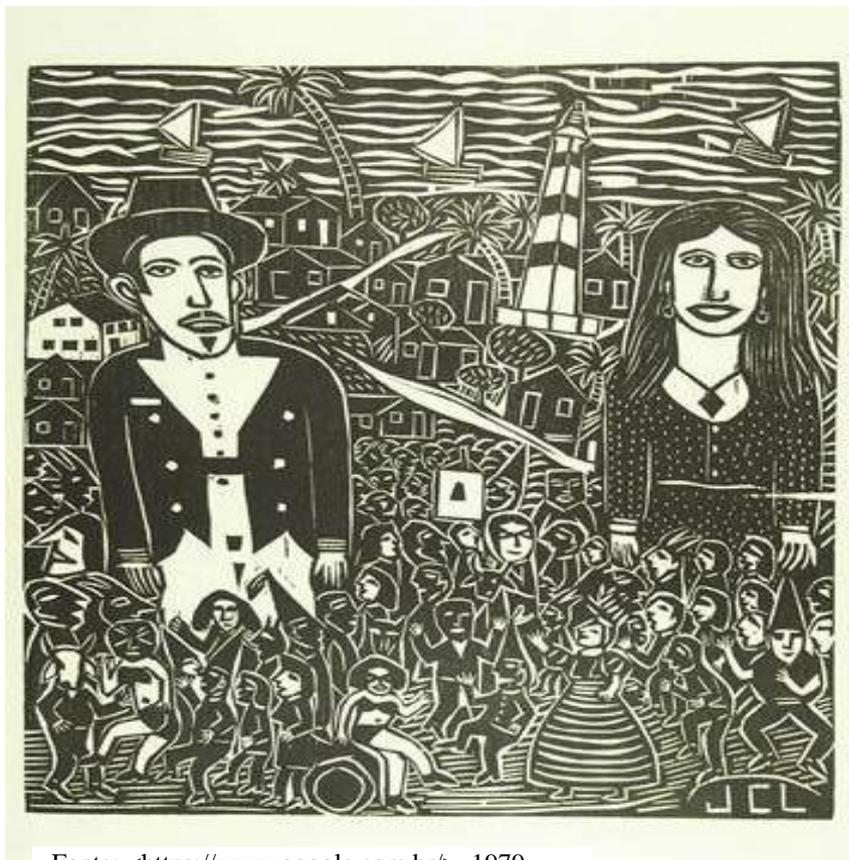
Costa Leite nesse relato, deixa claro seu espanto com o tamanho da peça, e especifica o tipo da madeira na qual foi talhada. Essa informação é importante, porque, de acordo com as fontes documentais, o tipo de madeira que as matrizes eram realizadas para a Casa de Baccaro é sempre a melhor do comércio para esse tipo de trabalho. Como já havíamos dito, imburana e cedro são boas para os cortes, facilita na hora dos detalhes, além de deixar uma reprodução mais nítida quando aplicada a tinta tipográfica. Segue o poeta dando detalhes da matriz indicando cada personagem do carnaval de Olinda, e o detalhe maior revela o valor do clichê que, conforme os detalhes, diz que saiu barato, como podemos visualizar na Figura 60.

---

<sup>422</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 6 jun. 1974.

<sup>423</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 17*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 9 fev. 1979.

Figura 60 – Xilogravura O carnaval de Olinda-PE



Fonte: <<https://www.google.com.br/>>, 1979.

Nem sempre Costa Leite conseguia fazer a matriz em sua casa; dependendo do tamanho solicitado, ele se dirigia para a casa de Baccaro. Por exemplo, uma peça que fez medindo 2,20 x 1,80 cm, em compensado de cedro, sobre a cidade do Recife. Diz que “começou a desenhar pelo centro com a Igreja de São Pedro, recortei toda a madeira, teve momentos que fiquei em cima dela para terminar os detalhes demorou de três a quatro semanas, no final ele me deu C\$ 1.500,00 reais e depois vendeu à Prefeitura do Recife”.<sup>424</sup> Procuramos essa matriz na Prefeitura, mas não foi localizada.

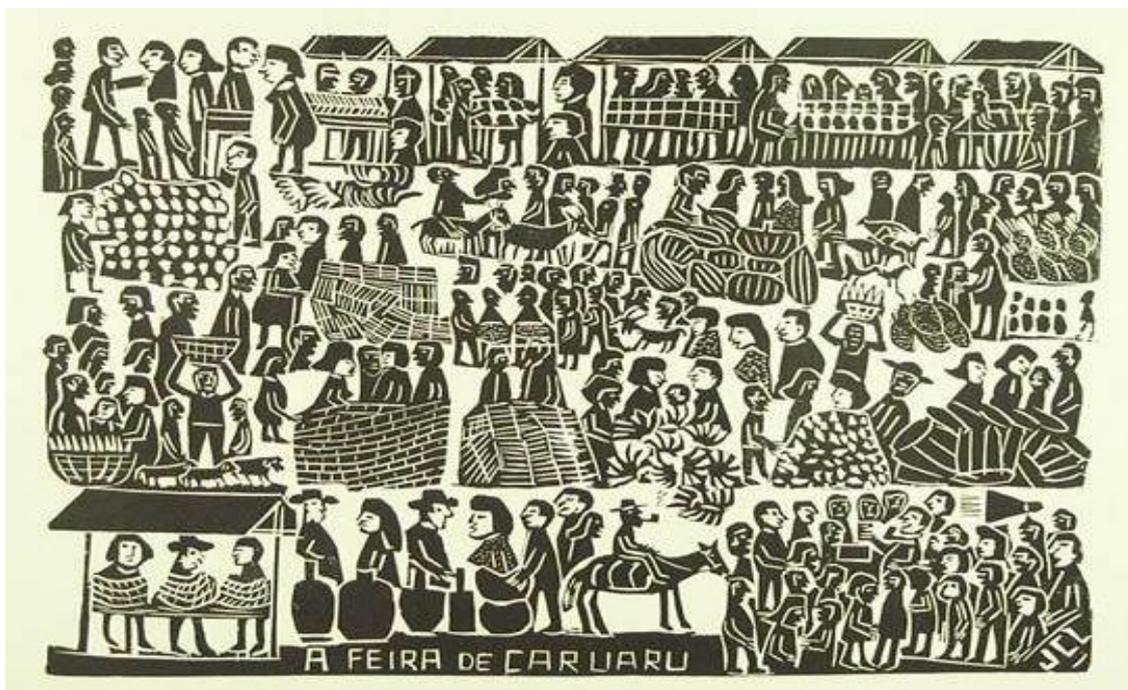
Para concluir esta seção, encontramos umas xilogravuras que definem todo o trabalho de Costa na Casa das Crianças de Olinda, que correspondem ao circuito das feiras. Costa Leite produziu uma xilo sobre a feira de Guarabira, e Baccaro gostou: “Ele comprou a matriz, comprou madeira e pediu para fazer mais feiras, fiz Caruaru, Limoeiro, Campina Grande.”<sup>425</sup> São xilogravuras que nos fazem pensar nas feiras e sua dinâmica, refletem em suas linhas uma memória que é traduzida pelas mãos e traços do poeta que tanto vivenciou esses espaços em

<sup>424</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Giovanni Cabral, Condado-PE, 15 set. 2015.

<sup>425</sup> Ibid.

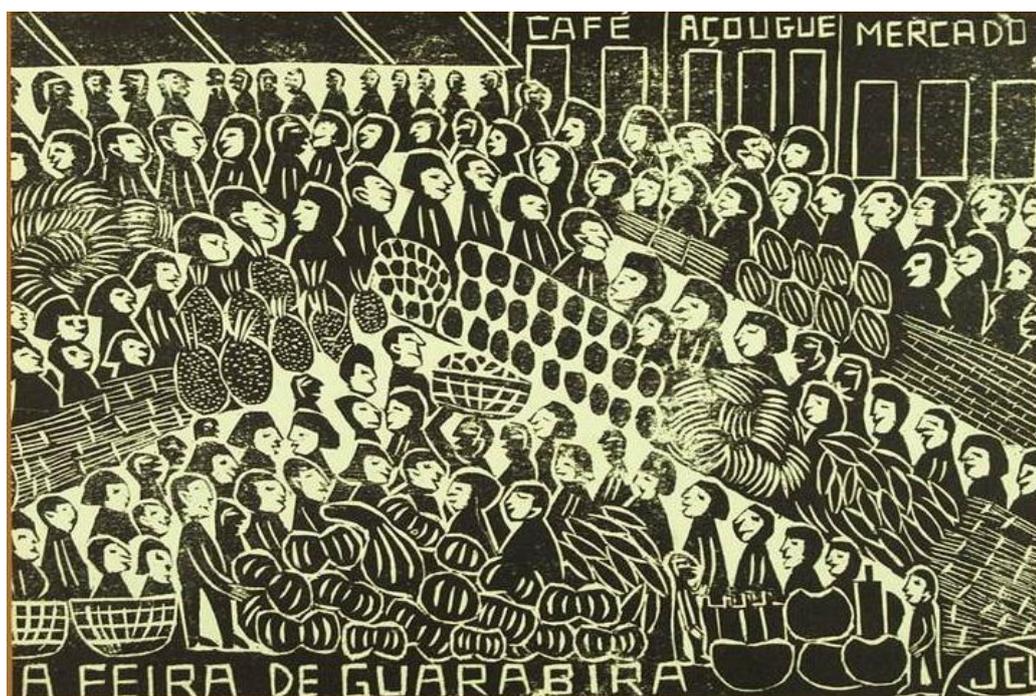
suas transações mercantis, como podemos visualizar os detalhes da Feira de Caruaru (Figura 61) e Feira de Guarabira (Figura 62):

Figura 61 – Xilogravura A Feira de Caruaru-PE



Fonte: Acervo CNFC, 31 x 44.

Figura 62 – Xilogravura a Feira de Guarabira-PB



Fonte: Acervo CNFCP, 55 x 74,5 cm.

Foi com essas matrizes que Giuseppe Baccaro manteve uma rede comercial com José Costa Leite. Pela qualidade dos clichês, podemos deduzir quanto lucrou Baccaro reproduzindo para turistas, museus e exposições. Claro que, para o poeta, era uma boa pessoa, porque não deixava faltar trabalho e conseqüentemente dinheiro em seu bolso. Sempre que se dirigia à Casa das Crianças, voltava com alguma encomenda, seja de matrizes, seja de folhetos. Estrategicamente, Baccaro já comprava a madeira e entregava ao poeta visando a melhor qualidade na hora da impressão, como podemos constatar em anúncio na contracapa do álbum *Um passeio a São Saruê* de 1974:

#### AOS POETAS E GRAVADORES

Mandem suas poesias e gravuras para publicação. Os originais aceitos serão pagos por vale postal ao remetente. O preço será acertado de acordo com o número de páginas e a tiragem, quando publicados. O preço das gravuras em madeira também será acertado dependendo do uso e do tamanho. A Casa das Crianças pode fornecer aos gravadores, a pedido, os tacos de imburana prontos para a gravação. Os originais e as gravuras não publicadas ficam à disposição dos autores.<sup>426</sup> (Grifo nosso).

Interessante perceber no grifo que o valor da gravura dependia de seu uso e tamanho, ou seja, existiam valores diferenciados para as matrizes utilizadas na capa de folhetos e galerias. O que estava sendo levado em conta nesse momento era a qualidade da matriz e os detalhes da peça talhada pelo artista. Cabe destacar nesse anúncio a especificação da madeira, a imburana, não menciona outras que também eram utilizadas pelos xilogravadores. Visava à melhor impressão e acabamento estético. Com essas xilogravuras de Costa Leite, podemos entender as palavras do *marchand* quando diz que ele é o melhor xilogravador. Diante do contexto descrito, não poderia ser diferente.

Seguindo a trajetória de José Costa Leite, o próximo e último capítulo, desponta com uma análise da produção dos almanaques desse poeta e de sua comercialização, levando-se em conta as diferentes práticas culturais com a leitura desses livros.

---

<sup>426</sup> LEITE, José Costa. *Um passeio a São Saruê*. Escrito e gravado por José Costa Leite. Olinda: Fundação Casa das Crianças de Olinda, 1974. (Acervo Geovanni G. Cabral).



## **CAPÍTULO 4**

**Almanaques: leituras do Calendário Nordestino**

Existe um tempo certo para cada coisa, momento oportuno para cada propósito debaixo do Sol: Tempo de nascer, tempo de morrer; tempo de plantar, tempo de colher.

(Eclesiastes)

O intuito, neste capítulo, é trazer para a análise os almanaques populares de Costa Leite, que vem, desde 1960, ocupando destaque nas feiras e nos mercados notadamente no Nordeste. Sua leitura nos fez perceber que estamos diante de um texto fragmentado, com diversas leituras do tempo e da vida. Para tal, contamos com a experiência do poeta em compilar práticas culturais diversas e inseri-las no corpo textual. Propomo-nos a analisar não apenas o almanaque, eixo principal, mas também o conteúdo das cartas que chegaram até o poeta, permitindo refletir as estratégias de mercado, apropriações e a circulação de sua produção.

#### 4.1 O almanaque no tempo

Os almanaques de José Costa Leite que analisaremos neste capítulo estão associados a outros tipos de publicação deste gênero textual, que vem durante anos circulando no Brasil em diferentes espaços de leitura. Um tipo de livro que se relaciona com as práticas culturais e registros do tempo de uma determinada sociedade.<sup>427</sup>

Machado de Assis, em um ensaio literário intitulado *Como se inventaram os almanaques*, publicado no *Almanaque das Fluminenses* para o ano de 1889, menciona: “O tempo inventou o almanaque; compôs um simples livro, seco, sem margens, sem nada; tão-somente os dias, as semanas, os meses e os anos.”<sup>428</sup> Partindo desse princípio, podemos perceber que, de fato, sua circulação desde a Europa até o Brasil reativou memórias,

<sup>427</sup> PAIVA, Mendes F. Almanach Litterario de São Paulo ano 1876. In: REZENDE, Carlos Penteadado de. *Almanaque Literário de São Paulo*. Nova Edição. Reedição Fac-Similar dos 8 volumes do Almanaque Literário, 1982. p. 165. Para um balanço historiográfico do gênero almanaque, ver TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Os almanaques como instrumento de pesquisa: balanços e perspectivas historiográficas. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: História e Liberdade, 20., 2010, Franca. *Anais...* Franca, SP: ANPUH/SP-UNESP-Franca, 2010.

<sup>428</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Como se inventaram os almanaques. In: ALMANAQUE das fluminenses. Rio de Janeiro, H. Lombaerts, 1890. Acervo FCRB.

linguagens e saberes que se aglutinaram em uma enciclopédia marcada por conselhos, experiências da vida, guias e leituras do tempo.

Um verbete que apresenta controvérsias quanto à sua etimologia; a palavra almanaque é de origem árabe *Al-manakh*, que significa: a conta. Por sua vez, os almanaques antigos traziam em suas páginas a conta das noites, dos dias, das estações do ano, dos movimentos da lua, etc. Esse termo *almaná* significava “calendário ou folhinha”, associado ao termo árabe *maná*, que significa “contar, numerar, definir, repartir”. O étimo é definido ainda como o lugar onde o cavalo se ajoelha. Acredita-se que nesse local os árabes paravam para contar mercadorias, conversarem entre si, trocar informações sobre as plantações e sobre o tempo.<sup>429</sup>

O que podemos perceber é que o termo chegou ao Ocidente e articula-se com publicações em torno de calendário, geralmente de periodicidade anual, computando e contando os dias, os anos, os meses, oferecendo dicas medicinais, e previsões do tempo.<sup>430</sup> Maria Nogueira em seu artigo *A sagração do tempo*, menciona a seguinte explicação para o almanaque:

Podemos definir o gênero Almanaque como um vasto mural dos conhecimentos produzidos sob a égide de uma universalidade cultural aquela que combina natureza e cultura, real e imaginário, razão e desrazão. Trata-se de uma tentativa de resumo de explicação total da vida: uma resistência à fragmentação do conhecimento. Um livro-holograma, princípio caro ao pensamento Complexo, na medida que contém previsões, sonhos, receituários, horóscopo, poesia, conselhos, informações e orientações em geral.<sup>431</sup>

É um livro que traz informações, anedotas, curiosidades, matéria humorística e recreativa, um guia do tempo. Reúne em seu bojo um texto fluido, capaz de prender o leitor nas suas andanças pelo mundo do conhecimento e práticas do cotidiano. Ensina a plantar, a rezar, entre outras práticas corriqueiras, constituindo-se um guia prático à sociedade. Nele, o tempo aparece fracionado, fragmentado, refletindo o contexto social no qual se insere. Segundo Jerusa Pires Ferreira, “a concepção de almanaques cobre e recupera práticas e

---

<sup>429</sup> Para mais informações acerca da etimologia da palavra almanaque, ver GALZERANI, Maria Carolina Boverio. *O almanaque, a locomotiva da cidade moderna*: Campinas, décadas de 1870 e 1880. 1998. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1998. p. 47. CASA NOVA, 1996, p. 17-18; DUTRA, 2005, p. 481; SOUTO MAIOR, Mário. *O homem e o tempo*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995. p. 21.

<sup>430</sup> DUTRA, 2005, p. 62.

<sup>431</sup> NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. A sagração do tempo. In: AMORIM, Alice; NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (Org.). *Leituras de almanaque*. Recife: Ed. da UFPE, 2011. p. 112.

saberes dos mais antigos aos mais imediatos”.<sup>432</sup> No *Almanaque Enciclopédico de 1896*, Eça de Queirós define bem o almanaque, como um livro disciplinar ordenado pelo tempo, como é possível observar a seguir.

O almanach com effeito é o livro disciplinar que colloca os marcos, traça as linhas dentro dos quaes, circula com precisão toda nossa vida social. O tempo, essa impressão mysteriosa que chamamos Tempo, é para o homem como uma planície, sem forma, sem caminho, sem fim, sem luz onde ele transita, guiado pelo Almanach, que o segura pelas mãos, os vae puxando e a cada passo murmurando:

'Aqui estás em Setembro! [...] Além finda a semana! [...] Em breve alcança o 28 [...] Hoje é sábbado’.<sup>433</sup>

Por sua vez, corroborando as ideias de Eça de Queirós, Rosilene Alves de Melo ressalta a importância do almanaque na produção de folhetos de cordel, uma vez que ambos são impressos para quem vive no campo ou nas grandes cidades. Em seus estudos, a pesquisadora define almanaque como sendo “uma publicação anual, apresenta previsões meteorológicas, as épocas mais propícias ao plantio e á colheita, informações sobre doenças e uso de plantas medicinais. Traz sempre o calendário, datas comemorativas, orações, os santos do dia, eclipses e anedotas.”<sup>434</sup>

A produção e propagação de almanaques remontam à Europa dos séculos XVI e XVII, principalmente na França, onde eram produzidos almanaques voltados para a organização do calendário com marcações das festas religiosas, das medidas do tempo, das movimentações do céu e da lua. De acordo com Jacques Le Goff, “o primeiro almanaque foi impresso na Alemanha em 1455; em 1464, com um almanaque de barbeiros, começam a publicar-se os

<sup>432</sup> FERREIRA, Jesura Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse. (Org.). Do *almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 20. Esse livro organizado por Meyer corresponde a um belíssimo catálogo de uma exposição de almanaques brasileiros na Fundação Memorial da América Latina fruto do Colóquio Internacional – “Os Almanaques Populares: Da Europa à América-Gênero, Circulação e Relações Internacionais”, realizado na Unicamp e em São Paulo de 26 a 28 de outubro de 1999.

<sup>433</sup> ALMANAQUE encyclopédico. Prefácio de Eça de Queirós. N.º 1. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1896. p. 22.

<sup>434</sup> MELO, 2010, p. 113. MELO, Rosilene Alves de. Escrito nas estrelas: almanaques astrológicos, relicários do tempo, prognósticos do destino. ENCONTRO DE HISTÓRIA, 13., 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH, 2008. p. 3. MELO, Rosilene Alves de. Almanaques de cordel: do fascínio de leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. *Revista IEB*, n. 52, p. 107-122, set./dez. 2011.

almanaques das corporações; em 1471 aparece o almanaque anual”.<sup>435</sup> Em suas observações, destaca que ele era:

Ilustrado com sinos, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e as fases da Lua; religioso e social, com festas e especialmente as festas dos santos, que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre os trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene. Histórico, com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas dos correios; com anedotas, fábulas, contos; e finalmente, astrológico.

<sup>436</sup>

No Brasil, por volta do século XVIII, já vamos encontrar publicações desses livros, por exemplo, o *Almanaque histórico do Rio de Janeiro*, de 1792 e 1793, tido como um dos pioneiros do gênero, segundo Maria Galzerani,<sup>437</sup> seguidos dos almanaques publicados nos anos 1829 e 1832 por franceses e o *Almanaque Laemmert* a partir de 1844.<sup>438</sup> Outros vão sendo publicados e especializando-se em assuntos diversos ligados ao setor mercantil, ao público de teatro e feminino; como exemplos, podemos mencionar alguns desses livros do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, a saber: *Almanaque administrativo, mercantil e industrial da província de São Paulo* (1857), *Almanaque brasileiro Garnier* (1903), *Almanaque das fluminenses* (1889), dedicado às senhoras brasileiras, *Almanaque Correio do Povo* (1916), *Almanaque do Paiz* (1910), *Almanaque da platéia* (1900), *Almanaque popular brasileiro* (1903), *Almanaque Bertrand* (1903), entre outros.

Segundo Eliana Dutra, em *Rebeldes literários da República*, analisando o *Almanaque Brasileiro Garnier*, os almanaques, mudam, assumem novos significados, contextos e impressões. Associados à procura e ao consumo de seu público-leitor, ao crescimento urbano e sua dinâmica social, os almanaques mantêm sua singularidade em cada editoração, como afirma a autora:

<sup>435</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003. p. 518. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canclini. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009. p. 156.

<sup>436</sup> LE GOFF, op. cit., p. 518.

<sup>437</sup> GALZERANI, 1998. p. 59- 60. MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos do verso: trajetória da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. p. 116.

<sup>438</sup> REZENDE, Carlos Penteadado de. *Almanaque literário de São Paulo*. Nova Edição. Reedição Fac-Similar dos 8 volumes do Almanaque Literário, 1982.

Vão se transmutando em diferentes modelos e formas: são almanaques agrícolas, de saúde, literários, históricos, enciclopédicos, de família, de recreação, informativos, de cidades, administrativos, de livraria, às vezes guias urbanos, sempre com espaço reservado aos calendários, via de regra com os santos do dia, e ao horóscopo, sobrevivência dos grandes prognósticos astrológicos.<sup>439</sup>

Outro tipo de almanaques que obteve bastante sucesso e circulação em todo o Brasil por suas orientações no campo da saúde, educação sanitária, higiene e publicidade foram os almanaques farmacêuticos, como *A saúde da mulher* (Figura 63), *Biotônico Fontoura*, *Almanaque Capivarol*, *Almanaque Sadol*, *Almanaque Catedral*, *Almanaque Renascim*, *Almanaque Brasil*, *Almanaque Bristol*.<sup>440</sup> Tais publicações serviram de fontes documentais nas pesquisas de doutoramento de Margareth Brandini Park em *Histórias e leituras de almanaques farmacêuticos*<sup>441</sup> e Vera Casa Nova, com *Lições de almanaque: um estudo semiótico*,<sup>442</sup> obras de referência no gênero editorial.

Figura 63 – Almanaque d’A Saúde da Mulher



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

<sup>439</sup> DUTRA, 2005, p. 16-17; DUTRA, Eliana de Freitas. O almanaque Garnier 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

<sup>440</sup> No que se refere aos almanaques de farmácia, pesquisamos na Fundação Joaquim Nabuco, no acervo de Liêdo Maranhão e nas aquisições de alguns exemplares adquiridos ao longo da pesquisa.

<sup>441</sup> PARK, 1999.

<sup>442</sup> CASA NOVA, 1996.

Semelhante pesquisa foi desenvolvida por Mateus H. F. Pereira para analisar o *Almanaque Abril* (1975-2006) de publicação anual, editado no Brasil, pela Editora Abril.<sup>443</sup> O autor procurou entender nas páginas desse almanaque como a história do tempo presente<sup>444</sup> estava sendo contada e escrita, já que se tratava de uma enciclopédia de teor jornalístico com múltiplas informações do Brasil e do mundo.

Para nossos estudos em questão, merecem destaque os Almanques Sertanejos, aqueles que são vendidos nas feiras livres, nas praças e mercados, expostos em balaios no chão, pendurados em barbantes e/ou nas bancadas, misturados com outros livros e folhetos de cordel. Diante da pesquisa que realizamos acerca dessas publicações, verificamos que no campo historiográfico, existem poucos trabalhos que analisam especificamente esses almanques de feira, como fonte documental mediante suas práticas escriturísticas, leituras e circulação.<sup>445</sup> É preciso ampliar os olhares para esses impressos, que circularam paralelo aos folhetos de cordel, orações, romances e outros tipos de almanques.

Editados por poetas populares, esse tipo de livro obteve grande destaque por volta dos anos 1940 a 1960 no Nordeste do Brasil. Eram destinados ao público em geral, no entanto, não podemos ignorar o acentuado quantitativo de temas de interesse de trabalhadores da zona rural, em especial agricultores e plantadores, os quais recorriam a esse tipo de publicação buscando orientações, por exemplo, qual o melhor dia para plantar e colher. São também denominados *Folhinha de Inverno*, por circular nesse período, ou *Almanaque de Cordel*, por apresentar aspectos similares a esses impressos e serem editados nas tipografias de cordel.<sup>446</sup>

---

<sup>443</sup> Para outras informações sobre Almanaque Abril, ver a pesquisa de PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *A máquina da memória: o tempo presente entre a história e o jornalismo*. Bauru, SP: EDUSC, 2009. Este livro foi apresentado como tese de doutorado em História pela UFMG; \_\_\_\_\_. Interculturalidade e Literatura de Almanques: o caso do Almanaque Abril (1975-2006). *Revista História e Educação*, v.13, nº 29, UFPel, Pelotas, p. 193-222, Set/Dez 2009; \_\_\_\_\_. "Na Nossa terra, em se plantando, elefante dá": Editora Abril (1950-2006) e livros vendidos em bancas de jornal. In: *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p.303-329.

<sup>444</sup> Para discussão em torno da História do tempo presente, ver DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História do tempo presente*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2014; PÔRTO JR, Gilson. *História do tempo presente*. Bauru, SP: Edusc, 2007; VARELA, Flávia Florentino et al. (Org.). *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2012.

<sup>445</sup> Os trabalhos acadêmicos que encontramos que analisam aspectos dos almanques de cordel são NOGUEIRA, 2008. Trabalho de pós-doutorado em antropologia; MELO, 2010. Dedicou uma parte de sua dissertação em história para o Almanaque O Juízo do Ano. ALMEIDA, 1981. Essa pesquisa é tida como a primeira a estudar esse gênero. CARVALHO, Reinaldo Forte. *Cordel, almanques e horóscopos: e(ru) dição dos folhetos populares no Juazeiro do Norte-Ce. 1940-1960*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008. No seu terceiro capítulo, o autor apresenta um estudo da produção de almanques populares no Juazeiro. LIMA, 2014. Essa é a mais recente pesquisa sobre o tema.

<sup>446</sup> GUERRA, Flávio. *Crônicas do velho Recife*. Recife: Ed. Gráf. Editorial Norte-Brasileiro, 1972. p. 39-40. VALENTE, Valdemar. *Almanques e folhinhas*. Recife: Centro de Estudos Folclóricos, Fundaj, 1977. ALMANAQUE do Recife. *Almanques*, Jornal do Commercio, ano 3, p. 9-10, 1964.

Segundo José Alves Sobrinho,<sup>447</sup> o primeiro almanaque-folhinha data de 1924, *O Vaticínio e Prognóstico do ano* de autoria de José Honorato de Souza. Anos depois, surgiu o *Almanaque Pernambuco* de João Ferreira Lima (1936), na cidade de Bezerros-PE, o qual circulou por trinta e oito anos. Também foram editados o almanaque de Manoel Luiz dos Santos, *Almanaque do Nordeste Brasileiro* (1952) em São José do Egito-PE; o *Almanaque do Nordeste* (1953) de Vicente Vitorino de Melo; o *Almanaque Leão do Norte* (1953) de José Joavelim Silva, ambos em Caruaru-PE; o *Almanaque Calendário Brasileiro* (1960) de José Costa Leite em Condado-PE e o *Almanaque do Juízo Final* (1960) de Manoel Caboclo e Silva no Ceará.

O almanaque de cordel é um texto com múltiplos recortes e sentidos que se entrelaçam entre significados, produção e transformação. É por natureza, nas observações de Mateus Pereira, um texto “híbrido”<sup>448</sup> por definição, que a cada ano se renova, atualiza informações, mensagens, datas e orientações, mostrando com isso, que o tempo passa e os anos correm como água no rio. Ao escrever esse texto, o poeta demarca linhas temporais, recorta o tempo em fatias, especificando suas delimitações, objetivando informar e educar o homem diante das suas previsões.<sup>449</sup> Percorrer as páginas de um almanaque é caminhar no tempo diante de suas sinalizações e indícios.

## 4.2 O rei dos almanaques

Ao pesquisar os almanaques de José Costa Leite, deparamos com vários prognósticos acerca das experiências e “leituras do tempo”, que eles estabelecem com suas profecias, conselhos, associados à mediação do homem com a natureza. Sua escrita denota mistério, conduz os leitores a interpretações calculadas e ordenadas de acordo com os astros, os planetas e as orientações celestes. Um livro escrito para o homem do campo, por direcionar a

<sup>447</sup> ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores e poetas populares*. Campina Grande, PB: Bagagem, 2003. p. 195-196.

<sup>448</sup> PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *A máquina da memória: o tempo presente entre a história e o jornalismo*. Bauru, SP: Edusc, 2009. p. 19. Para a leitura dos textos do Calendário Nordestino de Costa Leite, nós nos aproximamos da observação de Mateus Pereira quando utiliza o conceito de “cultura híbrida” de Canclini. Ao pegar o almanaque, verificamos que se trata de uma publicação que está em atualização a cada ano, mediando o homem com a natureza. Nesse sentido Canclini menciona “entendo por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. CANCLINI, Nestór Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006. p. XIX.

<sup>449</sup> BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. *Almanaques populares*. In: AMORIM, Alice; NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (Org). *Leituras de almanaque*. Recife: EDUFPE, 2011. p.131.

vida e saberes em tempos fragmentados, porém guiado por estudos astrológicos e naturais, um guia para agricultores e criadores de animais.<sup>450</sup>

O poeta conheceu esses livros em suas andanças pelas feiras do Nordeste, onde se deparou com vários almanaques de temas e formatos diversos, entre eles, os farmacêuticos e os almanaques sertanejos de Manoel Luiz dos Santos,<sup>451</sup> Vicente Vitorino de Melo<sup>452</sup> e João Ferreira de Lima.<sup>453</sup> Esses últimos autores Costa Leite passou a revendê-los com seus folhetos, miudezas, defumadores e plantas medicinais em seu banco de feira. Como verificamos no capítulo dois, Costa Leite negociava na feira com diversos tipos de mercadorias, muitos deles anunciados nas páginas editoriais de seus folhetos. Sobre esse contato inicial com os almanaques, menciona Costa Leite no *Calendário Nordestino para o ano de 2009*.

Na minha mocidade, conheci vários tipos deles, Almanaque do Capivarol, Biotônico Fontoura, A Saúde da Mulher, A Cabeça do Leão e o Almanaque Sadol que até agora recente, circulava. Conheci e revendi o Almanaque do Nordeste de Vicente Vitorino. O Nordeste Brasileiro de Manoel Luiz dos Santos, que além do meu Almanaque e o de Vicente Vitorino, eu o revendia também, O Juízo do Ano de Manoel Caboclo e Silva.<sup>454</sup>

Além desses livros, teve acesso às publicações portuguesas do *Almanaque Bertrand* (Figura 64), *Almanaque das Lembranças* e do *Lunário Perpétuo*<sup>455</sup> (Figura 65). Esse último

<sup>450</sup> Para informações gerais sobre almanaques sertanejos, ver AMORIM; NOGUEIRA, 2011.

<sup>451</sup> Manoel Luiz dos Santos, poeta de bancada, nascido em São José do Egito-PE, em 29 de setembro de 1926, onde permanece até o presente momento. Publicou em 1949 o Almanaque do Nordeste Brasileiro, com 8 páginas e rimados. Só a partir de 1959, seus almanaques foram escritos em prosa. Considera-se um discípulo de João Ferreira Lima.

<sup>452</sup> Vicente Vitorino de Melo, nasceu em Limoeiro-PE, em 16 de novembro de 1917. Foi cantador até 1950, em 1948 escreveu seu primeiro folheto e em 1952 iniciou a publicação do Almanaque do Nordeste, dedicando-se com isso aos estudos da astrologia. Seu almanaque começou com 8 páginas e depois ficou em torno de 32.

<sup>453</sup> João Ferreira de Lima, poeta de bancada, nasceu em São José do Egito-PE, em 3 de novembro de 1902 e faleceu em Caruaru-PE em 19 de agosto de 1972. Astrólogo, publicou por trinta e sete anos o Almanaque de Pernambuco servindo de inspiração para muitos poetas.

<sup>454</sup> LEITE, José Costa. *Calendário nordestino para o ano de 2009*. Recife: Ed. Coqueiro, 2009. p. 2.

<sup>455</sup> VALENCIANO, Jeronymo Cortez. *Lunário Perpétuo*. Lisboa: Lello Editores, 2004. Acervo Geovanni G. Cabral.

tido como uma espécie de bíblia para os “profetas do cordel”,<sup>456</sup> um guia na sistematização do tempo e da vida.<sup>457</sup>

Figura 64 – Capa do Almanaque Bertrand para o ano de 1907 e 1903

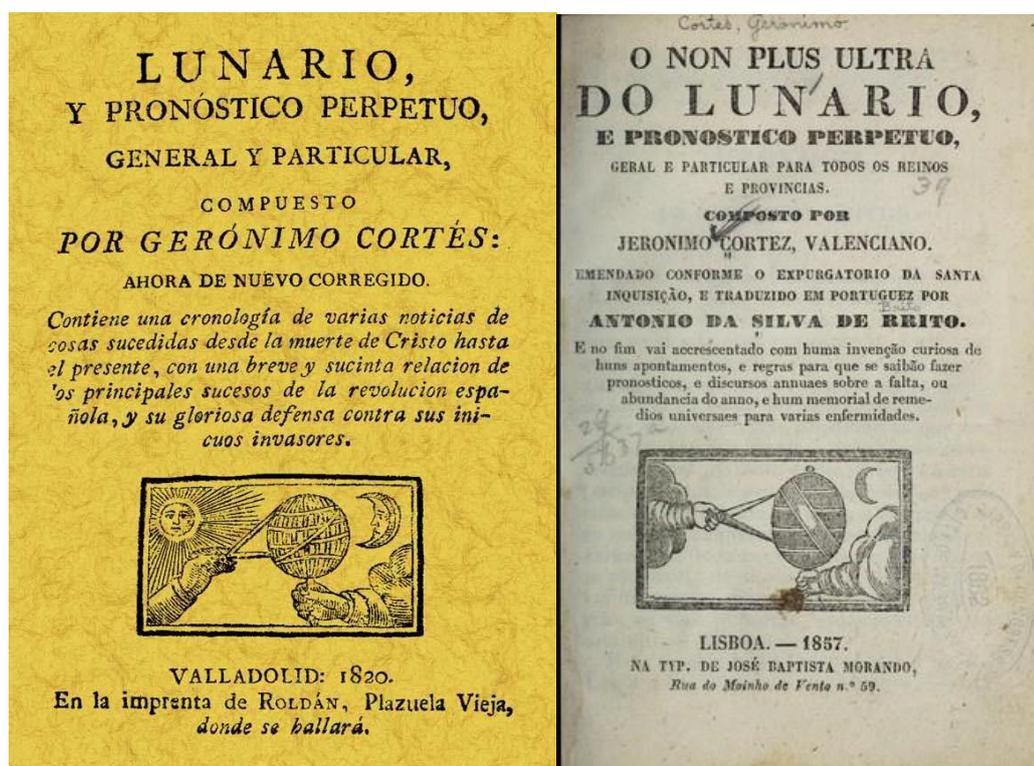


Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro.

<sup>456</sup> A denominação profetas do cordel foi atribuída a esses poetas que escrevem almanaques e procura em suas páginas descrever as previsões do tempo, indicar receitas e banhos para limpeza da alma e do corpo. Como forma de ganhar dinheiro, revendia produtos ligados às práticas religiosas da umbanda e do candomblé, levando a certa credulidade por parte dos leitores desses almanaques. Ao escrever a parte do Juízo Final, utiliza elementos da fé católica.

<sup>457</sup> RIOS, Kênia Souza. O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). *Bonito pra chover: ensaio sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. p. 80.

Figura 65 – Frontispícios do Lunário Perpétuo edição espanhola e portuguesa



Fonte: Disponível em: <<http://espacoastrologico.org/almanaques-astrologicos/>>.

O Lunário foi escrito por Jerónimo Cortéz, publicado em Valência em 1594 e reeditado várias vezes ao longo de anos. Esse livro surgiu na Europa, em uma época que estavam sendo barateadas as publicações populares por meio da invenção da imprensa.<sup>458</sup> Em Portugal, foi editado em 1703. Em função de sua popularização, passou a ser utilizado por agricultores, por conter orientação sobre plantação e colheitas, mas também os curiosos por astros, signos e estrelas. No Brasil, “foi durante dois séculos o livro mais lido nos sertões do Nordeste, informador de ciências complicadas, de astrologia, dando notícias sobre horóscopos, rudimentos da física, remédios [...] Não havia autoridade maior”.<sup>459</sup>

O contato com esses livros, profecias e leituras fez com que Costa Leite passasse a produzir o seu próprio almanaque. Inicialmente, escreveu entre os anos 1950 e 1953 dois almanaques em estilo de cordel, segundo informações do poeta contidas no *Calendário para o ano de 2009*.<sup>460</sup> Foi apenas em 1959, quando, diante de sua experiência na feira, percebeu que

<sup>458</sup> BENJAMIM, 2011, p. 126-127.

<sup>459</sup> PRIORE, Mary del. Ritos da vida privada. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 299

<sup>460</sup> LEITE, 2009, p. 2. Ver LEITE, 2012, p. 135.

os almanaques eram rentáveis e tinha uma boa aceitação no mercado, que resolveu escrever o seu almanaque para o ano de 1960.

Diante da pesquisa, percebemos que esse primeiro almanaque surgiu por apropriação no tocante à composição gráfica, divisão e estrutura textual dos livros que circulavam no período. Em relato, diz que “deu muito trabalho, o primeiro fez um milheiro, chegando a vender 300”.<sup>461</sup> Ruth Almeida menciona que Costa Leite “aprendeu com José Joavilim a fazer almanaque. Recebeu também algumas lições de Manoel Luiz”.<sup>462</sup> Ambos já eram conhecidos nas feiras por suas publicações anuais, apenas deram algumas orientações a Costa Leite.

À medida que propagava seus folhetos e romances, apresentava seu almanaque; para chamar a atenção do público, com o microfone ao pescoço, dirigia-se às pessoas com a leitura do horóscopo: “Ei, você, qual é seu signo? Eu abria o almanaque e começava a leitura. As pessoas na feira compravam só pelo signo.”<sup>463</sup> Diante dessas estratégias de venda, práticas de leitura e oralidade, a cada ano procurava deixar seu livro mais atrativo e vendável com o objetivo de alcançar mais leitores e consumidores.

Ainda discorrendo acerca dessa primeira publicação, relata Costa Leite na autobiografia, que o poeta João Ferreira de Lima, autor do *Almanack D. Pernambuco*, observando o exemplar de Costa Leite, escreveu que “esse almanaque era feito pelo dele e ninguém devia comprar”.<sup>464</sup> Assim que viu essa crítica, resolveu revidar escrevendo:

Escrevo o meu almanaque com o dom que Deus me deu e quem pensar que eu vivo fazendo o meu pelo seu espere que o meu saia, faça o seu pelo meu. Pode até outro almanaque com o meu se parecer, os doze meses do ano cada qual pode escrever e ficar parecido, mas parecer não é ser.<sup>465</sup>

Costa Leite não chegou a conhecer João Ferreira de Lima, apenas seus almanaques que vendia na feira. Segundo Ruth Almeida “esse profeta de Caruaru achava que todo mundo

---

<sup>461</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 24 abr. 2015.

<sup>462</sup> ALMEIDA, 1981, p. 56-57. Ver LEITE, 1962, p. 3.

<sup>463</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 24 abr. 2015.

<sup>464</sup> LEITE, 2012, p. 135. Observando a página 4 do Almanaque de Pernambuco ele não cita diretamente Costa Leite, estar assim escrito: Este Almanaque de Pernambuco do Proprietário desta obra científica e literária foi registrado pelo direito da lei Nacional do artigo 14, do artigo primeiro do código comercial, artigo do código civil Brasileiro da Biblioteca Nacional, sob o número 11.708. Nenhum cidadão tem o direito de publicar este Almanaque que sobre as penas da lei do código penal Brasileiro. Atenção – Sou delegado do Circuito Esotérico da Conunhão do Pensamento de São Paulo – Brasil. Tenho direito de fiscalizar os espertalhões que colherem as predições do Almanaque do Pensamento, de minha autoria. Tenho o direito de denunciar a casa editora e agir de acordo com as leis do país. LIMA, João Ferreira. *Almanaque de Pernambuco*. [S.l, s.n.], 1961, p.4.

<sup>465</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2012. Essas palavras também foram descritas na autobiografia, LEITE, 2012, p. 136.

copiava o seu Almanaque”.<sup>466</sup> O que sabemos é que após esse comentário o “profeta de Caruaru-PE” não escreveu mais nada sobre o assunto. Costa Leite é que não deixava passar nada e respondia com bastante afinco aos seus “inimigos” quando alguém desmerecia seu trabalho. Em outra situação, disse: “Todo tempo existiu isso, todo mundo quer que o dele seja o melhor, para vender mais. O Manoel de Almeida Filho e o Severino Borges disse que vendia meu almanaque dizendo que não prestava, não recomendava sugeria, o de Vitorino.”<sup>467</sup> Não teve demora, no *Calendário Brasileiro para 1974*, escreveu um texto dizendo:

Atenção! Este Almanaque tem seus amigos e inimigos. O leitor consciente, compra, ler e reler, coleciona e guarda, e torna a comprar no ano vindouro. Já o vendedor vigarista, leva a sua parte, vende e não paga e fica dizendo ao povo, de feira e feira que este almanaque não presta e que o de fulano ou de sicrano é melhor. Ora meus amigos, se ele levou não devolveu é porque é ladrão e se é ladrão, não os quero como revendedor do meu Almanaque. Os leitores sabem quem Jesus foi, e será bom, mais quantos inimigos baratos ele não teve? A resposta é uma só: Entre cachorros encontrei amigos e entre amigos encontrei cachorros. Todo cafageste que difama este Almanaque é porque deve ao seu autor. José Costa Leite.<sup>468</sup>

O que percebemos nessas discussões de almanaqueiros e poetas está relacionado com as estratégias de venda. Na página editorial desse almanaque, por exemplo, encontramos uma rede de distribuidores espalhados por Pernambuco, Paraíba, Bahia e Rio Grande do Norte, a cada ano, ampliava-se a rede de revendedores. Cada um procurando vender almanaques ou folhetos da melhor forma possível. Assim como Costa Leite agenciava, outros também faziam a mesma coisa e possivelmente oferecia um valor maior na hora da comercialização. Essa troca de acusações estava sempre presente envolvendo esse tipo de comércio.

Fazendo um comparativo da capa do almanaque de João Ferreira de Lima de 1943 (Figura 66) com o de Costa Leite de 1961 (Figura 67), verificamos que alguns elementos textuais e gráficos se aproximam. Talvez esse tenha sido o motivo que teria desencadeado a referida crítica realizada por João Lima. Podemos observar que Costa Leite se apropria<sup>469</sup> dos termos “Pelo Amador de Astrologia e Ciências Ocultas”, utiliza a ideia da xilogravura do leão representando o signo do autor localizado no lado direito e a disposição do acróstico na capa

<sup>466</sup> ALMEIDA, 1981, p. 54.

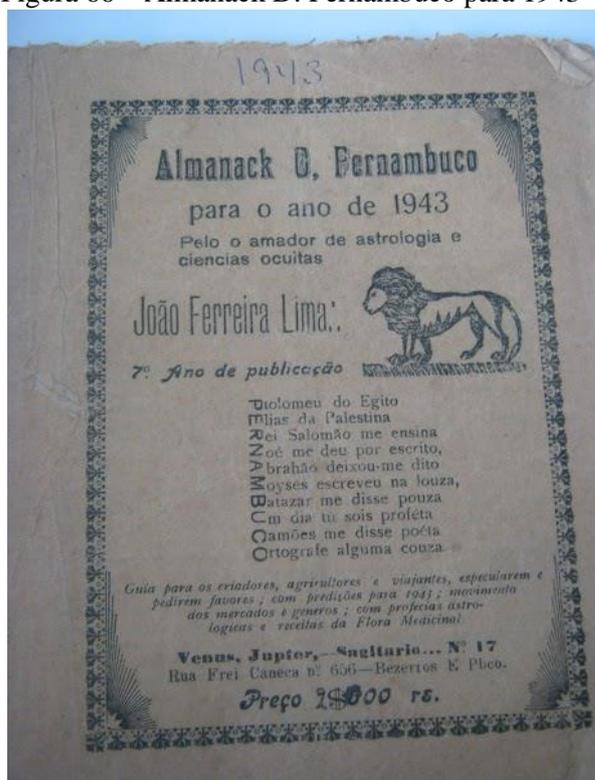
<sup>467</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2012.

<sup>468</sup> LEITE, José Costa. *Calendário Brasileiro para 1974*. [S.l, s.n, s.e]. p. 6

<sup>469</sup> Compartilhamos o termo *apropriação* com Roger Chartier pensando nas diferentes apropriações dos diversos produtos culturais inseridos em contexto social e de produção. Ver CHARTIER, Roger. *À beira da falécia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.p. 68; \_\_\_\_\_. *Formas e Sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ABL), 2003.

principal, em que Lima fez com o sobrenome *Brasileiro* e Leite utilizou todo o nome *Calendário Brasileiro*. Para o Almanaque de Pernambuco de 1961, João Lima trocou a expressão “amador de astrologia e ciências ocultas” por “Professor de Ciências Herméticas”. Não temos como precisar se, de fato, esse foi o motivo da mudança.

Figura 66 – Almanack D. Pernambuco para 1943      Figura 67 – Calendário Brasileiro para 1961



Fonte: Acervo Biblioteca Átila de Almeida, PB.



Fonte: Acervo do CCB-UFPE.

Talvez com receio de apresentar tal argumentação, Ruth Almeida,<sup>470</sup> que discorre acerca desse assunto, apenas descreve o fato ocorrido sem maiores justificativas. A questão é que, para compor seu almanaque, Costa Leite, estrategicamente, apropriou-se de várias publicações desse gênero buscando não a reprodução literal, mas se aproximando dos modelos existentes, apropriando-se de frases, modelos de diagramação e organização textual. Algo que também verificamos em outros escritores de almanques sertanejos e suas aproximações com elementos dos almanques urbanos e farmacêuticos.

Com relação ao nome do almanaque, Costa Leite, no *Calendário Nordestino para o ano de 1999*, explica para as pessoas as mudanças que ocorreram ao longo dos anos em que publicou esse livro. Denominou primeiro de *Calendário Brasileiro* (1960-1997), depois de

<sup>470</sup> ALMEIDA, 1981, p. 54-55.

*Almanaque do Padre Cícero* (1972) e por último *Calendário Nordestino* (1999). A respeito do último nome, relata: “é criação minha, existem outros por aí, mas o meu é Nordestino, notei que ele não é lido no Brasil inteiro, é lido no Nordeste. Até parece que ficou mais bonito do que antes.”<sup>471</sup> Ressalta que a escolha do nome *Almanaque do Padre Cícero* não foi bem aceita nas feiras, o que fez mudar ano depois.<sup>472</sup> Destaca, também, o fato de que em 1998, por motivos diversos, o almanaque não circulou. Em entrevista concedida em 20 de março de 2013, o autor justifica o hiato explicando-o da seguinte forma: “Não publiquei porque estava desgostoso e não estava tendo saída, eu pensei em não publicar, mas no ano seguinte publiquei.”<sup>473</sup> Complementa ainda:

Em 1959 este almanaque foi escrito para o ano de 1960, o seu primeiro número. De 1960 até 1974 foi publicado com o nome de Calendário Brasileiro. Em 1975 por solicitação de pessoas amigas, ele saiu com o nome de Almanaque do Padre Cícero, onde notei que muita gente achou estranho, isto é, fiz a vontade de alguns e o desagrado da maioria. De 1976 até 1997, ele continuou a sair com o nome de Calendário Brasileiro. Em, 1998, por motivos diversos o almanaque não circulou. E como o almanaque é brasileiro e seus prognósticos são feitos para o Nordeste, a partir deste número ele será publicado com o nome de CALENDÁRIO NORDESTINO.<sup>474</sup> (Grifo do autor).

Para compor nossa análise no tocante à composição gráfica, selecionamos algumas capas desses almanaques visando mostrar as transformações e hibridização que passou ao longo dos anos de sua publicação. Tomamos como critério as mudanças que foram significativas para as edições dos anos posteriores. Da nossa pesquisa, reunimos as capas dos anos 1960, 1972, 1974, 1979, 1999, 2001, 2002, 2009, 2015 e 2016.<sup>475</sup> Entendemos que essas mudanças estavam associadas às intervenções do autor e do mercado consumidor que tinha as próprias exigências no tocante à cultura gráfica da época. Os almanaques seguiam regras de publicação e conteúdo. Analisando os almanaques de José Costa Leite, detectamos algumas características recorrentes, as quais são responsáveis pela construção identitária desse tipo de publicação.

---

<sup>471</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2012.

<sup>472</sup> ALMEIDA, 1981, p. 53.

<sup>473</sup> Informação prestada por José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013.

<sup>474</sup> LEITE, José Costa. Calendário nordestino para 1999. [S.l.: s.n.], 1999. p. 2.

<sup>475</sup> A catologação desses almanaques foi feita na Fundação Casa de Rui Barbosa, Fundação Joaquim Nabuco, Acervo de Liêdo Maranhão, Centro Cultural Benfica e acervo pessoal.

De forma geral, eles apresentam na capa principal uma foto do autor, um acróstico utilizando o nome do almanaque, resumo do conteúdo, desenhos, sejam do leão, representando o signo de Costa Leite, mandala do zodíaco ou círculo zodiacal. Consta ainda com a descrição de Amador de Astrologia e Ciências Ocultas, termo que o identifica como “profeta do tempo” ou “Mago do Cordel”, como assim foi descrito na primeira página do periódico Itabaiana Hoje em outubro de 2000.<sup>476</sup>

Mediam geralmente entre 12 x 16,5 cm, 14,5 x 18,5 cm ou 23,5 x 16 cm, com número de páginas que variam entre 16 a 20. Na contracapa, encontra-se a relação dos agenciadores que negociam com o poeta a venda de seus exemplares por diversos estados do Brasil. Localizamos ainda alguns almanaques que trazem oração do Padre Cícero ou dados biográficos do padre em sua contracapa, como o *Calendário Brasileiro para 1996* e o *Calendário Nordestino para 2000*.<sup>477</sup>

Durante esses anos de existência, percebemos que a capa e o miolo passaram por diversas modificações no tamanho, no *design* gráfico e no conteúdo, todas mediante alterações do autor. Tais mudanças permitiram-lhe aprimorar o texto, aumentar o tamanho da letra, facilitando a leitura, além de deixá-lo mais atrativo para seu público-leitor<sup>478</sup> como ele diz, “a mudança no tamanho tem mais chamariz”.<sup>479</sup> Outro dado significativo em relação aos almanaques de Costa Leite é que nos primeiros anos vinha expresso na capa o título *O rei dos almanaques*. À pergunta sobre esse nome, ele respondeu, “porque eu considero melhor”,<sup>480</sup> sendo depois substituído pela expressão *O campeão do Nordeste*, a partir das publicações de 1996 diante de sua aceitação e vendagem. Conforme explicou no *Calendário Brasileiro para 1961*:

Atenção!

Caro leitor! O Calendário Brasileiro, merece, de fato o nome de (O Rei dos Almanagues) quem já conhece confia. No ano passado não foi difícil distribuir 5 mil exemplares, somente em Pernambuco e Paraíba, e este ano, se Deus quiser sairá muito mais. Ao comprar um bom Almanaque, exija o Calendário Brasileiro e não aceite imitação. Cuidado!<sup>481</sup>

<sup>476</sup> Itabaiana Hoje, ano 4, n. 39, out. 2000, p. 1. Acervo Geovanni G. Cabral.

<sup>477</sup> LEITE, José Costa. *Calendário brasileiro para 1996*. [S.l.: s.n.], 1996. LEITE, José Costa. *Calendário nordestino para 2000*. Ed. Coqueiro, Recife, 2000.

<sup>478</sup> ALMEIDA, 1981, p. 53.

<sup>479</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 24 abr. 2013

<sup>480</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 20 mar. 2013

<sup>481</sup> LEITE, José Costa. *Calendário nordestino para 1961*. Itabaiana, PB: Tipografia A Folha, 1961. p. 4

Essa explicação emite vários signos, todos pertinentes à forma de propagação de Costa Leite. Associa o nome O Rei dos Almanques à quantidade da tiragem desse exemplar que chegou à casa dos 5 mil. Motivo esse o faz anunciar como um almanaque bom e de confiança. Pedindo para o leitor que, ao comprar, exija o Calendário Brasileiro, tenha cuidado para não levar imitação. O poder de convencimento é algo bem específico na forma como esse poeta apresenta suas publicações.

Para confeccionar um almanaque, descreve no *Calendário nordestino para o ano de 2009* que “é preciso além de ter o dom, a prática e os livros; *Lunário Perpétuo, Tarô Adivinhatório, Astrologia Prática e As Plantas Curam*”.<sup>482</sup> Desses, o *Lunário Perpétuo* é o principal, a matriz orientadora para delimitar e controlar o tempo; sua linguagem e formato permitem ao poeta caminhar por entre temporalidades e interpretações distintas da natureza, livro essencial que percorria as ideias e previsões de Costa Leite, Manoel Luiz e Vitorino de Melo.<sup>483</sup>

No *Calendário Brasileiro para 1962*, fez questão de mencionar de que forma realiza seu almanaque: “Atenção! Eu para publicar este Almanaque venho a largo tempo estudando o Lunário Perpétuo, a Astrologia, o Tarô Adivinhatório, e tendo explicação com o Astrólogo Científico Sr. José Joavilim Silva”<sup>484</sup> Verificamos que outros almanques servem como guia para essa composição textual, por exemplo, *O Almanaque do Pensamento e o Almanaque Bertrand*, em que são utilizadas frases célebres,<sup>485</sup> de efeito moral, que estão inseridas em suas páginas e livros de ervas medicinais. De posse dessas fontes, com sua experiência de homem do campo observando a natureza e seu movimento, compõe seu texto e articula seus prognósticos e suas previsões.<sup>486</sup>

Para isso estabelece algumas etapas, as quais são ordenadas da seguinte forma: primeiro escreve em papel pautado com caneta azul ou preta, buscando equilíbrio entre a

---

<sup>482</sup> LEITE, 2009, p. 2.

<sup>483</sup> Acerca da atuação do Lunário na vida das pessoas ver PRIORE, Mary del. Ritos da vida privada. In: Novais, Fernando (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

<sup>484</sup> LEITE, 1962, p. 3.

<sup>485</sup> Exemplificando algumas dessas frases, no *Almanaque do Pensamento para o ano 1994*, encontramos na p. 16, 64: “Nossos amigos nos mostram o que podemos fazer, nossos inimigos nos ensinam o que precisamos fazer. Goethe”; “Todos os dias, de todos os modos, eu me sinto cada vez melhor” Émil Coué. No *Almanaque Bertrand para o ano 1965*. “O Amor não tem idade, é sempre novo. Os factos no-lo dizem, e é por isso que o representam menino” Pascal.

<sup>486</sup> Fizemos um levantamento dos principais livros que tem em seu atelier que o auxilia na elaboração de seu calendário. Encontramos Medicina Popular, Remédios Caseiros, Horóscopos Permanentes, Cura pelas Plantas, Almanach de Lembranças, Almanach Bertrand, Almanaque Capivarol, Almanaque de José Vitorino de Melo e Almanaque O Nordeste Brasileiro de Manoel Luís dos Santos.

escrita e o gosto popular. O poeta conhece bem o universo das feiras, capta das pessoas o que estão gostando ou não, nesses impressos e consegue com isso aprimorar sua confecção. Depois distribui os diversos textos ao longo da folha, de forma a dar um sentido diante dos recortes temporais dos anos, meses e dias. Em seguida, com o material pronto, leva para a tipografia com todas as orientações possíveis, e aguarda a impressão para, enfim, propagar entre seus distribuidores e vendê-los nas feiras.

Suas previsões e leituras do tempo apresentam, segundo ele, a marca de 70% a 80% de acertos.<sup>487</sup> Menciona que “tudo é baseado no Lunário Perpétuo, vou acompanhando, faço um borrão, depois vou passando a limpo. Faço uma revisão novamente para ver se está certo. Ai eu divido o inverno, as fases da lua e o áureo número, isso tem que está na primeira capa ou página”.<sup>488</sup> Esse processo escriturístico leva “uma base de três semanas que o acróstico tem que burilar bem feito. Quer dizer não é todo mundo que faz isso”.<sup>489</sup>

O primeiro almanaque foi o *Calendário Brasileiro para 1960* (Figura 68), como já mencionamos. Medindo 12 x 16,5 cm com 16 páginas, traz em sua capa uma espécie de sumário, chamando a atenção para o conteúdo da publicação; em sua estrutura textual, encontram-se profecias, experiências populares, fases da lua, dias bons para fazer plantações, prognósticos do ano, flora brasileira, eclipse, tábua lunar, previsão do tempo, astrologia, gêneros alimentícios, horóscopos para o povo e guia prático. Na capa, é possível visualizar algumas convenções recorrentes, marcas do poeta; no lado direito, um desenho de um leão representando o signo do autor, abaixo um acróstico versado com o nome do calendário. No lado esquerdo, uma foto de Costa Leite bem jovem e logo abaixo o preço, estabelecido em CR\$ 20,00 (vinte cruzeiros). Nesse calendário, o autor se proclama *O rei dos almanaques, Amador de astrologia e Experiências populares*.

---

<sup>487</sup> Essa afirmação partiu do próprio Costa Leite em documentário gravado na feira de Itambé pela Fundarpe. POESIA e chão. In: OLARIA cultural: mestres e obras construindo um patrimônio. Documentário: Angra Filmes. Recife: Fundarpe, [s.d]. DVD.

<sup>488</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 24 abr. 2015.

<sup>489</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2012.

Figura 68 – Almanaque Calendário Brasileiro para 1960



Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro.

No que se refere ao conteúdo, é coerente com o sumário na distribuição dos temas, mantendo o foco em dois pontos básicos: orientações aos agricultores quanto os melhores dias para plantação e o guia pelos astros e estrelas com os elementos do Zodíaco. Chama a atenção ainda um prefácio, no qual o autor justifica a elaboração do seu livro dizendo que veio para ajudar e orientar, e não atrapalhar:

Prezados leitores! Vos apresento pela primeira vez, o Calendário Nordestino, para 1960, para dirigir e instruir aos agricultores, lavradores e criadores. É a primeira vez que ele surge, mas no entanto será, o seu amigo inseparável, seu amigo certo nas horas incertas. Não vá confundir este, como muitos que existem por aí, este é para vos ajudar e orientar, ao passo que os outros, são para vos atrapalhar ou desorientar. Quem compara e confere escolhe o melhor, quem conferir este com os outros, escolhe este, a verdade pura

estampada em suas páginas, e quem faz ele preferido por todos! Só compra o bom quem conhece!<sup>490</sup> (Escrita original).

O discurso de venda atribuído ao segundo Calendário foi o mesmo do primeiro. Suas palavras são ditas como estratégia de convencimento. Como qualquer produto que esteja à venda no mercado, sabemos que a propaganda é a alma do negócio, palavras que correm no dito popular. Costa Leite apresenta seu Almanaque como um amigo inseparável e dizendo que veio para orientar, guiar, e não atrapalhar. Desse modo já induz o leitor/consumidor na escolha do seu almanaque como o bom, o melhor, o de confiança que está na praça. Lembrando que nesse período estavam em circulação os almanaques de Vitorino, Manoel Luiz e João de Lima. Por esse contexto, dá para imaginar as estratégias publicitárias criadas por esses poetas para divulgar seus exemplares. Diante da pesquisa, percebemos que essas palavras de Costa Leite não diminuíram ou prejudicaram a vendagem de seus amigos na época.

Em 1972, publica-se o *Almanaque do Padre Cícero* (Figura 69), completando treze anos de publicação, que não obteve tanto sucesso em sua vendagem, segundo a autor. Sua impressão foi pela Tipografia Pontes em Guarabira-PB. Diferentemente dos demais livros editados por Costa Leite, sua capa veio com a imagem do Padre Cícero no canto da página no lado direito, estampado com uma xilogravura feita pelo autor representando astros, estrelas, planetas e horóscopos.<sup>491</sup>

Na parte superior, está o nome do autor e na inferior a expressão “Um verdadeiro guia para os agricultores e criadores de todo o Nordeste do Brasil”; ele já toma para si a expressão “um verdadeiro guia”, reforçando a ideia de que outros existem, mas apenas esse expressa a verdade. Na contracapa, encontra-se o nome dos distribuidores em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, bem como a indicação das feiras que o poeta percorre toda semana, como a Feira de Vicência-PE, Itaquitinga-PE, Pedras de Fogo-PE, Timbaúba-PE e Itabaiana-PB, caso alguém desejasse adquirir algum exemplar.<sup>492</sup>

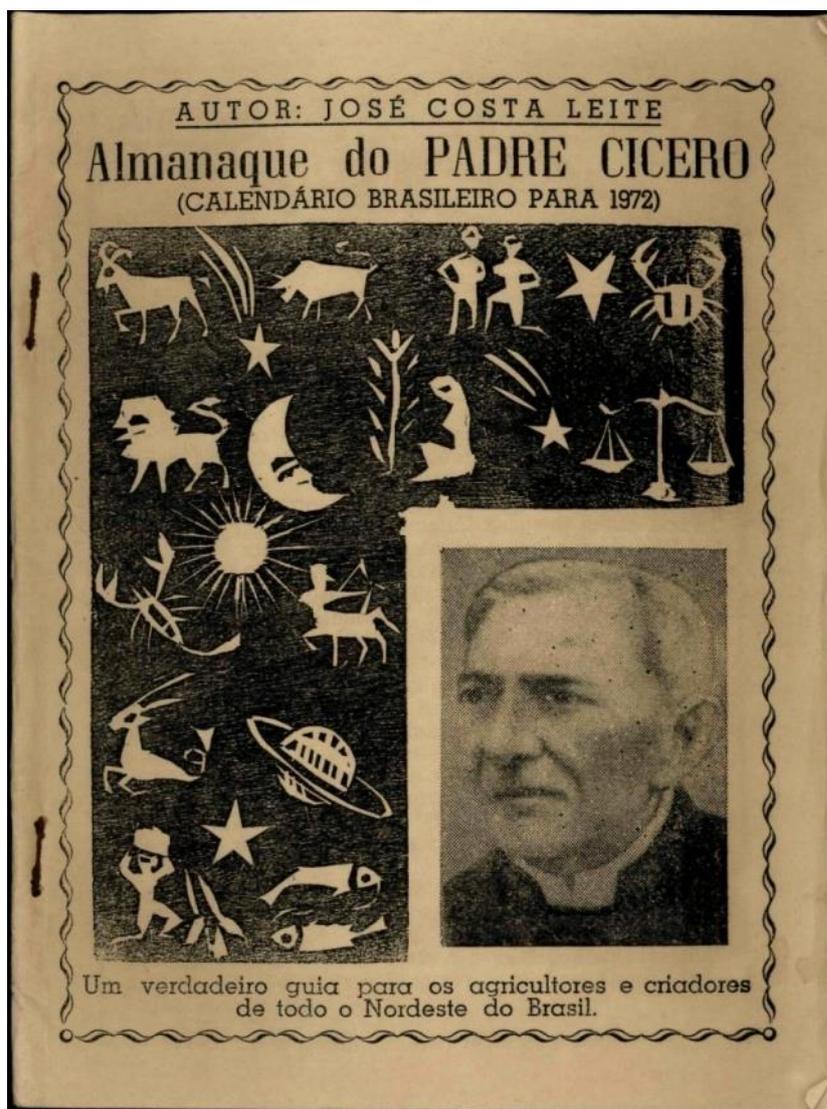
---

<sup>490</sup> LEITE, José Costa. *Calendário Brasileiro para 1960*. Itabaiana, PB: Tipografia A Folha, 1960. p.1.

<sup>491</sup> A título de conhecimento, a matriz da capa desse almanaque encontra-se no acervo de Liêdo Maranhão em Olinda-PE.

<sup>492</sup> LEITE, José Costa. *Almanaque Padre Cícero para 1972*. Guarabira-PE, Tipografia Pontes, 1972. p. 24.

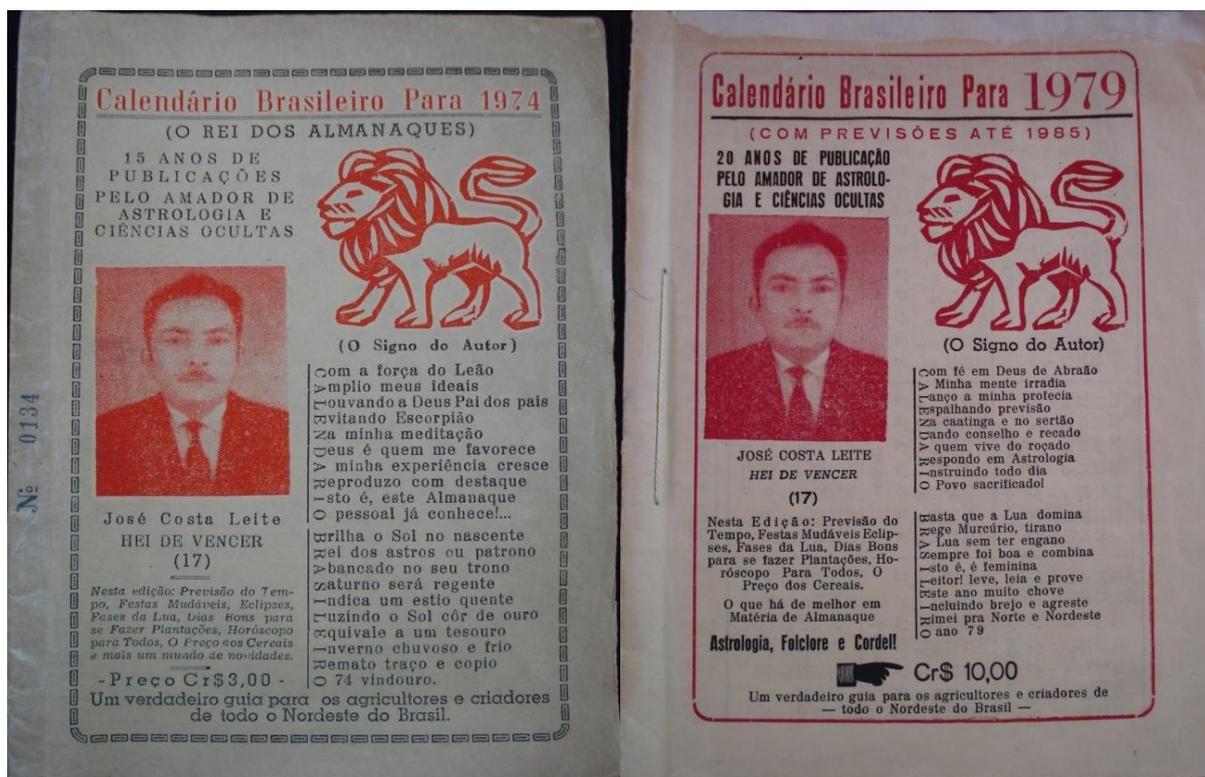
Figura 69 – Capa do Almanaque do Padre Cícero para o ano de 1972



Fonte: Acervo CMPLM, Olinda, PE.

O almanaque Calendário Brasileiro para o ano de 1974 (Figura 70) e Calendário Brasileiro para 1979 (Figura 71) trazem algumas modificações, principalmente no aspecto visual de cada capa. Do lado direito, permanece o leão, que veio mais robusto, com uma juba bem expressiva, seguido do acróstico versado. Do lado esquerdo, Costa Leite muda a fotografia seguindo logo abaixo pelo resumo de seu conteúdo.

Figura 70 – Capa Calendário Brasileiro para 1974 Figura 71 – Capa Calendário Brasileiro para 1979



Fonte: Acervo FCRB, Rio de Janeiro.

Uma mudança bem significativa registrada nesses anos de publicação foi que, quando iniciou, ele se autodenominava “Amador de Astrologia e Experiências Populares”; nos novos exemplares, a expressão foi substituída por “Amador de Astrologia e Ciências Ocultas”. Interessante que ele troca “experiência” por “ciências ocultas” ao que parece como reforço legitimador de suas previsões. São mantidos na parte inferior os mesmos dizeres do Almanaque do Padre Cícero: “Um verdadeiro guia para os agricultores e criadores de todo o Nordeste do Brasil”.

Na contracapa, ambos mantêm a relação dos distribuidores e agenciadores que compram e revendem em suas cidades e estados. Um dado curioso no Calendário de 1979 são dois anúncios na parte inferior: em um deles, o autor diz que precisa de revendedores para os Estados do Ceará, Bahia e Alagoas e no outro informa que alguns nomes de revendedores foram retirados da lista por falta de pagamento. Muitos compravam, e não pagavam ao poeta.

No que se refere ao conteúdo, alguns textos passaram por modificações. Como exemplo, em 1960, o autor realiza os prognósticos do ano, iniciando com o título “A

Experiência do ano de 1960”. Já nos anos 1974 e 1979, essa descrição passou a se chamar “O Juízo do Ano”, foi mantido até os dias atuais.

Analisando essas transformações nas publicações desses almanaques, verificamos que não era algo exclusivo de Costa Leite, muitos outros procuraram alterar suas capas, tidas como o cartão de visita, diante da comercialização. Vicente Vitorino de Melo, por exemplo, alterou seu almanaque para os anos 1985, 1991, 2002 e 2005.<sup>493</sup> Essa mobilidade tipográfica também foi registrada no *Almanaque Brasileiro Garnier*, que, segundo seu dirigente, realizou mudanças para “aumentar ainda mais o círculo dos seus leitores pela profusão e variedade dos assuntos”.<sup>494</sup> Ou seja, ao que tudo indica, era uma prática recorrente entre esses autores e editores fazerem essas mudanças, talvez, para deixar a capa cada vez mais atrativa para seu público consumidor. Não esquecendo que esses livros também funcionavam como veículos de propaganda, em seu conteúdo eram inseridos diversos anúncios. No caso de Costa Leite, vamos encontrar anúncios de suas xilogravuras, literatura de folhetos, guias astrológicos e livro de orações.

Em 1999 e 2001, o almanaque completou 40 e 42 anos respectivamente. Costa Leite, nesses volumes, alterou nomes, páginas, desenho na capa, introduziu novos textos, poesias, histórias, mas permaneceu com suas orientações e instruções para o homem do campo, cumprindo, dessa forma, o que ele prometeu no prefácio do almanaque para o ano de 1960. A diagramação e o tamanho das letras ganharam novas proporções, os textos foram mais bem distribuídos ao longo da folha.

Com a publicação do almanaque para 1999, inaugura uma nova fase assumindo o título de *Calendário Nordestino* (Figura 72). Costa Leite procurou manter alguns elementos que já faziam parte de outras edições. Permaneceu com a denominação de “Amador de Astrologia e Ciências Ocultas”, o termo “O Campeão do Nordeste”, e a xilogravura do leão, uma foto que o identifica como autor e proprietário dos direitos autorais e o acróstico versado.

Nesse exemplar o autor chama a atenção do leitor para o fato de que o seu almanaque tem tudo que uma boa publicação dessa natureza precisa ter em seu conteúdo: “O segredo das Tabelas Místicas do seu Signo, para ganhar na roleta, loteria e jogo do bicho. A Tabela da Sorte respondendo as perguntas que você tem feito e ninguém lhe respondeu ainda!”<sup>495</sup> Essa

<sup>493</sup> Informações obtidas na verificação das capas desses almanaques no acervo de Alice Amorim.

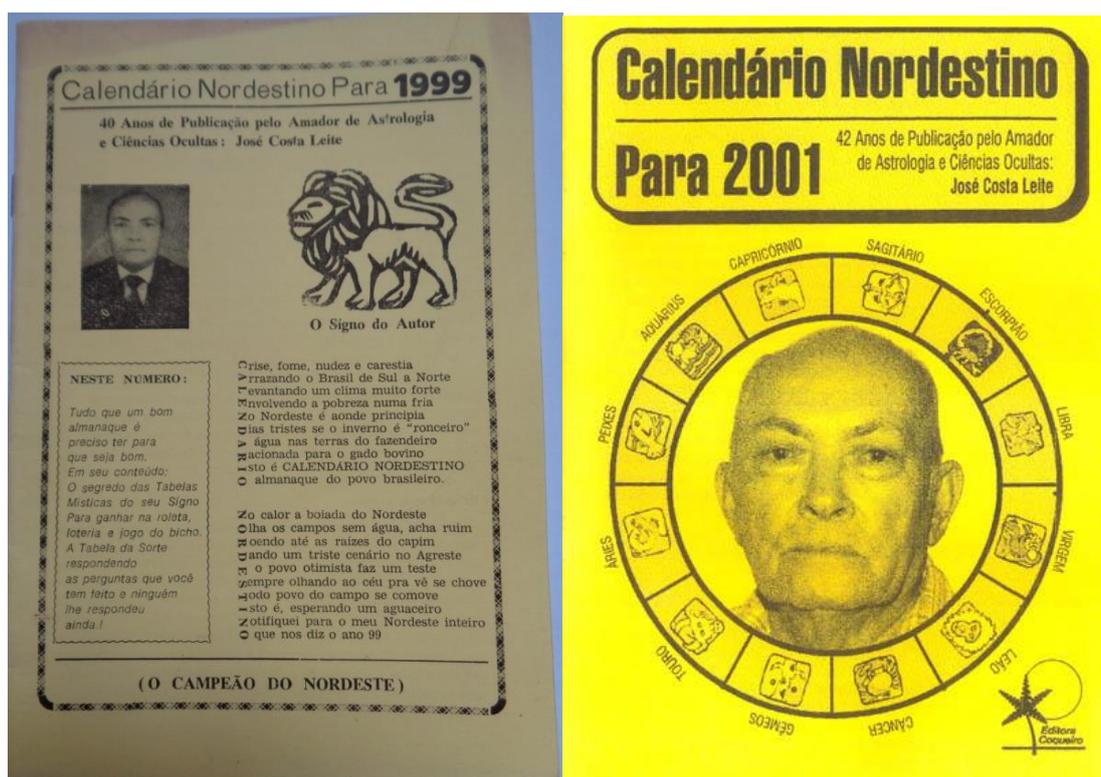
<sup>494</sup> DUTRA, 2005, p. 34. Também essas alterações se deram na capa dos almanaques farmacêuticos como apresenta CASA NOVA, 1996, p. 74-75.

<sup>495</sup> LEITE, 1999, p. 1.

chamada publicitária é uma forma do autor mostrar que seu almanaque, apesar de anos de publicação, mantém a mesma qualidade reforçando o termo “Campeão do Nordeste”.

A capa do *almanaque para o ano de 2001* (Figura 73) chega às feiras e aos distribuidores com uma modificação bastante interessante do ponto de gráfico. Costa Leite centraliza na página um círculo, com sua foto em destaque, circundado por desenhos que representam signos do zodíaco. Nesta não escreveu o acróstico na capa, deixando para a página posterior. Estratégico em sua forma de divulgar seus trabalhos, sua imagem ao centro demarcava território como um almanaqueiro que há anos vem “profetizando” e demarcando o tempo. Era visível que Costa Leite mantinha preocupação com a capa de seu calendário, cada vez mais aumentando as imagens e diminuindo as palavras. As mudanças partiam de estratégias de circulação e publicidade.

Figura 72 – Calendário Nordestino para 1999    Figura 73 – Calendário Nordestino para 2001



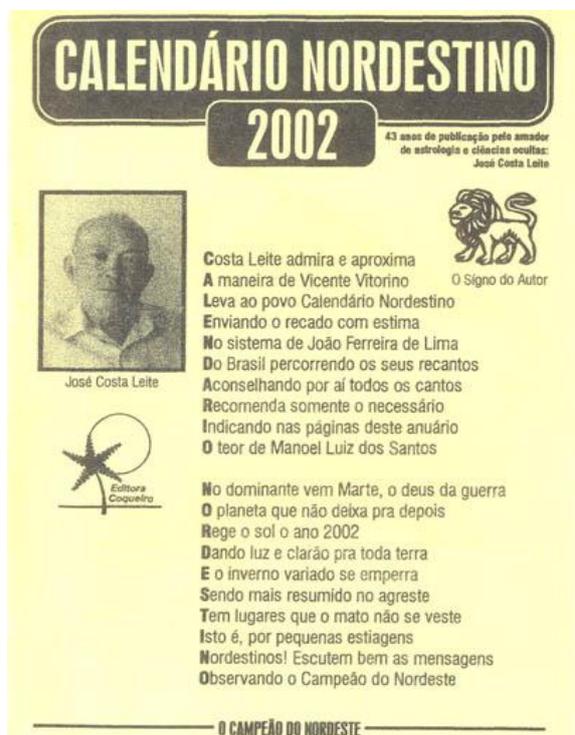
Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

A partir da diagramação de 2001, Costa Leite foi aos poucos aprimorando a distribuição das imagens na capa realizando diferentes modificações. Entre os Calendários de 2002 (Figura 74) a 2008, passou a utilizar o acróstico, dessa vez ocupando toda a parte central

da página, deixando no lado esquerdo o espaço reservado para a editora, sua foto e a xilogravura do Leão, este, aliás, uma marca registrada nesses impressos.

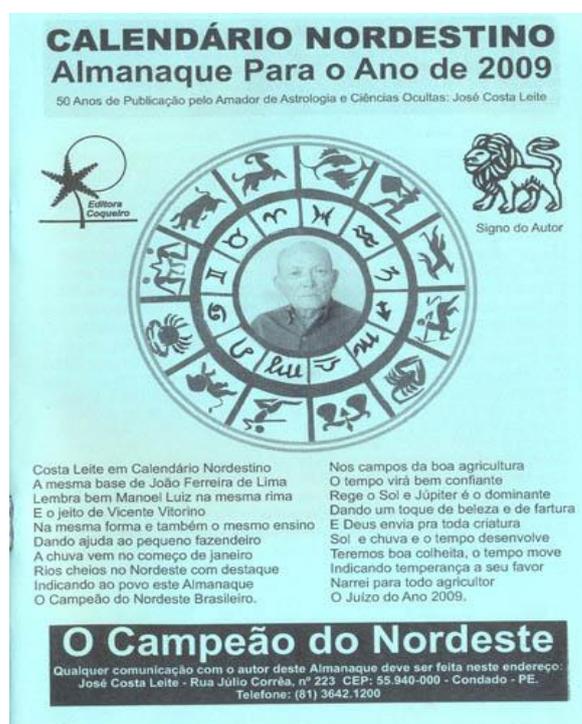
Em 2009 (Figura 75) e 2010, modifica e volta a ideia do círculo com sua fotografia ao centro, ladeado pelo leão no lado direito e a logomarca da editora no esquerdo. Esses desenhos ficavam distribuídos na parte superior, pois logo embaixo voltou a escrever o acróstico, seguido de uma tarja preta mantendo a afirmativa *O Campeão do Nordeste*. Esse tipo de diagramação com a fotografia do autor no centro do círculo é registrado nos almanaques de Vicente Vitorino nos anos de 1991 a 2006.

Figura 74 – Calendário Nordestino para 2002



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral

Figura 75 – Calendário Nordestino para 2009



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

Ao que parece, esses almanaqueiros com essas ampliações de nome, símbolos e imagens conferiam às suas publicações uma espécie de autoridade no sentido de previsão e elaboração do almanaque. A foto ao centro da página não era apenas para trazer embelezamento, mas para conferir autoria e autenticidade diante da publicação. Não satisfeito com o modelo apresentado, tratou logo de fazer outras transformações.

Sobre essas diversas alterações na capa, ele menciona que tem o “objetivo de chamar a atenção” quando estiver exposto na banca. Com relação a essas mudanças, como verificamos na seção As estratégias de escrita, as sinalizações de cortes, ampliações e demais alterações do conjunto textual seguem para a editora no manuscrito. Costa Leite analisa cada página ditando as regras, sinalizado o que sai e o que fica, ele detém o controle de suas publicações.

Acerca dessa última mudança, afirma que “agora esse zodíaco ficou permanente”, mas quando se reporta às capas de 2009 e 2010, diz: “Esse acróstico eu botava abaixo, mas esse zodíaco era muito miudinho para poder caber os dois versos abaixo, então mandei ampliar.”<sup>496</sup> Foi justamente essa diagramação do círculo ampliado que prevaleceu a partir de 2011. Para os almanaques de 2011 e 2012, ainda utilizou a expressão “Amador de Astrologia e Ciências Ocultas”; nos anos seguintes, de 2013 a 2016 (Figura 76), retirou o termo deixando apenas “Elaborado por: José Costa Leite”, mantendo a logomarca da Editora Coqueiro, a xilo do leão e o preço de capa, item importante para manter suas negociações via pedido pelos Correios.

Figura 76 – Calendário Nordestino para 2015 e 2016



Fonte: Acervo Geovanni G. Cabral.

<sup>496</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 25 jun. 2012.

Analisando os aspectos visuais da capa do Calendário Nordestino para 2016, percebemos certa leveza na sua constituição gráfica, se comparada com os anos iniciais, precisamente os da década de 1970. Aquele amontoado de informações cedia lugar para um círculo que, por si, apenas emitia signos do que se tratava a publicação. A leitura publicitária deste almanaque se fazia pela capa, um livro de Costa Leite que possivelmente em seu conteúdo apresenta os signos do zodíaco.

Não podemos deixar de mencionar que, durante os anos de publicação 1960 a 2016, houve mudanças que estavam atreladas a seu tempo cultural. Essas publicações seguem uma lógica de mercado, sem falar das mudanças tecnológicas que possibilitaram ao longo desses anos melhor diagramação conforme o desejo do autor.

### **4.3 Saudações**

Diante da pesquisa que realizamos com os almanaques, percebemos que sua circulação/divulgação ocorreu de forma semelhante à dos folhetos. Fato esse que ficou comprovado quando observamos a rede mercadológica de distribuidores presentes nas páginas editoriais de suas edições. Um comércio que se manteve em constantes movimentos que, gradativamente, ultrapassou as fronteiras das feiras do Nordeste chegando a outros estados do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro. Talvez essa amplitude seja pela qualidade do material ou uma boa estratégia de divulgação associada a certa credibilidade entre os leitores.

Costa Leite, como já analisamos, manteve desde 1960 preocupação com as tiragens e a diagramação da capa de seu calendário. Diferentemente dos folhetos que versifica histórias as mais diversas, produzia uma xilogravura e mandava para a tipografia. O almanaque exigia do poeta um tempo maior para sua elaboração, além de manter todo o cuidado com as informações que eram publicadas, conselhos, previsões e orientações para o homem do campo, para o agricultor de forma geral. Sua publicação merecia todo o cuidado gráfico e de conteúdo tendo em vista outros modelos de almanaques que circulavam no período.

Sua escrita estava também ordenada a um tempo, os poetas que convergiram para os saberes astrológicos, as leituras e explicações da natureza geralmente elaboravam seus prognósticos no primeiro semestre do ano. Ou seja, o almanaque era escrito no ano anterior, geralmente entre os meses de junho e setembro ficando prontos para ser comercializados. Ou em outros meses do ano, como verificou Ruth Almeida “os almanaques escritos em janeiro,

fevereiro ou março (destinados ao ano seguinte) são lançados à venda em maio ou junho, e têm maior saída de julho até início do ano a que se destinam”.<sup>497</sup> Tais elementos foram verificados nas cartas<sup>498</sup> encaminhadas ao poeta solicitando esses livros nessa época do ano. Como podemos ler na carta de José Manoel do Nascimento, escrita em Antas, Bahia, para Costa Leite, em 7 de junho de 1979:

Antas, 7 do 6 de 79

Meu prezado  
Amigo José Costa Leite  
Estou lhe escrevendo estas poucas e mal atrapalhadas linhas para encomendar um cento de almanaques. Para o ano de 1980.  
Termino desejando um feliz S. João a você junto com sua família.  
Ass José Manoel do Nascimento.<sup>499</sup>

É importante perceber que se trata de uma carta objetiva, sem muitas delongas, solicitando 100 almanaques para revenda. Em outro pedido, Raimundo Rolino,<sup>500</sup> em carta endereçada a Costa Leite, escrita em Poço Verde, Sergipe, em 13 de julho 1982, solicita 100 almanaques de 1983, assim que for editado. Observando o conteúdo dessas duas cartas, percebemos seu caráter puramente comercial, simples e objetiva.

Poço Verde, 13 de Julho 82

Saudações  
Prezado amigo José Costa Leite o fim desta é somente para dizer que assim que sair o almanaque 83 mim mande 100 almanaque.  
Assina  
O seu amigo  
Raimundo de Jesus Rolino  
Rua Antonio Doria 43  
49490 Poço Verde Sergipe

Analisando o calendário de Costa Leite, verificamos que as tiragens eram numerosas principalmente nos anos iniciais de sua publicação, como veio sinalizado na capa do *Calendário Brasileiro para 1962* com 15 mil exemplares e na capa do *Calendário Brasileiro*

<sup>497</sup> ALMEIDA, 1981, p. 20.

<sup>498</sup> As cartas que vamos analisar nesta seção circularam em paralelo aos pedidos de folhetos e matrizes xilográficas nas décadas de 1970 e 1980. Seleccionamos algumas por três critérios: pedidos de almanaques, de orientações astrológicas e permutas de almanaques entre Manoel Luiz e Costa Leite. Todas do acervo CMPLM. Ao transcrever, deixamos a grafia original.

<sup>499</sup> Carta de José Manoel do Nascimento para José Costa Leite. Antas-BA, 7 jun. 1979.

<sup>500</sup> Carta de Raimundo de Jesus Rolino para José Costa Leite. Poço Verde-SE, 13 jul. 1982.

para 1964 com 17 mil exemplares; que não é apenas um indicativo de quantidade, mas uma forma de mostrar quanto está sendo comercializado. Um livro prático, efêmero, anual e lucrativo, conforme menciona Roberto Benjamim.<sup>501</sup>

As cartas acima mencionadas, bem como outras, sinalizam dados importantes da quantidade de livros de Costa Leite que circulavam pelos Correios. Em paralelo à circulação de folhetos e matrizes, existiam também os pedidos de almanaques em quantidades bem maiores, por isso as tiragens são registradas entre 5 e 17 mil exemplares. Na carta de Américo Medeiros, escrita em Patos, Paraíba, em 5 de junho de 1984, solicita ao poeta um quantitativo de 500 exemplares; por esses dados, dá para entender as inúmeras tiragens para poder abastecer o mercado de agenciadores.

Patos 05-06-84

Amigo José Costa Leite meu abraço, acuso que recebi a sua carta tudo certo pode mandar os 500 almanaque. Que assim que eu vender 400 lhe mando o dinheiro todo de uma vez e peço mais.

Mande o preço certo que vai custar para mim.

Antonio Américo de Medeiros.<sup>502</sup>

Costa Leite, assim como fez com suas poesias, divulgou ao máximo seus almanaques, aproveitou cada página para se apresentar diante de seus leitores como um “profeta do tempo”, um mestre nas orientações astrológicas. Como excelente comerciante, apropriou-se de um mercado místico que mesclava diferentes práticas culturais. Anunciava orações,<sup>503</sup> banhos, perfumes e defumadores,<sup>504</sup> propagando felicidade e bem-estar social. Guiava homens e mulheres com o *Horóscopo Individual* e o *Talismã da Sorte*, com o objetivo, segundo o autor, de vencer na vida. No que se refere a essas orações, algumas vinham no próprio almanaque, outras eram vendidas separadamente em folhas avulsas, geralmente oferecida com defumadores. No *Calendário Brasileiro para 1996*, encontramos a Oração Hei de Vencer:

<sup>501</sup> BENJAMIM, 2011, p. 125.

<sup>502</sup> Carta de Antônio Américo de Medeiros para José Costa Leite. Patos-PB, 5 jun. 1984.

<sup>503</sup> É praticamente impossível apresentar todas as orações mencionadas por Costa Leite. Dentre as que mais utilizava, está a Oração contra Inveja e Olho Grande, Oração Misteriosa da Pedra Mágica do Anel de Salomão, Oração da Cruz de Caravaca, Oração para expulsar maus espíritos, Oração de Santa Catarina, Oração da Pedra Cristalina, Oração de São Cipriano, Oração do Rei Salomão e do Guerreiro São Jorge.

<sup>504</sup> No Calendário para 2012, menciona vários defumadores que vem há décadas sendo propagados nas feiras como defumador Abre-Caminho, Comigo ninguém Pode, Quebra Ranço de Mulher, Quebra Ranço de Homem, Fechar o Corpo, Benzer a Casa, Espanta Fxico, Contra Mau Vizinho, Espanta Mulher Ruim.

Bendita seja a luz do dia. Bendito seja quem a guia, Bendito seja o filho de Deus e a Virgem Maria. Assim como Deus separou a noite do dia, separe a minha alma da má companhia e meu corpo de feitiçaria. Pelo poder de Deus e da Virgem Maria.<sup>505</sup>

Dessa forma mapeava o destino das pessoas, traçava o tarô e por meio de suas leituras no presente, criava um horizonte de expectativa nas pessoas. Analisando o contexto, Roberto Benjamin menciona que “com o crescimento da demanda de previsões por horóscopos, através de revistas e do rádio, os poetas verificaram que o atendimento às consultas constituía uma atividade rentável, muitas vezes superior à da edição dos almanaques”.<sup>506</sup>

Em quase todos os seus almanaques, vamos encontrar um anúncio com o preços dessas consultas individuais voltadas para o horóscopo e talismã. No *Calendário Brasileiro para 1976*, expressava: “Façam seu horóscopo individual com JOSÉ COSTA LEITE e peçam também seu talismã da sorte e procure a ele nas feiras de Goiana, Condado e Pedras de Fogo O Defumador ZODIACAL (o rei dos defumadores) cada pacote: Cr\$ 5,00.”<sup>507</sup> (Grifo do autor). No *Calendário Brasileiro para 1974*, dedicou uma parte da página 5 com o seguinte anúncio:

Atenção ! Atenção! Atenção!

Peçam seu Horóscopo Individual a JOSÉ COSTA LEITE, descrevendo seu futuro e o presente e o seu passado, parcialmente, dando-lhe métodos para uma vida melhor e orientação sadia.

Seu Talismã da Sorte Cr\$ 15,00 – Seu Horóscopo Individual Cr\$ 20,00  
Envie a data do seu nascimento e a importância registrada em meu nome.  
O pedido sem a importância não tem valor.<sup>508</sup>

No *Calendário Brasileiro para 1977*, Costa amplia seu anúncio publicitário; agora, além de oferecer seus trabalhos de horoscopista, anuncia xilogravuras e folhetos de cordel e explica aos leitores as formas de pagamento disponibilizando mais de uma opção. Costa Leite oferecia aos seus clientes oportunidade de adquirir seus produtos.

**ATENÇÃO!** Você esteja onde estiver amigo leitor! Se quiser fazer o pedido do seu Horóscopo Individual, Talismã da Sorte, Xilogravuras ou Literatura de Cordel (folhetos), escreva para José Costa Leite Rua José Malheiros-72-

<sup>505</sup> LEITE, 1996, p. 14.

<sup>506</sup> BENJAMIM, 2011, p. 129.

<sup>507</sup> LEITE, José Costa. *Calendário brasileiro para 1976*. Guarabira, PB: Tipografia Pontes, 1976. p. 16.

<sup>508</sup> LEITE, José Costa. *Calendário brasileiro para 1974*. Guarabira, PB: Tipografia Pontes, 1974. p. 5.

CEP 55940-Condado-PE. E receba a encomenda em sua própria casa. Envie a importância pelo correio em valor declarado ou vale postal. E se preferir poderá enviar cheque ou ordem de pagamento pelo Banorte-Agência de Condado. Nos pedidos de Horóscopo ou Talismã, enviar a data de nascimento e o endereço, bem legível.<sup>509</sup> (Grifo do autor).

Nesse anúncio Costa Leite procura oferecer a seus clientes comodidade em seus trabalhos pelos Correios, por isso encontramos nas correspondências esse movimento de almanaques, livros, matrizes e folhetos. Não apenas o leitor se apropriava dessa facilidade em adquirir mercadorias, também seus poetas amigos e agenciadores. Deixa claro que o envio é mediante pagamento pelos Correios ou vale postal, porém a pesquisa mostrou que em muitos momentos a mercadoria é enviada pelos Correios e o pagamento liberado mediante as vendas, um tipo de consignação. Essa prática fez esse poeta perder muitas mercadorias e retirar nome de revendedores da página editorial, como ele mesmo anuncia nos calendários para os anos 1971, 1973, 1976, 1977 e 1979, “alguns nomes foram retirados desta página por falta de pontualidade no pagamento”.

Esses anúncios contidos em seu calendário são muito significativos para entendermos a teia comercial e a dinâmica que se estabelecia com essa produção. Costa Leite se apresenta como um ser capaz de solucionar problemas entrelaçando o tempo passado, presente e futuro, mas não podemos deixar de mencionar que todo esse “esforço” tem um preço, como ele mesmo anuncia, que era atribuído mediante o serviço solicitado. Carta sem dinheiro não tem valor. As cartas que encontramos direcionadas para esses pedidos atestam uma dimensão que nos faz pensar como esses almanaques foram apropriados em diferentes práticas de leitura e espaços sociais.<sup>510</sup>

Essas pessoas, ao folhearem as páginas desse livro, passaram a acreditar nos efeitos ou previsões do autor e fazem seus pedidos. Nas palavras de Michael de Certeau, “o público é moldado pelo escrito (verbal ou incônico), tornar-se semelhante ao que recebe, enfim, deixa-se imprimir pelo texto e como o texto que lhe é imposto”.<sup>511</sup> Não temos como identificar o que poderia ter impulsionado essa procura; o que a documentação nos indica é que vinham de pessoas que residiam em sítios, áreas rurais, interior distante e com baixa escolaridade, porém com acesso a esses livros e folhetos, algo bem significativo no campo da leitura. Vejamos a

<sup>509</sup> LEITE, José Costa. *Calendário brasileiro para 1977*. Guarabira, PB: Tipografia Pontes, 1977. p. 5.

<sup>510</sup> Sobre esse aspecto ver SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005. p. 229-256.

<sup>511</sup> CERTEAU, 2009, p. 238.

carta de Maria Lima, do Rio Grande do Norte, datada de 7 de outubro de 1984, endereçada a Costa Leite.

07/10/84

Sr. José Costa

Felicidades

Sou do signo de peixes nasci à 06 de março de 1930 e quero fazer o meu pedido: o perfume, o banho, o defumador e a oração, pois quero o pedido pelo correio que o mesmo corresponde a Cr\$ 3.000,00 logo que receber o aviso do correio mandarei a importância quitada acima.

Atenciosamente,

Maria Dagmar Feitosa de Lima

Caiçara do Rio do Vento-RN.<sup>512</sup>

Nessas poucas linhas, Maria Lima segue à risca as determinações do poeta. Indica a data de nascimento e o signo para poder ser enviados pelos Correios banho, perfume, oração e defumador correspondente. A indicação do signo é um dos pontos-chave para que o poeta estude e direcione os produtos de forma precisa e correta. A cliente tranquiliza, assim que o aviso dos Correios chegar, ela efetuará o devido pagamento. São esses tipos de pedido que vamos encontrar em outras correspondências que chegavam da Bahia, Sergipe, interior de Pernambuco e Paraíba. Pedidos de Horóscopo e de Talismã da Sorte. Dessas cartas, uma nos despertou bastante atenção não apenas pela forma do pedido a Costa Leite, mas pela dimensão “religiosa” atribuída ao poeta. A carta é de Wilson Luiz Galvão, escrita em Canguaretama, Rio Grande do Norte, em 22 de fevereiro de 1974, o qual divide em dois tipos de pedido:

Canguaretama 22-02-74

Prezado Costa Leite

Quero meu horóscopo, meu signo é Gêmeos

Quero também o Talismã da Sorte

Quero o perfume do signo Gêmeos

Banho de limpeza e o defumador

E chama da felicidade para acabar com

Todos os malefícios e fazer entrar a felicidade

Wilson Luiz de Araujo Galvão

Prezado Costa Leite

Peso que o senhor faça meu casamento

Namorei uma moça 5 anos agora ela acabou

Mais eu penso que viverão alguma coisa:

Quero a minha felicidade alado dessa moça

<sup>512</sup> Carta de Maria Dagmar Feitosa de Lima para José Costa Leite. Caiçara do Rio do Vento, 7 out. 1984.

Qual quer jeito: pensso pelo amor de Deus  
 Nome dela: Magnólia Duarte Costa: signo: libra  
 Meu: Wilson Luiz de Araujo Galvão: signo: Gêmeos  
 Apost: sua resposta é rei a Condado vicialo  
 Ela: Libra  
 Ele Gêmeos

No primeiro pedido, solicita todos os elementos que estavam atrelados a seu signo Gêmeos, perfumes, banhos e defumador. Somado, ainda, ao Talismã da Sorte. Acreditando que tais mercadorias enviadas por Costa Leite pelos Correios traria felicidade. No segundo, Wilson Galvão conta ao poeta que namorou uma menina durante cinco anos e não está satisfeito com a separação, sugerindo que seja realizado um “trabalho de união”, pois acredita que fizeram alguma coisa para afastar os dois. Roga, pelo amor de Deus, dizendo que quer ser feliz do lado de Magnólia. Para isso apresenta o nome e o signo da moça visando à concretização do trabalho. No fim da carta, ainda reforça ressaltando os signos do casal. Deixamos a escrita como se encontra no original.

A solicitação dessa carta leva a crer que Costa Leite, além de realizar consultas astrais, praticava trabalhos “espirituais” ligados às religiões afrodescendentes. Em entrevista, com o poeta acerca dessas cartas que chegavam até ele, disse:

Naquele tempo as pessoas pensavam que eu era espírita, chegavam pedidos diversos para mim. Certa vez veio um grupo de Pirauá para se receitar como se eu fosse médico, eu sou um simples astrólogo e nem gosto de dizer isso, já o Manoel Luiz gostava de dizer. Se eu fosse um trambiqueiro fazia de tudo, mas não quis sujar meu nome.<sup>513</sup>

No envelope da carta encontramos indicativo de que o primeiro pedido foi atendido, pois estavam anotados os valores de cada item solicitado: Horóscopo: 50,00; Talismã da Sorte: 2.000,00; Defumador Chama da Felicidade: 2.000,00; Perfume do signo: 4.000,00; Sabonete do signo: 2.000,00. A ligação com as orações, os livros de magia que circulavam nas feiras divulgados nos calendários, a venda de mercadorias que são utilizadas nas casas de umbanda e candomblé criaram a ideia de um Costa Leite místico nesse campo de atividade comercial,<sup>514</sup> práticas essas que Jerusa Ferreira denominou de *cultura das bordas*. Para se ter uma ideia da quantidade de livros que circulavam nessas feiras e propagados por Costa Leite

<sup>513</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 27 jul. 2015.

<sup>514</sup> Para uma leitura sobre livros de Magia ver FERREIRA, 1996.

leiamos uma anúncio do *Calendário Brasileiro para 1964*, que ocupa quase uma página inteira:

#### NÃO PERCA TEMPO!

Se V. S. Deseja ter ou possuir os livros de CRUZ de CARAVACA ou SÃO CIPRIANO, escreva hoje mesmo para José Costa Leite. Rua João Pessoa, 77- Condado-PE. Preços, SÃO CIPRIANO – Cr\$ 1.200,00 – CRUZ DE CARAVACA – Cr\$ 500,00. Faça logo seu pedido enviando a importância com ‘valor declarado’ antes que acabe o estoque, e enquanto estão estes preços, pois esperamos um aumento de 30% daqui para dezembro. Compre logo hoje se não quiser pagar mais. Além dos livros acima mencionados, V. S. Poderia adquirir com José Costa Leite os seguintes livros: Preces Espirituais de Allan Kardec, Indicador Homeopático, Ritual Prático de Umbanda; Um pouco de Astrologia, Forças Ocultas, Luz e Caridade; Lições de Umbanda, Banhos e defumações na Umbanda; Magia Prática sexual; Livro de sexualidade; Livro de Cartas de Amor (para moças e rapazes). Violão Sem Mestre; Acordeon e Safona Sem Mestre; Baralhos de fazer Truques e Adivinhações, etc.<sup>515</sup> (Grifos do autor).

Por esse anúncio, acreditamos que essa fama associa-se à publicidade realizada por esses almanaques. Praticamente todos os livros anunciados têm alguma relação com elementos da espiritualidade, mas, ao que percebemos, seu intuito é vender. Analisando outras cartas, sucedem os pedidos de orações para conseguir emprego, sair da casa do irmão, conseguir namorado, etc. Segundo o poeta, no relato acima, não praticava tais ações, não era trambiqueiro seguia apenas o correto da vida. O que podemos afirmar é que, desde a sua primeira edição até os dias atuais, esse “almanaqueiro solitário”,<sup>516</sup> utilizando a terminologia de Camila Teixeira, mantém sua publicação.

Todavia não era apenas o almanaque de Costa Leite que ocupava espaço nas feiras, que era negociado. Os revendedores levavam também outros livros dessa natureza, principalmente os almanaques de Vicente Vitorino e Manoel Luiz, ambos vistos como referência no ramo dessas publicações. A carta de Antônio Américo Medeiros, escrita em Patos, Paraíba, em 24 de janeiro de 1983, apresenta dados significativos no tocante à circulação desses livros sertanejos.

<sup>515</sup> LEITE, José Costa. *Calendário brasileiro para 1964*. Itabaiana, PB: Tipografia A Folha, 1964. p. 10.

<sup>516</sup> ALMANAQUEIRO Solitário. *Jornal da Unicamp*, Campinas, SP, 9 mar. 2015. Disponível em <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/618/o-almanaqueiro-solitario>>. Acesso em: 14 jan. 2016. AMORIM, 2007.

Patos 24-1-83

José Costa Leite meu Abraço

Acuso que recebi sua carta porem eu sou estabelecido aqui em Patos e não faço feira e nem viajo já vendi 200 do seu, 200 de Vicente Vitorino e mil de Manoel Cabôclo e ainda Tenho um resto de Manoel Luiz que estou lutando Para vender porem Minha freguesia já esta cheia É difícil vender mais 1 nestas alturas agora quem vende ambulante e propaga nas feiras o seu almanaque vende todo tempo basta lê os signos e aquela oração do final e vende a vontade assim propague na forma do camêlo, por isso não posso lhe ajudar que só vendo na procuração e já vendi o que tinha de vender no dia que sair seu romance pode mandar 200 duzentos e o preço que vai o dinheiro em valor postal.

Seu amigo certo, Antonio Américo Medeiros / Patos PB.<sup>517</sup>

Pelo conteúdo da carta, entendemos que Costa Leite havia oferecido mais almanaques para ele vender, mas o remetente responde que já vem vendendo muito na região e sua maior dificuldade é porque não propaga na feira. O número das vendagens é algo surpreendente, mostra que a procura por esses livros se mantém firme em plena década de 1980, principalmente se levarmos em conta os mil almanaques vendidos de Manoel Caboclo, sem contar com os 200 de Vitorino e Costa Leite respectivamente. Informa sobre a facilidade de vender almanaques de Costa Leite na feira quando se lê os signos e as orações. Mostra que esses pontos do almanaque têm boa aceitação no mercado.

A carta de Medeiros corrobora os elogios que o astrólogo de São José do Egito, Pernambuco, Manoel Luiz dos Santos tece acerca dos almanaques de Costa Leite. São cartas que denotam amizade, respeito e, acima de tudo, profissionalismo diante da Astrologia.

Visualizamos 18 cartas enviadas de Manoel Luiz endereçada a Costa Leite, postadas entre os anos de 1975 e 1984. A documentação indica que existia uma permuta de almanaques entre eles, outra maneira de divulgação desses impressos. Ambos revendiam esses livros e se um enviasse 100 o outro também enviaria 100, desde que ninguém ficasse no prejuízo. Vejamos a carta datada de 4 de setembro de 1974:

São José do Egito 4/9/74

Caro Colega:

José Costa Leite:

Recebi seu almanaque. Obrigado pela atenção a mim dispensada. Gostei do seu almanaque, vi muito esforço, é bem feito, bonito e bom.

---

<sup>517</sup> Carta de Antonio Américo Medeiros para José Costa Leite. Patos-PB, 24 jan. 1983.

Quanto a permuta: podemos fazer, mas eu lhe faço bem cientes porque meu almanaque é pequeno só contém 8 páginas. Eu vendo caro, dou valor a ciência. Enquanto o seu almanaque é grande bonito e bom. Porém, permuto sim, 1 por 1, 100 por 100. ai vai um exemplar. Mande-me um cento (100) que também lhe mandarei um cento. Certo? Aqui espero sua resposta. Seu amigo certo,  
Manoel Luiz dos Santos.<sup>518</sup>

A ideia da permuta partiu de Manoel Luiz ao fazer um comparativo do tamanho de seu almanaque com o de Costa Leite levando-se em conta a quantidade de páginas e o tamanho de ambos. Em outra carta, Manoel Luiz é bem categórico quando a palavra de ordem é trocar almanaques com Costa Leite. Faz questão que seja um pelo outro na mesma proporção.

São José do Egito, 24 de junho de 1984

Caro colega Costa Leite: recebi um exemplar do Calendário Brasileiro pelo que fiquei bem satisfeito, ai vão também 3 exemplares do Nordeste Brasileiro.

Vou com 37 anos Dizendo a verdade pura Pela ciência dos astros Manoel Luiz assegura que 85 traz inverno, muita fartura.

Em Costa Leite , estou vendo um gênio da inspiração, bom astrólogo, bom poeta, colega da profissão. Aceite meu forte abraço mais um aperto de mão.

Manoel Luiz.<sup>519</sup>

Nas cartas acima, Manoel Luiz elogia o almanaque do amigo justamente nos pontos em que Costa Leite mantém maior atenção: no tamanho e na qualidade. Percebemos que existe certo grau de amizade entre eles pela forma afetuosa como se reporta ao poeta e seu almanaque. Faz questão de frisar que são colegas de profissão, dado importante, pois é dessa forma que eles se veem como autor de suas criações astrológicas. Essa informação é pertinente quando passamos a analisar a sequência de três cartas de Manoel Luiz, em que Costa Leite solicita ajuda para fazer as contas do eclipse. Nesse momento a amizade é deixada de lado e entra o profissionalismo, pautado no comércio de informações. Percebe-se outra modalidade comercial que existia entre os poetas. Possivelmente em outras cartas, deve existir pedidos dessa natureza. Para ter essa orientação, Costa Leite precisou pagar pelos serviços prestados do amigo. Analisemos:

---

<sup>518</sup> Carta de Manoel Luiz dos Santos a José Costa Leite, São José do Egito-PE, 4 set. 1974.

<sup>519</sup> Carta de Manoel Luiz dos Santos a José Costa Leite, São José do Egito-PE, 24 jun. 1984.

(1) São José do Egito, 1/12/75

AM<sup>o</sup> Costa Leite

Hoje recebi os 20 almanaques para 76, então agradecido fiquei

Quanto a explicação dos eclipses depois lhe mandarei. Tenha a calma, espere mais um pouco. Tudo quanto eu souber sobre eclipses passarei com todo prazer para o meu colega de profissão.

Sempre às suas ordens.

Seu AM<sup>o</sup> Manoel Luiz.<sup>520</sup> (Grifos do autor).

(2) São José do Egito, 2-12-1975

AM<sup>o</sup> Costa Leite: respondo-lhe que eu faço a tabela para todos os eclipses por CR\$ 200,00 (duzentos cruzeiros). Tabela positiva, Tabela Perpétua, isto é, para todos os anos presentes, passado e futuro. É muito barato. Sou professor de astrologia vivo desta profissão, sou astrólogo. Então, me mande pelo correio a importância de Cr\$ 200,00 que depois lhe mandarei a Tabela. Tudo é difícil, tudo é caro!

Acredite em mim e tenha fé que eu lhe garanto uma boa tabela. Eu estudo muito de dia à noite, compro livros caros sou esforçado!

Ajude-me que lhe ajudarei também.

Seu AM<sup>o</sup> Manoel Luiz dos Santos.<sup>521</sup> (Grifos do autor).

(3) São José do Egito, 24-1-76

Costa Leite, amigo: Hoje recebi os Cr\$200,00

No dia 26, segunda-feira enviarei a tabela dos Eclipses, se Deus Quiser.

Atenciosamente,

Seu amigo certo,

Manoel Luiz dos Santos.<sup>522</sup>

Utilizando as palavras de Manoel Luiz, “tudo é difícil, tudo é caro”, ou seja, tudo tem um preço. Duzentos cruzeiros foi o valor que Costa Leite pagou para obter a Tabela dos Eclipses, algo que, segundo o poeta, era difícil fazer e útil para a elaboração do almanaque. No primeiro momento, Santos responde que ajudaria o amigo de profissão dando a entender que sairia tudo sem cobrar nada. No dia seguinte, escreve uma carta e explica ao colega o valor de seu trabalho e, se quiser a referida tabela, mande a quantia correspondente pelos Correios. A estratégia utilizada por Santos é a mesma de Costa Leite. Para refoçar a venda da tabela, diz que é um homem bastante estudioso e garante as informações prestadas. Em relato, Costa Leite fala desse momento descrito nas cartas de Manoel:

<sup>520</sup> Carta de Manoel Luiz dos Santos para José Costa Leite. São José do Egito-PE, 1.º dez. 1975.

<sup>521</sup> Carta de Manoel Luiz dos Santos para José Costa Leite. São José do Egito-PE, 2 dez. 1975

<sup>522</sup> Carta de Manoel Luiz dos Santos para José Costa Leite. São José do Egito-PE, 1.º jan. 1976

Manoel Luiz é muito inteligente, mas guarda tudo pra ele, um dia ele ensinou a fazer contas dos eclipses, a matemática, mas paguei 200 cruzeiros. É a parte mais difícil do almanaque. Toda minha vida foi com experiência e vontade de fazer. Não tem diploma de nada, nem curso, mas tenho experiência de vida que agradeço a meu Deus.<sup>523</sup>

As palavras de Costa Leite parecem indicar que ele não gostou muito da cobrança da tabela, mas sabemos que, tratando-se de Costa, o contrário não seria diferente. Ele teria cobrado pelas orientações, porque nesse caso eles assumem o lado comercial, em que as informações geram lucros. Por se tratar de algo que não podia resolver sozinho, teve de pagar para adquirir a referida tabela. O momento em que circulam essas cartas é de total concorrência entre eles quanto a quem vende mais. As informações transformavam-se em algo lucrativo, que não é diferente da forma como Costa Leite elabora o Horóscopo Individual e o Talismã da Sorte. Quem executa os pedidos deseja saber como será o futuro, simplesmente o poeta analisa e vende as informações.

Com essas cartas apresentadas nesta seção, procuramos mostrar a dinâmica e as estratégias envolvidas na publicação e edição dos almanaques de Costa Leite. Sua produção é marca de uma cultura que revela práticas de leitura pautadas em experiências e curiosidades. As cartas endereçadas ao poeta estavam atreladas a essa teia mercadológica estabelecida por agenciadores que percorriam cidades e feiras. Seus signos permitem perceber não apenas um Costa Leite poeta, preso a um banco de feira, mas um andarilho das tradições, inserido em contextos múltiplos de seu tempo e cultura.

---

<sup>523</sup> José Costa Leite em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado-PE, 27 jul. 2015.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero saber que contei  
Tudo aquilo que se deu  
Se não foi na hora  
O meu juízo esqueceu  
Mas na hora que lembrou-se  
Tudo aquilo que passou-se  
Minha pena descreveu.

(José Costa Leite)

Narramos uma história ou contamos várias histórias? A pergunta é pertinente quando olhamos para as páginas desta pesquisa e deparamos com múltiplas histórias que se entrelaçaram na iminência de contar caminhos de uma trajetória. A trajetória artística do poeta José Costa Leite. Das páginas dessa autobiografia, saímos percorrendo versos e estrofes mergulhando por vidas que se deixavam conhecer e compartilhar. Sua história e sua produção foram decisivas para que percorrêssemos arquivos institucionais, memórias e fontes documentais diversas. Enfrentamos desafios, fronteiras do conhecimento, mas encontramos um campo fértil que nos possibilitou olhar para um passado que se mostrava presente e firme.

Nosso achado primeiro foi com a palavra, com os versos descritos nas páginas dos folhetos de cordel. Eles contavam histórias de lá, nós contávamos de cá!!! Por meio dessa literatura poética versejada nas feiras e mercados, partilhamos deslocamentos que nos conduziram a documentos cartas, diários e imagens, muitos desses ainda inexplorados. Nem tudo aquilo que aconteceu procuramos contar, pois a escrita não dá conta da vida, mas foi possível diante do percurso historiográfico e metodológico sair preenchendo as perguntas que foram emergindo à proporção que narrávamos aspectos dessa trajetória e produção artística.

Essa investigação e a demanda documental nos permitiram mapear a Arte e a História de Costa Leite em quatro capítulos que se dividem no suporte material, mas se imbricam em seus conteúdos, linguagens, sinais e tópicos. São relatos de práticas culturais e produtivas que circularam durante décadas entre cidades do Brasil. Esta pesquisa procurou contribuir com esse olhar acerca dos movimentos de produção, elaboração e circulação que partiram de folhetos, xilogravuras, almanaques e livros escritos por Costa Leite. Não estabelecemos marco temporal como barreiras que muitas vezes limitam o trabalho do historiador. Partimos das primeiras experiências de criação desse poeta, de suas andanças nas feiras, seguimos trilhas e estações, nesse fluir de idas e vindas na dinâmica da memória e da escrita. Sinalizamos uma parada não como forma conclusiva nessa operação escriturística, mas como

ponto para outras partidas. A vida de Costa Leite continua, sua história ainda desfruta muitas tramas, a publicação está em pleno movimento e exercício.

Apresentamos um poeta andarilho que fez da feira cenário para que pudéssemos descortinar as inúmeras histórias que procuramos listar nesta narrativa. As documentações permitiram perceber que a vida desse vendedor ambulante de folhetos de cordel estava inserida em uma rede de comunicação e práticas mercadológicas. Descobrimos um comerciante múltiplo em suas funções, que foi somando experiência e criando ao mesmo tempo possibilidades para ganhar dinheiro e viver. Escrevia folhetos, desenhava suas capas, vendia matrizes e xilogravuras, remetia pedidos pelos Correios, recebia e escrevia cartas. Adivinhava o tempo, traçava o signo e o destino das pessoas. Olhava para os astros como guia dos homens e descrevia suas orientações. Anotava tudo no almanaque.

A cada passo, construía sua identidade, firmava-se como autor e produtor de seus escritos. Costa Leite inserido em seu tempo se apropriava de uma cultura visual e gráfica que lhe permitiu entender logo cedo que, para seduzir o cliente, era preciso inovar, transformar e diversificar. Os anos de feiras pelo interior do Nordeste do Brasil foram decisivos para essas mudanças, seus “olhos de lince” diante do mercado consumidor o tornaram um ser capaz de ditar regras em suas publicações. Foi estratégico quando o objetivo era ganhar dinheiro; ou seja, demarcou território, fez nome com sua arte. Suas publicações o levaram a ser reconhecido e legitimado como artista popular caminhando por outros espaços da arte.

Ao longo desta trajetória, esse foi o poeta que encontramos na pesquisa. Confessamos que não foi fácil mergulhar nessa seara de publicações e selecionar esses fragmentos que ora compartilhamos, porém os desafios foram enfrentados. As questões foram analisadas e investigadas permitindo perceber uma dimensão comercial ampla que norteavam esses impressos e a forma como circularam entre as décadas de 1950 até 2016.

O percurso analítico permitiu entender que, por trás das tipografias, das impressões de folhetos e almanaques, existia uma malha de prática de leituras em diferentes espaços. Apropriação de textos e ideias. Os livros de Costa Leite circulavam na confluência das fronteiras das áreas urbanas e rurais desmistificando muitas das informações que são apresentadas quanto à ausência de leitura nesses espaços.

As cartas passivas que localizamos permitiram perceber essa lógica de mercado e procura livresca. Homens e mulheres entraram em contato com essas palavras, com literaturas poéticas e manuais astrológicos. Compartilhavam entre amigos e família os feitos engraçados nos livros de gracejos, mas acreditavam no poder dos defumadores e talismãs da sorte. São os

chamados “intermediários esquecidos da literatura”, utilizando o termo de Roberto Darton,<sup>524</sup> que saem dos sítios, fazendas e feiras livres.

Os folhetos, os almanaques, as orações e as gravuras circularam. Eis um dado significativo. Cada um no seu contexto histórico, pertinente à sua dinâmica entre tempos e espaços.

---

<sup>524</sup> DARTON, Robert. *O beijo de Lamourrette*: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 151.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia Azevedo de. *Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos: um estudo histórico-comparativo*. Tese (Doutorado em Teoria Literária. Campinas, SP: Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. *Dicionário brasileiro de literatura de cordel*. Rio de Janeiro: ABLIC, 2005.
- ACCIOLY, Marcus. *Xilografia*. Poesia de Marcus Accioly gravada por José Costa Leite. Recife: Cepe, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Poética-popular*. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguísticas) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. *Xilografia*. Poesia de Marcus Accioly gravada por José Costa Leite. 2. ed., Recife: Edição do Autor, 2006.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: LEITE, José Costa. *ABC da sacanagem*. Recife: Ed. Coqueiro, 2007. p. 7-11.
- ACSELRAD, Maria. *O patrimônio vivo em questão: uma perspectiva comparada das experiências de registro de pessoas e grupos culturais*. Recife: Fundarpe, 2010.
- A ESTES poetas são a voz do povo. *Notícias de Hoje*, São Paulo, 22 nov. 1953. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- AGONIA da poesia popular. *O Globo*, 25 abr. 1969, p. 9.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado, ensaios de teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Prefácio de Margareth Rago. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALENCAR, Edgar. Os folhetos em versos do Nordeste. *O Dia*, Rio de Janeiro, 27 out. 1963. Disponível em : <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em: 16 dez. 2014.
- \_\_\_\_\_. *Literatura popular em verso*. *O Dia*, Rio de Janeiro, 6 out. 1963, Caderno 5, p. 2. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em: 16 dez. 2014.
- ALMANAQUE Encyclopédico. Prefácio de Eça de Queirós. N.º 1. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1896.
- ALMANAQUE do Recife. *Almanaques, Jornal do Commercio*, ano 3, p. 9-10, 1964.

ALMANAQUEIRO Solitário. *Jornal da Unicamp*, Campinas, SP, 9 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/618/o-almanaqueiro-solitario>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

ALMEIDA, Átila; ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário Biobliográfico de poetas populares*. 2. ed. ampl. João Pessoa: UFPB- Campus II, 1990. v. 2.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. *Almanaques populares do Nordeste*. 1981. 225 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1981.

ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores e poetas populares*. Campina Grande, PB: Bagagem, 2003.

AMORIM, Maria Alice. Folheto de feira, a literatura do povo. *Continente Documento*, Recife, v.1, n. 6, p. 20-39, jan. 2003.

\_\_\_\_\_. A voz da poesia da tradição. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 jul. 2007. Caderno Viver, p. 5.

\_\_\_\_\_. *Andarilho das tradições*. [2008a]. Disponível em: <[http://www.interpoetica.com/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=112&catid=49](http://www.interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=112&catid=49)>. Acesso em: 8 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. *No visgo do improviso ou A peleja virtual entre cibercultura e tradição: comunicação e mídia digital nas poéticas de oralidade*. São Paulo: Educ, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Patrimônios vivos de Pernambuco*. Apresentação de Luciana Azevedo. Recife: Fundarpe, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Literatura de cordel: tradição e contemporaneidade*. Recife: Ed. Folha de Pernambuco, 2010b.

\_\_\_\_\_; NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (Org.). *Leituras de almanaque*. Recife: EDUFPE, 2011.

ANDRADE, Manoel Correia de. *Atlas escolar de Pernambuco*. João Pessoa: Grafset, 2003.

ARANTES, Antonio Augusto. *O trabalho e a fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel*. Campinas, SP: Kairós/Funcamp, 1982.

ARAÚJO, Alceu Maynard. Transcrito de vida. *Rotária*, ano 7, n. 65, out. 1955.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Como se inventaram os almanaques. In: ALMANAQUE das fluminenses. Rio de Janeiro, H. Lombaerts, 1890. Acervo FCRB.

- BACCARO, Giuseppe. Prefácio. In: LEITE, José Costa. *Sertão nu e cru*. Recife: Ed. Coqueiro, 2003.
- BARBALHO, Nelson. Feira de Caruaru. *Brasil Açucareiro*, n. 89, ago., 1970.
- BARROS, José d'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. *OP SIS*, v. 7, n. 9, p.167-185, jul-dez 2007.
- BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel*. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1977.
- BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. Almanagues populares. In: AMORIM, Alice; NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (Org). *Leituras de almanaque*. Recife: EDUFPE, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- \_\_\_\_\_. *O narrador: as considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. p. 197-221.
- \_\_\_\_\_ et al. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Organização Tadeu Capistrano. Tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- BORGES, José Francisco. *Poesia e gravura de J. Borges*. Produção de Sílvia Rodrigues Coimbra. Recife: Edição do Autor, 1993.
- \_\_\_\_\_; COIMBRA, Sílvia Rodrigues. *Poesia e gravura de J. Borges*. Recife: Ed. do autor, 1993.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos de história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. 183-191.
- BRASIL, Alexia. *Cordel: memória e comunicação em rede*. 2006. 168 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.
- BRASIL tem arte medieval. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 out. 1962. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens religiosas do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*. São Paulo: Annablume, 2009.
- BRUCK, Mozahir Salomão. *Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009.

BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

CABRAL, Geovanni Gomes. *A literatura de cordel como fonte histórica*. 2003. 61 f. Monografia (Especialização no Ensino de História) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Mimeografado.

\_\_\_\_\_. *As representações de poder no corpus de folhetos de 1945 a 1954: leituras da “era Vargas”*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

\_\_\_\_\_. Trajetórias biográficas e literatura: histórias do poeta José Costa Leite. In: CAVALCANTI, Ereinaldo; CABRAL, Geovanni (Org.). *A história e suas práticas de escrita: relatos de pesquisa*. Recife: EDUFPE, 2013.

\_\_\_\_\_. Folheto de cordel, história e escrita: possibilidades de leituras. In: CAVALCANTI, Ereinaldo; CABRAL, Geovanni (Org.) *A história e suas práticas de escrita: narrativas e documentos*. Recife: EDUFPE, 2014. p. 137-164.

CALMON, Pedro. *História do Brasil na poesia do povo*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Nestór Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.

O CAMINHO difícil do prelo à feira. *O Globo*, 5 nov. 1975. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=literatura+de+cordel>>. Acesso em: 10 set. 2015.

CARVALHO, Gilmar de. Xilogravura: os percursos da criação popular. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 39, p. 143-158, 1985.

\_\_\_\_\_. Editoração de folhetos populares no Ceará. *Revista Comunicação Social*, Fortaleza, v. 17, n. 1-2, p. 31-67, jan.-dez., 1987.

\_\_\_\_\_. *Publicidade em cordel: o mote do consumo*. São Paulo: Annablume, 2002.

\_\_\_\_\_. *Tramas da cultura: comunicação e tradição*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005.

\_\_\_\_\_. *Memórias da xilogravura*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

CARVALHO, Reinaldo Forte. *Cordel, almanaques e horóscopos: e(ru)dição dos folhetos populares no Juazeiro do Norte-Ce. 1940-1960*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

CASA NOVA, Vera. *Lições de almanaque: um estudo semiótico*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.

CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. 16. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-191, 1995.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores: autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Tradução de Mary del Priori. Brasília: UnB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fúlvia M. L. Morreto. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002c.

\_\_\_\_\_. *À beira da falécia: a história entre certezas e inquietudes*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002d.

\_\_\_\_\_. *Formas e sentidos: entre distinção e apropriação*. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Mattencio. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura séculos XI-XVIII*. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Ed. da Unesp, 2007.

CIPRIANO, Maria do Socorro. Tipografia de cordel na Paraíba: entre o comércio e a poesia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, RN. *Anais...* Natal, RN: ANPUH, 2013.

CORDEL: do campo para a cidade a sobrevivência inesperada. *O Globo*, 22 set. 1976, p. 35.

O CORDEL viaja para o Rio e os poetas cantam em Caxias. *O Globo*, 26 ago. 1977, p. 33. Disponível em: <acervo.oglobo.globo.com>. Acesso em: 20 jan. 2015.

CÓRDULA, Raul. *Utopia do olhar*. Recife, Fundarpe, 2013.

CORTEZ, Jeronymo. *Lunário e prognóstico perpétuo*. Lisboa: Lello Editores, 2004.

COSTELLA, Antonio Fernando. *Xilogravura: manual prático*. Campos do Jordão, SP: Ed. Mantiqueira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Breve história ilustrada da xilogravura*. Campos do Jordão, SP: Ed. Mantiqueira, 2003.

CURRAN, Mark J. A “página editorial” do poeta popular. *Revista Brasileira de Folclore*, ano 12, n. 32, p. 5-16, jan./abr. 1972.

\_\_\_\_\_. *A literatura de cordel*. Recife: EDUFPE, 1973.

CURRAN, Mark J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_. *Retrato do Brasil em cordel*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011. p. 188-191.

DANTAS, Audálio. Enquanto os fazendeiros exibem Zebus, o povo de Goiânia faz a "festa pecuária". *Folha da Noite*, 11 jun. 1954, n. 9.923, p. 1. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdn/1954/06/11/>. Acesso em: 3 nov. 2015.

DARTON, Robert. *O beijo de Lamourrette: mídia, cultura e revolução*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Poesia e polícia: redes de comunicação na Paris do século XVII*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DELGADO, Andréa. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2003.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História do tempo presente*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2014;

DERIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIFERENTE e divertida, a Feira de Caruaru é atração. *Jornal do Brasil*, 1.º ago. 1974. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

DINNEEN, Mark. *Brazilian Popular Prints*. Foreword by Ana Miranda. London: Redstone Press, 1995.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo, Edusp, 2009.

DOZE gravadores do Nordeste. Prefácio de Francisco Brennand. [S.l]: Guarabira Editora de Arte, 1974.

DUTRA, Eliana de Freitas. O almanaque Garnier 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier 1903-1914*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da USP, 2009.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura. In: PINSKY, Carla Bassanezzi; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Ascenço. *Trem de Alagoas*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia>. Acesso em: 14 jan. 2016.

FERREIRA, Jerusa Pires. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. Livros e leituras de magia. *Revista USP*, São Paulo, p. 42-51, set./nov. 1996.

\_\_\_\_\_. Almanaque. In: MEYER, Marlyse. (Org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

FONSECA FILHO, Genivaldo de Gouveia Marques da. *Uma memória... para memória*. Prólogo de Vitória Luiza Marques da Fonseca Moura. Recife: Ed. Coqueiro, 2012.

FRANKLIN, Jeovah. A arte da xilogravura. *Revista Continente*, ano 3, n. 34, p.78-81, out. 2003.

\_\_\_\_\_. *Xilogravura popular na literatura de cordel*. Brasília: LGE, 2007.

\_\_\_\_\_. *Cem anos da xilogravura na literatura de cordel*. In: MEMER, Sylvia. *Recortes contemporâneos sobre o cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

FUNDARPE. Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. *Patrimônios de Pernambuco: materiais e imateriais*. 2. ed. Recife, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco 1930-1950*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

\_\_\_\_\_. Folhetos de cordel: experiências de leitores/ouvintes 1930-1950. In: APARECIDA, Paiva et al. (Org.). *Literatura e letramento: espaços suportes e interfaces: o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica; Fortaleza: FAC, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leituras de cordel em meados do século XX: oralidade, memória e a mediação do outro. In: ABREU, Marta; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras/ABL; São Paulo: Fapesp, 2005. p. 369-397.

\_\_\_\_\_. Um impresso se populariza: o caso dos folhetos de cordel. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia. (Org.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.

GALZERANI, Maria Carolina Boverio. *O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880*. 1998. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1998.

GARCIA, Marie France. *Feira e trabalhadores rurais: as feiras do brejo e do agreste paraibano*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

GASPAR, Lúcia; BARBOSA, Virgínia. *Literatura de cordel no Brasil: um inventário bibliográfico nacional*. Recife: Fundaj, 2013.

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIUSEPPE BACCARO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. 2001. Disponível em: <[http://enciclopedia.itaucultural.org.br/sobre#/>. Acesso em: 15 jan. 2015.](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/sobre#/)

GOMES, Ângela de Castro Gomes (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005

GROPER, Symona. Cordel: o best-seller do povo. *Jornal do Brasil*, 29 nov. 1976. Caderno B, p. 10.

GUERRA, Flávio. *Crônicas do velho Recife*. Recife: Ed. Gráf. Editorial Norte-Brasileiro, 1972.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Mercado de São José: contando história em lugar de memória. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza, 2009. p. 1-8.

\_\_\_\_\_. O historiador e o patrimônio cultural: perspectivas metodológicas. In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos; SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo (Org.). *História e historiografia: perspectivas e abordagens*. Recife: EDUFPE, 2014. p. 142-150.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Ângela de Faria; FARIAS, Rosilene. *Mercado de São José: memória e história*. Recife: Iphan/Fadurpe, 2010.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX*. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2006. p. 45-48.

\_\_\_\_\_. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson et al. *História oral, desigualdades e diferenças*. Santa Catarina: Ed. da UFSC; Recife: EDUFPE, 2011. p. 15-37.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

HATA, Luli. *O cordel das feiras às galerias*. 1999. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade de Campinas, SP, 1999.

HAURÉLIO, Marcos (Org.). *Antologia do cordel brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 2012.

HERSKOVITS, Anico. *Xilogravura: arte e técnica*. Porto Alegre: Editorial Pomar, 2005.

HERVOT, Brigitte Monique. *Georges Gusdorf e a autobiografia*. *Lettres Françaises*, n. 14 (1), p. 95-110, 2013. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/download/6430/4745>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

J. BORGES: o caminho difícil do prelo à feira. *O Globo*, 4 nov. 1975. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br>>. Acesso em 20 jan. 2015. NORDESTE: a poesia e o canto da sua gente. *O Globo*, 5 dez. 1975. Cultura, p. 29. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KUNZ, Martine. *Cordel: a voz do verso*. Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

LAPLACE, Urbain. *São Cipriano: o legítimo capa preta*. São Paulo: Ed. Luzeiro, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.

LEITE, José Costa. *As aventuras de Elvira e Renato*. [S.n.t.].

\_\_\_\_\_. *Os Aventureiros da Sorte*. [S.n.t.].

- LEITE, José Costa. *O boi do pé da cajarana*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *A carta misteriosa do Padre Cícero Romão*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *O cavalo voador ou Julieta e Custódio*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *A chegada de Silvino na Vila Macaparana*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *O chupa-cabra falando que anda pelo Nordeste*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *O drama do retirante*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *O encontro de Zé Garcia com José de Souza Leão*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *A feiticeira do reino da Serra Branca*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *O guerreiro Julião e o gigante de aço*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *O horóscopo do amor*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *Juvenal e Minervina*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *A moça que se amigou com um jumento*. Recife: Ed. Coqueiro, [s.d.]
- \_\_\_\_\_. *Uma mulher carinhosa*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *O rei Alexandrino e a rainha Catarina*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *Rogaciano e Dorotéia: sofrimento, amor e aventuras*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *O romance das duas órfãs de Azul-Mar*. [S.l.]: Tipografia São José, [s.d.].
- \_\_\_\_\_. *O vaqueiro Julião e a filha do sertanejo*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *A vida de Lampião e Maria Bonita*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *A vitamina B-12 que cura a dor do amor*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *A voz de Frei Damião*. [S.n.t.].
- \_\_\_\_\_. *Calendário Brasileiro para 1960*. Itabaiana, PB: Tipografia A Folha, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Calendário nordestino para 1961*. Itabaiana, PB: Tipografia A Folha, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Calendário brasileiro para 1962*. Itabaiana, PB: Tipografia A Folha, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Calendário brasileiro para 1964*. Itabaiana, PB: Tipografia A Folha, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Os dez mandamentos, o pai-nosso e o credo dos cachaceiros*. [S.l.; s.n.;197-?].

LEITE, José Costa. 20 xilogravuras do Nordeste: álbum. Coleção organizada por Evandro Rabello. Recife: Cepe, 1970.

\_\_\_\_\_. *Almanaque Padre Cícero para 1972*. Guarabira-PE, Tipografia Pontes, 1972.

\_\_\_\_\_. *Transporte na zona canavieira*. Evandro Rabello (Org.). Apresentação de Mário Souto Maior. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1972. 8 p., 21 f. de estampas.

\_\_\_\_\_. *A feira de Caruaru*. [S.l.: s.n], 1973.

\_\_\_\_\_. *Um passeio a São Saruê*. Escrito e gravado por José Costa Leite. Olinda: Fundação Casa das Crianças de Olinda, 1974.

\_\_\_\_\_. *Calendário Brasileiro para 1974*. Guarabira, PB: Tipografia Pontes, 1974.

\_\_\_\_\_. *Calendário Brasileiro para 1976*. Guarabira, PB: Tipografia Pontes, 1976.

\_\_\_\_\_. *Calendário Brasileiro para 1977*. Guarabira, PB: Tipografia Pontes, 1977.

\_\_\_\_\_. *Catálogo d' a voz da poesia nordestina*. Recife: EDUFPE, 1976.

\_\_\_\_\_. *Cordel: a poesia do Nordeste*. Vinil, LP, Álbum. São Paulo: Gravadora Continental, 1977. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Cordel: a choradeira do casado*. Vinil, LP. São Paulo: Gravadora Continental, 1979. v. 2. Lado A, faixa 1.

\_\_\_\_\_. *Tem alguém sendo chifrado*. Vinil, LP. São Paulo: Memória Fonográfica Comercial Ltda, 1982.

\_\_\_\_\_. *É melhor morrer solteiro do que casar hoje em dia*. In: DE REPENTE!: os maiores repentistas do Brasil. Vinil, LP, Álbum. Rio de Janeiro: Gravações Elétricas, 1986. Faixa 5.

\_\_\_\_\_. *Calendário Brasileiro para 1996*. [S.l.: s.n.], 1996.

\_\_\_\_\_. *Calendário Nordestino para 1999*. [S.l.: s.n.], 1999.

\_\_\_\_\_. *Calendário Nordestino para o ano de 2009*. Recife: Ed. Coqueiro, 2009

\_\_\_\_\_. *Calendário Nordestino para 2000*. Ed. Coqueiro, Recife, 2000.

\_\_\_\_\_. Entrevista com o poeta popular, xilógrafo e editor de cordel José Costa Leite. *Revista Singular*, 17 jan. 2000. Concedida a Arievaldo Viana, Juazeiro do Norte, CE. Disponível em: <<http://maladeromances.blogspot.com.br/2016/01/entrevista-jose-costa-leite.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. *O caboclo Zé Vigia: Raça de Bicho do Mato*. Campina Grande-PB: Gráf. Martins, 2002.

LEITE, José Costa. *Sertão nu e cru*. Prefácio de Giuseppe Baccaro. Recife: Ed. Coqueiro, 2003.

\_\_\_\_\_. *ABC da sacanagem*. Recife, Ed. Coqueiro, 2007.

\_\_\_\_\_. *A vida da minha vida: uma autobiografia de José Costa Leite*. Prefácio de Ariano Suassuna. Recife: Ed. Coqueiro, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.

LESSA, Orígenes. *A voz dos poetas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

LIMA, Camila Teixeira. *Entre o narrador e o almanaqueiro: o lugar da experiência tradicional na produção do artista popular José Costa Leite*. 2014. 247 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Unicamp, Campinas, SP, 2014.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Raul. Feiras do Nordeste. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 ago. 1952. Disponível em: <[http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID\\_Secao=62](http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=62)>. Acesso em: 10 jan. 2015.

LINS, Letícia. O canto do sertão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 jul 2000. Prosa e Verso, p. 1.

LITERATURA de cordel ensina o nordestino a plantar algodão. *O Globo*, 18 abr. 1973. Caderno Panorâmico, p. 145. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=cordel+algoda%C3%B5>> Acesso em: 20 set. 2014.

LITERATURA de cordel por um fio. *Vida das Artes*, jul.1975, p.12.

LITERATURA popular em questão. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

O LIVRO tradicional da Cruz de Caravaca. 10. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

LOPES, José Ribamar (Org.). *Literatura de cordel*: antologia. Fortaleza: BNB, 1982.

LUYTEN, Joseph M. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Um século de literatura de cordel*: bibliografia especializada sobre literatura popular em verso. São Paulo: Nosso Estúdio Gráfico, 2001.

LYRA, Maria do Carmo Pontes. *Bibliografia de correspondência enviada a Liêdo Maranhão pelos poetas populares e dos folhetos editados pela Universidade Federal de Pernambuco*. Recife, 1997. p. 105-106. Mimeografado.

MAIA, Luiza. Você quer safadeza né? *Diário de Pernambuco*, Recife, 5 jun. 2013. Caderno Viver, p. E1.

- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221.
- MANOEL Monteiro. In: NORDESTE enciclopédia. [S.n.t.]. Disponível em: <[http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Manoel+Monteiro+&ltr=m&id\\_perso=1268](http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Manoel+Monteiro+&ltr=m&id_perso=1268)>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canclini. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- MARYALINE, Déserbais. *Tristão e Iseut ou O amor na literatura de cordel*. Tese (Licenciatura) – Faculdade de Letras e Linguagens da Universidade de Poitiers, Poitiers, França, 2002.
- MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004. p. 109-116.
- MELLO, Beliza Áurea de Arruda. O ABC de um poeta popular: história de vida de José Costa Leite. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, 2003.
- MELO, Rosilene Alves de. Escrito nas estrelas: almanaques astrológicos, relicários do tempo, prognósticos do destino. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA, 13., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. Almanaque de cordel: do fascínio de leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisas. *Revista IEB*, n. 52, p. 107-122, set./dez. 2011.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, 2003. p. 11-45.
- MEYER, Marlyse. *Autores de cordel*. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MODESTO, Luiza. Casa das Crianças aguarda dias melhores com realização de leilão. *Jornal do Commercio*, 9 ago. 2000. Caderno C. Disponível em <[http://www2.uol.com.br/JC/\\_2000/0908/cc0908e.htm](http://www2.uol.com.br/JC/_2000/0908/cc0908e.htm)>. Acesso em: 5 out. 2015.
- MONTEIRO, Salvador. In: XILOGRÁFOS nordestinos. Apresentação de Homero Senna. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994.

MORAIS, J. Barros. Literatura de cordel. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 maio 1960. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

MOREAU, Annick; LEMOS, Anne-Marie (Colab.). *Charlemagne, Lampião & Autres bandits: histoires populaires brésiliennes: texte et xylogravures de cordel*. Paris: Chandeigne, 2005. (Collection Lusitane).

NEMER, Sylvia. *Feira de São Cristovão: a história de uma saudade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

\_\_\_\_\_. *Feira de São Cristovão: contando histórias, tecendo memórias*. 2012. 155 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. *O pai, o exílio e o reino: a poesia armorial de Ariano Suassuna*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

NICOLAU NETO, José. Feira do Nordeste é isto assim: tem umburana, cachaça e sangue. *Diário de Minas*, 25 dez. 1958. Disponível em: <[http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=G:\Trbs\\_R\CDU\CDU.docpro&pesq=diario%20de%20minas](http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=G:\Trbs_R\CDU\CDU.docpro&pesq=diario%20de%20minas)>. Acesso em: 15 dez. 2014.

NOBLAT, Ricardo. Texto da contracapa. In: LEITE, José Costa. *Cordel: a poesia do Nordeste*. Vinil, LP, Álbum. São Paulo: Gravadora Continental, 1977. v. 1.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. *Almanaque toda a Oficina da Vida*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

\_\_\_\_\_. A sagração do tempo. In: AMORIM, Alice; NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (Org.). *Leituras de almanaque*. Recife: Ed. da UFPE, 2011.

NORDESTE: a poesia e o canto de sua gente. *O Globo*, 5 dez. 1975, Caderno Cultura, edição matutina, p. 29. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=literatura+de+cordel> . Acesso em: 10 set. 2015.

OLIVEIRA, José do Patrocínio. Os vendedores de folhetos. *Diário da Noite*, Recife, 3 set. 1953. Disponível em: <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIVA, Mendes F. Almanach Litterario de São Paulo ano 1876. In: REZENDE, Carlos Penteadado de. *Almanaque Literário de São Paulo*. Nova Edição. Reedição Fac-Similar dos 8 volumes do Almanaque Literário, 1982.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas, SP: Mercado das Letras: São Paulo: Fapesp, 1999.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *A máquina da memória: o tempo presente entre a história e o jornalismo*. Bauru, SP: Edusc, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_.; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2001.

POESIA do Nordeste canta na literatura de cordel. *O Globo*, 25 jul. 1968, s.p.

POESIA e chão. In: OLARIA cultural: mestres e obras construindo um patrimônio. Documentário: Angra Filmes. Recife: Fundarpe, [s.d]. DVD.

A POESIA popular na crise do papel. *O Globo*, 2 dez. 1973, p. 7.

O POLIGLOTA do povo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 15 maio 2014. Caderno Viver, p. D8.

PONTUAL, Roberto. Notas sobre a xilogravura popular brasileira. In: MELO, José Marques et al. *Folkcomunicação*. São Paulo: USP, 1971.

PÔRTO JR, Gilson. *História do tempo presente*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

PRIORE, Mary del. Ritos da vida privada. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PUNTEL, Joana T. A literatura que já foi do povo. *Família Cristã*, ano 46, n. 533, maio 1980.

RAMOS, Everardo. Escritores-ilustradores de folhetos de cordel: processos de criação popular. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC, 2007, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Abralic, 2007.

\_\_\_\_\_. Ilustrações de folhetos de cordel: ou a peleja do popular com o moderno. In: MEMER, Sylvia. *Recortes contemporâneos sobre o cordel*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008a. p. 207-238.

\_\_\_\_\_. Ariano Suassuna e a gravura popular brasileira ou a (de)formação do pensamento crítico. In: ZACARRA, Madalena; PEDROSA, Sebastião Gomes (Org.). *Artes visuais: conversando sobre*. Apresentação Ricardo Bigi de Aquino; prefácio Sebastião Gomes Pedrosa. Recife: EDUFPE, 2008b. p. 23-43.

\_\_\_\_\_. *Biografia de José Costa Leite*. [2009?] Disponível em: <[www.casaruibarbosa.gov.br/josecostaleite](http://www.casaruibarbosa.gov.br/josecostaleite)>. Acesso em: 10 de jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Veredas no Grande Sertão: aportes da História da Arte para o estudo da criação popular. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 8., 2012, Campinas, SP. *Anais...* Campinas: Unicamp/CHAA/IFCH, 2013.

REZENDE, Antonio Paulo. *Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: EDUFPE, 2010.

REZENDE, Carlos Penteadado de. *Almanaque literário de São Paulo*. Nova Edição. Reedição Fac-Similar dos 8 volumes do Almanaque Literário, 1982.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança. In: FERREIRA, Jorge; NEVES Lucília de Almeida (Org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 4, p.135-164.

\_\_\_\_\_. Cultura. In: REIS, Daniel Aarão (Org.) *Modernização, ditadura e democracia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. v. 5. p. 232-282.

RIOS, Kênia Souza. O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques. In: CARVALHO, Gilmar de (Org.). *Bonito pra chover: ensaio sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Rio de Janeiro Editorial Estampa, 1998.

SÁ, Márcio. *Feirantes: quem são e como administram seus negócios*. Recife: EDUFPE, 2011.

SALGUEIRO, Elizabeth. Nordeste: hoje é dia de feira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1972. Disponível em <<http://www.cnfcp.gov.br/>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

SANTIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa (Org.). *Depois da utopia: a história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2013.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1999.

SANTOS, Leny. *Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade*. São Paulo: Ed. da USP, 2012.

SANTOS, Manoel Camilo dos. *Autobiografia do poeta*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 1979.

SANTOS, Manoel Luiz. *Almanaque do nordeste brasileiro para o ano de 1956*. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/>. Acesso em: 10 out. 2015.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. *Noites festivas de junho: histórias e representações do São João no Recife 1910-1970*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SANTOS, Olga de Jesus. O povo conta a história. In: *O cordel: Testemunha da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987. (Antologia: Nova Série, v. 2).

SARLO, Beatriz. *O tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005. p. 229-256.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187-205.  
SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes da literatura de cordel*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

SILVA, Josivaldo Custódio da. *Literatura de cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula*. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SILVA, Josué Pereira da. (Org.) *Os filhos de Dona Silva*. São Paulo: Barcarola, 2005.

SILVA, Maria do Rosário da. *Histórias escritas na madeira: J. Borges entre folhetos e xilogravuras na década de 1970*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. *Sertão sem fronteiras: memória de uma família sertaneja*. Recife: EDUFPE, 2010.

\_\_\_\_\_. *Labirintos da modernidade: memória, narrativa e sociabilidades*. Recife: EDUFPE, 2014.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SOUTO MAIOR, Mário. A xilogravura popular na literatura de cordel. *Brasil Açucareiro*, ano 36, v. 72, p. 85-87, ago. 1968.

\_\_\_\_\_. *O homem e o tempo*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno Manuscrito n.º 1*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 31 maio 1971.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 1*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 5 nov. 1971.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 1973.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 26 abr. 1973.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 12 maio 1973,

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 31 maio 1973.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 14 jun. 1973.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 10 ago. 1973.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Recife: CMPLM/LIBER-UFPE 10 abr. 1974.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 5 maio 1974.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 6 jun. 1974.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 7 jun. 1974.

\_\_\_\_\_. *Caderno Manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 12 maio 1975.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 2*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 14 jun. 1975.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 8*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 1976.

\_\_\_\_\_. *Caderno Manuscrito n.º 15*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 20 abr. 1978.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 17*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 9 fev. 1979.

\_\_\_\_\_. *Caderno manuscrito n.º 20*. Olinda; Recife: CMPLM/LIBER-UFPE, 9 mar. 1980.

\_\_\_\_\_. *Caderno Manuscrito n.º 20*. Olinda; Recife : CMPLM/LIBER-UFPE 7 out. 1980.

\_\_\_\_\_. *Classificação popular da literatura de cordel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife: Fundaj, 1981.

\_\_\_\_\_. *O mercado, sua praça e a cultura popular do Nordeste: homenagem ao centenário do Mercado de São José 1875-1975*. Recife: Prefeitura Municipal, 1977.

SUASSUNA, Ariano. Introdução. In: LEITE, José Costa. *20 xilogravuras do Nordeste*. Álbum. Coleção organizada por Evandro Rabello. Recife: Cepe, 1970.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: ACCIOLY, Marcus. *Xilografia*. Poesia de Marcus Accioly gravada por José Costa Leite. Recife: Cepe, 1974.

TAVARES, Bráulio. *Cantoria: regras e estilos*. Olinda: Casa das Crianças de Olinda, [s.d.].

TERRA, Ruth Brito Lêmos. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste 1893-1930*. São Paulo: Global, 1983.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Os almanaques como instrumento de pesquisa: balanços e perspectivas historiográficas. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: História e Liberdade, 20., 2010, Franca. *Anais...* Franca, SP: ANPUH/SP-UNESP-Franca, 2010.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas da História: micro-história*. Rio de Janeiro: Campinas, SP: Campus, 2002.

VALENCIANO, Jeronymo Cortez. *Lunário perpétuo*. Lisboa: Lello Editores, 2004. Acervo Giovanni G. Cabral.

VALENTE, Valdemar. *Almanaques e folhinhas*. Recife: Centro de Estudos Folclóricos, Fundaj, 1977.

VARELA, Flávia Florentino et al. (Org.). *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2012.

VILLA-LOBOS, Heitor. *Trenzinho caipira*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/heitor-villa-lolobos/507893/>. Acesso em: 14 jan. 2016.

XILÓGRAFOS nordestinos. Apresentação de Homero Senna. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A “literatura” medieval*. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Performance, recepção, leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

## ***CORPUS DOCUMENTAL***

### **Instituições Pesquisadas**

Acervo da Editora Coqueiro – Recife  
Acervo Geovanni Cabral  
Acervo de José Costa Leite  
Biblioteca Central da UFPE  
Biblioteca Setorial do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE  
Biblioteca do Instituto Ricardo Brennand  
Biblioteca do Centro de Artes e Comunicação – UFPE  
Biblioteca Amadeu Amaral / Museu do Folclore – Rio de Janeiro  
Centro Cultural Benfica – UFPE  
Casa da Memória Popular Liêdo Maranhão – Olinda  
Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro  
Fundação Joaquim Nabuco– Recife  
Laboratório de Tecnologia da Informação (LIBER) da UFPE  
Pinacoteca do Estado de São Paulo

### **Entrevistas**

#### **JOSÉ COSTA LEITE**

Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 5 maio 2011.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 25 jun. 2011.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 8 jan. 2012.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 8 fev. 2012.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 2 jun. 2012.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 25 jun. 2012.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 20 mar. 2013.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 5 maio 2013.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 21 ago 2013.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 19 mar. 2014.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 24 abr. 2015.  
Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 27 jul. 2015.

Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Condado, PE, 15 set. 2015.

#### ANA FERRAZ

Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Recife, PE, 8 fev. 2013

Entrevista concedida a Geovanni Cabral. Recife, PE, 23 set. 2014.

#### **Manuscritos**

##### JOSÉ COSTA LEITE

Talismã da Sorte. S/d.

Horóscopo Individual. S/d.

Autobiografia: uma lição de vida, experiência e meditação. S/d.

Consulta Astrológica e Planetária. S/d.

Recibo do pagamento dos Direitos Autorais do folheto O caboclo Zé Vigia.

Calendário Nordestino para os anos 2002, 2003, 2004, 2008, 2009, 2011,, 2014, 2013, 2014, 2016.

Discurso de lançamento da Autobiografia. 16/2/2013.Mimeografado.

##### LIÊDO MARANHÃO DE SOUZA

Caderno Manuscrito n.º 1, 1971.

Caderno Manuscrito n.º 2, 1973.

Caderno Manuscrito n.º 8, 1976.

Caderno Manuscrito n.º 15, 1978

Caderno Manuscrito n.º 17, 1979.

Caderno Manuscrito n.º 20, 1980.

#### **Almanaques**

Almanaque das Fluminenses para 1890

Almanaque Encyclopédico para 1896.

Almanaque Bertrand para o ano 1965.

Almanaque do Pensamento para o ano 1994.

Almanaque de Pernambuco para 1961 de João Ferreira Lima.

Almanaque do Nordeste para o ano 2006 de José Vitorino Melo.

## **Calendários**

JOSÉ COSTA LEITE

- Calendário Brasileiro para 1960.
- Calendário Brasileiro para 1961.
- Calendário Brasileiro para 1962.
- Calendário Brasileiro para 1963.
- Calendário Brasileiro para 1964.
- Almanaque Padre Cícero para 1972.
- Calendário Brasileiro para 1974.
- Calendário Brasileiro para 1976.
- Calendário Brasileiro para 1977.
- Calendário Brasileiro para 1985.
- Calendário Brasileiro para 1996.
- Calendário Nordeste para 1999.
- Calendário Nordeste para 2001.
- Calendário Nordeste para 2009.
- Calendário Nordeste para 2010.
- Calendário Nordeste para 2011.
- Calendário Nordeste para 2012.
- Calendário Nordeste para 2013.
- Calendário Nordeste para 2014.
- Calendário Nordeste para 2015.
- Calendário Nordeste para 2016.

## **Cartas**

JOSÉ COSTA LEITE

### **Enviadas**

- Carta de José Costa Leite enviada a Liêdo Maranhão. Condado, PE, jun.1973
- Carta de José Costa Leite para Ana Ferraz, Recife-PE, 8-9-2006.
- Carta de José Costa Leite para Ana Ferraz, Condado, PE 23-6-2006.

**Recebidas**

- Carta de Alípio Bispo dos Santos para José Costa Leite. Salvador, BA, 26 jan. 1978.
- Carta de José Manoel do Nascimento para José Costa Leite. Antas, BA, 7 jun. 1979.
- Carta de Olegário Fernandes para José Costa Leite. Caruaru, PE, 20 maio 1981.
- Carta de Maria Rusinelma Guimarães para José Costa Leite. Mossoró, RN, 15 ago. 1982.
- Carta de Wilson Luiz de Araújo Galvão para José Costa Leite. 15 ago. 1982, Canguaretama, RN.
- Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 9 set. 1981.
- Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 01 out. 1981.
- Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 9 nov. 1981.
- Carta de Raimundo de Jesus Rolino para José Costa Leite. Poço Verde, SE, 13 jul. 1982.
- Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 12 jan. 1983.
- Carta de Apolônio Alves dos Santos para José Costa Leite. Rio de Janeiro, 2 jan. 1983.
- Carta de Antonio Francisco de Almeida para José Costa Leite. 15 ago. 1982.
- Carta de Antonio Américo Medeiros para José Costa Leite. Patos, PB, 24 jan. 1983.
- Carta de Antônio Américo de Medeiros para José Costa Leite. Patos, PB, 5 jun. 1984.
- Carta de Manoel Luiz dos Santos para José Costa Leite. São José do Egito, PE, 4 set. 1974.
- Carta de Manoel Luiz dos Santos para José Costa Leite. São José do Egito, PE, 1º dez. 1975.
- Carta de Manoel Luiz dos Santos para José Costa Leite. São José do Egito, PE, 2 dez. 1975.
- Carta de Manoel Luiz dos Santos para José Costa Leite. São José do Egito—PE, 1.º jan. 1976.
- Carta de Manoel Luiz dos Santos para José Costa Leite. São José do Egito, PE, 24 jun. 1984.

**Revistas**

- Continente Documento
- Família Cristã
- Revista dos Moinhos
- Revista da Comunicação Social
- Revista Continente

Revista da Sudene  
 Revista dos Moinhos  
 Revista Mercedes–Benz  
 Vida das Artes

### **Jornais**

Correio Brasiliense, 1974  
 Diário da Noite, 1953, 1960.  
 Diário de Minas, 1958.  
 Diário de São Paulo, 1969.  
 Diário Popular, 1969  
 Diário de Pernambuco, 1965, 1976, 1978, 1998, 2007, 2008, 2011, 2013, 2014.  
 Diário de Notícias, 1952, 1953, 1976  
 Folha da Noite, 1954.  
 Itabaiana Hoje, 2000, 2002.  
 Folha Da Manhã 1954  
 Jornal do Brasil 1964, 1953, 1972, 1976, 1977  
 O Globo 1934,1968, 1962,1973, 1975, 1976, 2000.  
 O Dia, 1963, 1979.  
 O Jornal, 1962.  
 Notícias de Hoje, 1953.  
 Tribuna da Imprensa, 1956.  
 Jornal do Commercio, 1960, 1966, 1981.  
 Poemário Carcará, 2003.

### **Documentos sonoros**

#### **JOSÉ COSTA LEITE**

Cordel a poesia do Nordeste. Discos Continental, 1977.  
 Cordel: a choradeira do casado. Discos Continental, 1979. v. 2.  
 Tem alguém sendo chifrado. LP, Memória Fonográfica Comercial Ltda., 1982.  
 É melhor morrer solteiro do que casar hoje em dia. In: *De repente!* Os maiores repentistas do Brasil. Gravações Elétricas, 1986.

Poesia e chão. In: *Olaria Cultural*: mestres e obras construindo um Patrimônio.  
Documentário da Angra Filmes, s.d.

LIÊDO MARANHÃO DE SOUZA

O Folheto. Documentário. Ano incerto 197-?].

**ANEXO A – SELEÇÃO DE ORAÇÕES TRANSCRITAS DA DOCUMENTAÇÃO DE JOSÉ COSTA LEITE****Oração de São Cipriano, Rei Salomão e o Guerreiro São Jorge\***

Viva Deus primeiramente  
Todos os dias do ano  
Viva o rei Salomão  
E viva São Cipriano  
Cipriano cortou pau  
Lá nas matas da Bahia  
Quanto mais ele cortava  
Mais o cavalo caía  
Corta o pau São Cipriano  
Lá nas matas da Bahia  
Tem azeite de dendê  
Lá nas matas um passarinho  
Vem cantar no fim do ano  
Ele é quem trás a mensagem  
Do velho São Cipriano  
Quem tiver seu olho grande  
Não jogue em mim, companheiro  
Que o feitiço vai virar  
Por cima do feiticeiro  
Corta o pau São Cipriano  
Deixa voar o pedaço  
Quem quiser se defender  
Faça do jeito que eu faço  
Ofereço esta oração

A Jesus primeiramente  
 São Jorge, São Cipriano  
 E Salomão, rei valente  
 Quem tiver esta oração  
 Não tem medo de ninguém  
 Será bem feliz na vida  
 E os anjos dizendo: Amém!

\* Oração transcrita do manuscrito de José Costa Leite. Acervo Editora Coqueiro.

**Oração da Santa Cruz de Caravaca  
 (Para nos livrar de todos os inimigos)\***

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo Amém.  
 A Santa Cruz de Caravaca será o meu escudo Deus de Abraão,  
 Deus de Isaac, Deus de Jacó, Deus dos Anjos, Deus dos Apóstolos,  
 Rei dos Reis e Pai dos Pais, tende piedade de mim  
 Sangue de Cristo, banha-me. Nada farão contra mim, nem meus  
 inimigos. Terei Imunidade de Jesus Cristo, a palavra do  
 Espírito Santo, a pureza de Abel, o socorro de Noé, a fé de  
 Abraão, a obediência de Isaac, a inocência de Jacó,  
 a paciência de Jó, a docilidade de Moisés, a sabedoria de Salomão,  
 a boa sorte de Jesué, a justiça de Davi, a força de Sansão  
 o poder de S. Pedro, a firmeza de S. Paulo, a castidade de S. João.  
 Cruz de Jesus, protegei-me: Cruz de Jesus, guardai-me  
 Cruz de Jesus, abençoai-me; Cruz de Jesus, salvai-me Jesus Cristo  
 Vence Jesus Cristo reina, Jesus Cristo me livre de todos os inimigos.  
 Amém.

\* Oração transcrita do Calendário Brasileiro para o ano 1964.

### **Oração da Pedra Cristalina\***

Minha Pedra Cristalina, que no mar foste  
 Achada hoje estre entre o Calix Bento e a  
 Hóstia Consagrada. Treme a terra, mas não  
 Treme Nosso Senhor Jesus Cristo no seu altar  
 Mas treme os corações dos meus inimigos  
 Quando olharem para mim. Entre o sol,  
 A lua e as estrelas, e a Santíssima Trindade,  
 Meu Deus na travessia avistei meus inimigos!  
 Meu Deus! O que faço com eles?  
 Com o Manto da Virgem Maria serei  
 Coberto e com sangue de N. S. Jesus Cristo  
 Serei valido. Meus inimigos têm vontade de me trair,  
 Porém não me atirarão, se atirarem  
 Água pelo cano da arma correrá.  
 Se tiverem vontade de me furar a faca  
 Das mãos cairá; se me amarrarem, os nós se  
 Desatarão; se me trancarem, as portas se abrirão. Amém

### **Oferecimento**

Salvo fui, salvo sou e salvo serei; com a  
 chave do Sacrário, eu me fecharei.  
 Reza-se um Pai Nosso, 3 Ave Marias, 3 Glória ao Pai  
 E oferece-se às cinco Chagas de N. S. Jesus Cristo.  
 Esta Oração foi recomendada pelo

Padre Cícero Romão Batista na Matriz de Nossa Senhora das Dores,

Juazeiro do Norte-Ceará.

\* Oração transcrita do manuscrito de José da Costa Leite. Acervo Editora Coqueiro.

### **Oração de Santa Catarina\***

Minha Santa Catarina, clara e digna,  
 Vós fostes aquela Senhora que passou pela porta de Abraão,  
 achou quatrocentos homens tão bravos como leões, e  
 vós, com vossas santas palavras, abrandastes os seus corações;  
 assim minha Santa Catarina, abrandai o coração de meus inimigos;  
 se tiverem pés, que não me alcancem; se tiverem olhos, que não  
 me vejam, e se vejam tão acorrentados, de pés e mãos,  
 com meu Senhor Jesus Cristo se viu na Cruz, para todo sempre.

\* Oração transcrita do manuscrito de José Costa Leite. Acervo Editora Coqueiro.

### **Oração contra Inveja e Olho grande**

Leva o que trouxeste, Deus me benza com a Santíssima Cruz  
 Deus me defenda dos maus olhos e maus olhados e de  
 Todo mal que me quiserem fazer, e tu és o ferro e eu sou,  
 O aço, tu és o demônio e eu o embaraço.  
 Pai, Filho, Espírito Santo. Amém

### **Oração Forte para Prender Corações**

Com algumas rosas vermelhas em suas mãos e olhando para o céu,  
 Diga em voz alta: três estrelas no céu, diga em voz alta: Três estrelas do céu eu vejo; (jogue  
 para cima três pétalas de rosa) onde o deus do amor mora: sob sete chaves escondo estas rosas  
 Justamente com Santo Antônio; para que fulano (a) dizer o nome da pessoa desejada  
 Não possa beber nem comer nem dormir, enquanto a mim não se declarar. Amém.

- Orações contra inveja e olho grande e oração forte para prender corações foram transcritas de folhas avulsas. Acervo José Costa Leite.

**Oração de São Cipriano (para nos livrar de todos os malefícios)\***

Eu, Cipriano, servo de Nosso senhor Jesus Cristo, ouvi a Deus, o Pai Onipotente, e disse-lhe: Tu és o Deus forte, meu Deus Onipotente, que habitas na grande luz! Tu és santo e digno de louvor e desde o tempo antigo tu vistes a maldade do teu servo e as iniquidades nas quais eu me meti pela maldade do demônio. Eu não sabia, então, o teu verdadeior nome; eu passava por meio das ovelhas e elas não tinham pastor. As nuvens não podiam dar seu orvalho à terra, as árvores não davam os seus frutos e as mulheres em trabalho de parto não podiam dar à luz; eu ligava e não desligava; eu amarrava os peixes do mar, eles não eram livres, amarrava as estradas do mar e retinha muitos males; conjuntamente. Porém, agora, senhor Jesus Cristo, meu Deus, eu conheci teu santo nome e o amei e me converti de todo o meu coração, de toda minha alma, de todas as minhas entranhas, desviando-me da multidão de minhas faltas para marchar em teu amor, segundo teus mandamentos e que são minha fé e minha prece. Tu és o verbo da verdade, a palavra única do Pai. Eu te conjuro a quebrar todas as cadeias e todos os entraves, pela virtude do teu santo nome.

**Oração para expulsar maus espíritos**

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Por ordem de Deus Todo Poderoso deixe este corpo que pertence a um ser humano honesto e leal e volte para o reino do além. Se precisa de alguma coisa do mundo dos vivos, faça-me saber que eu prometo rezar para que isso seja conseguido.

- Orações transcritas do Livro de São Cipriano da Capa Preta.